

THE NEW YORK TIMES BEST-SELLING



PROVA DE FOGO

NUNCA DEIXE SEU AMOR PARA TRÁS

BASEADO NO FILME DE
ALEX KENDRICK & STEPHEN KENDRICK

PROVA DE FOGO

ERIC WILSON

bvbooks

BV BOOKS
BV FILMS EDITORA EIRELI.
Rua Visconde de Itaboraí, 311
Centro | Niterói | RJ | 24.030-090
Tel: 55 21 2127-2600 | www.bvbooks.com.br

Editor Responsável
Claudio Rodrigues
Coeditor
Thiago Rodrigues
Capa e Editoração
Guil
Mariana Haddad
Tradução e revisão
Daiane Rosa Ribeiro de Oliveira
Marco Antonio Coelho
Marcus Vinícius Cardoso
Capa: Gilvando Maciel

Edição publicada sob permissão contratural com
Thomas Nelson Inc. Originalmente publicado
em inglês sob o título:
Fireproof. ©2008 by Eric Wilson. All Rights
Reserved

This Licensed Work published under license.

This edition is published by special arrangement
with Thomas Nelson Inc.

*Todos os direitos reservados e protegidos pela
Lei 9610/98. É expressamente proibida a
reprodução deste livro, no seu todo ou em parte,
por quaisquer meios, sem o devido
consentimento por escrito.*

Os conceitos concebidos nesta obra não,
necessariamente, representam a opinião da BV
Books, selo editorial BV Films Editora Eireli.
Todo o cuidado e esmero foram empregados
nesta obra; no entanto, podem ocorrer falhas por
alterações de software e/ou por dados contidos
no original. Disponibilizamos nosso endereço

eletrônico para mais informações e envio de
sugestões: faleconosco@bvbooks.com.br

Todos os direitos em língua portuguesa
reservados à BV Films Editora ©2015.

WILSON, Eric.

Prova de Fogo: Nunca deixe o Seu Amor para Trás. Rio de Janeiro: BV
Books, 2015.

ISBN 978-85-61411-14-5 1ª edição Agosto | 2009 6ª Impressão Outubro |
2015 Impressão e Acabamento Promove Categoria Ficção

1. Confiança em Deus 2. Crescimento espiritual 3. Cristianismo 4. Fé 5.
Vida cristã I. Título.

19-26950

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Fé : Vida cristã : Cristianismo 248.4
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Eric dedica este livro a:

Minha única, Carolyn Rose...
Obrigado por ousar me amar esses dezoito anos de união.
NOSSO AMOR É DIGNO DE CADA LUTA

Alex e Stephen dedicam este livro a:

Nossa mãe, Rhonwyn Kendrick...
Obrigado por amar ao meu pai e a nós esses quarenta e três anos.
Você é uma bênção.
Nós amamos você!

Igreja Batista de Sherwood...
Que a sua fé e ministério permaneçam à prova de fogo.
Somos gratos a Deus por você!

PARTE 1

FAÍSCAS

MAIO DE 1998

CAPÍTULO 1

A densa fumaça se expandia entre as seções de conservas e envolvia em seus braços o forte Capitão Campbell. Ele tentou se acalmar. Não conseguia enxergar nada além das suas luvas de couro quando avistou a mangueira na escuridão, que vibrou com um calor assustador.

Dançando pelas seções e chegando ao teto, o inferno da mercearia parecia a personificação do mal. Não era a primeira vez que Campbell pensou algo assim. Outros bombeiros eram conhecidos por dizerem a mesma coisa.

Ele disse a si mesmo para respirar com firmeza. Para manter-se concentrado.

Tarefa nada fácil.

Ele recebera o telefonema na estação às 21h 49min. O proprietário do estabelecimento estava pronto para fechar as portas e a maioria dos clientes já havia saído. A preocupação principal, como foi expressado pelo caixa, era a segurança do gerente auxiliar visto pela última vez caminhando em direção ao escritório dos fundos.

O incêndio se espalhava rapidamente, parecendo nascer de seções diferentes da loja e exigindo a atenção de toda a equipe de emergência. Equipes de diferentes estações foram enviadas ao local. Campbell e seu parceiro entraram na luta há meia hora, com o resgate de pessoas vivas como prioridade número um.

Lojas poderiam ser reconstruídas e estoques repostos, mas nada traria um morto de volta.

“Tynes”, Campbell grita. “Tynes, você está aí?”

O seu parceiro não estava ao alcance de seus olhos. Era possível que o homem tenha seguido a mangueira, para o lado de fora, com o risco de ter o tanque esvaziado. Ou ele tentou contornar aquele inferno, em busca do gerente desaparecido.

De uma forma ou de outra, ele deveria ter informado o que iria fazer, mas Tynes estava apenas em seu segundo ano e até mesmo os melhores cometiam erros.

Um fato que o capitão conhecia bem.

Apesar de o Capitão Eddie Campbell fazer parte do Corpo de Bombeiros desde a década de sessenta, com vários prêmios e honras ao seu nome, ele já perdera o seu rádio esta noite, em algum lugar entre as portas da frente e a sua presente localização. Talvez, em cima de alguma prateleira. Ou o deixou cair enquanto conectava duas mangueiras.

Ele estava sozinho, isso era tudo o que ele sabia – e sem comunicação alguma.

O fogo, entretanto, parecia não desistir da luta, e o capitão permaneceu firme. Embora o agito da mangueira em seus dedos proporcionasse a ele alguma segurança, as ondas de fogo impenetráveis continuavam a se aproximar dele. Ele sentia-se como um rato enroscado a uma jiboia.

Respirações firmes. Seguras.

Mas ele não poderia manter-se nesta posição para sempre.

Ele chamou o seu parceiro mais algumas vezes, sem sucesso.

A sua voz era abafada pela máscara, e se ele gritasse mais, correria o risco de perder o precioso ar da sua bomba de ar de aproximadamente 15 kg.

Às suas costas, vários ‘bips’ em alto volume soavam em sucessões rápidas.

Era isso mesmo? Ele olhou pelo protetor facial, marcado pelo suor, entortando o olhar para ler o ‘display’ do seu dispositivo automático de ar Tipo 2 SCBA.

Será que ele estava em um nível tão baixo? O alarme dizia que ele tinha apenas mais cinco minutos, e então ele estaria respirando fumaça. A maioria das fatalidades nos incêndios acontece devido à inalação de fumaça, e se ele não encontrasse o seu caminho de volta rapidamente, estaria com sérios problemas.

Tempo de prosseguir. A sua única opção era seguir o caminho de volta.

Ele sentiu a velocidade das batidas do seu coração diminuir enquanto liberava a pressão da água na extremidade, virou-se cuidadosamente dentro do seu uniforme, e caiu de joelhos.

Isto era rotina. Ele tinha um plano a seguir, um objetivo em mente.

Campbell começou a engatinhar. Com cinquenta e cinco anos de idade, ele se orgulhou da sua condição física. Ele movia as suas mãos sobre a mangueira, sabendo que ela poderia conduzi-lo de volta à segurança e ao ar fresco. A luta contra o incêndio não havia terminado. Ele teria que voltar. Mas ele não seria útil a ninguém se estivesse estirado ao chão, inconsciente.

Suas luvas apalparam de lado uma lata de pimentas Hormel e uma caixa de tacos. Seu joelho direito escorregou em uma poça d’água.

Qual a distância que ele percorreu – vinte metros, trinta?

O comprimento de uma única mangueira era de 50 metros, e ele e Tynes trabalharam com duas em conexão. Isso significava que levaria outro minuto ou mais para atravessar a porta. Com todos os utensílios, o progresso era entediante, mas ele o alcançaria se continuasse se movendo.

Sim, logo a frente estava a sua evidência. Está vendo? Clarões amarelos e vermelhos apareceram em meio à fumaça, e ele percebeu que devia estar

perto das janelas da frente da loja. Deviam ser as luzes de emergência da locomotiva do corpo de bombeiros, girando contra o vidro.

E aquilo que ele respirava era ar puro?

Na hora.

No entanto, alguma coisa estava errada. Não apenas o seu tanque estava vazio, mas a temperatura estava aumentando. Os objetos estavam mais quentes a cada engatinhada.

“Oh não,” disse Campbell.

As palavras soavam preocupadas na máscara. Ele agora percebeu que estava olhando para chamas, e não para luzes de emergência, o que significava que ele se desviou para a direção errada.

Como ele chegou até esse lugar? Ele estava seguindo a linha, trocando-a de uma mão para a outra a medida que avançava no chão.

A mangueira -

Mas não, não era uma mangueira que ele estava segurando.

Era um cano.

Aquilo não podia estar certo, um cano?

Ele deve ter trocado a mangueira por um sistema de irrigação que passava pelo chão para a seção de produção. Como ele pode ser tão tolo? Apesar da sua experiência como bombeiro, ele tinha a tendência de deixar que as circunstâncias tirassem seu foco dos detalhes.

Capitão Campbell estava com a respiração pesada ao tomar o caminho de volta. Ele precisava manter-se sóbrio. A loja abrigava-se na escuridão, e a única trajetória segura era voltar para o lugar onde ele se enganara.

Ele temia pela sua vida. Será que ele sairia vivo dali? Será que ele veria sua esposa e filha mais uma vez? Joy e Catherine eram o seu mundo.

Joy...

Após vinte e seis anos, eles ainda estavam juntos. Ela era uma pessoa gentil, e passara mais do que noites sem dormir durante o curso de sua carreira como bombeiro. Sem dúvidas quanto a isso.

Catherine...

Ela tinha dezoito anos, quase dezenove, uma filha brilhante e alegre, com um traço de independência – alguns chamariam isso de teimosia – uma característica que herdou do seu pai.

Incentivado por esses pensamentos, Campbell avançou pelo ambiente sufocante da loja. Sua pulsação palpitava em seus dedos, mas ele tentou ficar atento a cada mudança na forma e textura ao longo do cano.

A mangueira tinha que estar ali em algum lugar. A sua única esperança de volta.

Ele continuou engatinhando, mesmo quando uma lembrança de Catherine com três anos de idade alcançou seu pensamento...

O CAPITÃO CAMPBELL ESTÁ EM PÉ do lado de fora da porta do quarto de Catherine e vê prateleiras de brinquedos e bichinhos de pelúcia ao longo de toda a parede. Um urso de pelúcia tem seus braços e cabeça enfaixados. Um espaço reservado para chá e um caminhão de bombeiros feito de madeira abaixo de uma placa onde se lê “A filhinha do papai”.

Ele ouve com uma profunda satisfação Joy dizendo boa noite a pequena Catherine.

“Está bem queridinha”, ela diz finalmente, “está na hora de ir para a cama.”

“Mamãe, chama o papai para me cobrir?”

“Não, ele está no Corpo de Bombeiros hoje. Mas ele estará em casa amanhã a noite.”

Campbell sorri, sabendo quão surpresa a sua esposa ficaria quando descobrisse que ele voltou mais cedo para casa – com permissão, claro – para comemorar seu aniversário de onze anos de casamento.

“Mamãe, eu quero casar com o papai.”

“É mesmo?” Joy ri. “Catherine, você não pode se casar com o papai. Ele é meu marido.”

“Bem, quando cansar de ficar casada, posso ficar com ele?”

O coração de Campbell se derrete. À luz do luar, ele vê de relance os desenhos da sua filha pregados ao lado da sua casa de bonecas. Em um desenho, corações feitos com giz de cera azul cercavam as palavras “papai”, “eu” e “mamãe”.

“Perdoe-me, docinho.” Joy sorri. “Mas nós nunca iremos nos separar. Você terá que casar com outra pessoa.”

“Quem?”

“Ainda não sabemos. Mas algum dia saberemos.”

“Eu vou poder usar um vestido branco com luvas brancas?”

“Claro, se você quiser.”

Campbell avança em direção à porta. Ele avista a sua foto emoldurada, vestido em seu uniforme de operário e com o capacete de bombeiro, segurando sua querida menina, de cabelos escuros e beijando-a na bochecha, enquanto ela estampa um largo sorriso e usa laços cor de rosa em seus cabelos.

Da cama, a voz de Catherine soa com a esperança de toda pequena garota. “Viveremos felizes depois de sempre?” Ela troca as palavras, mas seu desejo é sincero.

“Aham”, diz Joy. “Se você se casar com alguém que a ame de verdade.”

“Como o papai?” Catherine pergunta.

“Sim. Como o papai...”

NO ESPAÇO CLAUSTROFÓBICO do seu uniforme e máscara, o Capitão Campbell se apegava àquela memória. Ele era um esposo, um pai. Ele não queria morrer, não assim. Não aqui nesta loja, sem a chance de ver novamente a sua família. Sem a chance de conduzir a sua filha pelo corredor. E o que dizer de ser avô?

Isso seria pedir muito?

Ultrapassando a fumaça pesada, seus joelhos se arrastando no chão. Ele imaginou Joy em casa de joelhos. Ele nunca foi um homem de muita oração, mas não tirava o valor de uma esposa que falava com Deus.

“Você ainda não irá me perder,” ele sussurrou. “Não se eu puder fazer algo em favor disso.”

Ele não podia fazer nada a respeito daquela situação. Com bastante dificuldade para respirar, ele sentiu-se desorientado pela escuridão.

O que era aquilo?

Suas mãos tocaram levemente em algo um pouco mais largo que o cano. Estava cheio de água – *a mangueira!*

Ele estava de volta ao lugar onde iniciou, ao meio da loja, mas um longo trajeto que levava à direção oposta surgiu diante dele.

Ar. Ele precisava de ar puro. Ele estava engolindo seco, agora que a bomba à suas costas estava vazia. Ele sabia que tirar a máscara colocaria a sua vida em risco de envenenamento por monóxido de carbono. Por outro lado, pouco ar sobrara para ele.

Por quanto tempo mais ele engatinharia sem oxigênio?

Quarenta segundos, sessenta? Talvez noventa, se ele não entrasse em pânico e mantivesse seu sistema respiratório regulado?

Ele pensou novamente em sua esposa e em sua filha.

Mais um passo a frente. *Mil, mil e um.*

Outro passo. *Mil e dois, mil e três, mil e quatro.*

Cinco, seis, sete...

Vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro...

Sua visão estava turva. Ele estava tonto. A pressão sanguínea golpeava seus ouvidos.

Quarenta e oito, quarenta e nove...

Movimentos vagarosos. Sentimentos vazios.

Sessenta e um...

Ele retirou a máscara, respirou profundamente, encontrando apenas fumaça tóxica que secava sua língua e insensibilizava sua garganta.

Sessenta e dois...

Três...

“Eu te amo Joy,” ele resmungou. “Eu -”

“Capitão!”

Mãos fortes o seguraram pelos braços e o trouxe de volta à consciência.

Ele sentiu-se arrastado pelo caminho da mangueira enrolada, suas botas arrastando no chão. Ele ouviu gemidos e gritos, e então ele e seu resgatador surgiram nas portas, em direção à atmosfera abençoada, rica em oxigênio, em direção às luzes giratórias e sons de alívio.

“Caleb o encontrou. Olhem! O recruta encontrou o capitão da Estação Um!”

“Bom trabalho, garoto.”

“Capitão, você está bem? Pensamos que havia partido.”

A equipe do serviço médico de emergência se aproximou, a voz deles afetada pelos efeitos do monóxido de carbono e da exaustão. Ele tentou sentar-se. Ele precisava se recompor. Estava seguro, quando alguém apontou o gerente auxiliar da loja sentado no meio-fio próximo dali, com queimaduras inferiores, mas seguro e são.

“Tynes o tirou de lá,” um outro bombeiro explicou.

“Meu parceiro”. Campbell olhou ao redor. “Ele está bem?”

“Cara, me perdoe.” Tynes entrou em cena. “Eu pensei que você estivesse bem atrás de mim, capitão. Eu tentei chamar pelo rádio, mas você não respondeu.”

Capitão Campbell indicou o perdão com a cabeça e fechou os olhos.

Uma mão firme tirou a sua jaqueta levemente danificada e as suas botas, deixando o ar fresco funcionar como um bálsamo em seu corpo suado.

Mais tarde, quando o fogo foi controlado e a agitação aquietada, ele se levantou. Ainda fraco, ele sentiu-se culpado por não estar à disposição da sua equipe. E onde estava o homem que o trouxe de volta à segurança?

Como uma dica, o recruta bate com a mão em seu ombro.

“Pode relaxar, senhor. Está tudo sob controle. Estamos muito felizes por ainda estar conosco.”

“Eu também,” Campbell admitiu.

“Não iríamos perdê-lo. Não esta noite.”

“Você se chama Caleb? De que estação você é?”

“Seis. Este é apenas o meu segundo incêndio real.”

“Você foi bem, jovem. Eu agradeço por me salvar. De verdade.”

“Bem, eu não deixaria que nada acontecesse com você, Capitão. Se eu tiver a mesma função que o senhor qualquer dia, preciso do senhor para ensinar-me tudo o que sabe.”

“É mesmo?” Campbell ergueu uma sobrancelha e observou a face manchada de ferrugem do recruta. “Vou dizer tudo agora mesmo Caleb, isso levará algum tempo.”

“Eu tenho tempo, senhor. E eu aprendo rápido.”

CAPÍTULO 2

Caleb Holt, recruta e mais novo herói, recebeu ordens de encontrar o puxador de mangueira. O que era um puxador de mangueira, afinal de contas? Ele procurou por todo o caminhão de bombeiro pelo objeto aparentemente não existente, colocando sua cabeça nos compartimentos e correndo suas mãos em cada parte do caminhão.

Foi quando Catherine Campbell, a filha do capitão, seu orgulho e alegria, passeava na área.

Dezoito anos. Morena, com luzes naturais nos cabelos.

Catherine usava um vestido de verão, com um mini suéter vermelho amarrado em seu fino quadril. A leve curva dos seus olhos castanhos era ao mesmo tempo atraente e amistosa. “Você deve ser Caleb.”

Sua voz fazia faíscas dançarem, em algum lugar dentro dele.

“Uhn, bem...”

“A não ser que você tenha trocado de nome agora,” ela disse.

“Caleb. Sim, sou eu.”

“Obrigada pelo que fez. Salvar o meu pai daquela maneira.”

Ele deu de ombros. “Você é a Catherine, certo?”

“As notícias se espalham rápido.”

“Seu pai tem orgulho de você. Ele tem uma foto sua no escritório dele, mas nunca pensei que você... bem, agora eu sei que você é mais...”

“Mais o quê?”

“Uhm, mais velha.”

Ela sorriu. “Sim, eu queria que ele colocasse uma foto mais recente. Eu tinha uns... catorze anos naquela foto?”

“Parece que era só uma menina.”

“Só uma menina?”

“Bem, você sabe, não totalmente crescida.”

“E agora olhe para mim.” Um sorriso apareceu em seus lábios.

“Totalmente crescida.”

Caleb tentou não fixar os olhos nela e gritar um “Meu Deus”!

Esta era a filha do capitão, e ele sabia que era melhor não insistir em possibilidades românticas. Além disso, ele tinha vinte e quatro anos de idade. Ele se envolvera em alguns relacionamentos românticos antes, e agora ele queria algo mais sólido.

Uma menina de dezoito anos de idade? Isso era pedir para ter problemas.

Claro, fisicamente falando, ela estava crescida, mas ela provavelmente ainda morava com os pais e nunca pagou nem sequer uma conta de luz na vida.

Contudo, ela era decidida, e ele gostava disso. Ele sempre quis uma esposa que tivesse suas próprias opiniões, não apenas um capacho para satisfazer os seus próprios desejos.

Vá com calma, garoto, ele disse para si mesmo. *Espere mais uns dois ou três anos.*

“Você sabe onde está o meu pai? Catherine disse.

“Ele saiu faz pouco tempo para encontrar o investigador no local do incêndio.”

“Tudo bem. Procuo mais tarde.”

“Então tá. Bem, ahn, bom conhecer você, Catherine.”

“A você também, Caleb.”

Assim, Catherine Campbell caminhou em direção ao pôr do sol, deixando a sua silhueta queimando na mente do recruta.

PARTE 2

FUMAÇA

ABRIL de 2008

CAPÍTULO 3

Ao longo do muro do pátio do Corpo de Bombeiros de Albany, Estação Um, uniformes sujos, botas manchadas paradas de baixo de capacetes amarelos pendurados em ganchos. Caleb Holt adicionou o seu próprio capacete à coleção, a palavra *Capitão* gravada nele.

Ele já servia a esta cidade por dez anos. Agora, com trinta e quatro anos de idade, ganhou sua segunda proclamação na sua camisa branca de escritório – um dos mais novos a alcançar este grau. Ele sonhou com isto desde que tinha oito anos, e mesmo quando sentiu medo dos cenários assustadores que encarou durante sua carreira, ele amou o seu trabalho, esta cidade, e a equipe de homens com quem trabalhava.

Tenente Michael Simmons: um homem alto, negro e com um queixo angular.

Motorista Wayne Floyd: um grande piadista, com gel nos cabelos e olhos azuis expressivos.

Bombeiro Terrell Sanders: um homem troncudo, negro, calvo, sempre pronto para um debate.

Recruta Eric Harmon: um jovem, companheiro robusto, ainda tentando encontrar o seu lugar.

Assim como todos os bombeiros, eles eram um grupo dependente, que gostava de diversão e que estavam sempre prontos a irem a qualquer lugar para protegerem os cidadãos sob seus cuidados.

Por que, então, Caleb tem este nó na garganta?

Ainda cheirando a fuligem e fumaça do incêndio do depósito, o jovem capitão analisou o pátio, onde um magirus vermelho cintilava e a sua sirene

brilhava, pronta para soar o alarme. Uma fita comprida, com as bordas em azul, passava pelas paredes de tijolos queimados, ultrapassada apenas pelo pessoal com emblema do Corpo de Bombeiro e do Resgate, carregados com equipamentos como machado, capacete e escada.

Tudo parecia bem.

E ainda, aquela sensação de que alguma coisa estava errada.

Ele a ignorou e desviou o olhar para a torre de água do outro lado da rua. Aquela torre estava ali por anos, pronta para servir a esta histórica comunidade de bombeiros. No campo do posto do Corpo de Bombeiros, o mastro de bandeira agitava a bandeira americana e a bandeira do estado, na clara brisa do dia.

“Sabedoria, Justiça, Moderação... Em Deus Confiamos.”

Então leu as palavras abaixo das treze estrelas da Geórgia em uma área azul. A terra do Pêssego, este Estado, uma das colônias originais, era um excelente lugar para se viver.

Bom trabalho. Boa localização. Boa equipe.

Mas nada daquilo resolvia o problema em sua casa.

Os pensamentos de Caleb voavam, quando Terrell Sanders utilizava os movimentos das mãos para conduzir a Máquina Um de volta para o pátio do Corpo de Bombeiros. O sinal de segurança soou, então Wayne, o motorista, freiou quando Terrell bateu na lateral do caminhão.

Eric, o recruta, pulou do caminhão e contornou a parte da frente. Usando suspensórios, camisa azul por dentro da calça de bombeiro com faixas amarelas nas extremidades, aproximou-se de Terrell, cabeça levemente abaixada.

“Terrell, cara,” ele disse. “Foi mal.”

“Isso não é brincadeira.” O homem colocou o dedo no tórax de Eric. “O que você fez foi errado. Você está brincando com a vida das pessoas.”

“Qual é, cara!”

Terrell evitou qualquer conversa e pisou com firmeza em suas botas, com Wayne logo atrás dele.

Caleb aproximou-se do assustado recruta. “Eric?”

“Sim, senhor.”

“Ele tem o direito de estar chateado com você. Você o deixou em perigo para dar uma de herói.”

“Mas capitão...” Eric respira fundo e levanta os braços “Pensei ter ouvido alguém pedindo socorro.”

“Vinha de fora do prédio.”

“Mas... estava escuro, não dava para ver.”

“Por isso você fica com seu parceiro. Ele não tinha outra opção a não ser pensar que alguma coisa tinha acontecido com você, e que você precisava da sua ajuda. Nunca deixe seu parceiro, especialmente em um incêndio.”

Eric concordou com a cabeça e olhou para baixo.

“No meu ano de recruta” disse Caleb, “quase perdemos um dos nossos capitães.”

“Capitão Campbell?”

“Isso mesmo. Seu parceiro estava ficando sem ar e o deixou sozinho em meio ao incêndio de uma loja. Estou aqui hoje, como capitão, por causa dos ensinamentos daquele homem, mas ele poderia ter morrido naquele dia. Sozinho, suas chances de sobrevivência desaparecem muito rápido.”

“Senhor, foi você quem - ?”

“Eu tive sorte Eric. Eu o encontrei segundos antes de morrer.

Agora ouça. Terrell trabalha comigo há três anos e ele é um excelente rapaz. Dê um tempo para ele, e depois peça desculpas.”

“Capitão, eu sei que errei, mas você ouviu a maneira como ele -”

“E seja sincero.”

“Sim, senhor.”

Caleb bateu no braço do membro mas novo de sua estação e o deixou sozinho. Para ganhar crédito, Eric permaneceu calado e encarou sozinho a tarefa de lavar o caminhão e os equipamentos.

NA ÁREA RESERVADA para refeições do Corpo de Bombeiros, Capitão Caleb Holt e sua equipe estavam reunidos para almoçar. Eles trabalhavam vinte e quatro horas e folgavam quarenta e oito, batendo o ponto às oito horas da manhã. Os alarmes soaram para eles esta manhã, e ele sabia que todos estavam famintos após ignorarem o café da manhã.

“Segunda rodada, cavalheiro.” Tenente Simmons apareceu com o segundo prato, entusiasmado, e colocou-o na mesa junto com uma garrafa de molho apimentado.

“Ira de Deus,” lia-se no rótulo. “Mais ardente que o Lago de Fogo.”

“Traga aqui,” disse Wayne. “Como você só come isso uma vez por mês, Tenente? Essa coisa é boa.”

“Porque o homem não pode viver apenas de asas de galinha, Wayne.”

Wayne passou a mão na barriga. “Eu posso.”

“Não, você precisa dos quatro grupos de alimento.”

Caleb pegou algumas asas e colocou o prato na mesa. “Ele come os quatro grupos de alimento – carne, peixe, frango e porco.”

“Ei, isto é tudo o que preciso.” Disse Wayne.

Simmons fez uma cara! “O que você precisa é tomar um banho. Eu sinto o mau cheiro daqui.”

Apesar da brincadeira, Caleb notou que Terrell lançou um olhar severo para Eric. O recruta direcionou o olhar para o seu prato e continuou comendo.

“Eu,” Wayne explicou, “cheiro a homem trabalhador. Você nunca deve se envergonhar de cheirar como um homem. É por isso que não uso desodorante.”

Eric levantou o olhar. “Você não usa desodorante?”

“Só se for extremamente necessário. Agora, se essa Ira de Deus viesse em rollon, eu usaria todos os dias.” Wayne colocou algumas gotas nas asas.

“Eu não sei como você consegue comer este molho. É extremamente apimentado.”

O alarme tocou e os cinco homens pararam, prontos para entrar em ação. Após quatro bips, o despachante esclareceu que a chamada veio da antiga estação de Caleb: “Caminhão 6, Batalhão 1, responder a Brookfield Drive, nº 1516. Veículo incendiado em estacionamento dos fundos. Espera, 12:41.”

Caleb relaxou e voltou a comer enquanto as vozes saíam pelos autofalantes. Ele sabia que tudo ficaria bem nas mãos do seu colega da Estação 6, Capitão Loudenbarger.

“Obrigado, Deus,” exclamou Wayne. “Nunca me importei em combater incêndios, mas não enquanto estou comendo asas de galinha.”

“Não afirme as coisas, ao menos que sejam verdade.” Simmons apontou para ele com um par de garfos para churrasco.

“Do que você está falando?”

“Não diga que é grato a Deus se você não é.”

Terrell levantou os olhos. “Ah, espera aí cara. Como alguém pode realmente dizer isso sério?”

“Como?” Simmons era todo ouvidos.

Caleb disse: “É melhor tomar cuidado, Terrell. Você está para receber um sermão.”

“Todo aquele discurso sobre Deus? Cara, você também deve acreditar no Homem Aranha.”

“Ei, eu estudei com um garoto chamado Peter Parker,” Wayne interrompeu.

“Você acha que Deus não é real? Simmons pressionou.

“Absolutamente...” Terrell disse. “*Não.* ”

“Este também era o seu nome verdadeiro,” Wayne não olhou para uma pessoa em particular. “Costumávamos chamá-lo de Spidey.”

Simmons manteve o foco em Terrell. “Por que você acha que Deus não existe?

“Por que você acha que Deus existe?”

“Não provoque, Terrell.”

Caleb já experimentou esta discussão antes.

“Ele não era o Homem Aranha,” Wayne continuou. “Ele andava como uma galinha.”

Simmons se recusava a dar ideia aos devaneios do motorista.

“Ok, Terrell.” Ele disse, gesticulando com a metade da asa de uma galinha. “Então, sem contar todo o conhecimento existente lá fora, quanto você acha que sabe?”

“Excluindo *todo* o conhecimento?”

“Todo. Quanto você acha que sabe?”

O monólogo de Wayne continuou a todo o vapor. “Costumávamos dizer, ‘Ei Peter – escale aquela parede para nós, camarada.’

Ele odiava aquilo.”

“Ah, eu não sei. Diria que conheço uns dois ou três por cento.

E ninguém saberia mais que cinco.”

Simmons voltou seu olhar na direção de Terrell. “Então Terrell, tirando os noventa e cinco por cento que você não conhece, você está certo de que Deus não existe?”

“Como *você* sabe que Ele existe?”

“Falei com Ele esta manhã.”

“Veja, você não pode falar uma coisa dessas, cara.”

“Eu tenho certeza,” Wayne murmurou entre um pedaço de asa e outro “que Peter usava cuecas do Homem Aranha para ir à escola. Apenas para sentir-se especial.”

Já era demais. Os outros viraram para ele e demonstraram descrença.

“O quê?” Wayne disse.

“Do que você está falando?” Caleb reclamou.

“Eu estou dizendo que Peter Parker é real”.

“E Deus também,” Simmons acrescentou.

“Não,” disse Terrell. “Ele não é.”

“Eu estou falando para você, Ele é.”

“Cara, você perdeu o juízo.”

“Tudo bem, tudo bem.” Caleb limpou as suas mãos em um guardanapo. “Eric, você tem tarefas de limpeza. Wayne, preciso de você para terminar o relatório de incêndio.”

“Sim, vou fazer agora mesmo.”

“Caleb ia se retirando, com Wayne e Simmons logo atrás dele.

Ele percebeu seu recruta hesitando na mesa, enquanto Terrell terminava de comer a sua última asa de frango. Ele sabia que era melhor deixar Eric e Terrell trabalharem suas diferenças, mas sentiu a necessidade de ouvir – em caso de ser necessário uma interferência.

“Ei, cara.” O tom da voz de Eric era quase embargado. “Eu, ahn... eu vacilei hoje.”

“Uhn hum.”

“Eu não deveria ter lhe deixado daquela forma, Terrell. Isso não vai mais acontecer.”

“É melhor não, recruta.”

“Não vai.”

“Eu sei que não vai.” Terrell afastou-se da mesa. “Porque eu não vou voltar para pegar você da próxima vez.”

Caleb virou-se, deixando a porta do refeitório fechar atrás dele. Aquelas palavras despertaram uma nova sensação de descontentamento.

Sua esposa por sete anos, Catherine, a garota dos seus sonhos – estava dando todas as indicações de que o relacionamento estava acabado. O que significava que ele estava falhando como marido. Este era um sentimento que não combinava com ele, e ele tentava espantá-lo com o trabalho no escritório. Na noite passada, de qualquer forma, eles brigaram e Catherine mencionou uma fala parecida com a de Terrell: *“Você passa todo o tempo resgatando outras pessoas, mas quando você está aqui por mim?”*

Nunca, Caleb. Quase nem conversamos. Bem, não espere que eu saia correndo atrás de você. Não posso mais fazer isso.”

Com essa lembrança martelando sua cabeça, Caleb foi cuidar do escritório. Sete anos foi um bom tempo. Ele deu uma chance para eles. A essa altura, ele simplesmente não tinha certeza se tinha a energia para continuar.

Ou coração.

Ele sentou-se à mesa e pegou o seu diário de bordo. Chega disso. Ele tinha trabalho para fazer, sempre mais trabalho.

CAPÍTULO 4

A equipe na Estação Um não teve nenhuma outra chamada naquela tarde. Caleb acompanhava seu amigo Tenente Simmons em direção à área de estar para saber os últimos resultados das eleições na TV, quando uma mão segurou seu braço.

“Ei, capitão!” Disse Wayne. “Quando você vai comprar seu barco?” Caleb deu de ombros. “Eu ainda estou juntando dinheiro para comprar o que eu quero.”

“Bem, então me fale quando você comprá-lo. Eu estou bem aqui esperando.”

“E por quê?”

“É obvio. É só uma questão de tempo até eu lhe mostrar as minhas habilidades na água. Talvez você ainda não tenha ouvido, mas este cara aqui pode esquiatar descalço em apenas uma perna.”

“Bem, ahn... isso é algo que muito me anima.”

“É sim.”

Caleb piscou de admiração. Será que Wayne não tinha limites para autoconfiança? Ele virou as costas e juntou-se a Simmons na frente da TV silenciosa, onde imagens do dia eram exibidas.

“E olhe lá,” Simmons disse. “Não é a sua esposa?”

Caleb fez que sim com a cabeça.

Simmons pegou o controle e aumentou o volume.

A voz de Catherine passava pelos autofalantes à medida que respondia à uma repórter do canal 10: “Sim, somos gratos pela nova ala de câncer instalada em nossa nova torre médica, e acreditamos que isso irá impactar grandemente a vida de nossos pacientes.”

Imagens de equipamentos hospitalares apareciam enquanto a repórter falava. “Catherine Holt, gerente de Relações Públicas do Hospital Phoebe Putney Memorial, continua dizendo que eles continuarão provendo medicamentos internacionais para o sudeste da Geórgia. De WALB News, eu sou Rebecca Mills.”

Simmons concordou com a cabeça. “Sua esposa, ela é uma boa mulher.”

“Bonita também.” Wayne disse. “Você é um homem de sorte.”

Ah é? Bem, vocês não vivem com ela, Caleb pensou.

“Por quanto tempo estão juntos?”

“Sete anos, não é Caleb?” Simmons disse.

“É, acho que sim.”

“Aposto que ainda se lembra da primeira vez que se viram.”

Wayne levantou uma sobrancelha. “Um homem não se esquece desse tipo de coisa.”

“Isso foi há muito tempo,” disse Caleb. “Esperem aí, temos muita coisa para fazer.”

“Como o quê?” Wayne bateu no relógio. “Cara, já está quase na hora do jantar.”

“Então pare de me encher a paciência e providencie algumas pizzas para nós.”

“Isso não é minha-”

“Você quer limpar a cozinha?”

“Pizzas,” disse Wayne. “Já estão vindo, senhor.”

NO HOSPITAL PHOEBE PUTNEY, Catherine estava orgulhosa de suas conquistas. Vestida com uma saia social que destacava sua figura elegante, seus saltos ecoavam pelo piso à medida que passava pelo corredor. Ela estava no auge da sua carreira, gerenciando relações públicas em um próspero centro médico e ganhando o reconhecimento de seus colegas.

Ela passou por um médico alto, bem apessoado no corredor.

Dr. Keller, certo? Ele era o mais novo e misterioso homem do local, modesto e com uma beleza de menino.

Ela se aproximou da unidade das enfermeiras com uma pasta acolchoada contendo o planejamento do dia nas mãos, bolsa pendurada na dobra do cotovelo. Seu crachá de identificação – com sua nova posição impressa em vermelha – preso à lapela do seu terno abotoado.

“Oi Tasha,” disse Catherine.

Tasha levantou os olhos sobre a mesa. Ela estava com um estetoscópio em volta do pescoço e usava um jaleco bastante colorido. “Oi Cat. Vi você na TV. Estava ótima.”

“Ah, eu perdi. Estava dando uma ronda pela nova ala de câncer. Ela colocou a bolsa e a pasta sobre o balcão, então olhou para o relógio. “A Robin já saiu?”

“Não, ela está aqui.” Tasha chamou Robin, que estava na sala dos fundos. “Robin? Cat está aqui.”

Robin Cates, uma jovem enfermeira com um rabo de cavalo longo e loiro, apareceu vestida em um jaleco azul. Ela tirou seus óculos. “Oi!” Ela abraçou Catherine.

“Como vai?”

“Ótima e você?”

“Ótima.” Catherine afastou os cabelos dos ombros e descansou um braço no balcão. “Está marcado para amanhã?”

“Sim, às 16h. Ainda quer velas aromáticas, certo?”

“Com certeza. Traga-as. Quero experimentar todas.”

“Ótimo”

“E vou visitar meus pais depois. Acho que eles gostariam de algumas também.”

“Oh.” Robin diminuiu o tom da voz. “Diga-me, como eles estão?”

“Sabe, faz um ano que minha mãe sofreu o derrame. Queria arrumar uma nova cama e cadeiras de roda, mas o seguro deles não cobre isto, e... eu não sei. É muito frustrante para meu pai. Ele também quer ajudá-la, mas não tem como pagar. Ele já gasta sua aposentadoria com seus próprios problemas de saúde.”

“Sinto muito.”

“Está tudo bem.” Catherine fechou a pasta e pegou as chaves.

“Preciso me apressar. Mas nos veremos amanhã, certo?”

“Isso. Até amanhã.”

“Está bem. Tchau.”

Catherine virou-se para sair e esbarrou no Doutor Gavin Keller, cujos olhos estavam fixos nas pranchetas que segurava.

“Oh. Oi, Catherine.”

Ela sentiu-se confusa. “Desculpe-me, Dr. Keller.”

“Pode me chamar de Gavin, por favor.”

“Gavin.” Catherine gostou desse som. Ele era um dos novos membros da equipe, ela ouviu dizer que ele procurava um ritmo mais lento e oportunidades melhores do que as que o iludiram em Orlando. “Desculpe-me por quase atropelar você.”

“Quando quiser,” ele disse. “É bom ver você.”

Quando quiser? O que isso significa?

“Você também,” ela disse. “Cuide-se.”

Enquanto avançava pelo corredor, ela sentia-se intensamente sensível ao penetrante olhar de Gavin, e mesmo da mesa das enfermeiras, seu barítono sereno a alcançava.

“Garota meiga,” ele disse. Depois: “Tasha, pode arquivar isto para mim?”

“Claro, doutor.”

Catherine parou e olhou para trás por cima dos ombros.

O rosto de Tasha sinalizava a partida de Gavin com ceticismo, seguido de um comentário nada sutil de sua colega de trabalho: “Se não o conhecesse bem, Deidra, diria que o doutor gosta da Cat.”

Rápida e enfática, Deidra apertou os lábios em concordância.

As duas enfermeiras trocaram olhares e disseram em uníssono: “Uhn-hum.”

Catherine se apressou, suas bochechas rosadas e seu coração acelerado.

CATHERINE CONDUZIU SEU Toyota Camry para a casa de seus pais. Apesar de rebaixada, por necessidade, esta casa de baixo custo era suficientemente agradável – habitação de nível único, protegida pelas sombras das árvores e por um conjunto de arbustos.

Ela bateu, mas a audição do seu pai sofria de retardamento, e ela suspeitou que ele não a tivesse escutado. A porta estava aberta, então ela entrou. Posicionando a cabeça para dentro da sala, ela encontrou o Sr. Campbell ajudando sua esposa a sair do sofá e sentar-se na cadeira de rodas.

Ela tentou não chorar. Mesmo com mais de sessenta anos, seu pai tinha os braços fortes e cuidadosos de um bombeiro. Ela lembrou-se de quando era apenas uma garota, fingindo que estava dormindo só para ser carregada por ele do sofá para a cama.

“Olá?” Ela bateu suavemente na porta.

“Oi, querida.”

“Oi, papai. Como está?”

“Ótimo.” O agora aposentado Capitão Campbell abraçou-a.

“É bom ver você.”

“Você também.”

“Como está o meu genro favorito? Não nos falamos há algum tempo.”

Catherine agiu como se não estivesse ouvindo e se abaixou para abraçar a mãe, deixando sua bochecha tocá-la gentilmente.

“Oi, mamãe. Como você está, hein?”

Joy Campbell concordou com a cabeça. Apesar de seus cabelos grisalhos estarem penteados, seus olhos bem abertos e alerta, havia uma tristeza por trás da menina dos olhos. O derrame que a colocou na cadeira de rodas

também roubou qualquer habilidade de comunicação, a não ser através de um pequeno quadro negro em seu colo.

“Ela está indo muito bem hoje,” disse Sr. Campbell. “Ela almoçou bem, tirou um cochilo, e estávamos pensando em assistir um pouco de TV antes de irmos para cama a noite. Ela ainda ama assistir aqueles programas com competições.”

“*Roda da Fortuna*. Eu aposto que ela ainda acerta tão rápido como nunca.”

“Certamente.”

Catherine passou os dedos pelos cabelos da sua mãe, sobre as orelhas. “Alguma notícia a respeito da cadeira de rodas e da cama adaptadas?” Ela segurou a mão da sua mãe.

“Não,” disse Sr. Campbell. Eles acham que enquanto a cadeira atual está funcionando, ela não precisa de mais nada. Mas ela não pode sentar-se nela por muito tempo sem machucar as costas. Eu tenho que lavar os ferimentos duas vezes por dia.

“Vamos conseguir uma mamãe.” Catherine apertou de leve a mão da sua mãe. “E uma cama melhor também.”

A senhora Campbell lançou um sorriso valente e de lábios fechados.

Sr. Campbell caminhou até a porta. “Quer beber alguma coisa, querida?”

“Sim, papai. Temos chá doce?”

“Com limão?”

“Você me conhece,” ela disse pensando em como é bom ser conhecida e entendida. Atualmente isso não era algo normal em sua própria casa. Duas vezes maior, com apenas dois moradores, ainda assim a residência dos Holt parecia claustrofóbica.

Ela virou-se ansiosamente para a sua mãe. “Mamãe, queria que pudéssemos conversar.”

Os olhos da senhora Campbell refletiam o mesmo desejo.

“Faz muito tempo desde que ouvi a sua voz. Estou com saudade.”

A senhora Campbell encurvou-se e escreveu em seu quadro negro:
ESTOU C__S__D__D__T__B__M.

Catherine completou os espaços vazios e apertou carinhosamente a mão da mãe. Elas sentaram-se juntas, olhos parados, compartilhando amor muito mais alto do que palavras.

CAPÍTULO 5

Caleb Holt estava longe do trabalho, pronto para dormir um pouco e passar algum tempo longe dos colegas. Ele sabia que Catherine sairía para o trabalho em alguns minutos. Pelas janelas sombreadas do seu carro, ele viu o carro dela na garagem entre a sua bicicleta e um amontoado de equipamentos que incluía uma caixa de isopor azul.

Quantas vezes eles utilizaram aquela caixa de isopor? Uma vez? Naquela festa no lago no verão passado?

E a bicicleta?

Catherine a comprou no seu aniversário no ano passado, mas ele preferia correr. Queimava mais calorias e era uma forma de relaxar após o turno de vinte e quatro horas.

Ele estacionou seu Sierra GMC vermelho sangue na garagem particular. Comprado na Jay Austin Motors, o carro era seu orgulho e alegria. Ele deixou espaço suficiente para sua esposa sair, e entrou na cozinha pela garagem.

Ela surgiu no saguão, cabelos escovados e brilhantes com movimentos naturais deslizando sobre seu terno levemente listrado.

A calça levemente larga deu um toque de leveza aos seus movimentos. Ela sempre teve boa aparência, e graça semelhante a de um gato condizente com o seu apelido, Cat.

Não que isso fosse tão importante para ele, como era antes.

Ela cruzou o bar em direção à cozinha. Permaneceu em silêncio.

Então, as coisas eram para ser assim, certo? Todo esse conforto – piso de pedra, balcão de mármore, lustre de vidro fosco – e não tinham nada para dizer um para o outro.

Caleb colocou sua bolsa de viagem na mesa de jantar e tirou sua jaqueta de capitão. Ele tirou a camisa de dentro da calça, se preparando para um dia de folga, e voltou-se para o refrigerador – tão novo e reluzente, era quase possível se barbear na frente daquela monstruosidade. Um dia, colocou Catherine, eles poderiam precisar do espaço da geladeira quando tivessem filhos. Bem, a realidade profissional dos dois afastavam cada vez mais essa possibilidade. A essa altura, ele não seria pai antes dos quarenta.

Do outro lado da cozinha, Catherine ocupava-se com aquela cafeteira que ela adorava. A mulher e a cafeína. O que havia de errado com os enlatados Maxwell House?

“Já tomou o café da manhã?” Ele perguntou.

“Já.”

Ele retirou o leite da geladeira, sacudiu e colocou no balcão.

“O que você comeu?”

“Comi o último pão e um iogurte.”

Ele passou por ela no trajeto até o armário, de onde tirou uma caixa vazia de cereal Coney Bombs.

Ótimo. Quando ela vai sair para comprar outra caixa? Ele virou-se para criticá-la, enquanto ela colocava a garrafa quase vazia de leite de volta na geladeira. Aquela que ele a pouco tirou para beber.

“Eu ia beber o leite,” ele disse.

“Então pegue-o de volta quando você estiver pronto para usá-lo.”

“Eu estou pronto. Será que você pode deixar que eu faça as coisas na ordem que eu quiser?”

“Como ia saber?” Catherine disse. “Você deixa as coisas fora do lugar, e elas ficam lá até eu limpar tudo e guardar. Como se eu não tivesse nada melhor para fazer.”

“E as compras? Está planejando comprar comida em breve?”

Ela colocou o leite em sua caneca de viagem. “Caleb do jeito que a sua escala funciona, você tem mais tempo do que eu.”

“Ei, eu só fiz uma pergunta. Não precisa bancar a espertinha comigo. Podia ter deixado um pouco para mim.”

“Nunca sei quando você come em casa ou sai. Você não me diz essas coisas.”

“Catherine, qual é o seu problema?” A busca de Caleb o levou a encontrar uma barra de granola. Melhor do que nada. Ele bateu a porta do armário e virou-se. “Eu a ofendi ao passar pela porta esta manhã?”

“Não. Você não pode esperar que eu trabalhe todos os dias e ainda faça as compras, enquanto você navega na internet olhando porcarias e sonhando com seu barco.” Ela mergulhou uma colher em uma vasilha de adoçante e adoçou seu café.

Ela não pode ao menos ter a gentileza de olhar para ele?

Ele gopeou o dedo no ar. “Você que escolheu esse emprego e eu não pedi que trabalhasse o dia todo.”

“Precisamos do dinheiro, Caleb – especialmente quando você guarda um terço do salário para um barco que não precisamos.

Você tem vinte e quatro mil dólares na poupança enquanto há coisas para serem consertadas em nossa casa.”

“Como o quê?”

“Pintar as portas dos fundos e arrumar o jardim. E eu vivo dizendo para você que quero colocar mais prateleiras no armário.”

“Essas coisas chamam-se preferências, Catherine. Não são necessidades. Há uma diferença. Se quiser gastar o seu dinheiro nisso, vá em frente. Tudo bem. Mas eu poupo há anos para o barco.”

Ele virou as costas. Chateado por toda a discussão. “Você não vai tirar isso de mim.”

“É inútil. Não tenho tempo para isso.”

“É, vá em frente.” Ele a observou pegando seus pertences e virou-se para a barra de granola. “E feche a porta quando sair.”

Ela fechou. Com força.

No saguão, alguma coisa fez barulho no tapete, e quando Caleb foi investigar para ver o que havia acontecido, ele viu que uma das suas fotos de casamento se desprende da parede. Ele a colocou de volta no lugar, sem ao menos ver se ficou bem presa.

À TARDE, Catherine recebeu Robin Cates e seu estoque de velas aromáticas. Robin estava na poltrona, o álbum de casamento dos Holts no colo. Catherine sentou-se perto dela, com um saco de biscoitos e duas bebidas. Ela estava vestida casualmente, livre das dores de cabeça do dia de trabalho. Das velas apagadas na mesa, ela escolheu uma de lavanda e admirou sua doçura floral.

“Oh”, disse Robin. “Olha como você está feliz. Catherine, estas fotos estão muito bonitas.”

“Obrigada.”

“Algum dia...,” sua amiga disse ansiosamente.

“Robin, você é romântica mesmo. Esta não é a vida real, você sabe disso.”

“Mas esse é o sonho de toda menina, certo?”

“Sim. E depois nós crescemos.”

O som de um carro no jardim seguiu-se da batida de uma visita na porta.

“Caleb,” Catherine chamou da sala.

Ele saiu do quarto principal, vestido com uma camisa cinza e calça esporte. Catherine viu Robin lançar um rápido olhar demonstrando aprovação, então voltou o olhar novamente para o álbum.

Outra batida.

“Já ouvi,” disse Caleb. Ele passou pela sala de jantar.

Catherine não precisava olhar para a visita para saber que era o Tenente Simmons. Simmons chegou em Albany há cinco anos, depois de servir no Iraque, e rapidamente tornou-se um dos melhores amigos do seu esposo.

“Ei, Michael,” Caleb estava dizendo.

“Está pronto?”

“Sim, deixa eu pegar as bebidas.”

Catherine viu-o entrar na cozinha e ouviu a geladeira abrindo.

“Caleb, você vai sair?”

“Eu já lhe falei, vou sair com o Michael.”

“Você não me disse.”

“Disse sim.” Ele apareceu na passagem arcada, garrafas de Gatorade nas mãos. “Disse essa manhã, ou ontem à noite.”

“Tá bom, a que horas volta?”

“Mais tarde.” Ele virou-se para sair.

“Você podia, no caminho, passar no mercado e -”

Ao som da batida da porta abafou a sua frase e ela cerrou os lábios e deixou a frase interminada.

Ao lado dela, Robin ainda olhava o álbum como se nada tivesse acontecido. “Oh, eu adorei essa. Você foi uma noiva linda.”

Catherine segurou-se para não abrir a boca. Ela balançou a cabeça concordando por educação, imaginando como era, para algumas pessoas, mais fácil alimentar o conto de fadas. A realidade era a de que o castelo não era grande o suficiente para uma linda moça e seu lindo príncipe.

SIMMONS INCLINOU-SE no banco do Sierra, seus olhos negros absorvendo o manto verde das árvores. “Todo esse espaço consiste em sua propriedade?”

“A última vez que conferi, sim” Caleb disse.

“E aquilo por trás dessas árvores é um lago?”

“Eu nunca levei você lá?”

“Não. Mas, eu não costumo fazer caminhadas românticas com meus amigos, obrigado. Está pronto para o pesado?”

“Pronto.”

“Você disse a Catherine que ia para a academia?” Simmons perguntou.

“Não, ela está bem.” Caleb abriu a porta do lado do motorista.

“Ah, espera. Eu deixei minha carteira lá dentro, e preciso colocar combustível neste carro. Cara, se eu entrar lá, ela vai inventar alguma coisa para eu fazer.”

“Eu posso ir.”

“Mas assim ela vai pedir para você, e nós dois perdemos a moral. Segura firme. Eu já volto.”

Caleb voltou pela garagem, abriu a porta com cuidado, e entrou com movimentos leves. Era possível ouvir Catherine e Robin ainda conversando, o som do manuseio das páginas do álbum de casamento e do desembulhar das velas.

“Mmm, essa tem um aroma delicioso,” disse Catherine.

“Aqueles não são incríveis?” Robin vira mais uma página do álbum. “Oh,” diz Robin, “Eu adoro esta igreja. Ela ainda está assim?”

“Já faz muitos anos. Eu não faço ideia.”

Caleb entrou na cozinha na ponta dos pés.

Robin vira mais uma página do álbum.

“E o seu bolo – meu Deus, Cat.”

Há sete anos, Caleb estava tão encantado com a sua noiva e com os pensamentos no quarto da lua de mel que ele nem se lembrava do sabor do bolo. Baunilha? Cenoura? Um bolo de frutas natalino, era tudo o que sabia.

Robin vira mais uma página do álbum.

“Seu vestido era tão lindo, eu mal posso acreditar,” Robin disse emocionada. “Se você pudesse voltar ao dia do seu casamento e falar com você mesma, o que diria?”

Nenhuma resposta.

Caleb pegou a sua carteira no balcão, e então se preparou para sair, mas sua esposa ainda não tinha respondido e a sua curiosidade falava mais alto. O que mulheres falam quando os homens não estão por perto? Será que ela iria destacar seus atributos, como os homens costumam fazer? Falar sobre o bom ouvinte que ele é e sobre a camisola de seda que ele comprou para ela no último dia dos namorados?

“Não se case.” Catherine respondeu finalmente.

Caleb gelou.

“O quê?” disse Robin. “Não se case?! Está dizendo que não se casaria com ele outra vez?”

“Para ser sincera, não.”

Caleb sentiu sua cabeça girar, com o golpe da confissão da sua esposa. Ela não quis dizer isso. Quis? Todo casal tem seus altos e baixos. Vai passar. Ela estava apenas sendo mulher, dando lugar às emoções do momento.

“Mas eu achei que vocês estavam indo muito bem, Cat. Digo, vocês estão casados há sete anos.”

“Sete anos sem graça.” Catherine respondeu. “Eu não sei. Começamos bem. Era tudo tão romântico, mas depois fomos regredindo.”

Caleb permaneceu no balcão, tentando ficar parado. Ele ouviu Simmons entrando, e até o Tenente parecia entender a necessidade de ficar em silêncio.

“Parece que eu não o conheço mais,” disse Catherine. “Brigamos mais do que fazemos qualquer outra coisa. Ultimamente, eu me pego pensando que... que não é com este homem que quero envelhecer.”

Ao virar-se Caleb viu Simmons fazendo sinal com a cabeça.

Era hora de ir. Sim, era a melhor coisa a ser feita agora – sair antes que piore. Mas até que nível iria piorar?

“Catherine, sinto muito. Não fazia ideia que estava tão mal assim.”

“Tudo bem,” ela disse para Robin. “Eu... eu só estou cansada dessa farsa, entende? Estamos indo em direções diferentes no momento.”

“Então, o que você pretende fazer?”

Caleb prendeu a respiração esforçando-se para ouvir a resposta da sua esposa.

Silêncio.

Simmons estava gesticulando, tentando encerrar a espionagem de Caleb.

Ainda nenhuma resposta.

Bem, Caleb entendeu que isso era um tanto certo. Catherine não tem proporcionado nada a ele há semanas – nenhum afeto, nenhuma compreensão, e certamente nada parecido com uma conversa civilizada. Era errado desejar essas coisas em sua própria casa?

Ele saiu com sua carteira e cuidadosamente fechou a porta.

Contornou o Sierra pela parte da frente, virou a chave e ligou o rádio. Simmons, para seu próprio bem, balançou a cabeça no ritmo da música e não fez nenhum comentário.

CAPÍTULO 6

Na sala de pesos, Simmons completou sua última série de supino reto e sentou para respirar. O suor brotava em sua testa e escorria pela cabeça. O rádio estava ligado ao lado dele, ao som de uma música, mantendo a adrenalina em atividade.

No aparelho próximo, Caleb suava o resto da sua camisa, deixando os pesos colidirem uns nos outros – para cima, para baixo, splash... para cima, para baixo, splash – enquanto trabalhava a sua frustração.

Finalmente ele sentou-se, ofegante. “Meus tríceps estão queimando.”

“Está reclamando?” Disse Simmons. “Cara, eu acho que esses pesos estão prontos para pedirem desculpa pelo que fizeram de errado com você.”

Caleb sorriu, e em seguida pegou seu Gatorade. Simmons abaixou o volume do rádio e secou o pescoço com uma toalha.

“Não está dando certo, Michael. Como é que sou respeitado em todo lugar menos na minha própria casa?”

“Já me senti assim, é uma situação muito difícil.”

“O que você fez a respeito?”

“Percebi que meu casamento não era o problema. Eu só não sabia como fazê-lo funcionar.”

“O que isso significa?”

Simmons pensou a respeito por alguns instantes, depois apontou para uma esteira. “Aquela esteira não está quebrada, mas se não souber como correr nela, não vai dar certo.”

“O quê? Acha que preciso de terapia?”

“Bem, eu acho que todo mundo precisa de terapia.”

“Ei,” Caleb apontou com o indicador. “Olhe, não vou falar com alguém que não conheço, sobre algo que não é da conta dele.”

“Tudo bem. Catherine precisa respeitar você. Mas lembre-se de que a mulher é como uma rosa. Se tratar da maneira certa, ela desabrocha. Se não, ela murcha.”

“Onde arrumou isso?”

Simmons deu um gole no seu suco e riu. “Na terapia.”

Caleb jogou a sua garrafa vazia em Simmons, que apenas riu enquanto Caleb forçou um sorriso e desviou o olhar.

CATHERINE ESTAVA ARRUMANDO a casa. Ela e Robin comeram pizza depois de uma tarde de descanso e desabafo. Além disso, Catherine comprou algumas lindas velas. Ela acendeu uma agora, tentando melhorar o humor, alcançar uma atmosfera agradável neste ambiente frio, completamente obscuro. A casa era como uma daquelas casas-modelo – apresentável, impressionante por fora, mas vazia e sem vida por dentro.

Ela ouviu o carro de Caleb entrar na garagem. Ela se apegava a uma fina esperança de que ele teria algo agradável a dizer a respeito do aroma que ela escolheu, ou talvez demonstre algum interesse em seu dia.

Algo diferente de: *“Quanto você pagou a Robin por essas velas? O quê? Você comprou para sua mãe também? Como se isso fosse resolver o problema dela, quando do que ela precisa é de uma boa cadeira de rodas. Mas, uma vela? Sem essa.”*

Isso era tão previsível. Tão Caleb.

Ela correu para o banheiro a fim de escovar os cabelos, retocar a maquiagem. Ela esperou até que a porta abrisse e fechasse, e seus pés se arrastassem pela cozinha, certamente marcando o chão que ela tinha limpado esta manhã. Não que ele notaria.

Ela ouviu a geladeira abrir. Dizendo a si mesma para dar a ele a vantagem da dúvida, ela jogou os cabelos para trás, alinhou os ombros e caminhou em direção a cozinha.

Sua primeira observação: ele tinha apagado a vela, e apenas uma fina linha de fumaça permanecia no ar acima do balcão.

Mais uma esperança... transformando-se em fumaça.

“O que está fazendo?” Ela disse, desprezando o som da sua própria voz, mas incapaz de impedir o jorrar das suas decepções.

“Vi que não me deixou pizza.” Caleb revidou. Ele estava usando as roupas de academia, uma roda de suor em volta da gola da camisa. Fechou a geladeira e caminhou em direção ao balcão.

“Caleb, acabei de acender a vela. Gosto do cheiro.”

“Bem, eu não gosto. Você deixou algum jantar para mim?”

Ela colocou os cabelos para trás da orelha e olhou para baixo.

“Pensei que você fosse comer com o Michael.”

“Não passa pela sua cabeça que as duas pessoas dessa casa precisam comer?”

“Quer saber, Caleb – se soubesse se comunicar talvez eu tivesse guardado algo para você.”

Ele bateu as portas do armário, ainda de mãos vazias. Aproximou-se do balcão, colocando as duas mãos no mármore e encarando-a. “Por que você sempre torna tudo tão difícil?”

Catherine posicionou-se de frente para ele. Bem, pelo menos eles estavam olhando nos olhos um do outro. Foi a primeira vez esta semana.

“Ah,” ela disse, “eu estou tornando tudo difícil? Estou carregando todo o peso da casa enquanto você leva a sua vida.”

“Como? Trabalho para pagar a prestação da casa e dos dois carros.”

“Sim, e isso é tudo o que você faz. Eu pago todas as nossas contas com o meu salário -”

“Foi o que concordamos.” Ele apontou o dedo para ela. “É justo. Não gosta dessa casa? Não gosta do seu carro?”

“Ah Caleb.” Ela se desintegrou por dentro mas não podia voltar atrás – não agora que ele deu abertura para uma resposta. Caleb, quem cuida dessa casa? *Eu*. Quem lava toda a roupa? *Eu*.”

Ele se virou – típico – e sacudi uma caixa de doces em busca de alguma coisa para beliscar. Ela continuou, recusando-se a ser impedida pela falta de atenção dele. Quem faz todas as compras?

Eu. Sem mencionar que ajudo meus pais nos fins de semana. Você sabe que tenho toda essa pressão sobre mim, e a única coisa que faz é cuidar de si mesmo.”

FOI DEMAIS ter que ouvir sua esposa lançando acusações e apontando para ele com as mãos, como se ele fosse um réu em julgamento, mas o que realmente irritou Caleb, o que sentiu como se fosse um soco no estômago, o que fez sua ira se ascender tão rapidamente a ponto de pensar que fosse explodir, era o seu desrespeito descarado por ele, como seu marido e como homem.

Ela estava encarando-o agora, sua voz se elevou.

Seria ela aquela que iria ridicularizar todos os seus esforços enquanto ele se arriscava em construções em busca de vítimas?

Ou ridicularizar a maneira como ele lida com as pressões de uma artéria cortada, vendo a vida sair dos olhos de uma criança? Ele tinha uma equipe de homens que o seguia sem questionamentos, e aqui em sua própria casa ele não podia passar manteiga no pão sem que ela criticasse sua técnica.

Olho por olho. Dente por dente.

Ok, era assim que ela queria que as coisas funcionassem? Ah sim – ele sabia como brigar com essas regras.

“Fique sabendo,” ele disse, “que você não sabe nada sobre pressão.” Ele contornou o balcão, ficando próximo ao rosto dela, marcando suas palavras com suas mãos no ar. “Acha que... apago incêndios por mim mesmo? Corro para acidentes automobilísticos às 2h da manhã por mim mesmo? Ou tiro o cadáver de uma criança do lago por mim mesmo? Você não sabe o que eu passo!”

“Sim,” ela disse, “mas o que você faz aqui em casa fora assistir TV e perder tempo na Internet? Quer saber, se fica feliz olhando aquele lixo, tudo bem, mas eu não vou competir com aquilo.” Ela virou-se para sair.

“Com certeza, não ganho nada de você.”

“Nem vai.” Ela deu meia volta, falando por trás dele enquanto ele procurava por comida em outro armário.

Tudo o que Caleb queria era algo para comer, um banho, e um pouco de paz. Agora ele evitava encontrar os olhos de Catherine com medo de deixar o animal dentro dele rosnar em busca da vida da caça.

As palavras dela estavam lá, no entanto, buzinando em sua cabeça.

“Quer saber?” ela gritou. “Você liga mais para poupar para seu barco estúpido e se satisfazer do que para mim!”

Caleb bateu as portas do armário com tanta força que pôde sentir o chão tremer.

“Cale a boca! Eu estou cheio de você!” Ele virou-se e caminhou na direção dela, veias realçadas no pescoço e nas mãos, que voavam em sua direção. Ele avançou em sua direção fazendo com que ela caminhasse para trás, colocando-a contra a parede. Algo em sua psique masculina saiu do lugar, provocada depois pelo pavor em seus olhos. “Sua mulher ingrata, sem respeito, egoísta!”

Catherine chorou e negou com a cabeça. “Eu não sou egoísta -”

“Como ousa dizer isso?” Ele estava descontrolado, sua voz extremamente forte e explodindo de raiva e cólera. “Você reclama o tempo todo e suga toda minha energia! Estou cansado disso!”

Catherine agora chorava, seu tórax ondeante. Ela fechou os olhos abaixou e afastou a cabeça para o lado, assustando-se a cada palavra dele.

Mas ele não havia terminado.

“Se você não pode me dar o respeito que eu mereço – *olhe para mim!* - então de que vale este casamento?”

Ela balançou a cabeça em sinal negativo, seu queixo tremendo, lábios cerrados. Ele parou, virou, olhou para trás e a encarou.

Ele sentia-se como um tigre medindo sua presa, e ele se odiava por fazer isso, odiava a fúria que parecia tão volátil no seu interior referente a tudo o que dizia respeito a vida deles, mas era verdade tudo o que disse.

Estava feito. Pronto.

Catherine cobriu a boca e disse chorando: “Eu quero me separar. O que eu quero é me separar.”

“Se quer se separar...” Caleb se voltou para ela e usou todo o corpo na sua frase final. “Tudo *bem* por mim!”

Catherine contraiu-se sobre o balcão, chorando.

Caleb sabia que deveria sentir alguma coisa por esta mulher que ele prometeu honrar e cuidar – ele foi convencido de que deveria morrer por ela – mas agora tudo o que sentia era o alívio que viria junto com a separação. A tortura terminaria para os dois.

Ele avançou em direção à porta dos fundos, braços movendo-se com fúria. Suas mãos fechadas, necessitando de um desabafo físico. Ele foi para a calçada da garagem, virou-se, caminhou de volta para o lugar de onde saiu, em busca de um objeto para que pudesse descarregar toda a sua raiva.

A grande lixeira verde chamou a sua atenção.

Ele caminhou em direção ao recipiente inanimado e chutou-o.

Com força. Ela tombou, espalhando sacos de lixo e sujeira. Aquilo serviu apenas para estimulá-lo ainda mais. Ele a levantou com os dois braços e jogou-a na parede com tijolos da casa, deixando cair lixo como se fossem tripas de uma fera machucada.

Ele agira por impulso, assim como falara. Ele venceu.

Mais tranquilo agora, ele voltou.

E percebeu que tinha um espectador.

Sr. Rudolph, o vizinho idoso, estava em pé no jardim ao lado, vestido com um roupão de banho velho e um pijama apertado por baixo. Seus olhos estavam protegidos e difíceis de ler. Como um vulto ele permaneceu com os ombros levemente encurvados e uma das mãos segurando a tampa da sua própria lixeira e a outra segurando uma bolsa com lixo de cozinha.

Ah, ótimo. Isso foi maravilhoso.

Caleb colocou as mãos na cintura e em seguida colocou-as no bolso fazendo um movimento de inquietação, mas desfarçando com um sinal de indiferença, e então falou apenas “Ah, Sr. Rudolph.”

Depois o homem respondeu em tom grave e monótono. “Caleb.”

Caleb fez sinal positivo com a cabeça, e então ocupou-se com a coleta das coisas que espalhara e com a arrumação de toda a bagunça. Sr. Rudolph jogou fora o seu lixo. Caleb lançou mais um olhar para ele, esperando receber um olhar de aprovação.

Com um olhar vazio, Sr. Rudolph apertou as pregas do seu robe e caminhou com dificuldade para a segurança do seu lar.

NO QUARTO DO CASAL, Catherine chorou até não ter mais lágrimas. Seu rosto queimava com o escorregar das lágrimas da sua tristeza e raiva. Ela não merecia ser tratada daquela maneira. Após uma hora deitada sozinha na cama – a cama deles – ela sentiu-se sonolenta.

Começou de algum lugar no profundo do seu ser, em um lugar que guardava ainda uma fina esperança até a noite. Bem, aquela esperança havia evaporado, e ela fechou a porta desse lugar de uma vez por todas.

Ela levantou-se e caminhou em direção à penteadeira. O sono espalhou-se com uma solução fria que fluía do seu peito e corria para os braços e pernas, e para o rosto. Ela olhou-se no espelho, notando que seus lábios estavam pálidos, estampados em uma linha fina e penetrante.

Uma vela brilhava sobre a penteadeira, ao lado de uma foto emoldurada, tirada quatro anos atrás, quando Caleb e Catherine passaram um final de semana em uma pousada em Charleston.

Será que aquele passeio aconteceu de verdade?

Será que aquelas pessoas na foto eram dublês, e foram pagas para sorrirem e parecerem felizes?

Não. Eram eles. Foi real.

Eles se amavam antigamente, mas as coisas mudaram.

Catherine Holt tirou seu anel de casamento e jogou-o atrás das roupas da primeira gaveta da penteadeira. No final do corredor, a porta do quarto de hóspedes foi batida com força atrás dos movimentos irritados do seu marido. Homem esperto. Ele não tinha lugar na cama dela, não hoje. Nunca mais, por tudo que ela mais ama. Ela bateu a gaveta. Apagou a luz. Assoprou a vela.

Esta chama se foi para sempre.

CAPÍTULO 7

Na Estação Um, Caleb assistia seus homens ocupados com os procedimentos da rotina diária. Ele estava sentado no para-choque do caminhão de bombeiros, folheando um catálogo de barcos enquanto curti um raio de sol vindo da direção dos portões da frente. Perto dali, Wayne e Terrell seguiam Eric, observando cada movimento do recruta enquanto verificava a lista para o caminhão.

“Bolsas de ar?”

“Ok.”

“Piques e machados?”

“Ok.”

Caleb adorava a história deste lugar. Aquela era a estação central da cidade, construída em 1970 com dois níveis, e deu muito trabalho mantê-la em condições de excelência.

“Acho que peguei tudo,” Eric disse.

“Tem certeza?” Terrell disse.

Segurando o quadro, Wayne usava um chapéu azul arredondado sobre seus cabelos louros cortados. “Você testou o entalhe das porcas?”

“Está falando sério?” Eric disse.

“Seríssimo, cara.” Pneus, nível de água, limpador de para-brisa, luz de freio – todos os componentes precisam funcionar corretamente. As pratas e os cromados têm que estar brilhando.

Imagine a gente aparecendo em um incêndio sem as mangueiras, hein?”

A inspeção continuou. Em toda a área, os pólos de metal da estação e o chão estavam impecáveis. Caleb sabia que os rapazes estavam colocando o menino em forma.

“É isso aí.” Eric disse finalmente, fechando a porta de um compartimento e olhando para Terrell em busca de aprovação.

O homem de baixa estatura deu um sinal de aprovação com o polegar.

“Terminamos,” disse Wayne. “Estamos prontos para ir.”

Eric colocou as mãos na cintura e abriu um sorriso cheio de confiança. “Acho que peguei o jeito da coisa.”

“Acha que conhece o caminhão?”

“Sim.”

“Bom,” disse Wayne. “Tudo bem, acho que tenho uma ideia.

Terrell e eu vamos lá dentro para beber alguma coisa. Você nos traz o puxador de mangueira.”

A expressão de Eric empalideceu.

Wayne deu um tapa em seu braço e trocou um olhar sutil com Terrell.

“Uh... tudo bem.” Eric balbuciou as palavras puxador de mangueira e voltou para iniciar a sua busca.

Caleb viu Wayne caminhar em direção a Terrell, que estava encostado no para-choque do caminhão. Wayne estava com um sorriso no rosto.

Terrell disse a ele, “Cara, isso é maldade.”

“Agora está defendendo o recruta?”

“Ele ainda está aprendendo.”

“É aí que quero chegar. Vai ser bom para ele.”

Caleb riu. Todo novato precisava enfrentar alguma piada como parte do período de estágio de seis meses, para ver se tem o que é necessário para o seu trabalho.

Há alguns anos, ele também precisava ganhar o respeito dos colegas, mesmo resgatando o Capitão Campbell do incêndio da mercearia, tendo que ser mais rápido que o normal. Alguns da sua primeira estação encararam isso contra ele, chateados pelo favor que ele fizera.

Nada era fácil para os bombeiros novatos em uma cidade que levava sua linhagem tão a sério quanto Albany, Geórgia. Você merecia cada medalha em sua lapela. Os primeiros heróis desta cidade entraram em ação em 1836, formando brigadas para apagar incêndios. Eles se formaram para trabalhar em carroças e em cisternas grandes, e apenas décadas mais tarde curtiram o luxo de hidrantes e mangueiras pressurizadas.

Comandante James, o principal, morreu servindo seus conterrâneos.

Comandante Billy Brosnan, um inovador fabuloso, serviu a área por quarenta anos, e seu nome ainda era citado em grandes cidades como padrão de excelência. Reconhecido nacionalmente e internacionalmente, ele liderou a Associação Internacional de Comandantes do Corpo de Bombeiros por um curto período.

Caleb despreendeu-se dos seus pensamentos em razão da conversa do outro lado do caminhão.

“Ah, sério?” Simmons estava dizendo. “Você planejou a festa dela para sábado?”

“Eu lhe falei a respeito disso, Michael,” disse uma voz feminina.

“Eu já fui à loja e comprei os presentes da sua mãe.”

Caleb sabia que era Tina, esposa de Simmons. Sem dúvida, ela apareceu vestindo uma saia marrom de couro escovado, botas pretas até os joelhos e uma jaqueta jeans sobre uma blusa branca de gola rolê. Ela segurava a mão de Simmons, parecendo apaixonada pelo seu marido, com o qual estava casada há oito anos.

“Oh.” Simmons estalou seus sedos e virou-se para Tina. “Esqueci de dizer. Tirei folga na sexta para ir lá, então estarei presente para o jogo.”

“Ótimo.”

Ainda segurando suas mãos, ele disse, “Você sabe, não vou desapontar meu filho.”

“Eu sei que não vai.”

“Ainda temos aquele encontro *sexy* amanhã?”

“Mmmm,” disse Simmons. “A vida é muito curta para outra coisa!”

“Tem razão,” Tina respondeu com ternura.

Olhando para o seu catálogo, sonhando com o mar aberto e pescaria, Caleb ouviu o casal se beijando e quase sentiu-se culpado por estar ouvindo-os. Obviamente, eles não estavam preocupados com privacidade entre os caminhões da estação. Caleb lançou um outro olhar para o lado.

“Amo você.” Simmons disse para Tina.

“Também amo você.” A mão que estava livre acariciou o rosto do seu marido, seus olhos fixos nos dele. Lentamente, ela retirou a mão de sua face.

“A gente se vê de manhã?”

“Está bem.”

“Cuide-se Michael.”

Michael colocou ambas as mãos na cintura, em seu rosto um largo sorriso estampado enquanto a observava sair.

Era tão sentimental, tão enjoativo. Era difícil para Caleb acreditar que ele e Catherine estiveram assim algum dia. Esta manhã, quando passou pela esposa na cozinha, ele percebeu que ela não usava mais a sua aliança. Aquilo o feriu profundamente, mais do que qualquer palavra que ela tenha falado.

O que deu errado? Há algum tempo, eles não estavam apaixonados também, como Simmons e Tina?

Agora Caleb estava cheio de tudo isso.

Um barulho estranho interrompeu a saída romântica do Tenente Simmons e sua esposa. Analisando o outro caminhão, Eric ainda estava procurando o misterioso puxador de mangueira. Caleb estava quase levantando e interferindo, quando Simmons quebrou o clima e falou para o recruta confuso.

“Eric, o que está fazendo?”

“Wayne pediu o puxador de mangueira.”

“O *puxador* de mangueira?”

“Sim, senhor.”

“Eric.” Simmons colocou o braço ao redor do pescoço do garoto e se aproximou. “Eric, você é o puxador de mangueira.”

Para seu bem, Eric recebeu o tapa nas costas sem reclamar.

Simmons saiu e Eric abaixou a cabeça, confuso. “Cara!” Ele virou-se, empurrou para baixo, com violência, a tampa de um compartimento aberto, e seguiu em direção ao refeitório. No para-choque da frente do caminhão,

Caleb deu risadas. Com ninguém para compartilhar o momento, contudo, sua risada transformou-se em eco no pátio vazio.

CAPÍTULO 8

Mais tarde naquela noite, Catherine colocou-se aos cuidados de suas amigas – Robin, Tasha, Deidra e Ashley. Elas a viram inquieta no hospital durante todo o dia, e perguntaram como a gerente de relações públicas poderia estar tão séria? Uma vez que a palavra *relacionamento* era pronunciada, ia tudo ‘por água abaixo’.

Tempo para alguma garota falar.

Uma mesa para cinco, ao ar livre, em um confortável restaurante.

“Homens e mulheres?” Tasha cruzou os braços e os descansou na toalha da mesa. “Eles não pensam da mesma forma, isso é provado.”

“Não é preciso ser nenhum sociólogo para me dizer isso.” Deidra pegou um pedaço do seu pão. “Qualquer esposa, mãe, irmã, qualquer garota que já viveu com um homem, pode dizer – existe uma grande diferença. Homens não funcionam corretamente.”

“Ah, isso não é justo,” disse Robin.

“É a verdade.”

“Algumas vezes sim,” disse Tasha. “Mas eu conheço duas irmãs que também não funcionam corretamente.”

Robin negou com a cabeça. “Todos somos humanos. Todos nós precisamos de ajuda.”

“E é por esta razão que estamos aqui,” Deidra disse. “Certo Cat? Você precisa de nós.”

Catherine lançou um sorriso fraco, porém genuíno. Ela vestia uma blusa cavada e um colar de prata com um pingente de cadeado, que descansava em sua clavícula. Ela lembrou-se de como abriu aquele cadeado, simbolicamente, aproximadamente há dez anos no pátio do Corpo de Bombeiros. Ela encontrou os olhos de Caleb, vendo um homem forte, gentil e um herói, e ela baixou a guarda. Deixou-o entrar. Deixou-o ser o rei do castelo.

E agora o que ela mais queria era fugir.

Ou voltar a dormir.

Aqui, nesta ala de jantar ao ar livre, com luzes penduradas ao longo da treliça e a lua baixa e larga sobre sua cabeça, ela pensou: Teria alguma maneira de voltar e ser a Bela Adormecida? E se o beijo que a despertou fosse uma piada de mau gosto e agora ela quisesse reverter os fatos e os efeitos?

“Obrigada,” ela disse para o grupo de amigas, “por me trazerem para sair. Isso é bom. Eu não sei, talvez eu esteja reagindo de forma exagerada a tudo. Digo, Caleb e eu tínhamos uma boa relação. Talvez o que eu tenha a fazer seja falar com ele e -”

“Ah não, não tem,” Tasha interrompeu, balançando seu garfo.

“Querida, concordo com você. Precisa deixá-lo. Ele não merece você.”

“Com certeza.” Deidra olhou Catherine nos olhos, sacudindo os dedos. “Um homem deve ser um herói para a esposa, ou não é homem de verdade.

Ashley disse: “Catherine, precisa de um lugar para ficar? Não imagino como deve ser morar na mesma casa que ele.”

“Não,” ela respondeu. “Decidi na última noite que não serei eu a sair. Ele é o problema, não eu.”

Tasha sacudiu o garfo novamente. “Isso mesmo. Não arreda o pé. Faça com que ele a respeite. Se há alguma coisa que os homens entendem...”

“É RESPEITO,” CALEB disse. Aqui no pátio, em meio ao chão polido e caminhões estacionados, suas palavras pareciam vazias.

Ele estava sentado no degrau da Viatura Um, conferindo a rosca de acoplamento de uma mangueira. A estação estava calma, os pátios pareciam sonolentos até a próxima emergência, a âmbar luz do luar espreitando pelas janelas.

Ele lançou seu braço em direção ao Tenente Simmons, que estava encostado na parede. “Respeito,” ele reforçou. “Essa é a questão. Por isso nosso casamento está fracassando. Ela não me trata com respeito. E a parte mais triste é que ...”

“ELE NÃO PERCEBE.” Catherine colocou os dois braços na mesa, descuidadamente transformando seu pãozinho em pedaços.

Ela pôde sentir a emoção subir novamente, enfurecida pela falta de atenção do seu esposo.

“Você está certa,” Deidra disse. “Homens são sempre desatentos.”

“Acha que nosso casamento foi bom na maior parte do tempo.

Ele provavelmente pensa que...”

“NOSSO CASAMENTO FOI bom até este ano.” Caleb afastou as mãos, como se estivesse aberto a sugestões para um problema que ele sabia não existir. “Agora, de repente, ela dá essa virada.”

“Acha que isso aconteceu de repente?” Disse Simmons.

“Eu não sei o que pensar. Eu não consigo entendê-la. Ela é emocional com tudo. Ela se ofende facilmente e é sensível demais...”

“ELE É TÃO INSENSÍVEL.” Catherine sentiu sua voz embargar e olhou para as amigas em busca de compreensão. “Entende?”

“Ah, sabemos,” Tasha disse.

Ashley colocou a mão no braço dela.

“Eu nem devia estar...” Catherine calou-se.

“Diga, querida. Desabafe.”

“Eu...” Catherine sentia-se segura com essas amigas. Sim, ela precisava dizer isto, precisava desabafar. Ela passou o dedo no canto do olho, onde a frustração começava a transformar-se em lágrimas. “Ele não liga para como me sinto. Ele não me escuta.

Mesmo que eu repita muitas vezes...”

“E DAÍ ELA começa a reclamar.” Caleb estava em pé agora, ao lado do caminhão. Ele sacudiu a mão como se estivesse tentando espantar uma abelha, ao pensar na chateação da esposa, “Dizendo que não a escuto... ou algo assim. Isso me deixa louco. Sinto que estou ficando...”

“LOUCO.”

Catherine estava admitindo o pior agora. Afinal de contas ela trabalhava em um hospital. Ela merecia ter tudo isso. Ela recebia um bom salário, recebia a atenção da metade dos homens da cafeteria, e era o retrato de uma mulher organizada, com a vida no lugar. Se ela os deixasse saber o que se

passava em sua cabeça, será que eles achariam que ela tem problemas mentais?

Certamente chegaria aos meios de comunicação de uma cidade como Albany.

Mas a esta altura, isso não tinha mais importância.

“Ele não entende aquilo que preciso,” Ela disse para as amigas. “Sinto como se nós fôssemos totalmente...”

“INCOMPATÍVEIS!” CALEB apontou o dedo para seu colega Tenente Simmons. “Não existe outra palavra para nos descrever.

Ela deve estar reclamando com as amigas, me fazendo de bandido. Posso até vê-las chorando juntas, dando um abraço grupal...”

AS AMIGAS LANÇARAM palavras de consolo, seus braços ao redor dos ombros de Catherine, as mãos tocando as dela. Deidra levantou-se do lugar para abraçá-la por trás, encostando seu rosto nos cabelos de Catherine.

“Você vai superar isso, querida,” disse Deidra.

Catherine cobria seus olhos com a mão esquerda. Ela era capaz de sentir o seu queixo estremecer de emoção. As lágrimas caíram livremente desta vez, pingando na branca toalha da mesa e nos pedaços de pão partido.

Esta não era ela. Não era a mulher profissional, controlada que queria ser.

Contudo, ela não podia evitar. Estava se separando.

“Irá sobreviver a isto.” Disse Ashley.

“Estamos aqui,” disse Robin. “Você será feliz novamente. Não se preocupe.”

“Ele não é bom o suficiente para você.”

Deidra massageou seus ombros. “Vamos protegê-la. No que você precisar, no que você precisar...”

ELE NÃO PRECISAVA mais disso. Caleb sabia disso, não restavam dúvidas. Ele cruzou os braços, seus olhos intensos e sem piscar.

“Então,” disse Simmons, “acha que passou do ponto em que ainda há volta?”

Sem volta?

Isso parecia humilhante, como desistir. Mas a quem Caleb estava enganando? Casamento não é um jogo, alguns dizem que todo o prejuízo fica para o vencedor. É para ser uma aventura comum, certo? E o seu amigo não podia fazer nada por ele.

“Michael.” Ele olhou para cima e lançou um olhar frio para ele. “Eu não tenho uma razão para voltar.”

CAPÍTULO 9

Dezesseis anos de idade, Bethany Dawson parou seu Kia prata em um sinal no centro de Albany, aumentou o volume do rádio, que tocava uma música do *Third Day*^[Nota 1], depois ajeitou o cabelo pelo espelho do retrovisor. Ela gostou das suas novas luzes e tinha a esperança de que elas a fizessem parecer mais velha.

Com sua voz fina, alta, ela estava cansada de ouvir que era mais nova do que realmente era. Sem falar que a sua voz estridente dava às pessoas a impressão que era irresponsável.

Que ridículo. Ela nem era loira.

Mas Kelsey era. Sentada no banco do carona, Kelsey estava buscando nomes na agenda telefônica do seu celular.

Um carro esportivo marrom parou ao lado delas, e Bethany olhou pela sua janela aberta para ver os dois garotos que conhecia da escola. Os dois bonitos. Formandos. O sorriso galanteador fez com que ela se sentisse desajeitada e confiante, tudo ao mesmo tempo.

“Bethany,” Kyle chamou.

“Oi Kyle, Oi Ross.”

“E aí, como estão?” Disse Ross, seu braço sobre o volante.

“O que vão fazer?” Disse Bethany.

“Vamos para a pizzeria encontrar alguns amigos.”

Kyle lançou um sorriso confiante para ela. “Querem vir?”

Ela virou-se para Kelsey esperando uma resposta, esperando que o brilho em seus olhos não fosse tão óbvio.

Os olhos de Kelsey também brilhavam. “Claro,” ela disse.

“Vamos apostar uma corrida.” Disse Kyle. “Se você ganhar nós pagamos.”

As garotas ficaram bastante interessadas.

Kyle encostou-se no banco, olhando para frente. A estrada estava livre para obras, os raios de sol começavam a sair por entre as nuvens sobre a torre central de água. “Pronto – Um”

Tomando fôlego, Bethany desparou na frente dos meninos.

Atrás dela, ela ouviu o grito frenético de Kyle: “Vai, vai, vai!”

Pizza grátis? A atenção de dois formandos? Mesmo em seu Kia, Bethany disse a si mesma que essa era uma corrida que ela precisava vencer.

CALEB ASSEGUROU-SE de que o seu pessoal estava atendendo a todos os detalhes enquanto lavavam o caminhão no bloco externo ao pátio. O rádio estava cantando a nova música do *Third Day* – uma banda que ele particularmente gostava, considerando suas raízes na Geórgia. Ele amava o Sul, as tradições que tornaram essa parte do país tão alegre, e focada na família. Sem falar no clima agradável. Ele não trocava os dias quentes e úmidos de agosto pelo frio de doer os ossos de Nova Iorque ou Wisconsin.

Não, senhor. Não, obrigado, senhora. E todos vocês aproveitem aquela tempestade de gelo, tudo bem?

Por outro lado, o constrangimento de assistir um homem branco tentando dançar perfeitamente... Bem, aquilo era algo a se pensar.

Wayne, contudo, não deu importância.

“Oh sim. Melhor olhar em volta Terrell.” Wayne mexeu seu quadril enquanto lavava o caminhão, então deslizou a cabeça para trás e para frente como se ela estivesse sobre uma vara giratória.

“Porque eu vou lhe dar um pouco disto, e um pouco daquilo.”

Nem o melodramático explica isto.

“Você quer dizer o quê?” Terrell lançou uma risada afiada em suas mãos. “Você tem que ser gentil comigo. Seja lá com o que for que você se pareça, não quer dizer que ninguém mais está vendo.”

“Eu sinto um ar de inveja?”

“Inveja? Wayne, você é uma vergonha para qualquer profissional que já não pode mais dançar.

Wayne não ligava para o que diziam - um pouco disto, e um pouco daquilo.

Caleb pôde ver que Eric não sabia se soltava uma gargalhada ou escondia-se atrás do caminhão. Levava tempo para se acostumar com esses meninos, mas era divertido, e ele suspeitava que o recruta iria acostumar-se logo.

“Eric, ainda tem uma mancha na porta do motorista do caminhão,” disse Caleb.

Caleb deixou a cena da dança e caminhou em direção ao seu escritório, onde as luzes estavam apagadas e a foto do barco dos seus sonhos movimentando-se em ondas virtuais, como papel de parede do seu computador. O que ele não daria para estar no Golfo neste momento, longe do trabalho árduo da estação e das confusões do seu casamento que transformava-se em fumaça.

BETHANY CALCULOU a distância da via férrea diante delas e percebeu que poderia atravessá-la antes que Ross e Kyle as alcançassem com aquela velocidade medíocre com a qual se aproximavam. Ela pregou uma peça neles, e de qualquer forma, ela era uma garota. Eles recuaram depois de amedrontá-la. Ela tinha certeza disso.

Ela estava errada.

“Bethany, desacelera,” Kelsey implorou do banco do passageiro.

A estrada estava estreitando-se em apenas uma pista em cada direção, e Ross parecia querer ultrapassar as meninas antes de cruzarem a linha férrea. Ele não mostrava sinal de desistência. A ponta do carro chegou a arrastar no Kia.

Bethany apertou a mandíbula e fechou os olhos. Um olhar rápido mostrava os meninos rindo, gritando e se divertindo. Eles estavam acostumados com esse tipo de competição, com desafios perigosos, com coisas de macho.

Quem eles pensavam que eram? Ela iria mostrá-los.

Ela pressionou o pedal até o chão.

“Bethany!”

A linha do trem se aproximava delas, prata e cintilante, crescendo cada vez mais. O carro poderia passar por cima do aterro, provavelmente adquirir um pouco de ar, e bater com firmeza no chão. E se elas fossem em direção às árvores que estavam do outro lado? E se -?

Bethany Dawson entrou em pânico com o grito de Kelsey.

E pisou nos freios.

A desaceleração repentina fez o volante soltar em suas mãos, fazendo o painel frontal do lado do motorista desviar-se para o carro esportivo de

Ross. Os metais se amassaram, seguidos de gritos furiosos que se transformaram em gemidos – dos garotos, do grande esforço de Kelsey e do ranger dos carros.

Depois, tentando consertar o que havia feito, ela girou o carro para o outro lado, e o mundo ficou descontrolado em questão de segundos...

Pneus cantando; freios e borracha encontrando-se no ar com cheiro de queimado; a coluna de direção inteira indo na direção dela, imobilizando as suas duas pernas enquanto o Kia bateu com toda a força no poste que continha a placa de sinalização específica de linha férrea; air bags inflaram; e então, finalmente, com movimentos leves, deslizando lateralmente por cima do asfalto e caindo direto no barranco que antecedia os trilhos.

O TELEFONE DE CALEB tocou. O identificador de chamadas o dizia que era o seu pai. “Oi, pai.”

“Filho, está ocupado?”

“Não, acho que não.”

“Eu ouvi a sua mensagem. O que está acontecendo?”

“Bem.” Caleb manteve a sua voz mansa. “Acho que Catherine e eu vamos nos separar.”

“Ah, eu duvido. Todo mundo passa por momentos difíceis.”

“Não, está tudo acabado. Ela disse que quer se separar.”

“Bem, também passamos por isso antes, filho. Ela é uma boa mulher e ela tem trabalhado duro para chegar onde chegou na carreira. Desistir não é uma atitude própria dela.”

“Pode ser que esteja certa.” Disse Caleb. “Não está funcionando.”

“Ouça, por que não vou até aí para conversar com você?”

“Uh...” Caleb sabia que seus pais viveram um tipo de renovo espiritual, e ele teve uma visão repentina do seu pai discursando sobre religião. E todo aquele papo de Deus era interessante para eles, mas não para Caleb. Contudo, ele se segurou dizendo, “Claro, você pode vir amanhã, estarei em casa.”

“Tudo bem. Depois irei -”

O sinal de fogo soou pela estação, ativando a campainha.

“Pai, preciso desligar.”

Caleb se levantou e fechou o telefone. O relógio estava marcando em sua cabeça agora, contando cada segundo que o pessoal levava para pessar pelas portas. Cada segundo importava.

Na parte de cima, a ligação da despachante soou pelos auto-falantes da estação: “Segurança Pública para Caminhão 1, 1º Batalhão. Vá para o cruzamento da Roosevelt e Kelley, Resgate de acidente. Hora de saída, 12h21.”

Acidentes de carro eram sempre os piores.

Caleb correu do seu escritório em direção ao pátio, temendo o que iriam encontrar. Ele viu Simmons vindo em sua direção enquanto Terrell escorregava pelo poste de incêndio. “Este aqui está fechado. Tenente, você e o Terrell podem pegar o outro caminhão e ir conosco.”

“Entendido,” Simmons disse.

Todos prontos, Wayne e Eric estavam se vestindo, empurrando a engrenagem retardadora do fogo sobre seus uniformes de estação. Caleb colocou os suspensórios nos ombros, andando a passos largos, como aprendeu a fazer com o passar dos anos. Ele escalou a bordo do caminhão

com Wayne na posição de motorista e Eric na cabine de trás, colocando seu capacete amarelo.

“Ok,” disse Caleb. “Está bem, vamos lá.”

O motorista deu o sinal positivo e pressionou os interruptores superiores, ativando as luzes e as sirenes. Ele pressionou profundamente a buzina, seguindo para a rua North Jackson, com um helicóptero acompanhando-os. Eles atravessaram avenidas de três sentidos no caminho para a cidade. O sol nascente estava agradável e alegre, não dando uma indicação sequer do cenário ameaçador que em breve encontrariam.

Caleb falou no rádio. “Viatura 1 a caminho da Roosevelt e Kelley, Resgate de acidente.”

Despachante: “Entendido, Viatura 1.”

A voz de Terrell: “Viatura Dois respondendo à Viatura 1.”

“Tenente,” Caleb transmitiu um rádio para Simmons, “Podem preparar as ferramentas Hust caso precisemos.” Ele então voltou-se para Eric, que estava atrás dele. “Fique ao meu lado quando pararmos.”

Eric, com a testa já completamente coberta de suor, segurou o apoio para mãos da porta ao seu lado. “Sim, senhor.”

A viatura fez a curva, andando, agora, paralelo à linha do trem.

Árvores e casas ficavam longe da área, mas o local do acidente ficou rapidamente repleto de pessoas bem intencionadas.

“Já há uma multidão,” disse Wayne.

Caleb esticou o pescoço para ter uma visão mais ampla do acidente. “Está vendo?”

“Um carro está nos trilhos.”

“Você está brincando?”

Raramente sério no tempo livre, Wayne era bastante responsável e sério na hora de um chamado. “Não, isto parece sério senhor.” Ele ligou a sirene para que as pessoas saíssem do caminho.

Caleb ligou o rádio mais uma vez. “Viatura 1 no local. Somos o Comando Roosevelt. Acidente de dois veículos. Talvez estejam presos. Um dos veículos está nos trilhos do trem. Notifique o controlador ferroviário para parar todos os trens.”

“Entendido, comando. Ambulância a caminho.”

Eric estava contorcendo-se no banco de trás.

“Recruta,” Caleb ordenou, “você vem comigo.”

“Vamos gente,” disse Wayne.

Caleb saltou do caminhão, passando por pedestres assustados, com celulares colados aos ouvidos. O outro caminhão estacionou.

Caleb apontou para o carro vinho caído em um buraco, onde dois passageiros encontravam-se imóveis. “Terrell, vocês dois verifiquem o carro. Relatem o que virem. Wayne, preciso de uma mangueira de 4 cm de diâmetro.”

“Entendido, senhor.”

Caleb e o recruta se apressaram, passando por cacos de vidro e peças de carro amaçadas, até o Kia prata onde um grupo de pessoas estava reunido na esperança de ajudar. Saía vapor por baixo da tampa do capô. O teto estava afundado e o para-brisa despedaçado – evidência clara de que o carro capotou. O veículo estava completamente destruído, a roda de trás do lado do passageiro entortou em um ângulo estranho de forma que o eixo desapareceu.

“Eric, cheque o passageiro.”

“Sim, senhor.”

“Está bem,” Caleb direcionou a multidão para própria segurança deles. “Quero que fiquem longe dos trilhos e do veículo.”

Somente com uma voz firme ele seria capaz de estabelecer o controle e promover alguma paz para toda a situação. Ele se ajoelhou ao lado da porta do motorista. “Sou o capitão Holt, do Corpo de Bombeiros de Albany. Estamos aqui para ajudá-la.

“Socorro,” a garota disse com uma voz fina. “Não consigo sair.”

“Qual é o seu nome?”

“Bethany. Por favor, me ajuda!”

“Bethany, farei tudo o que puder para tirá-la daqui, certo?”

Ela concordou com a cabeça.

Caleb observou que Eric estava cuidando da passageira inconsciente, verificando os sinais vitais, avaliando os danos. O recruta estava indo bem.

De volta à motorista imobilizada.

“Por favor,” Bethany choramingou.

Caleb não podia ajudar, mas percebeu que era uma adolescente. Só uma criança. Sua testa estava franzida, a narina esquerda jorrando sangue, tórax elevado. Ele precisava manter a calma ou correr o risco de espalhar pânico e medo, impedindo assim a sua própria tomada de decisão.

“Pode me dizer onde está sentindo dor?”

“Minhas pernas. Por favor, ajuda-me.”

“Está bem.” Ele disse. “Vamos ajudar você.”

Os olhos de Bethany estavam implorando ajuda. Eles pareciam dizer: *Eu estou morrendo e você é a pessoa que pode me ajudar*. Porém, nem sempre ele podia fazer isso. Ele perdeu algumas pessoas ao longo desses anos, e foi dormir algumas vezes com aquelas cenas invadindo seus pesadelos.

“Eu... eu não posso... mover as minhas pernas,” ela disse a ele.

“Estou presa.”

“Estou aqui para ajudá-la, endende? Vamos tirá-la daqui.”

Caleb inclinou-se pela janela e afastou o air bag para avaliar a situação. O que ele viu parou sua respiração.

Notas do Capítulo 9

Nota 1 - Grupo distribuído pela BV Films Editora. [\[Voltar\]](#)

CAPÍTULO 10

Bethany perdia muito sangue, sua perna esquerda estava quase decepada por pedaços de ferro que voaram da carroceria do carro. Como estava presa, não era possível ver a situação difícil onde se encontrava, e o Capitão Caleb sabia que era melhor mantê-la distraída. Ele não precisava que ela levasse um choque.

“Está bem,” ele disse. “Onde mais está doendo?”

“Meu pescoço está doendo.” Ela estava chorando. “Por favor, ajude-me.”

“Ouça, vamos tirá-la daí. Você vai ficar bem, certo? Apenas aguarde mais um pouco.”

“Por favor, não me deixe. Não me deixe morrer.”

Caleb olhou para os seus olhos, sabendo que aquelas pupilas iriam encarar vazios na alma nos anos seguintes. Ele, contudo, não podia deixar aquilo interrompê-lo. Ela precisava da sua força.

Ele estendeu a mão para ela e fez um sinal de afirmação. “Prometo que não vou deixar você. Bethany, você vai ficar bem.”

Eric falou do outro lado do teto destruído, relatando a situação do passageiro. “Capitão, ela está viva, mas inconsciente.”

“Busque o afastador.”

“Sim, senhor.”

Enquanto Eric virou-se para buscar as ferramentas necessárias, Simmons e Terrell correram pelos trilhos.

“Capitão.” Simmons apontou com o dedo polegar, por cima dos ombros, para os meninos no carro esportivo. “Aqueles dois ficarão bem. São ferimentos leves.”

“Tudo bem, precisamos cortar essas ferragens para tirar essas duas daqui. Sanders, ajude Eric com o equipamento Hust. Tenente, cheque se há vazamentos.”

“Sim, senhor.” Simmons tirou o seu capacete e se abaixou ao lado do chassi mutilado.

Perto dali, alguns homens assistiam os eventos e murmuravam entre eles. Alguns metros atrás dele, um carro de polícia arrancou para iniciar o controle da muldidão.

Caleb voltou a atenção para a menina imóvel, que agora estava tentando mover-se, ficando mais desesperada a cada respirar.

Fragmentos de vidros brilhavam como um cordão preso ao pescoço. Ele colocou a mão nos braços dela. “Bethany, a ambulância já está vindo. Vou ficar aqui com vocês.”

Um suspiro. “Está bem.”

“Por um momento, você vai ouvir um barulho muito alto. Significa que iremos tirá-la daí rápido.”

Ela ainda estava consciente. “Tudo bem.”

“Está tudo bem. Você vai ficar bem.”

O apito de um trem soou de longe. Caleb se virou na direção dele e se ergueu, olhos bem abertos seguindo a estrada de ferro em volta da curva. O trem ainda não estava a vista, mas o estremecer do chão poderia ser sentido abaixo dele.

“Capitão?” Simmons ergueu seus pés. “Ouvi um trem?”

Caleb pegou o seu rádio e falou com a Central. “Aqui é o Comando Roosevelt. Há um carro nos trilhos. Avise o controle ferroviário para parar todos os trens!”

“Comando Roosevelt. Escute, não conseguimos fazer contato com o controle ferroviário. Continuaremos tentando.”

O rosto de Caleb se contorceu em frustração e determinação repentina.

“Há um trem vindo,” um observador gritou.

Outros só compreenderam a seriedade do caso agora. “Há um trem vindo. Um trem está vindo!”

Eric e Terrell se aproximaram com a ferramenta. Um implemento hidráulico criado para penetrar no metal e retirá-lo, este era um item poderoso, porém não muito rápido.

“Não. Não temos tempo!” Caleb disse gesticulando para sua equipe. “Vamos precisar tirá-lo dos trilhos.”

Bethany estava chorando mais forte agora, assustada pela chegada do trem e pelo desespero da multidão.

“Vamos logo!”

Não havia tempo para a calma, para conversas ou encorajamentos.

O tique-taque do relógio em sua cabeça chegou ao último minuto, e esse, com toda a sua experiência, era o momento quando não havia muita coisa a ser feita – o mecanismo da mente para tratar com uma emergência de maneira racional e eficiente.

Caleb inclinou-se e tentou colocar o Kia em ponto morto para empurrarem o carro desengrenado. Ele percebeu, pelo canto dos olhos, uma pessoa apontando para alguma coisa na traseira do carro.

O pneu traseiro amassado. Será que ele estava preso nos trilhos?

O assobio do trem soou novamente.

“Vamos,” Caleb encorajou.

Simmons recolocou o seu capacete e pulou em direção a parte de trás do carro, Eric colocou suas mãos por baixo da roda dianteira, e então eles começaram a empurrar para a mesma direção. Terrell agarrou com força a porta do lado do passageiro.

Caleb mais uma vez lutou com a caixa de marchas, encontrando grande resistência. À medida que os bombeiros empurravam, eles perceberam que ainda havia algo que mantinha o carro preso à superfície.

Outro assobio. Mais alto desta vez.

Caleb procurou a força que ainda restava dentro dele. Do meio dos observadores, ele precisava de uma ajuda. E rápido.

Ele viu um fuzileiro naval uniformizado, dois negros fortes, um homem alto com uma leve barriga, duas mulheres preocupadas, um homem de negócios alguns metros de distância. Cada um deles aproximou-se de Caleb. Opções para escolher e colocar em uso. O único problema: ele era proibido de comandar cidadãos e a colocá-los em situação difícil. Ele poderia, contudo, aceitar qualquer socorro oferecido.

Bethany estava gritando, “Por favor, ajuda-me. Não me deixe morrer. Por favor!”

“Capitão, não está andando,” Simmons gritou. “Temos que arrastá-lo.”

“Certo, busque a corrente. Busque a corrente!”

Terrell virou-se em seu capacete amarelo e gritou: “Wayne, prenda a corrente. Prenda a corrente.”

Wayne já estava descendo da escada do caminhão com a caixa de corrente em mãos, instruindo as pessoas a retirarem seus carros

estacionados do caminho. Alguns ouviram, enquanto outros estavam completamente voltados para o trem que agora se aproximava.

No alto, fumaça saía da buzina.

Três faróis dianteiros brilhavam.

Caleb olhou os trilhos e calculou a distância que seria de aproximadamente seiscentas jardas, ainda em uma distância a pouco superior a quatrocentos metros. Mas dependendo de quantos vagões tivesse esse trem, seria necessário mais de quinhentos metros para chegar a uma parada de guincho.

Bethany estava completamente em pânico agora. “Eu não quero morrer, eu não quero morrer! Por favor, façam alguma coisa...”

“Lá vem o trem.” Os pedestres apontavam e gritavam. “O trem!”

Simmons disse: “Capitão, não temos tempo. Vamos ter de levantar.”

“Está bem, Eric – você arrasta a dianteira. Arraste a dianteira.”

O recruta passou para a frente e arqueou as suas fortes pernas.

“Levantar em três, certo?” Caleb disse. “Um, dois, três.”

Os quatro homens usaram toda força possível para levantar o Kia, apesar do carro se mover apenas um centímetro antes de assentar-se novamente no chão. Wayne percebeu que a corrente estava fora de questão, arrastou a caixa e deixou-a de lado para ajudar. A multidão agora estava toda em volta do carro, enquanto nos dois lados dos trilhos, policiais tentavam afastar as pessoas do cruzamento.

Simmons gritou: “De novo.”

“Certo”. Caleb contou: “Um, dois, três... Arggghh.”

Nesse momento o veículo pareceu pronto a obedecer, caindo e retrocedendo, movendo-se apenas alguns centímetros da posição inicial.

“Precisamos tirar esse carro dos trilhos! Um, dois, três.”

Nenhum resultado.

A multidão gritava pois a locomotiva avançara metade do caminho. Os freios faziam barulho, mas era visível que o trem passaria pelo cruzamento antes de parar.

“De novo, Capitão!”

Caleb estava pronto para contar mais uma vez, quando ele avistou alguns homens levantando o carro em ambos os lados.

A situação horrível finalmente afastou o medo deles e os colocou em atividade. Um fuzileiro. Um jovem negro. Um rapaz vestido com uma camisa polo e um policial.

“Um, dois... três!”

Com as mãos de nove pessoas fortes, com pernas, costas e ombros fortes, o carro se desprende e começou a movimentar-se para a lateral, saindo dos trilhos. Cada som da buzina proporcionava uma nova energia para eles.

Outro silvo. Quinze centímetros.

Rápido! Quinze centímetros. Rápido!

Os gritos eram horrendos agora, a multidão perdida em um momento de pânico e terror.

“Senhor, ajuda-nos!” Simmons clamou.

“Ahhhaahhhaahhhaahhh...”

Eles estavam muito perto, perto demais.

Situado na ponta do carro mais próxima ao trem que se aproximava, Tenente Simmons lançou a cabeça para trás, fechou os olhos e levantou o peso com os dois braços enquanto utilizava sua coxa para empurrar o carro, que estava a poucos centímetros de um destino cruel. Uma onda de calor, um vento aquecido passou por ele enquanto a máquina passava por eles.

O barulho de metal contra metal.

Kabuum!

Simmons gritou quando seu chapéu foi roubado de sua cabeça pela força do trem, a faixa que prendia-o ao queixo de Simmons fora arrebatada como uma faixa de borracha. O sólido e bruto metal do trem golpeou a parte de trás do capacete e o jogou a aproximadamente sete metros de distância de onde ele estava.

Completamente imóvel em virtude do choque, cabeça ainda virada para trás e olhos ainda fechados, ele soltou um grito assustador que competiu em volume com o grande estrondo do trem que passava.

Agora que o carro estava fora de perigo, Caleb e os outros homens arrastaram o veículo ao lado dos trilhos. O fuzileiro ao lado de Simmons puxou-o para baixo, para longe do perigo e colocou sua mão nas costas de Simmons em sinal de conforto.

Finalmente, a velocidade da locomotiva estava diminuindo a fim de parar.

No banco da frente do Kia, Bethany ainda gritava entre respirações aceleradas.

CAPÍTULO 11

Busque os afastadores,” Caleb lembrou o recruta, agora que o carro estava fora dos trilhos. O tempo ainda era algo fundamental nesta operação, apesar do desastre que evitaram.

O som da sirene da ambulância o acalmou. Nos trilhos, o som dos freios silenciaram, e o condutor estava agora tropeçando ao longo da barragem, tonto.

“Paramédicos,” Wayne gritou. “Paramédicos!”

Dois médicos se aproximaram para prestar assistência. Um entrou no carro pela janela de trás para alcançar melhor a passageira inconsciente, enquanto o outro, um cavalheiro mais velho, arrancou o *air bag* para ter melhor visibilidade.

“Você vai ficar bem,” Caleb disse a Bethany, sentada no banco do motorista. “Está me ouvindo? Vai ficar bem.”

Ele olhou para frente e viu Simmons andando lentamente em direção de um declive, ainda tonto. O fuzileiro estava com as mãos sobre seu chapéu camuflado, respirando profundamente.

Terrell e Eric faziam o gerador funcionar e mantinham as ferramentas conectadas, prontas para cortar os apoios das janelas do carro e retirar o teto amassado. No próprio veículo, o pessoal da ambulância cobriu as duas meninas com uma coberta para protegê-las de qualquer pedaço de vidro ou metal que pudesse voar durante todo o processo.

Terrell posicionou os alicates e começou a cortar.

A equipe médica se afastou e Caleb disse ao que estava mais próximo: “Tem dois garotos com ferimentos leves. Essas meninas estão muito mal. A

motorista sofreu um trauma terrível nas duas pernas. Seu nome é Bethany.”

“Entendemos. Obrigado capitão.”

Caleb olhou com uma visão geral. Ele viu testemunhas olhando em silêncio, cada uma com o semblante fechado, resultado do choque que presenciaram. Outros choravam lágrimas de alegria e alívio. Alguns dos voluntários no resgate ainda estavam próximos, e ele tirou as luvas enquanto se aproximava do fuzileiro e do jovem negro que ‘entraram na briga’.

“Senhores.” Caleb apertou a mão deles. “Obrigado pela ajuda.”

“De nada.”

“Eu não sei quanto a vocês, mas aquilo me assustou.”

“Está brincando?” Disse o jovem.

Caleb se voltou para o fuzileiro. “Não podíamos mover o carro sem a ajuda de vocês. Obrigado.”

“De nada senhor.”

“Vocês agora são heróis. Vocês sabem que os repórteres vão querer entrevistá-los.”

“Que nada!” Disse o primeiro homem.

O fuzileiro concordou. “Fizemos para ajudar, senhor. Não precisamos de entrevista.”

Os dois bateram no ombro de Caleb e saíram.

O Capitão recolheu o que sobrou do capacete do tenente e voltou para o caminhão. Sentado na grama, Simmons abraçava os joelhos e mantinha os olhos fechados.

“Obrigado,” ele sussurrava. “Obrigado, Senhor.”

“Ei, você está bem?”

Simmons olhou para cima, sobrancelhas unidas sobre olhos realçados. “Capitão, só preciso de um minuto.”

Caleb entregou a Simmons o capacete rachado.

O homem pegou o capacete com as duas mãos e olhou para ele como se esperasse encontrar sua cabeça nele. “Bem”, ele apontou. “Quebrei meu recorde de chegar perto da morte e sobreviver.”

“É? Não quebre da próxima vez.”

“Não estava tentando quebrar desta vez.”

Caleb lançou um olhar profundo para ele, e então levantou para sair.

“Ei...,” Simmons disse. “Não diga nada a minha esposa.”

Quando se tratava de vida ou morte ou de perdas semelhantes, era melhor manter entre eles. Entre os bombeiros, esse era o acordo. Caleb fez um sinal positivo com a cabeça concordando, colocou a mão no braço do seu amigo e o deixou sozinho com seus pensamentos.

DE VOLTA À ESTAÇÃO Um, os bombeiros desceram do caminhão e tiraram os suspensórios e as roupas de bombeiro. Caleb checkou se estava tudo em ordem no caminhão. Do lado de fora, Eric e Simmons estavam retirando a calça do uniforme e as botas.

Apesar do ar de alívio, havia uma preocupação quase palpável no ar. Eles podiam ter perdido uma adolescente. Ou até mesmo um deles.

“Ei, Tenente!” Disse Eric.

Simmons olhou para cima. “Sim?”

“Esse tipo de coisa não acontece o tempo todo, certo?”

“Arriscamos nossa vida? Sim. Brincar assim com um trem?

Primeira vez.”

“Não tem medo de morrer?”

Terrell estava tirando o casaco e alcançou os olhos de Caleb.

Os dois se viraram para o colega para ouvir a resposta.

“Não,” disse Simmons, “sei para onde vou depois. Só não quero chegar lá porque fui atropelado por um trem. “Ele pegou seu capacete comemorativo e caminhou em direção às portas do fundo da garagem. “Eric, por que não vem me ajudar com o jantar?”

“Só se você não me fizer comer com aquele seu molho.”

“A Ira de Deus?”

“Aquela coisa é picante feito -”

“Vamos logo.”

Os dois homens tocaram de leve o poste de incêndio enquanto saíam, e Caleb riu enquanto saíram. Ele virou-se para seguí-los, com a intenção de escrever um relatório antes de comer alguma coisa.

“Ei, capitão.” Terrell o parou. “Espere um segundo.”

Caleb parou.

“Você sabe para onde vai?”

“Estou indo para o meu escritório,” Caleb disse.

“Não, digo...” Terrell irritou-se. “Acredita em céu e inferno?”

“Eu não sei.”

Wayne desceu do caminhão ao lado deles.

“Bem, quando eu morrer,” disse Terrell, “vou para debaixo da terra e vou ficar lá.”

Caleb deu de ombros. “Você e Michael parecem convencidos, mas um de vocês está errado.”

Terrell logo se defendeu. “Não sou eu.”

“Como você sabe? Você pode não concordar com o Michael mas nós sabemos que o cara é bom.” Caleb caminhou em direção ao fundo do pátio enquanto Terrell cruzava os braços sobre sua barriga nada pequena.

“E você Wayne?” Terrell disse.

“Não me meta nessa história.”

“Cara, você acredita em céu e inferno?”

“Talvez,” Wayne confessou. “Estou aberto às possibilidades.”

“Pois eu não estou.”

“Sim, nós sabemos.”

“Bem, e se todos estivessem errados e fosse tudo uma grande brincadeira?”

“Então”, disse Wayne, alto o suficiente para Caleb escutar, “eu acho que ficarei deitado ao lado dos seus ossos patéticos. E quem disse que os mortos não podem dançar?”

“Está brincando? Você está vivo Wayne, e ainda assim não pode dançar.”

TRÊS DIAS DEPOIS, após um fim de semana com jogos de softbol e festas de aniversário, Tenente Simmons voltou para a estação. Ele estava vinte minutos adiantado. Isto deu a ele a oportunidade de relaxar em um banco da cozinha, com o jornal *Albany Herald* espalhado no balcão.

À sua esquerda, um poster do CPR pendurado na parede. À sua direita, uma lista de tarefas da portaria estava presa no armário. Ele se deparava com as responsabilidades do trabalho e as tratava com muita seriedade.

Durante sua viagem de dois anos para o norte de Bagdá, como mecânico de tanque do exército, ele testemunhou a luta diária entre a vida e a morte, entre prisão e liberdade. Era difícil voltar para uma cultura complacente após presenciar tudo o que presenciou. Ele sentia-se, às vezes, como se fosse mais útil no Iraque do que aqui, em solo amigo.

O que ele podia fazer, contudo, era o seu melhor – para sua esposa, seu filho e seus amigos bombeiros.

“Tudo o que vier às suas mãos para fazer faça conforme as suas forças...”

Ele vivia por aquelas palavras de Eclesiastes. Ou tentava, de uma forma ou de outra. Ele recebeu uma segunda chance e pretendia utilizá-la sabiamente.

PARTE 3

CINZAS

MAIO DE 2008

CAPÍTULO 12

Caleb abriu as cortinas da sala de jantar e viu o carro dos seus pais se aproximando da garagem. John e Cheryl Holt viajaram de Savannah, e ele entendeu que deveria ser grato pela preocupação deles. Por outro lado, como um homem americano saudável – um homem que venceu por seus próprios esforços, certo? - ele acreditou que seria capaz de enfrentar sozinho os problemas do seu casamento. Certamente haveria uma solução lógica. Algo óbvio.

Ele sabia que não estava tratando com uma criatura lógica, certo?

Veja, era parte do problema.

Ele conduziu os seus pais para dentro de casa. Ofereceu um chá para sua mãe. Preparou uma vasilha com aperitivos que ficou intocável. Aparentemente eles não tinham mais apetite durante esta conversa do que ele.

“Filho, você pode nos contar o que está acontecendo?” John disse solenemente.

Sentindo-se na defensiva e impotente ao mesmo tempo, Caleb sentou-se no sofá de dois lugares – como era confortável – e olhava para seus pais no outro sofá.

John tinha cabelos brancos ao redor da cabeça e um par de óculos com armação de ferro, que o proporcionava uma aparência culta e filosófica. Cheryl tinha cabelos curtos, grisalhos, e se apresentava como de costume, com uma blusa verde clara e um colar de pedras.

“Caleb,” ela disse com um forte sotaque do Sul, “eu não posso me preocupar com vocês dois. Catherine está fazendo tudo certo?”

“Catherine? De que lado você está mamãe?”

“Oh, não digo a respeito a lados. Por ter se casado com você, ela é como uma filha para nós.”

Não tinha como discordar disso. Caleb experimentou aceitação semelhante da família de Catherine. Claro, com seus atuais problemas, ele não fez esforço para se comunicar com eles. Ele e o aposentado Capitão Campbell nem saíram para pescar esse ano, e isso era a primeira vez que acontecia.

“Então,” ele disse. “Acho melhor desconsiderar tudo isso...”

John negou com a cabeça. “É por isto que estamos aqui, filho.”

Sem mais demora, Caleb desabafou toda a sua frustração. Parecia bom compartilhar isso com alguém, mesmo se John e Cheryl não fossem exatamente excelentes exemplos de casal feliz – pelo menos não foram no passado.

A infância de Caleb foi cheia de batidas de portas, barulho de panelas e vasilhas, e gritos altos o suficiente para a visita de um policial. Ainda pior foi o longo período de silêncio de seus pais, no qual não falavam um com o outro. Eles passavam um pelo outro, cautelosamente, como se encontrassem um animal morto na estrada.

Isso foi pior que os gritos – caminhar em cascas de ovos e nunca saber quando a próxima explosão iria acontecer.

Ainda assim, eles eram seus pais. Ele poderia considerar qualquer conselho que viesse deles, especialmente à luz do amor que parecem ter reencontrado nos últimos anos. Eles não apenas se amavam, eles pareciam curtir um ao outro.

Bom para eles. Pelo menos alguém estava feliz.

“Caleb,” John disse olhando por trás das lentes dos óculos, “há quanto tempo tem sido assim?”

“Não sei pai. Nós brigamos de vez em quando, mas agora parece que ela está sempre frustrada comigo. Eu entro em casa e ela já está irritada com algo.”

Sua mãe se inclinou para frente, mãos cruzadas e olhos cheios de cuidado. “Deu motivo para ela se irritar? Nunca vi Catherine agir sem razão.”

“Escute,” disse Caleb, “posso ter salvado duas vidas no trabalho, mas se não ajudei a lavar os pratos, sou um péssimo marido.”

“Mas ela também precisa da sua ajuda, filho. Ela não ajuda os pais toda a semana? Ela não pode fazer tudo por aqui.”

“Mãe, o que é isso? Parece que está novamente do lado dela.”

“Bem, mas se ela trabalha e está tentando -”

“Mãe, não preciso que me diga que faço tudo errado. Tenho Catherine para isso. Não sou o problema. Ela é.”

À mesa, uma combinação de vela de várias camadas mantia-se erguida como um lembrete da mais nova obsessão de Catherine.

Essa era a sua realidade, perfumando a casa com todos esses caprichos – na verdade, apenas cera fria – que para Caleb parecia mais com uma afronta subconsciente.

Ele era bombeiro. E ela? O que ela fazia?

Ela saía acendendo fogo, enquanto ele tentava apagá-lo.

“Se ela pelo menos demonstrasse um pouco de respeito,” Caleb disse, “então teríamos alguma coisa para refletir aqui.”

“Só disse que,” Cheryl respondeu, “se ela trabalha -”

“Certamente, ela está trabalhando e eu estou feliz por ela. Isso não significa que ela pode roubar o meu sonho, certo? Eu sei que as coisas estão difíceis para os pais dela, mas nós os ajudamos.

Pelo amor de Deus, eu salvei o seu pai daquele incêndio.”

John Holt inclinou a cabeça um pouco para frente. “Você ainda se apoia nesse acontecimento?”

“Eu não estou me apoiando em nada, pai. Eu só estou colocando os fatos. Eu não posso sair salvando vidas, apagando incêndios, e depois sair pagando a conta de todo mundo envolvido nisso. Todos nós temos nossos próprios fardos, certo? E se sou esperto o suficiente para economizar e guardar um pouco, então o que há de errado em curtir o que economizei?

“Nada.”

“Isso mesmo. Nada.”

“Você só precisa se colocar no lugar de Catherine,” Cheryl disse. “Ela está -”

“E por que ela não se coloca no meu lugar, hein?”

“Cheryl.” John colocou uma das mãos no pulso de sua esposa.

“Por favor, vamos ouvir Caleb. Quero saber o que se passa com ele.”

“Pai, posso falar alguns minutos com você a sós?”

Cheryl pareceu ter ficado ofendida. “Caleb, eu só quero ajudar você e Catherine.”

“Pai.”

John virou-se. “Querida, por que não nos deixa dar uma volta?

Está tudo bem.”

Cheryl observou os dois e olhou para o vazio através da janela.

“Está bem.”

John vestiu uma jaqueta escura e seguiu Caleb pela porta de trás. Eles concentraram os passos em um caminho que lembrava os carvalhos espanhóis e o drapeamento de musgos. Um rio com uma leve corrente, alcançava parcialmente antigos postes de madeira de uma doca utilizada há muitos anos por um acampamento de verão. Pedacos de madeira de salgueiro descansavam à margem do pequeno rio.

Caleb passava pelas folhas que estavam em todo o caminho.

“Pai, por que você a trouxe?”

John reagiu como se acabasse de receber um insulto: “Porque ela é minha mulher. E sua mãe. Ninguém o ama mais do que ela.”

“Ela... ela está sempre tentando me consertar. Ainda está tentando me consertar.” Caleb sacudiu as mãos dentro dos bolsos da calça feita com tecido de veludo. “Não estou quebrado.”

“Filho, se está procurando pela mãe perfeita, receio que isto não exista. Mas ela é uma boa mulher. E agora eu a amo mais do que nunca.”

“Eu não estou dizendo que não a amo. Só que ela...” Ele fez um movimento com as mãos fechadas e continuou. “Ela – ela...

me irrita.”

“Não reparou que ela mudou nos últimos anos?”

“Sim, ela o trata melhor. Mas você aguentou muita coisa nesses anos todos.”

John riu do comentário do filho. “Ela também.”

“Fico feliz que não tenham se separado, mas eu teria entendido se tivessem.”

“Sabe por que não nos separamos?”

Caleb meditou por um momento. “Não. Ela percebeu que não arrumaria ninguém melhor?”

“Não. Caleb o Senhor nos ajudou – a nós dois.”

“O *Senhor*?” Caleb lançou um olhar para o seu pai e parou à sombra de um carvalho. “Está dando crédito a Deus?”

“Por que isso lhe irrita? Você sempre acreditou em Deus.”

“Se Deus existe, não está interessado em mim ou em meus problemas.”

“Eu discordo. Eu diria que Ele está muito interessado.”

“Então, onde Ele tem andado?”

“Ele trabalhou ao seu redor mas você não reparou. Você não lhe fez exatamente um convite.” John virou-se, mãos no bolso, e caminhou em direção à luz solar de uma clareira próxima. Ele parecia insensível ao contratempo do seu filho. “Que lugar é esse?”

Caleb seguiu-o. Ao redor de um local reservado para fogueira, pedaços de tronco que serviam como assentos estavam de frente a uma velha cruz de madeira. “Havia uma colônia de férias no lago.

Isto devia fazer parte dela.”

John analisou a cruz. “Eu já vivi a situação que você está vivendo.”

“Cansado de tudo?”

“Definitivamente.”

“Pronto para jogar a toalha?”

“A toalha?” Seu pai riu. “Eu queria jogar toda a roupa da lavanderia.”

Caleb gostaria de saber onde seu pai queria chegar. Seus pais nunca falaram muito a respeito das dificuldades matrimoniais e, conforme manda o figurino, a recente viravolta aconteceu inexplicavelmente. Isso gera algumas ideias interessantes.

“Eu sei que você e a mamãe enfrentaram alguns anos difíceis,”

ele disse.

“Sim, enfrentamos. Naquele tempo, pensava que Deus não importava para mim. Mas não diria mais isso.” John ergueu o queixo, deixando o sol tocar em seu rosto e alisou sua testa e expressou um olhar de contemplação. “Nunca entendi por que Jesus precisou morrer na cruz pelos meus pecados. Sempre achei que fosse uma boa pessoa, e eu -”

“Pai, pai, pai por favor. Tivemos esta conversa mês passado.

Fico feliz que sua nova fé funcione para você e para a mamãe. De verdade. É só que... não serve para mim.”

John olhou para o chão com os olhos tristes, como se procurasse uma resposta apropriada para o comportamento arrogante do seu filho.

Caleb se afastou. Ele já havia dito mais do que pretendia.

“Diga-me Caleb.” O tom de voz de John o parou no caminho.

“Existe algo em você que deseja salvar o seu casamento?”

Ele encarou seu pai e avaliou a pergunta. Será que ele queria salvar seu casamento? Ele estava mesmo disposto a se esforçar mais um pouco para salvar seu relacionamento que caminhava em direção ao fracasso? “Talvez,” ele disse. “Se Catherine quisesse.

Mas ela quer o divórcio.”

“É isso que você quer?”

“Eu quero *paz*. E que diferença isso faz? Se ela assinar os papéis, pai, está tudo acabado.”

“Você concordou em iniciar o processo?”

“Não, mas eu acho que entendemos que é o que vai acontecer.

Planejei falar com meu advogado amanhã.”

John permaneceu calado por um momento. “Caleb, quero que faça algo por mim.”

“O quê?”

“Quero que adie o divórcio por quarenta dias.”

“Por quê?”

“Vou lhe enviar algo pelo correio. Algo que vai demorar esse tempo para fazer.”

Caleb cruzou os braços. “O que é?”

“Foi o que salvou o nosso casamento.”

“Papai.” Caleb respirou fundo. “Se for algo religioso, prefiro que não envie -”

“Pense nisso como um presente do seu pai. Viva um dia de cada vez, e verá o que acontece.”

Caleb demorou a aceitar a ideia. Ele passou a mão na parte de trás do pescoço e pensou a respeito. Isso era inútil, claro, e tudo o que isso poderia proporcionar era uma tortura desnecessária pelas próximas cinco ou seis

semanas. Por outro lado, isso seria algo muito chato para Catherine. Como casal, eles já causaram bastante sofrimento um para o outro – por que não suportar mais um pouco?

“Por favor, filho.” John colocou uma das mãos no ombro de Caleb. “Se não for por outro motivo, faça por mim. Estou pedindo isso como seu pai.”

“Quarenta dias?”

“Quarenta dias.”

Caleb olhou para seu pai, então olhou para o lago iluminado pelo sol. No outro lado, a doca que permanecia forte há algum tempo estava agora enraizada, inclinada e quebrada em pedaços, parecendo não ter propósito algum.

CAPÍTULO 13

Catherine colocou a sua bandeja com o almoço sobre a mesa da cantina do hospital e sentou-se, postura ereta vestida com seu casaco preto, cabelos sedosos caindo sobre os ombros. Ela escolheu brócolis e frango para o seu almoço, que tinha um aroma muito agradável. Ela retirou o invólucro do seu canudo, apoiou-o em seu copo de chá, e preparou-se para comer.

“Comendo sozinha?”

Ela ergueu a cabeça para ver Dr. Keller de pé próximo à sua mesa. Ele vestia um jaleco branco sobre as calças, com um estetoscópio pendurado sobre sua camisa listrada de tecido oxford.

Ela expressou um sorriso amigável. “Olá Dr. Keller.”

“Gavin.”

“Gavin.” Ela colocou os cabelos para trás da orelha. “Perdão.

Como está?”

“Estou bem. Eu só... eu só preciso de um lugar para colocar meu prato. Este lugar está reservado?”

“Uhn... Deidra vem me encontrar, mas pode se juntar a nós.”

“Já que insiste, não quero incomodar.”

Incomodar?

O doutor parecia bondoso demais, mas ela não iria deixá-lo se aproximar demais ou algo parecido. Ela ainda estava casada, apesar de tudo. Apenas

por alguns dias, de qualquer forma. Semanas, no máximo. Ela não se importava com a presença de um homem educado, de uma pessoa educada que a olhava nos olhos e mostrava interesse por ela. Isso é tudo o que uma mulher deseja, não é – se esse desejo não fosse arrancado dela por mentiras e abuso?

Catherine sempre recebeu a atenção dos homens, mas sempre de maneiras erradas. Caleb não foi assim. Sim, ele a notou, mas passou os três anos seguintes cortejando-a, esperando-a ficar um pouco mais adulta, dando tempo para tornar-se mulher.

Uma vez que conseguiu o seu prêmio, contudo, ele deixou tudo se perder pelo caminho.

Catherine Holt era uma pessoa independente, e ela se orgulhava disso. Por dentro, contudo, ela sabia que ainda existia uma pequena garota que desejava ser admirada e entendida. Essa necessidade não desapareceu no altar.

E aqui estava Gavin...

O jeito dele... era intrigante. Não incitava desejo físico tanto quanto despertava desejo emocional. Um sentimento de conexão.

Catherine tocou o cabelo novamente, lançando um olhar recatado ao doutor à medida que ele ocupava o seu lugar próximo a ela. “Vai comer usando seu jaleco branco?”

“Bem, preciso seguir a última moda.” Gavin retirou o seu estetoscópio e o colocou sobre a mesa. “Parece que é o que os médicos usam hoje em dia, mas não é boa ideia enquanto estou comendo.”

Catherine assistia enquanto ele retirava o jaleco e o colocava sobre o encosto da sua cadeira. Ele parecia bastante interessante usando uma camisa social com gravata. Ela percebeu que ele não tinha aliança.

Pare, Cat. Nem pense em uma coisa dessas.

Ela disse: “Não sabia que os médicos se preocupavam com moda.”

“Bem, precisamos nos igualar à moda atraente que as pessoas de Relações Públicas usam.” Seus dedos encontraram o cotovelo dela. “Não quero parecer mal vestido.”

“Entendo.” ela sentiu o sangue subir todo para o seu rosto.

“Como só há uma pessoa nessa categoria tenho certeza que ela está honrada.”

“E deveria.”

Catherine olhou para frente e encontrou seus olhos, sentindo-se agitada por dentro.

“Ela é incrível.” Gavin acrescentou com uma voz suave.

Com uma risada discreta, ela voltou a atenção para o almoço.

Ela não se lembrava da última vez que sentiu esse tipo de emoção, essa mistura entre confusão e prazer. O seu flerte parecia inadequado, para não dizer claramente antiético. Ainda assim era agradável. Muito agradável.

NO VESTIÁRIO do corpo de bombeiros, Wayne passeava caminhando em direção ao espelho com sua *necessaire*. O seu rádio estava apoiado na pia, e o ritmo que saía dos alto-falantes era um que ele não podia resistir.

“Oh yeah!”

Notas graves em alto som preenchiam o ambiente, segurando-o pelo quadril e movimentando-o para os lados. Por que lutar contra o talento explícito que ele possuía?

“Ei, você está bonito.” Ele disse para o seu reflexo no espelho.

Com sua camisa de Bombeiro solta por cima da bermuda azul-marinho, ele começou a tocar de leve os cabelos, com as mãos sujas de gel. Isso deu trabalho, levou tempo, mas era a importância que dava aos detalhes que atraía a atenção das mulheres. Certamente, ele carregava alguns quilos a mais ao redor da cintura. E os fios de cabelos estavam começando a desaparecer, mas nada disso poderia superar o efeito hipnotizante dos seus grandes olhos azuis.

Ele piscou para si mesmo.

Sim. É dessa forma que ele é conhecido por levar as mulheres ao delírio.

Pelo menos ele achava que era assim. Nunca aconteceu na verdade, mas ainda havia tempo. Ele tinha apenas vinte e nove anos, estava na flor da juventude.

Sozinho no vestiário, ele retirou o vapor do espelho e inclinou--se até ver nada além do grande Wayne. Ele visualizou uma garota do outro lado do espelho, olhando para ele, desejando-o, mas intimidada pela sua beleza devastadora.

“Ei,” ele disse fingindo ser a parceira imaginária. “Você é muito bonito.”

Ele deu dois tapas no cabelo com as mãos sujas de gel e respondeu: “Obrigado. Tento cuidar de mim mesmo.”

Ele deixou a música mexer sua cintura.

Ele ergueu os cotovelos, olhou para a esquerda, olhou para a direita, para cima e para baixo.

“Gosta dessa música?”

Ele levantou as sobrancelhas em resposta. “Sim.”

Ele novamente olhou para a direita e para a esquerda. “Está sentindo isso?” Esquerda, direita, para trás e para frente. “Chama-se química. E nós

temos isso.”

A música teve uma pausa repentina. Com um olhar exagerado para o seu reflexo no espelho, Wayne saiu de cena como se estivesse caído, e depois voltou junto com a música. Suas pernas se moviam, sua cintura balançava, e seus olhos contemplando profundamente o espelho mais uma vez. Ele acenou e lançou o que na opinião dele era um sorriso sedutor, mesmo parecendo um pouco, bem... estúpido.

“Está certo,” ele garantiu para sua garota imaginária. “Wayne não vai deixar você.”

Ele colocou toda a sua energia na música agora, girando a cabeça, sacudindo os ombros, se movimentando, mostrando para a sua garota e para o mundo inteiro que este garoto branco tinha ritmo.

“Sim, *garoto*.”

O barulho da porta atrás dele gerou uma parada abrupta da dança. De volta ao normal. Era possível ver através do espelho Terrell entrando no vestiário, e o homem negro de baixa estatura já lançava sobre ele um olhar de desconfiança.

“Ei, cara,” Terrell disse. “Cara, viu minha bolsa por aqui?”

“Não.” Wayne balançou a cabeça. “Não vi.”

“Tudo bem. Deve estar no meu armário.”

Wayne colocou creme dental em sua escova de dentes e esperou Terrell virar as costas e ir para o chuveiro para que pudesse voltar a dançar. Mas por que ele deveria ficar envergonhado? Não, Wayne não estava envergonhado. Era só que a dança do amor, a interação entre um homem e uma mulher – isso era particular.

Além disso, ele não queria que nenhum dos seus segredos se tornasse público. Ele preferia guardá-los para uma ocasião real.

Ele piscou para o espelho.

Viu, não se preocupe. Wayne está de volta.

Ele olhou duas vezes para certificar-se de que Terrell estava fora de cena. Então ergueu uma sobrancelha para o espelho.

“Onde estávamos?”

Ele continuou de onde havia parado, dançando, piscando para si mesmo, se perdendo no sonho de ter um relacionamento com uma mulher atraente.

“Ha-ha-haaa!”

Wayne virou a cabeça e viu Terrell espiando-o por trás da parede do box, seu rosto retorcido pela alegria exagerada.

“Qual é, Terrell.”

“Woووو.” Terrell imitou seus movimentos, girando a cintura e os braços.

“Não tem graça! Isso não é um espetáculo.”

Terrell riu em dobro, mal conseguindo controlar seus gritos e risadas.

“Este é o meu tempo comigo.” A voz de Wayne falhou.

“Terrell, onde está a minha privacidade?”

Ainda gargalhando, o outro homem saiu de cena. “Wayne, você é muito engraçado.”

Wayne não fez nenhum comentário engraçado a respeito disso.

CAPITÃO CALEB HOLT e o Tenente Michael Simmons estavam à mesa na área da cozinha, com a luz limitada a uma lâmpada sobre o fogão. Eles

comeram uma quentinha de comida chinesa mais cedo, e o resto da equipe estava livre, assistindo TV na área da sala. As tarefas da estação estavam completas, a noite dava boas vindas à cidade de Albany, e eles não esperavam por desastre esta madrugada.

“Quarenta dias?” Simmons disse. “Catherine sabe disso?”

“Não vou contar a ela.” Caleb mexeu seu café com um par de palitos usados para comer comida chinesa. “Se ela quiser pedir o divórcio o problema é dela.”

Simmons hesitou. “Divórcio é algo difícil, cara.”

“Bem, se trazer paz...”

“Mas Caleb, você quer o tipo certo de paz?”

“O que você quer dizer com isso?”

“Você sabe o que a aliança no seu dedo significa?”

“Significa que eu estou casado.” Caleb bebeu um pouco do seu café.

“Sim. Mas também significa que você fez uma promessa para a vida toda – você colocou a aliança enquanto fazia seus votos.”

“Tenta dizer isso para a minha esposa. Ela nem está usando a aliança dela nesses últimos dias.”

“É mesmo?”

“Não nas últimas duas semanas.” Caleb deu de ombros. “Não que eu me importe.”

“Sim, é difícil se importar quando sente medo de ser ferido.

Você sabe, a parte mais triste é que quando a maior parte das pessoas prometem na alegria ou na tristeza, elas só querem dizer na alegria.”

Caleb moveu-se na cadeira. “Ouça, Catherine e eu estávamos apaixonados quando nos casamos, mas hoje... somos duas pessoas diferentes, certo? Não está mais dando certo.”

Simmons respirou fundo e deu uma olhada em volta da mesa.

Ele pegou o saleiro e o pimenteiro, posicionando para que o capitão visse. “Caleb, pimenta e sal são completamente diferentes.

Substâncias diferentes, gosto e cor diferentes. Mas você sempre os vê juntos.”

“É?”

“E quando você... espere um minuto.”

Caleb colocou a mão nos lábios e esperou.

Simmons colocou os recipientes na mesa e deslocou-se para trás com a cadeira a fim de pegar alguma coisa na gaveta. Ele voltou com um tubo de cola.

“O que está fazendo?”

Simmons ficou em silêncio, simplesmente colocando um pouco de cola no compartimento da pimenta e colando-o ao saleiro.

“Michael,” Caleb esticou as mãos. “Ei, por que fez isso?”

Seu amigo colocou os dois compartimentos juntos, deixando a cola entrar em ação. Então, levantou o par de compartimentos para observação. “Caleb, quando duas pessoas se casam, é para a alegria ou tristeza. Na riqueza ou na pobreza. Na saúde e na doença.”

“Eu sei disso. Mas casamentos não são à prova de fogo. Às vezes você se queima.”

Simmons colocou o seu projeto sobre a mesa. Ele encarou seu capitão com um olhar severo. “Ser à prova de fogo não significa que não haverá fogo, mas sim que, quando ele vier, você poderá aguentar.”

Caleb limpou a garganta, devolveu o olhar severo, e então segurou os compartimentos. “Não precisava colá-los.” Ele começou a descolá-los.

“Não faça isso Caleb.”

“O quê?”

“Se você os separar agora vai quebrar um ou os dois.”

Isso era ridículo. Caleb agora entendia onde Simmons queria chegar, e ele não gostou disso. Ele colocou os compartimentos de volta na mesa – com força. Ele disse: “Eu não sou uma pessoa perfeita, mas melhor que a maioria. E se o meu casamento está acabando, a culpa não é só minha.”

“Mas Caleb, eu já o vi entrar em um prédio em chamas para salvar pessoas que você nem conhecia. Mas agora vai deixar seu casamento queimar até o chão.” Simmons reforçou esta última colocação com um movimento de uma das mãos, como se estivesse derrubando um prédio inteiro.

Essa atitude confrontadora não apenas abalou Caleb, mas também o deixou irado. Que direito esse cara tinha de dar palpites na sua vida pessoal? Sim, eles eram colegas de trabalho. Amigos nos últimos cinco anos.

Mas isso não dava ao Simmons o direito de agir como se tivesse todas as respostas.

Caleb curvou-se sobre a mesa. “Michael, você é meu amigo. E eu permiti que você falasse comigo de igual para igual. Mas não abuse.”

Simmons olhou para baixo, seus olhos negros e ilegíveis.

Caleb levantou-se e caminhou em direção a saída. Ele sentia dor de cabeça, e ainda tinha uma noite inteira pela frente. Ele desejava que tudo ficasse calmo para dormir um pouco – acreditando que conseguiria mesmo dormir.

ELE CORREU na manhã seguinte após o trabalho, limpando sua mente e eliminando suas frustrações através do suor. À medida que fazia a curva no caminho de volta para casa, ele viu o caminhão do correio saindo da sua casa.

Ele parou em frente à caixa de correio. Recolheu as correspondências. E lá estava, em um envelope acolchoado cor de canela, como prometido pelo seu pai.

“Bem, vamos ver o que isso pode fazer.”

CAPÍTULO 14

Caleb esperou até entrar em casa para abrir o envelope. Em pé na sala de estar, ele retirou do envelope um diário marrom, pequeno. Apesar do seu tamanho pequeno, era um pouco pesado.

Significante. Parecia antigo o suficiente para ter sido retirado de uma das gavetas do palácio real do Rei Artur – uma relíquia, adequada para pessoas idosas. Só porque funcionou para o seu pai e a sua mãe, não significava que funcionaria para ele e Catherine.

Ele virou a primeira página e leu o título: *O Desafio de Amar*.

Com uma leitura rápida mas atenciosa, ele percebeu que o livro inteiro foi escrito com a letra do seu pai. Que emocionante.

Ele se apoiou no braço do sofá e leu a parte inicial.

A medida que lia, ele imaginava a voz do seu pai.

Meu filho, Esta jornada de quarenta dias não pode ser encarada superficialmente. Ela é um desafio e, na maioria das vezes, um processo difícil mas incrivelmente recompensador.

Se você se comprometer com um dia de cada vez em um período de quarenta dias, os resultados poderão mudar a sua vida e o seu casamento. Considere este livro um desafio vindo de quem já o aceitou antes de você.

*Amo você,
Papai.*

Agora, Caleb ficou intrigado. Após ler isso era impossível não continuar a leitura.

1º Dia

A primeira parte do desafio de hoje é bastante simples. Apesar do amor se comunicar de várias formas, as palavras, na maioria das vezes, refletem o estado do nosso coração. Para o próximo dia, decida demonstrar paciência e de modo algum diga algo negativo para o seu cônjuge. Se a tentação surgir, não diga nada. É melhor segurar a língua do que dizer algo de que possa se arrepender depois.

“Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se.” (Tiago 1:19).

Caleb ainda estava suando, sua pulsação ainda acelerada em razão da corrida, e ele decidiu que esta era a hora de tomar um banho. Este livro, este negócio de amor, parecia um gesto bem intencionado do seu pai, mas ele não acreditava que algo tão simples tivesse um efeito duradouro.

“De modo algum diga algo negativo...”

Isso era a mesma coisa que pedir para ele ficar sem respirar durante um dia inteiro. E mesmo se ele conseguisse segurar a língua, Catherine certamente acharia uma maneira de levar vantagem e censurá-lo de todas as maneiras possíveis. Seria como entrar em um ringue com as mãos atadas.

Ding, ding, dinggg!

“E de um lado, temos Capitão Caleb Holt, um herói em seu trabalho mas um grande fracasso dentro de sua própria casa.

“E do outro lado, Catherine Holt, gerente de Relações Públicas, bela, teimosa, que nunca desistiu de uma luta...”

Até agora.

Ela queria desistir. Essas foram as suas próprias palavras.

Às 7:42 A.M. Caleb saía para um outro turno no Corpo de Bombeiros. Do corredor, ele ouviu Catherine encher uma xícara com café e colocá-la sobre a pia, e então ela virou-se quando ele entrou. Ela estava usando um roupão de banho, cabelos já arrumados e rosto maqueado. Em breve, ela estaria indo para o hospital, e talvez ela pudesse fazer um favor para ele no caminho.

Ele colocou sua bolsa de ginástica e sua camisa suja do uniforme sobre o balcão. Vestiu sua jaqueta de capitão, rapidamente, tentando não dar tempo para ela pensar antes de fazer o seu pedido – apenas duas pessoas, nada além de colegas de quarto, tomando conta dos negócios.

“Você tem tempo para levar isto para a lavanderia hoje?” Ele disse.

A resposta de Catherine foi rápida e rígida. “Depois de dois dias de folga você já podia ter cuidado disso.” Ela nem mesmo se virou para olhar para ele.

Caleb apoiou as duas mãos sobre o balcão, pronto para dar continuidade à provocação. Pronto para dizer a ela exatamente o que ele pensava sobre a atitude dela.

“De modo algum diga algo negativo...”

Enquanto estava na cama esta manhã, ele decidiu que este seria o Primeiro Dia, mas aqui estava ele, desejando voltar atrás em sua decisão. Talvez ele pudesse começar amanhã, após mostrar a ela tudo o que pensa.

“De modo algum diga...”

Certo, ele podia fazer isso.

Caleb agarrou o balcão, girou o pescoço, e conteve a torrente de palavras que jorrava em sua cabeça. De qualquer modo, ele lançou um olhar irritado para as costas da sua esposa, colocou a camisa de volta na bolsa, e saiu irritado pela porta da frente enquanto ela adoçava sua bebida.

Longe de ser um bom começo.

CAPÍTULO 15

Na estação, Caleb encontrou cinco homens sentados à mesa de reuniões. Eles estavam com livros abertos, folhas de papel e lápis. Era como se fosse uma escola de ensino fundamental, mas era, na verdade, lições importantes de vida ou morte na ponta dos dedos.

Eric estava dizendo: “Se ninguém estiver na casa, você coloca as fitas para proteger as casas vizinhas, e então ataca o fogo pela porta da frente.”

“Nada mau.” Caleb se voltou para um prato de bolo que estava sobre o balcão.

Ele retirou a toalha e retirou um pedaço para ele. “Só não se esqueça que quando você está em meio a um incêndio...”

“Ei, Capitão,” Terrell disse. “Qual é a história a respeito desse bolo?”

“Se você não é oficial, ele custa um dólar a fatia.”

“Sério?” Eric disse.

Wayne olhou para o lado. “Calma recruta. Você não pode ‘cair’ em tudo.”

Caleb segurou uma moeda. “Terrell, se acertar em que mão está a moeda, você pode comer quantos pedaços quiser.”

Terrell levantou-se e estudou seu capitão. Caleb fingiu mover o objeto da sua mão esquerda para a direita, enquanto as duas ainda permaneciam fechadas. Ele deu de ombros esperando uma decisão.

“Está na outra mão,” disse Terrell.

“Qual delas? Esquerda ou direita?”

“Esquerda. Você nunca coloca na mão que parece mais óbvia.”

Caleb abriu a mão esquerda e mostrou que estava vazia.

“Estava na mão direita?” Terrell queixou-se. “Ah cara, eu sabia!”

Caleb revelou que a outra mão também estava vazia “Ele caiu.” Terrell apontou para eles. “Terrell, você se acha tão esperto.”

Os outros se juntaram a Wayne e começaram a rir.

Caleb caminhou em direção a Terrell, retirou a moeda da bainha da camisa e disse: “Bem, ninguém pode entender de tudo, mas de bolo eu entendo.”

O olhar carrancudo de Terrell não o fez desistir do seu prêmio de consolação. “Você sabe,” ele disse, “tudo pode ser explicado.

Espere só algumas horas e eu saberei como você fez isso.”

“Wayne colocou a mão no bolso e pegou uma moeda. “Eu sei um truque de mágica.”

“Cara,” Terrell disse, “qualquer truque que fizer pode ser entendido em cinco segundos.”

“Você acha que eu não consigo desafiar você?”

“Não há nada que você faça, Wayne, que me surpreenda.”

“Nada?”

O homem negro colocou a tampa de volta no bolo. “Aqui. Faz o bolo desaparecer, e então eu ficarei impressionado.”

Simmons levantou-se da mesa, movimentando-se como se colocasse comida na boca com uma pá. “Dê a ele três minutos e saberemos se ele pode fazer o bolo desaparecer.”

“Isso mesmo, Tenente,” disse Terrell.

“Certo,” Wayne disse. “Passa o bolo para cá.”

“Não, não, não. Fique onde está e faça isso. Não vou deixar você tocá-lo.”

“Você não pode fazer isso cara. Preciso ter espaço para trabalhar.”

“Se você não pode fazer isso do lugar onde está, então não é tão bom assim.” A mão esquerda de Terrell permaneceu no prato do bolo, enquanto a mão direita erguia até a boca um pedaço de bolo.

“Terrell,” Caleb o encorajou, “eu o deixaria tentar.”

“Claro, Capitão, mas eu não vou dar o bolo para ele. Ele sempre se vangloria do que sabe fazer, e de como faz bem feito. Eu tento durante anos ser impressionado por Wayne, e eu só estou dizendo que... está sendo uma longa espera.”

Enquanto Terrell falava, Tenente Simmons foi para trás de Terrell sem ser visto, passando pela outra entrada da cozinha, e fez sinal para Caleb.

Caleb entendeu o sinal. “Wayne,” ele disse, colocando o braço sobre os ombros do colega, “Terrell está certo. A única coisa que você pode fazer melhor que o Terrell é dançar.”

Terrell quase se engasgou com o pedaço de bolo. “O quê?”

Caleb ligou o rádio.

Os olhos de Wayne brilharam quando ele avistou Simmons ainda escondido. Aproveitando sua oportunidade, ele pulou com os dois pés – quase literalmente. “Isso mesmo,” ele zombou. “É

disso que estou falando. Todo mundo aqui sabe que eu tenho mais jeito com a dança do que você, Terrell.”

“Mostre-nos sua habilidade,” Caleb disse.

Wayne começou a dançar conforme a música enquanto Terrell olhava com uma repugnante descrença. O recruta estava rindo, e Caleb não conseguiu desfarçar sua expressão de riso.

“Vocês estão brincando comigo?” Terrell sacudiu a mão, enxotando essa afronta às pessoas de ritmo de todos os lugares. “Vocês não podem estar falando sério. Ele dança como um hipopótamo bêbado.”

E o hipopótamo continuou, livremente.

Eric e Caleb o encorajaram.

Terrell segurou o pedaço de bolo, ainda sem saber que Simmons estava atrás dele. Caminhou em direção ao centro da sala, pronto para jogá-lo no chão. “Olhe cara, você precisa sentir a mú-

sica, assim.” Ele começou a dançar. “Precisa ser suave, Wayne, e comovente. Você não pode simplesmente movimentar-se de um lado para o outro abruptamente.”

Os movimentos giratórios de Wayne tornaram-se lentos à medida que concentrava a sua atenção nos suaves movimentos do bombeiro.

Caleb acenou levemente para Simmons. O tenente cuidadosamente levantou a tampa do bolo e retirou toda a sobremesa. Ele voltou pelo mesmo caminho, desaparecendo da vista de todos.

“Wayne, odeio ter que dizer,” Caleb colocou. “Mas parece que Terrell superou você. O cara sabe dançar.”

“Obrigado.” A expressão de Terrell tornou claro o seu desdém na competição.

“Mas Terrell, eu ainda acho que Wayne pode fazer o bolo desaparecer.”

“Eu sei que eu posso,” Wayne disse. “Recue e assista um verdadeiro talento.”

Caleb juntou-se ao motorista no centro da sala. “Isso Wayne.

Mostre o seu talento e faça como ensinei.”

“Está falando sério?” Terrell ficou confuso. Ele deu um passo para trás, bloqueando o balcão com o seu largo corpo, e colocando a mão sobre a tampa para proteger o objeto em questão.

“Mostre-me o que fez cara.”

“Eu só estava mantendo você distraído. Mas agora é a hora,”

Wayne disse sacudindo as mãos e com os olhos bem abertos, “para o mestre entrar em ação. Pare a música, por favor.”

Eric desligou o rádio. Wayne olhou para o balcão, fazendo expressões variadas que eram mais engraçadas que misteriosas.

Terrell o assistia como se ele estivesse comprovadamente doido.

“É isso mesmo,” Caleb disse. “Faça tudo se afastar, Wayne.

Você aprendeu muito bem. Faça acontecer.”

Wayne apontou, sacudiu as mãos mais uma vez como um gesto dramático final, deixando cair os braços como se toda sua energia fosse sugada pela exibição.

“Bom trabalho, cara. Você conseguiu.” Caleb fez um sinal de aprovação para o seu motorista.

“Muito bem.” Eric concordou batendo palma. “Estou impressionado.”

Terrell desprezou e lançou um olhar vazio a eles. “Vocês pensam que sou idiota? Se eu olhar eu posso ver se o bolo desapareceu mesmo ou não. É só

uma questão de virar para vocês pararem de rir de mim.”

“Não,” disse Caleb. “O bolo se foi.”

“Muito engraçado.”

“Pense o que quiser Terrell. Se você não acredita, o bolo desapareceu. Ah, vamos lá, gente,” Caleb disse para os outros.

“Vamos voltar ao trabalho.” Ele saiu na ponta do pé com Wayne e Eric. Bateu nas costas de Wayne. “Muito bem, cara!”

Terrell ainda balançava a cabeça.

Quando ainda estava à porta, Caleb parou. Ele olhou para trás e viu Terrell dando uma espiada embaixo da tampa do bolo.

“Não,” Terrell respirou. “Isso não pode ser.” Ele olhou sobre o balcão, dentro do armário, procurando o bolo por toda parte.

Caleb e os outros tentaram controlar o riso no outro cômodo, mas Terrell os pegou após sair irritado.

“Wayne?” Ele disse. “Onde está?”

“Cara, não posso lhe dizer. Você não acredita.”

“Fala Wayne. Eu sei disso. Onde foi parar o bolo?”

Enquanto os dois se confrontavam, Caleb fez um sinal para Simmons, que estava escondido no canto. O Tenente escapou pela outra entrada e colocou o bolo na posição inicial, embaixo da tampa.

“Isso não é nada engraçado, Wayne. Onde está?”

“Quer que eu o faça aparecer?”

“Sim, eu quero.”

“Certo.” Wayne girou a mão e curvou-se. “Atrás de você.”

Terrell conduziu a marcha para o outro cômodo. Quando ele chegou até a tampa, Wayne olhou para ela e estalou os dedos uma vez.

“Pronto.”

“Você,” disse Terrell, “é um idiota.” Ele levantou a tampa e ficou surpreso ao ver o bolo olhando para ele. “O quê? Como você fez isso?”

“Um mágico nunca revela seus truques.”

“É isso mesmo. Você precisa acreditar.”

Caleb mais uma vez conduziu seu motorista para fora, deixando Terrell sozinho com o bolo e com a mente cheia de perguntas.

“Wayne!” Terrell gritou.

Wayne continuou caminhando.

CAPÍTULO 16

Caleb sentou-se na cabeceira da sua cama, suas costas encostadas na parede, lendo a próxima parte de *O Desafio de Amar*. Seu turno terminara, e ele estava de volta em sua casa. O relógio marcava 8:20h, e ele podia ouvir o chuveiro ligado no banheiro do quarto principal. Catherine sempre se preocupou em estar bonita para o trabalho, mas nesta manhã ela realmente estava estourando os limites do seu horário.

A melhor coisa a se fazer? Ignorar o seu humor e dar continuidade à leitura.

2º Dia

É difícil expressar amor quando existe pouca ou nenhuma motivação. Mas o amor em sua essência não é baseado em sentimentos. Pelo contrário, faz parte da natureza do amor ter consideração e ser atencioso, mesmo quando parece não haver recompensa.

Além de, mais uma vez, não dizer palavras negativas ao seu cônjuge hoje, demonstre bondade com, no mínimo, um gesto inesperado.

Caleb olhou para a luz do amanhecer e meditou. Um ato de bondade? Que ato seria esse? Fazia parte da sua profissão proteger vidas e ajudar pessoas em situações de risco. O que um simples gesto em sua casa iria resolver?

Bem, era melhor terminar com isso de uma vez.

Ele caminhou em direção à cozinha e separou um jarro. Ele era no mínimo capaz de preparar o café da manhã dela. Ele colocou água na cafeteira. Colocou o coador. Triturou os grãos e os colocou no coador. Pressionou o botão.

Fácil.

Alguns minutos mais tarde, ele ouviu Catherine fazendo barulho na cama. Esticou uma toalha de mesa sobre o balcão, preparou uma vasilha de açúcar e uma colher. Colocou o precioso líquido preto na caneca vermelha, a favorita de Catherine, e a posicionou no centro da toalha. Girou um pouco a caneca a fim de tornar a alça mais acessível.

Ei, isso pode até mesmo render um sorriso. Seria uma chance.

Catherine veio rapidamente até a sala de jantar, ajustando a correia da sua sandália de salto alto. Desde quando ela tinha comprado aquela sandália? Ela era a mais alta de todas, normalmente reservada para ocasiões especiais. Ela nem ao menos disse a ele que a sandália machucaria seus pés se ela tivesse que usá-las durante todo o dia.

Ele abriu um armário e tentou fazer com que seu gesto gentil parecesse natural. “Ah,” ele disse apontando, “Eu, ahn, já servi o seu café.”

Ela apanhou a bolsa e as chaves. “Eu não tenho tempo para café.”

E assim ela saiu.

Caleb colocou as mãos na cintura. O quê? Ele fez tudo aquilo para animar o dia dela, talvez receber um agrado – e ela não tinha *tempo* para café? Ela *sempre* tinha tempo para o café. Este era o seu ritual de todas as manhãs.

Ele a ouviu ligar o carro e sair da garagem.

Ele pensou em beber o café ele mesmo.

Não, ele precisava descansar um pouco após o longo turno.

Então, ele pegou o café e jogou todo dentro da pia. Puxou com força a tomada da cafeteira. Ainda irritado, ele segurou o jarro e despejou todo o líquido dentro da pia.

NAQUELA NOITE, CALEB escovava os dentes preparando-se para dormir. Ele segurava o livro do seu pai nas mãos enquanto estava diante da pia. Essa era a sua maneira de planejar o próximo dia. Ele aproveitara o dia de folga. Navegou na Internet. Checou as suas economias e calculou as chances de comprar o barco antes do próximo verão.

Um barco? Um brinquedo pessoal?

A mensagem em *O Desafio de Amar* não parecia concordar com esse plano. Muito pelo contrário. Era quase possível ouvir a voz de John o repreendendo.

3º Dia

Aquilo em que você colocar seu tempo, energia e dinheiro, será mais importante para você. É difícil se importar com algo em que você não está investindo.

Além de evitar comentários negativos, compre para o seu cônjuge alguma coisa que diga: “Eu estava pensando em você hoje.”

Fazer o quê?

Caleb parou de escovar os dentes. Ele sentiu a pasta de dente escorrer pelo canto da boca, apesar de estar congelado pela audácia da tarefa do dia seguinte. Ele mal podia ler o restante da mensagem. Ele precisava investir nela? Isso a fazia parecer-se com algum tipo de projeto.

Realmente, isso estava começando a ficar um pouco animado.

E as mulheres não têm o hábito de reclamar que os homens as fazem de objeto?

Claro, elas estavam sempre referindo-se à obsessão masculina pelos atributos físicos e pela maneira que elas...

Bem, de qualquer forma, essa não era a questão. Caleb sabia como investir dinheiro, e ele era mais do que capaz de manter o equipamento na estação. Isso soava como um conceito similar, colocando suas energias e fontes naquelas coisas que realmente importavam.

Ou nas pessoas. Tanto faz.

Ele cuspiu a pasta de dente e fechou o livro com um golpe.

O SR. CAMPBELL FICOU surpreso ao ver uma chamada de Caleb Holt em seu celular. Meses se passaram desde a última vez que ouviu a voz do esposo da sua filha, não que ele permitisse que isso o irritasse. Os jovens de hoje são bastante ocupados, e o Sr. Campbell não tinha a intenção de ser um daqueles aposentados chatos e ociosos.

“Olá, Caleb.” Ele disse ao telefone.

“Boa noite Capitão Campbell.”

“Como está o meu genro favorito?”

“Seu único genro.”

Ele riu. “Não dificulte as coisas. Então, pronto para outra pescaria no Rio North Flint? O meu carretel e a minha vara estão ficando enferrujados.”

“Ah, seria muito divertido, tenho certeza.” Caleb limpou a garganta. “Eu só, ahn... Bem, eu estou planejando alguns dias de férias, e então combiná-los com os de Catherine. Ainda não sei como e quando serão.”

“É só falar e nos programaremos.”

“Sim. Tudo bem.”

“Está tudo bem, Caleb? Posso lhe ajudar em alguma coisa?”

“Está tudo bem. Tudo certo.”

“Tem certeza?”

“Sim, ahn, eu preciso de um conselho.”

“Agora, por quanto tempo acha que vai me explorar?” Sr.

Campbell brincou.

“Você me salvou do fogo uma vez e por isso acha que pode explorar meu cérebro quando quiser?”

A voz de Caleb mostrava-se animada com a piada. “Eu avisei, senhor – você teria que me ensinar tudo o que sabe.”

“Perdão, mas agora estou aposentado.”

“Ah, e eu sou quem está lhe explorando?”

Sr. Campbell sorriu. Ele não se importava em estar aposentado, mas ele sentia saudade da época que trabalhava. Algumas pessoas acham que a sua saída precoce foi resultado daquela chamada de incêndio da mercearia, durante a madrugada, mas não foi só isso. Mesmo agora, com sessenta e cinco anos de idade, ele ainda tinha coragem de enfrentar a fumaça, o calor na pele ou o elevado número de morte em acidentes de carro.

Era o seu corpo que não colaborava, particularmente uma das suas coxas que ameaçava as suas capacidades no trabalho. Mais importante, contudo, era o seu relacionamento com Joy. Ela passou muitas noites sem dormir, e a pressão emocional do seu trabalho como bombeiro começou a afetar seu bem-estar físico.

Desde que deixou a sua posição em 1999, Sr. Campbell aproximou-se cada vez mais da sua esposa. Apesar de alguns homens tornarem-se entediados quando ficam em casa, ele encontrou paz na presença de Joy. Ele

nem mesmo se ocupou com aquarelas – e não havia alguma justiça poética nisso, após décadas utilizando a água como ferramenta de trabalho?

Claro, o recente derrame de Joy complicou as coisas.

Sr. Campbell fazia o melhor que podia para ajudá-la – da cadeira para o banheiro, da cadeira para a cama – e carregava o sentimento de culpa de que a sua profissão teria antecipado a paralização do seu corpo. Todas as vezes que ele verificava a pressão arterial da esposa, ele se lembrava de que isso era o mínimo que podia fazer por esta mulher preciosa.

“Então diga-me Caleb,” ele disse, “o que você precisa saber desta vez?”

“É a respeito de Catherine.”

“O quê?”

“Eu, ahn... o que acha que ela gostaria de ganhar, um par de sapatos ou um buquê de flores?”

“Já está pensando no aniversário dela, não é?”

“Certamente,” disse Caleb. “Algo parecido.”

“Flores ou sapatos, hein? Eu acho que escolheria os sapatos.

Desde pequena, ela costumava colocar os sapatos da mãe e caminhar pela casa com eles.” Sr. Campbell colocou uma das mãos na barriga e lembrou-se. “Mas pensando melhor, porém – só tem um problema com esta ideia.”

“Qual?”

“Bem, você deve saber, Caleb, mas ela tem um gosto específico quando se trata de roupas e coisas semelhantes.”

Caleb permaneceu em silêncio.

Em meio à tranquilidade, o Sr. Campbell ouviu a cadeira de rodas da sua esposa chegar à sala e se aproximar dele, e assim ele teve uma ideia. “Sabe, você pode perguntar a mãe de Catherine a respeito disso. Joy pode lhe ajudar mais nessa questão. Na verdade, você é mais do que convidado em nossa casa e -”

“Uhn, obrigado Capitão. Na verdade, não é algo tão necessário assim.”

“Tem certeza? Porque podemos -”

“Tenho certeza. Preciso ir, mas muito obrigado pela ideia.”

“Quando quiser Caleb. Quando quiser.”

A ligação terminou e o Sr. Campbell olhou para frente para ver sua esposa na entrada. Ela estendia o seu quadro com as seguintes palavras escritas nele?

DIGA ROSAS.

CALEB ARREPENDEU-SE DE ter ligado para o seu sogro na noite anterior. Tudo o que ele queria fazer era correr para cumprir uma das exigências de *O Desafio de Amar*, e não uma complicada expedição ao shopping. Tal pensamento o fez estremecer.

Ele olhou a sua volta para assegurar que a sua tripulação estava trabalhando. Com os caminhões necessitados de atenção constante, Wayne e Eric foram enviados para verificar a pressão dos pneus de cada veículo. Simmons falava com o despachante sobre as construções de novas estradas, o que afetaria a rota deles caso fossem adiante. Terrell estava na cozinha, colocando tudo no seu devido lugar – e Caleb suspeitava – ainda tentando entender o mistério do bolo desaparecido.

Caleb dirigiu-se até o primeiro pátio com seu celular na mão e fez uma ligação.

“*Blooms ‘N More*,” uma voz feminina respondeu. “Posso ajudar?”

“Sim,” ele disse. “Queria enviar flores ou algo assim para minha esposa.”

“Bem,” disse a mulher do outro lado da linha, “é muito bonito da sua parte.”

“Posso fazer isso por telefone, certo? É só lhe informar o número do meu cartão de crédito ou algo assim?”

“Certamente. Tem alguma coisa em especial em mente, senhor?”

“Não. Não importa.”

“Certo. O que acha de um buquê com doze rosas?”

“Claro. Quanto custa?”

“O preço deste buquê é quarenta e cinco dólares.”

“Quarenta e cinco? É muito dinheiro. Não tem nada mais barato?”

“Bem, temos um buquê menor de flores selvagens por vinte e cinco.”

“Sim.” Ele respirou mais aliviado. “Sim, assim é melhor. Quero o de vinte e cinco. Você tem algum tipo de sorteio ou de promoção acontecendo?”

“Uhn. No momento não, senhor.”

“Certo. E uma caixa de chocolates ou coisa parecida?”

“Temos uma caixa vermelha em formato de coração que é bastante popular.”

“E quanto custa?” Ele encostou na parede do pátio, em meio às fileiras de capacetes e casacos manchados de ferrugem.

“Seis dólares?”

“Por uma caixa de... Ah, está acabando comigo.”

“Temos também uma caixa dourada, menor, por \$2,50.”

“Prefiro esta.”

“Algo mais, senhor?”

“Sim,” disse Caleb, “e urso de pelúcia?”

“Os ursos menores custam oito e os maiores -”

“Tudo bem, esqueça o urso.”

“Certo, sem urso. Entendi.”

“E quanto tempo vai demorar para arranjar tudo isso?”

“Podemos preparar para o senhor em meia hora. Gostaria de um pequeno cartão para colocar junto com as flores?”

Ele colocou os braços em volta de si mesmo. “Poderia perguntar quanto custa?”

“É grátis.”

“Você me convenceu. Vou levar um.”

“Podemos escrever uma mensagem nele para você, caso queira. Também é grátis.”

Caleb considerou a sugestão, mas poderia ser uma mensagem inapropriada, alguma coisa que ele, na verdade, não tivesse a intenção de dizer. Esta mulher florista – ela era a especialista, certo?

Ele deveria aceitar a sugestão dela. “O que os homens geralmente escrevem nesse tipo de cartão?”

“Bem, você deseja que ela goste destes presentes, certo?”

“Sim.” Caleb desencostou da parede. “Parece uma boa sugestão.”

A mulher do outro lado da linha limpou a garganta. “Espero que goste’?”

“Perfeito. Certo, vou lhe falar as informações do meu cartão de crédito.” Antes de desligar, ele se lembrou de dizer um rápido “Obrigado”.

A florista respondeu com uma voz risonha: “De nada, Romeu.”

CAPÍTULO 17

Catherine entrou em casa pela garagem. Ela teve um bom dia, e até ficou sem jeito quando passou algumas vezes pelo Dr.Keller, mas no momento quando colocou o carro na garagem, ela percebeu seu humor em queda e a chegada de uma dor de cabeça.

Agora não, querido. Estou com dor de cabeça.

Não era esta a velha desculpa? Bem, agora ela não precisava mais de desculpas.

A vida nesta casa, com Caleb, não era mais como antes. Ela não estava feliz. Ela deixou bem claro que não tinha interesse em companhia física, e Caleb reagiu colocando seus interesses em outras coisas – como na Internet. Ela não sabia se ficava chateada porque ele algumas vezes esquecia de apagar o histórico dos sites que visitou ou se ela sentia-se agradecida por ele não tentar esconder isso dela.

Talvez ele achasse que isso provocasse algum ciúme da parte dela. Ou que isso a estimulasse da mesma forma que o estimulava.

Mas pelo contrário, isso só lhe causava náuseas.

Ela foi um objeto antes, em um relacionamento curto durante o ensino médio, que a fez sentir-se imunda e usada. Ela certamente não esperava que o seu esposo fosse do mesmo feitio, mas ultimamente, as coisas estavam indo de mau a pior para os dois.

Na verdade, nada mais os surpreendia.

Ela ficou surpresa, contudo, com as flores sobre a mesa.

Arrumadas em um jarro de vidro simples, parecido com um jarro de frutas, as flores silvestres estavam finas e patéticas, e poderiam ter sido colhidas do jardim de qualquer vizinho. Apesar de uma pequena caixa de chocolates ter a função de adoçar o plano, o cartão ridículo traiu a fraqueza de Caleb no quesito romance.

“Espera que eu goste disso?” Ela murmurou, lendo a pequena nota. “Você quer ostentar, Sr. romântico?”

Seus lábios se apertaram de desgosto; então ela jogou o cartão sobre a mesa de jantar e caminhou em direção ao quarto onde podia se livrar dessas roupas e dos saltos altos. Na velocidade com a qual as coisas estavam caminhando, ela deveria também começar a arrumação das malas.

CALEB ESTAVA NA cozinha do Corpo de Bombeiros, separando um pouco de molho de carne para churrasco, a fim de colocá-lo no filé e nas rodela de batatas tipo caseiras. No balcão, Tenente Simmons folheava o jornal *Albany Herald*.

“Quer um pouco dessas batatas, Michael?”

Simmons fez sinal negativo com a cabeça e continuou a leitura do seu jornal.

Caleb pensou na conversa da noite anterior, após Simmons ter colado os recipientes. Caleb foi injusto com ele, dando pouco valor a amizade que tinham ao utilizar a autoridade de Capitão para mostrar-se superior com o amigo.

“Deixei que falasse livremente... não abuse disso.”

Quem na verdade estava sendo abusado ali? Esse era o tipo de coisa que ele jurou, no último ano, não fazer quando se tornas-se capitão. Certamente, havia níveis de respeito entre os oficiais, mas Simmons falou como um amigo, enquanto Caleb respondeu como um superior.

“Olhe cara,” Caleb disse. “Eu peguei molho extra. Todo seu, se quiser.”

Simmons levantou uma sobrancelha. “Carne?”

“Se quiser.”

“Claro. O que acha de dividirmos?”

“O que acha de usar todo o molho e deixar de ser ridículo?”

“Sim, senhor.”

Eles trocaram sorrisos, e Caleb sabia que tudo voltara ao normal.

Na mesa próxima à janela, com a luz do dia passando pela cortina e refletindo na madeira na qual era feita a mesa, Eric, Wayne e Terrell estavam mais uma vez se preparando para o teste que iriam fazer. Apesar de terem espalhado livros, lápis e marcadores de texto sobre a mesa, eles estavam mais interessados em jogar conversa fora do que de fato estudar.

“Cara, você perdeu o juízo.” Terrell disse a Wayne.

“Terrell, eu posso levantar 150 kg.”

“Sério?” Eric perguntou.

“Por que não chegamos a mesma conclusão óbvia?” com o cabelo arrepiado e com gel, Wayne olhou ao seu redor para certificar-se de que tinha a atenção de todos os presentes. “Que eu sou o cara.”

Caleb passou por eles e sentou-se à ponta da mesa. “Só sei que o cara deixou o dispositivo de imagens térmicas no capô do caminhão na noite passada.”

“Un-hum.” Terrell lançou um olhar de censura ao motorista.

“Um equipamento de US\$ 8 mil, Wayne.”

“Foi mal, Capitão. Mas não altera o fato de que em situações difíceis sei me virar.”

“Cara, não aguento tanto ego. Wayne, você está se gabando há dez minutos, cara.” Terrell reclamou.

“Não é se gabar se é verdade.” Wayne fez um gesto com o lápis. “No incêndio da semana passada, armei duas linhas de ataque, minha própria linha de alimentação e um hidrante em dois minutos.”

Caleb olhou para Simmons, que fez sinal de bebida. Simmons confirmou com a cabeça e caminhou em direção à geladeira.

“O quê?” disse Terrell. “Outras pessoas fazem isso, cara.”

“Não nesta estação.”

“Tom Mc Bride faz,” disse Caleb.

“Na Estação 4?” Wayne desdenhou. “Você está brincando?”

Talvez faça em dois minutos e meio, mas não faz em menos.”

“Uhn, eu não sei.”

“Capitão, ele é forte mas não é muito rápido. Posso ganhar dele em qualquer dia.”

Caleb deu de ombros. “Sabe Wayne, você parece muito feliz consigo mesmo. Acho que ter autoestima é bom mas você... exagera.”

“Cara, você exagera mesmo,” Terrell concordou.

Wayne levantou as duas mãos. “Mas cumpro o que digo. É só o que estou falando.”

Simmons entrou em cena com duas garrafas de molho picante, o rótulo da garrafa dizia: Mais Quente que o Lago de Fogo. Ele as colocou em frente

de Caleb, e depois bateu na mesa com as mãos.

“Ira de Deus, querido.”

Caleb pegou a garrafa mais próxima, lendo a lista de ingredientes.

“Para que serve isso?” Eric perguntou.

“Vamos fazer uma competição,” o Capitão disse à sua equipe.

“Vamos ver se Wayne é mesmo o cara – isso se ele topar o desafio.”

“Ah,” disse Wayne, “Vou adorar.”

Caleb deslizou a outra garrafa sobre a mesa, e então abriu a sua garrafa. “Está bem, eu vou primeiro.”

“O quê? O que você vai fazer?”

Caleb colocou a sua atenção na garrafa de rótulo amarelo e vermelho, simbolizando o fogo. Ele se ajeitou na cadeira, preparando-se. “Michael, marque o meu tempo.”

Wayne lançou um olhar de preocupação para os colegas.

“Pode deixar,” disse Simmons. “Pronto? Vai.”

Com os dois olhos bem abertos, Caleb levou a garrafa até a boca e começou a beber. A melhor coisa era fazer isso rapidamente e quase não reagir à pimenta. Ele deixou os seus olhos lacrimejarem, mas isso era o máximo que podia permitir que seu motorista visse.

“Não acredito,” disse Eric.

Caleb parou de beber, pressionando o seu pulso aos lábios e sentindo as rugas da sua testa tornarem-se profundas. Ele pressionou a boca, e então preparou-se para beber mais uma parte do conteúdo da garrafa.

“Cara, você é louco,” disse Terrell. “Vejam, ele vai beber o troço inteiro.”

Caleb retrocedeu, apertou os olhos, golpeou a testa, respirou fundo, e então forçou o último gole do conteúdo da garrafa garganta abaixo em uma série de pequenos goles. Ele bateu a Ira de Deus sobre a mesa, segurou a testa e alegrou-se com a expressão de preocupação de Wayne.

“Vinte e três segundos,” declarou Simmons.

“Uau.” Terrell riu.

Caleb piscou algumas vezes, limpou o líquido vermelho do queixo, e levou o olhar para o outro lado da mesa. “Está bem, cara. Sua vez.”

Os rapazes viraram a cabeça na direção de Wayne.

“Está bem.” Ele reconheceu. “Foi impressionante. Até eu faço isso em menos de vinte.”

“Vinte segundos?” Eric perguntou.

Wayne olhou Caleb nos olhos e retirou a tampa da garrafa. Ele jogou a tampa por trás dos seus ombros mostrando a coragem que estava pronta para ser colocada à prova.

“Estamos esperando, Wayne. Vamos ver se isso é verdade.”

“Conte meu tempo.”

“Vou contar.” Simmons disse. “Pronto?”

“Senhoritas...” Wayne ergueu a garrafa.

“Vá!”

Wayne começou com grande valentia, esvaziando um terço da garrafa antes mesmo de engolir, e dando goles de estremecer o pomo de Adão. O

seu rosto ficou vermelho e ele seguiu em frente, tentando não expelir todo o líquido.

“Vamos, Wayne.” Disse Caleb.

“Vamos, Wayne.” Disse Eric.

“É picante.”

“Pensei que iria aguentar beber tudo,” Terrell zombou dele.

Com os olhos lacrimejando, o motorista preparou-se para um outro gole. Ele respirou, virou a cabeça para o lado e gritou.

“Uhn hum,” disse Terrell. “Você precisa beber isso, cara.”

“Catorze segundos,” Simmons narrou o tempo.

O próxima tentativa de Wayne foi menor que as duas anteriores. E ele expeliu algumas gotas sobre a mesa e sobre seu próprio braço. “Ahhhhh, isso *queima!*” Ele golpeou a mesa e arfou em busca de ar. A garrafa ainda estava pela metade.

Eric estava rindo.

“Terrell disse: “Onde está o cara agora? Achei que tinha dito que aguentava.”

Wayne bebeu mais um pouco, e então bateu na mesa com a palma da mão e gritou com os lábios sujos de molho apimentado: “Ahhhhh. Minha boca está *queimando!*” Ele foi em direção ao banheiro. “Ahhhhhhh!”

Caleb assistiu a saída de Wayne com serenidade.

“Capitão,” Terrell disse, “como fez isso? Você nem se sentiu mal?”

“Você também pode fazer, Terrell” - Caleb levantou sua garrafa vazia e disse - “se encher sua garrafa com suco de tomate.”

Terrell gargalhou e bateu com a mão na mão de Eric em sinal de vitória. Tenente Simmons abriu um largo sorriso e bateu palmas.

“Essa foi clássica.” Disse Eric. “Foi demais.”

“Duvido que vamos ouvir, pelo menos nos próximos dias, o Wayne se gabando.”

“Código do silêncio,” disse Simmons. “Ninguém conta para ele por duas semanas.”

“Código do silêncio,” os outros concordaram.

CAPÍTULO 18

Catherine passou pela entrada restrita a funcionários da ala de câncer, usando óculos e vestindo uma blusa branca de gola por baixo de um blazer, e uma saia justa. Se fosse para chamar a atenção do Dr. Keller, ela não faria isso relaxadamente, obrigada.

Além disso, as suas costas já estavam melhores do que há alguns dias.

“Dr. Anderson,” ela chamou um homem de cabelos grisalhos que estava no corredor.

Ele virou-se. Enfermeiros passavam por eles.

“Olá.” Ela tocou em seus braços. “Queria lhe lembrar da sua entrevista em dez minutos.” Ela sabia como um simples gesto pode ajudar, e ela não se importava de utilizar sua sedução feminina para imprimir questões importantes na mente da equipe masculina.

“Catherine, obrigado,” disse Dr. Anderson. “Estarei lá. E parabéns pelo prêmio da pesquisa sobre o câncer. Você mereceu.”

“Agradeço muito.”

Seu celular tocou e ela afastou a sua mão do braço do doutor.

Ela moveu-se em direção à mesa das enfermeiras enquanto respondia a chamada. “Aqui é a Catherine.”

“Oi, é o Caleb.”

“Caleb?”

“Sim, seu marido?”

Ela se perguntava por que ele ligaria para ela enquanto estava no hospital. Isso não era normal.

“Liguei para saber como você está,” ele disse.

O coração de Catherine acelerou. Ela pensara, mais cedo, em marcar um encontro com o doutor – o outro, o mais novo. Será que as suas conversas com Gavin deixaram pistas? Será que foram ousadas? Será que Caleb ficou sabendo?

Mas ela não fizera nada de errado.

Então, para não levantar suspeitas, ela tentou disfarçar sua preocupação. “Queria saber como eu estou? Para quê?”

CALEB ESTAVA SENTADO próximo ao seu armário na estação, *O Desafio de Amar* aberto em seu colo e o telefone preso ao ouvido. Ele percebeu um tom de irritação na voz da sua esposa, mas isso não era nenhuma surpresa. Eles nunca falavam durante o trabalho, então ela devia estar se perguntando o que acontecera.

“Bem, você sabe,” ele disse. “Só para saber se precisava de alguma coisa.”

CATHERINE VIROU-SE e colocou todo o peso em apenas uma perna. Isso era muito estranho. Alguma coisa estava errada, mas ela não sabia dizer o quê. Era quase possível dizer que Caleb estava... agradável. Ainda assim, havia algo em sua voz que parecia forçado.

“Ligou para saber se eu precisava de algo?”

“Isso,” ele disse. “Quer que eu leve algo para casa? Ou... passe na mercearia de manhã?”

Dedos aquecidos tocaram o cotovelo de Catherine e ela girou o corpo para ver Dr. Gavin passando. Ele usava uma roupa azul, de pouco valor, e um chapéu cirúrgico vermelho sobre sua cabeça. Por alguma razão, ele parecia ainda mais bonito assim. Eles fizeram contato com os olhos e ela sorriu para ele.

“Catherine?”

“Escuta, Caleb – você nunca me perguntou isso antes. O que houve?”

“Só queria ver se precisava de alguma coisa. Só isso.”

“Estou bem.”

“Está bem. Está bem. Então... até logo.”

Catherine fechou o celular. Ela ainda sentia o toque de Gavin enquanto balançava a cabeça e saía do corredor.

CALEB DEU DE OMBROS. ELE ainda carregava uma pequena esperança de sua esposa abrandar-se e pedir a sua ajuda, mas ele também guardava o temor de sua esposa pedir alguma coisa que estava além das suas possibilidades ou disposição de cumprir. Felizmente, ele livrou-se de uma fria.

Ele olhou o caderno que estava em suas mãos. Que assim seja.

“4º Dia,” ele disse. “Feito.”

Ele fechou o diário, jogou-o para dentro do armário, e fechou a porta. Ele agora podia aproveitar o resto da tarde.

CATHERINE DESLIZOU a sua pasta acolchoada no balcão da área das enfermeiras, onde Deidra e Tasha encontravam-se ocupadas com

documentos e telefonemas. Ela inclinou-se com os braços no balcão e fechou os olhos, respirando profundamente.

“Oi Cat,” disse Tasha. “Como está?”

“Confusa.” Ela retirou os óculos. “Eu não sei. Meu marido está agindo de maneira estranha.”

“O que ele está fazendo?”

“Bem, nos últimos dias ele preparou café para mim, comprou umas florzinhas horríveis e há alguns minutos ligou só para – ela mudou o tom da voz para o grave, imitando a voz de um homem - “saber se eu estava bem.”

“Sério?” Tasha abaixou o rosto e lançou um olhar cético.

Deidra entrou na conversa, com uma das mãos na cintura.

“Vou lhe falar o que ele está fazendo. Ele está lhe adulando antes do divórcio.”

“E por que ele faria isso?”

“Oooh,” Deidra disse, sacudindo a caneta no ar. “Antes da minha prima Lawana se divorciar, o marido dela começou a fazer as mesmas coisas. Começou a ser gentil e carinhoso e de repente ele levou a casa e quase todo o dinheiro dela. E nunca mais falou com ela.”

Um vazio consumiu o estômago de Catherine. Será que estavam fazendo ela de boba? Será que Caleb planejava fazer isso?

Deidra mostrava-se certa disso. “Não deixe que ele a engane, garota.”

Tasha concordava. “Un-hum.”

Catherine começou a irritar-se.

SENTADO EM FRENTE ao computador, vestindo uma calça jeans e um suéter largo, Caleb ouviu o carro de Catherine entrar na garagem, mais cedo que de costume, e o seu coração quase saiu pela boca.

No meio da tarde? Não era para ela estar em casa ainda.

As cortinas estavam fechadas, o cômodo escurecido contra a luz do sol e contra a curiosidade de qualquer vizinho. Ele deu um duplo clique no seu histórico recente e precionou o botão Delete, para ela não ver e ficar aborrecida com ele, quase desejando ser descoberto. Ele preferia manter tudo isso aberto e encarar a realidade, a agir como se nada tivesse acontecendo e como se a falta de intimidade no casamento não o incomodasse.

Acima de tudo, ele era homem. O que ela esperava?

Eles não estavam dormindo na mesma cama – dormindo em quartos separados – por semanas. A Bíblia não instrui os casais a não se afastarem da intimidade física por muito tempo?

Certo, então talvez Deus não consideraria essa instrução válida para viciados em Internet, mas a essa altura, Caleb não se importava.

Sua esposa estava em casa agora. Andando pelo corredor.

Tap, tap, tappp...Delete.

A iluminação do ambiente mudou quando ela ligou a luz; depois, suas chaves e sua bolsa foram lançadas sobre a mesa. Ele a ouviu conferir as correspondências do dia. De costas para ela, ele limpou a garganta e tentou agir naturalmente.

“Chegou cedo em casa,” ele disse.

“Limpou o histórico?”

“O quê?”

“Apagou os sites que visitou para ninguém ver onde você esteve?”

Sua visão escureceu. Ele manteve sua boca fechada e permaneceu de costas.

“Caleb, você não está enganando ninguém.” A voz de Catherine estava na fronteira entre a firmeza e o desequilíbrio. “Eu sei exatamente o que está tentando fazer comprando flores e me ligando no trabalho.”

“E o que é?”

“Vou falar com o advogado semana que vem e não pense por um segundo que vou acreditar nesse seu comportamento de bom moço.”

“Do que você está falando?”

“Não vai receber nenhum centavo a mais do que merece.

Quando o processo de divórcio se finalizar ficarei com a minha parte.”

Ele levantou-se da cadeira para confrontá-la. “É isso que acha que estou fazendo?”

“Não.” Catherine jogou as correspondências sobre o sofá e foi na direção dele, olhos em chamas. “Sei o que está fazendo.”

“Sabe? Você está errada. Nunca acha que posso fazer algo que mereça respeito. Algo digno.”

“Digno? *Digno*? O que você estava olhando, Caleb? O que estava na tela do computador? Era digno?”

Ele ficou furioso. A sua vontade era lançar farpas em forma de palavras de volta para ela, palavras que a fizessem chorar e o fizessem sentir-se superior a ela.

Ele ficou calado.

“Quem acha que está enganando?” Ela continuou. “Quer saber por que as suas gentilezas não significam nada para mim? Porque esse é o tipo de homem no qual você se transformou.” Ela apontou para o computador. “Quando você está sozinho é isso que faz, e não há nada *digno* nisso.”

Caleb a viu sair. Ele escolheu a direção oposta e seguiu em direção à porta dos fundos para a garagem, os dois braços sobre a cabeça. Ele estava pronto para explodir. Com as mãos fechadas, ele avistou seu bastão de baseball encostado na parede da casa.

Ele pegou o bastão, pressionou os dedos ao redor do cabo e então balançou com toda sua força.

A lixeira verde tombou para o lado com um golpe bastante forte.

Ele bateu novamente na lixeira.

E mais uma vez.

Os golpes continuaram até ficar claro que ele não podia fazer mais mal a lixeira, então ele jogou o inútil bastão no jardim e gritou. Ela não fazia ideia da tortura que estava causando a Caleb.

Ainda fervendo de fúria, culpado e desesperado, ele procurou outra coisa para destruir.

Então, percebeu que estava mais uma vez sendo observado.

Perfeito. Simplesmente perfeito.

De pé em frente à grelha, no quintal vizinho, o Sr. Rudolph não tirava os olhos de Caleb. Sua forma comprida vestia uma camisa havaiana, com flores estampadas, e segurava com força uma escova em suas mãos.

Caleb respirou fundo. “Sr. Rudolph.”

A voz seca do senhor alcançou a distância. “Caleb.”

Embaraçado, Caleb pegou o celular no bolso e foi em direção à *pickup*, aquietou-se lá ao som das cerdas da escova do Sr. Rudolph arranhando o ferro.

JOHN HOLT ESTAVA em sua cadeira, lendo o jornal, quando o telefone tocou. Ele tinha acabado de chegar da reunião de oração dos homens e ainda estava vestindo calça comprida e camisa listrada de manga comprida. Ele pegou o telefone em cima da mesa.

“Alô?”

Não havia prólogo, apenas uma voz preocupada. “Não está funcionando, pai.”

“O que não está funcionando?”

O tal *O Desafio de Amar*. Não está funcionando.”

John fechou o jornal e deixou-o de lado. “Diga-me o que está acontecendo.”

“Tenho feito tudo que me diz para fazer e ela está rejeitando tudo.”

“Caleb, este processo leva quarenta dias, não quatro.”

“De que adianta entrar em uma rua sem saída quando você sabe que não vai dar em nada?”

“Você ainda não sabe disso. Caleb, você não desiste de nada e algo me diz que está fazendo apenas o suficiente para sobreviver.”

Silêncio do outro lado da linha.

“Estou certo?”

Houve uma profunda expiração. Caleb disse: “Não sinto nada.”

“Eu entendo, mas isto não está baseado em sentimentos. É

uma decisão. Você ainda não pode desistir. Continue vivendo um dia de cada vez.”

Outro suspiro. “Sim, senhor.”

“Eu amo você, filho.”

“Eu também amo você, pai.”

John ouviu a linha vazia. Ele desejava estar com seu filho único, mas havia outras maneiras de lutar esta batalha. Ele inclinou-se para frente, braços cruzados sobre os joelhos, perguntando-se por que não colocara o casamento do seu filho como motivo de oração na reunião dos homens. Não havia motivos para fofoca ou rumores, mas um pedido específico diante do trono de Deus.

Cheryl entrou vindo da cozinha e sentou-se olhando para John que estava na outra cadeira. “Como ele está?” Ela perguntou.

“Precisamos orar mais por ele.”

“É tudo o que estou fazendo nos últimos dias.”

John segurou a mão da sua esposa. “Então, vamos fazer isso juntos.”

CAPÍTULO 19

Catherine estava sentada em frente a sua mãe, olhando para aqueles olhos doces e a boca silenciada, cheia de sabedoria.

Porta-retratos sobre a mesa lateral mostravam Catherine quando criança, e ela relembrou os sonhos que tinha naquela idade.

Sonhos de uma princesa. Um conto de fadas.

Claro, não era a realidade.

O que aconteceu, então, com o amor que ela e Caleb compartilhavam? Uma vez que ele ganhara a sua mão, ele agiu como se estivesse se livrado de uma fria. Será que ele não fazia ideia de que se casar com ela significava estar no controle de tudo? Por que pensaria que não havia mais trabalho envolvido?

“Eu não sei o que fazer, mamãe.”

Joy Campbell fez sinal para a sua filha continuar.

“Sei que me disse para aguentar firme nos tempos difíceis,”

disse Catherine, “mas...” Seu lábio inferior começou a tremer e a sua voz a ficar embargada. Ela afastou uma mecha de cabelos do seu rosto e tentou encontrar forças para continuar.

Havia algo bastante vergonhoso para revelar, mesmo para a sua mãe.

A Internet, como grande ferramenta que é, também levou tentação para a sua casa, com apenas alguns cliques feitos pelas mãos do seu esposo. Os tempos mudaram. Na época da sua mãe, tais coisas ficavam escondidas em caixas no porão ou na garagem.

Agora, essas imagens pavorosas podem ser baixadas na tela do computador quando ele quisesse.

Como Catherine poderia competir com aquilo?

“Eu não sei o que fazer,” ela murmurou.

Ela não era uma boneca feita a mão. Ela necessitava de cuidado e devoção – coisas que Caleb esqueceu.

Sua mãe se inclinou e tocou seus joelhos.

Catherine tentou novamente. “Você não sabe com o que tenho que competir. Quando ele olha aquilo...” A sua voz falhou completamente desta vez. Seus lábios tremeram com os sentimentos de traição que se escondiam por meses. Ela cobriu o rosto com as mãos, sentiu o toque das lágrimas em seus olhos. Ela afastou os cabelos, balançando a cabeça. “Ele me faz sentir tão humilhada, e ele nem sabe disso.”

A Sra. Campbell segurou as mãos da filha com firmeza.

“Quando, mamãe?” Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Catherine olhou nos olhos da sua mãe. “Quando eu parei de ser boa o suficiente para ele?”

AS PRÓXIMAS DUAS SEMANAS se passaram sem avanços aparentes. Caleb seguia os desafios de cada dia do diário de seu pai, mas eles mais se pareciam com pequenos seixos contra uma grande correnteza de padrões antigos e emoções.

Como é mesmo aquele ditado? *“Insanidade é fazer a mesma coisa várias vezes esperando resultados diferentes.”*

Isso descrevia esse exercício fútil para tentar salvar seu casamento.

Claro, o seu pai certamente diria a ele que às vezes era preciso fazer a mesma coisa várias vezes porque era o certo a se fazer, independentemente do que seja.

Com esses pensamentos gritando em sua cabeça, Caleb viu-se mais uma vez em frente ao computador neste dia de folga. Levou o dedo até o botão que liga a máquina e então hesitou. Ontem ele passou várias horas pensando em barcos e pescaria, em tempo de privacidade e em outras coisas que ele sabia estar fora de alcance para um homem casado – o que as tornavam ainda mais atraentes, certamente.

Ele levantou a cabeça e respirou fundo.

Na parede, um grande quadro retangular de madeira escura estava pendurado como uma lembrança do seu avô. Feito pelas suas velhas mãos, o painel certa vez enfeitava o corredor de uma igreja no subúrbio da cidade.

Em 1982, o prédio foi consumido pelo fogo. Caleb, com apenas oito anos de idade, esteve lá com os seus pais, entre os observadores. Perplexos, eles assistiram a luta dos bombeiros contra as chamas, e neste dia Caleb sentiu o calor no seu rosto e experimentou as cinzas que voavam pela noite. A torre se queimava como uma tocha erguida ao céu, criando fumaça enquanto uma forte chuva começou a cair.

Naquela noite, ele soube o que queria ser quando crescesse.

Este quadro, salvo das ruínas e trazido de volta ao esplendor original, era uma lembrança tangível do seu propósito, do seu patrimônio e da rapidez com a qual a vida pode seguir um caminho desastroso. As palavras “Viver – Sorrir – Amar” estavam escritas na parte bronzeada central. Além disso, o quadro estava pendurado como um sinal do comportamento cristão do seu avô e das palavras que agora estavam gravadas na lápide do velho homem: *“Na vida, amigo de todos... Na morte, amigo de Deus.”*

Caleb colocou a mão de volta no computador.

O que ele estava fazendo?

Segurando a foto da formatura de Catherine, próxima ao monitor, ele pensou na mulher que roubou o seu coração lá naquele pátio do Corpo de Bombeiros há dez anos.

E ele tomou a sua decisão.

Chegaria o tempo de apagar incêndios, e esse tempo era agora.

Ele afastou a cadeira e saiu da frente do computador.

CATHERINE PASSOU as duas semanas seguintes ocupada com as responsabilidades do trabalho e das relações públicas. Ela ignorava os escaços avanços e gestos de Caleb, determinada a não fazer o papel de boba neste relacionamento.

Ontem ela simulou uma aparência de força e coragem diante das câmeras, de pé em frente a área cercada do jardim do Phoebe Putney, respondendo às perguntas de uma repórter. Ela cruzou as mãos a sua frente, um sinal de profissionalismo.

Mas quando se tratava do seu marido...

A resposta, Catherine decidiu, era parar de tentar, parar de se importar, parar de ter sentimentos. Como uma anestesia local, esta tática na verdade parecia funcionar.

Ela não estava mais morrendo por dentro.

Ou, se ela estava, ela não sentia. E isto era tudo o que importava.

“Catherine,” disse Gavin, encontrando-a no corredor do quinto andar. “Você já foi para o intervalo esta manhã?”

“Uhn, ainda não. Eu estava -”

“Está um dia lindo. Gostaria de se juntar a mim em frente ao chafariz?”

“Claro, Gavin,” ela disse. “Eu tenho algumas coisas para resolver em meu escritório, mas eu o encontrarei lá em cinco minutos, certo?”

“Então em dez minutos. Eu vou passar na cantina e pegar alguma coisa para bebermos.”

“Mmmm. Parece uma boa ideia.”

“Um café expresso com baunilha para você, está bem assim?”

“Como você sabe?”

“Eu presto atenção.” Apesar de ter um tom educado, a paixão no olhar do doutor era inegável.

“Estou impressionada, Gavin.”

“Bem, que bom. É isso que estou buscando.”

Ela se encontrou com ele em dez minutos, em ponto. À medida que o chafariz jorrava, algo parecido acontecia com ela, reagindo ao humor do doutor e recebendo com alegria cada elogio.

Ela era uma mulher casada, tudo bem. Mas ele não sabia disso, não desde que ela retirou a sua aliança e a deixou na gaveta. Claro, Gavin deve ter ouvido falar no hospital a respeito disso – não havia como impedir este tipo de boato em um lugar como esse – mas ele devia pensar que atualmente ela estava divorciada.

As intenções dele são extremamente nobres, ela disse para si mesma.

Ela, por outro lado, não era tão nobre. Ela apontou o dedo para Caleb, mas será que isso fazia alguma diferença?

Ela afastou esses pensamentos e riu da próxima piada de Gavin.

HÁ ALGUNS MESES, Catherine considerava isso um grande problema. Ela não deveria abrir o seu coração para um outro homem – sem falar que romances em local de trabalho eram quase sempre problemáticos. Aos vinte e oito anos de idade, ela sabia das coisas.

Nos dias de hoje, contudo, o problema não parecia tão nítido.

Ela sentiu seu coração parar por um momento, ao entrar em seu escritório e encontrar alguma coisa esperando por ela ao lado do suporte do seu cartão de trabalho.

Era um cartão comemorativo, acompanhado de uma rosa solitária. A flor, com as pétalas intensamente vermelhas, já enchiam o ambiente com o seu aroma suave.

Por um momento, ela teve a esperança de ser de Caleb. Ele nunca a visitou aqui no trabalho, mas nas últimas semanas ele estava agindo de maneira estranha. Talvez, esta fosse mais uma das suas tentativas de abrandá-la para então, aplicar o seu golpe.

Ela sentou-se na cadeira e ergueu a rosa, adiando a abertura do cartão. Ela inspirou a suave essência da flor com os olhos fechados.

Caleb?

Ou Gavin?

Ela pegou o cartão e, ao ver a assinatura do doutor, sentiu um delírio estonteante passar por todo o seu corpo. Isso a fez pensar em se apaixonar novamente, e ela retirou-se do seu escritório.

Ela encontrou o bom doutor no corredor. “Obrigada, Gavin.”

“De nada,” ele disse. “É um prazer.”

“Foi muito gentil da sua parte.”

“Então, minha postura está melhorando?” Através de olhos serenos, a sua pergunta estava carregada de insinuações.

Catherine encostou-se na moldura da porta, abraçou a sua pasta com o planejamento do dia, levantou um pé como se encostasse os dedos no chão. Ela sabia que Tasha estava próxima deles, ouvindo o que conversavam à mesa. Com a visão periférica, ela também avistou sua amiga Anna olhando para ela do outro lado da área das enfermeiras.

Nada daquilo parecia importar.

“Oh,” ela disse, “reclamamos um pouco, Doutor, mas uma mulher em particular disse que você tem sido muito gentil.”

“Você diz a tataravó do segundo andar?”

“Ah, não seja inocente.” Catherine inclinou-se para frente, sorrindo e apertando a mão dele em um gesto travesso. “Você sabe exatamente de quem eu estou falando.”

Gavin sorriu. “É, estou começando a achar que sei.”

Da esquerda, Catherine sentiu o olhar de Anna penetrando nela com acusações implícitas, mas ela se recusou a dar importância a isso. Deixe a enfermeira idosa pensar o que quiser. Catherine já é uma mulher adulta e já pode tomar as suas próprias decisões. Esta é a vida dela.

E de mais ninguém, obrigada.

CAPÍTULO 20

O Tenente Simmons estava preparando o churrasco no pá-

tio da estação. Gordura frita, pedaços de carvão e o aroma de carne grelhada enchia o ar. Perto dali, Caleb estava lendo o desafio do dia de *O Desafio de Amar*. Recentemente, ele estava compartilhando alguns ensinamentos do diário com o seu amigo.

Simmons colocou rapidamente pedaços de carne bem passados em um prato, e então olhou para cima, com os olhos protegidos do sol pela aba de seu boné. “Então, em que dia você está, Caleb?”

“Dezoito.”

“E?”

Caleb olhou para trás para os homens que passavam pelo magirus. Apesar de estarem fazendo o trabalho deles, provavelmente não prestando atenção na conversa deles, ele não estava muito desejoso de compartilhar os detalhes do seu pequeno desafio.

Simmons era seu amigo, e poderia falar todos os detalhes que quisesse.

Simmons jogou outra carne no prato.

“E,” Caleb respondeu, “ainda é difícil. Cada dia introduz uma nova ideia de como tratá-la.”

“Por exemplo?”

“Bem, aqui... no Décimo Sexto Dia foi orar por ela.” Ele olhou para cima. “Eu meio que pulei esse.” Ele passou algumas páginas e continuou.

“No Décimo Sétimo Dia era escutá-la e o Décimo Oitavo Dia é estudá-la mais uma vez.”

“Estudá-la?”

“Sim. Aqui...” Caleb leu em voz alta: “Quando um homem tenta ganhar o coração de uma mulher, ele a estuda. Ele descobre do que ela gosta, do que não gosta, seus hábitos e *hobbies*. Mas depois que ele ganha o coração dela e se casa, geralmente ele para de descobrir coisas novas sobre ela.”

Simmons olhou para Caleb, todo ouvidos.

“Se tudo o que você conheceu do seu marido ou da sua esposa antes do casamento for igual a um diploma do ensino médio,”

Caleb continuou, “então, você precisa continuar aprendendo sobre ele(a) até conquistar um diploma universitário, um mestrado e, por fim, um doutorado. É uma jornada longa que conduz o seu coração para mais perto do seu cônjuge.”

“É um bom conceito. Nunca tinha pensado desse jeito.”

“Então, você estuda a Tina?”

Simmons ergueu a cabeça. “Sim, mas não acho que tenha um diploma de graduação ainda.”

Caleb sorriu e olhou novamente para o livro.

“Você acha que devo ler esse livro?”

Caleb fez um movimento para frente com a cabeça. “Você?”

“Só para me atualizar, entende? Talvez conseguir o mestrado.”

“Você não precisa disso. Você e Tina, vocês parecem muito felizes juntos.”

“É exatamente por isso que precisamos do mestrado.”

“Você me irrita.”

“Bem,” disse Simmons, “você sabe como estamos sempre tentando ensinar prevenção contra incêndios por aqui, visitando escolas, fazendo trabalho comunitário e tudo o mais?”

“Sim?”

“Você e Catherine, Tina e eu – estamos na cadeira elétrica.

Só porque usamos as alianças não significa que estamos seguros.

Precisamos fazer tudo o que está ao nosso alcance para manter nosso relacionamento à prova de fogo.”

Caleb deixou o ensinamento entrar, sem perder tempo com o fato de sua esposa não utilizar a aliança.

“Então,” Simmons disse. “Fale-me de como você a estuda.”

“Bem, devo preparar um jantar à luz de velas para ela e depois fazer uma lista de perguntas.”

“Humm. Meu conselho é fazer o máximo.”

Caleb fez uma expressão de dúvida. “O que você quer dizer?”

“Não economize. Se não sabe cozinhar, compre o jantar em um bom restaurante. Leve para casa, use os melhores pratos, copos, música... tudo.” Simmons apontou a espátula da grelha para Caleb. “Faça deste um encontro memorável.”

RC: RONDA DA COZINHA. Terrell preferiu varrer enquanto Wayne lavava a louça. O motorista não parecia ter problemas com esta atividade,

sorrindo, gabando-se como sempre, enquanto limpava a mesa e colocava o lixo na lixeira.

“Eu apenas digo a elas que sou bombeiro,” Wayne disse, “e as mulheres não conseguem ficar longe.”

Terrell pensou. “Que mulheres?”

“As que me beijam toda sexta-feira a noite.”

“Cara, do que você está falando? Não sai com ninguém há anos.”

“Ei, sou como um bom vinho. Preciso de trinta e cinco anos para alcançar a perfeição.” Wayne jogou um guardanapo no chão, limpou a garganta e apontou para si mesmo. “Mas a mulher que ficar com Wayne Floyd, levará o pacote completo.”

“Você quer dizer os destroços.”

“Não, sou cento e quinze quilos de puro amor. Para um casamento funcionar, só é preciso romance. E isso vem daqui.” Com dois dedos, Wayne desenhou um coração na frente da sua camisa azul de Incêndio/Resgate.

“O quê?” Terrell quase não acreditou no que estava ouvindo.

“É fácil falar quando nunca foi casado. Estou casado há quase cinco anos, e é mais difícil do que pensa, cara.”

Terrell continuou perturbando o motorista com sarcasmo e zombaria, mas nada disso era malévolo. Wayne era o oposto de Terrell – alto, caucasiano, loiro e de olhos azuis. A camaradagem como bombeiros era ainda mais reforçada pelas provocações e travessuras. Às vezes, Terrell vai dormir pensando em novas maneiras de provocar Wayne.

Algumas noites, isso é tudo em que Terrell Sanders pensa.

Era verdade que nos últimos meses sua esposa costumava dormir no sofá ou ir para a casa da sua irmã, no centro da cidade, pelo rio.

Sim, casamento era algo difícil. Sem dúvidas.

Porém, Wayne não precisava ser desencorajado. Não esta noite.

Ele colocou alguns copos no armário e disse: “Você vai ver, Terrell. Um dia vou entrar aqui com uma linda morena nos braços, e eu vou mostrar para você como é fácil.”

Capitão Caleb Hold entrou, deixando um rastro de fumaça de churrasco e duas abelhas enquanto trazia os pratos do pátio externo.

“Estou dizendo, Wayne...” Terrell colocou as duas mãos no cabo da vassoura e zombou. “A única coisa em seus braços quando você entrar será um pacote de frango frito.”

Wayne sorriu. “É isso que você quer.”

Caleb parou ao lado de Wayne e bateu a mão em seu ombro.

O motorista parou. “O quê?”

“Era suco de tomate,” Caleb falou antes de deixar a cozinha.

Um olhar de confusão se estampou no rosto de Wayne. Ele deu de ombros, olhou para Terrell, e balançou a cabeça como se dissesse: *Do que ele está falando?*

QUATRO HORAS MAIS TARDE, em uma noite calma e fria que se aproximava de Albany, Terrell se moveu na cama do dormitório superior da estação. Apesar de às vezes ser acordado pelo som do alarme, ele esperava que esta noite pudesse descansar. Ele precisava disso. Em seus dias de folga, ele encontrava pouca paz dormindo sozinho, naquela cama de casal *king-size*.

De repente um movimento brusco cortou seu sono, seguido de um grito.

“Suco de *Tomate*? Cara, isso não é justo!” Wayne saltou da cama, que ficava entre Eric e Terrell, indignação estampada em seu rosto. Ele esmurrou suas cobertas. “Isso não é *justo*!”

“O que não é justo?” Eric falou sonolento.

De short e camisa, Wayne saltou da cama com os pés descalços. Golpeou o ar com os dedos. “Eu bebi a coisa de verdade e ele bebeu suco?”

“Só entendeu agora?” Terrell perguntou.

“Sabe o que aquilo *fez* comigo?”

“Para cama, Wayne,” Simmons falou do canto do quarto.

“Houve repercussões sérias.”

O pessoal ria na escuridão, enquanto Eric pedia silêncio.

“Vocês vão ver! Isso não é *justo*, cara.” Wayne murmurava enquanto ajeitava sua cama e voltava para baixo dos cobertores.

“Mexeu em um vespero. Tem gente aí que vai virar picadinho.”

CAPÍTULO 21

A ponta do isqueiro de Caleb Holt tocou a primeira vela e depois a segunda. Sombras apareceram na sala de jantar e o brilho dourado do fogo dançou refletido nos artigos de prata polidos.

Seguindo o conselho do Tenente, Caleb não economizou capricho. Ele estendeu uma toalha de mesa de linho branco, passada por ele mesmo, e então colocou à mesa os melhores pratos e cálices de cristal. Após comprar um jantar para dois em um bom restaurante, foi para casa a fim de servi-lo ainda quente assim que Catherine chegasse em casa.

Obviamente ela não fazia ideia desse jantar. Ela sempre gostou de surpresas e ele esperava que seus esforços amolecessem o duro coração da esposa.

Os faróis dianteiros do Camry cruzaram o gramado. Ela finalmente chegou.

Caleb ligou o rádio, dando início à música romântica que ele selecionara. Pôs a comida nos pratos, ao lado de travessas de salada e pedaços de Parmesão espetados em palitos.

Vestindo uma calça comprida e camisa, ele esperou.

A porta lateral abriu, conduzindo Catherine à atmosfera iluminada pelas velas. Ela carregava sua bolsa no braço, com uma das mãos segurando as alças, como se estivesse prevenindo-se de ser roubada. Ela vestia uma blusa listrada justa que apesar de casual, era elegante. As luzes em seus cabelos capturavam a suave luz, e seus olhos...

Seus olhos eram profundos e pareciam chocados - lindos, ainda que distantes.

O coração de Caleb parecia que ia parar.

Ela estava abismada.

Catherine parou à porta da sala de jantar, contemplando tudo aquilo que ele fizera. Ele direcionou seu queixo em direção a ela e afastou a cadeira da esposa como se estivesse convidando-a para sentar-se. Tudo o que ele queria era um olhar. Alguma coisa que demonstrasse brandura da parte dela.

Por favor, Catherine.

Ela não disse uma palavra sequer. Atravessou o corredor em direção ao quarto principal. Ele assistiu a partida dela, ainda recusando-se a abandonar a esperança. Ela voltaria. Ela só precisava trocar de roupas após um longo dia de trabalho. Ou de se recompor emocionalmente.

Não, ela não o rejeitou. Rejeitou?

CATHERINE JOGOU SUA bolsa e suas chaves sobre a cômoda e apoiou-se no móvel, impactada pela atitude do seu marido. Uma música suave fluía pela casa, a voz de um homem cantando algo sobre estar no topo do mundo.

O que está se passando com Caleb?

Com certeza, Deidra a alertou a respeito destas táticas masculinas, mas era difícil não acreditar nos olhos verdes dele, tão sinceros e fixos. Aqueles olhos que penetraram em sua alma quando ela era pouco mais que uma menina, e a convidou para sua vida.

Ela conhecia aqueles olhos, não conhecia?

E exatamente agora, ela não encontrava engano.

Claro, esta poderia ser a intenção dele - fazer um ato de bondade e aparecer o mais inocente possível, antes de dar o bote.

Ela olhou-se no espelho do guarda-roupas e viu uma mulher que desejava atenção, segurança e independência. Ela dedicou boa parte de sua vida nesta relação e, em algum lugar nesta caminhada, em algum lugar entre a sua graduação na faculdade e sua promoção no hospital, os laços entre ela e Caleb se afrouxaram.

Ambos tentavam manter este laço firme, mas agora ele estava frouxo - como uma linha de força derrubada.

Sem utilidade. Nada além de fagulhas.

Outra mulher que ela conhecia bancara a tola. Sua própria avó tinha um marido que gastava seus ganhos semanais com vícios em jogos.

“Ele tem um bom coração,” Vovó costumava dizer. *“Ele vai mudar.”*

Sim, está certo. Se Caleb me quisesse de verdade, ele não precisaria destas imagens no computador. Ele não me trataria como uma empregada de segunda categoria. Ele não...

Catherine saiu de frente do espelho e voltou para a sala de jantar.

ELA ESTAVA VOLTANDO. Caleb queria acreditar que isso era bom, mas os passos apressados demonstravam algo diferente de uma rendição amorosa.

“O que você está fazendo?” Catherine perguntou.

As duas mãos de Caleb estavam sobre a cadeira. “Talvez eu queira jantar com a minha esposa.”

Ela olhou para baixo, deixando o cabelo cair por sua face, e em seguida encontrou o olhar dele.

“Deixe-me ser clara com você a respeito de algo...”

Ele esperou.

Ela avançou dois passos. “Eu não amo você.”

O peito de Caleb parecia que tinha sido esmagado. Ele não conseguia nem respirar. Ele não confiava em si mesmo para falar alguma coisa.

Ele assistiu sua volta, ouviu o barulho de seus sapatos a levarem embora, e depois deixou cair lágrimas que logo o levaram do desespero à raiva.

O Desafio de Amar?

Que piada.

Ele colocou sua mão dentro de seu copo de água, e depois usou seus dedos molhados para apagar ambas as velas - *hisss, hisss*.

Com um casaco apanhado de seu armário, ele saiu depressa andou pela noite estrelada da Geórgia. O que ele não daria para que uma daquelas estrelas caísse naquele momento, acabando rapidamente com a sua existência.

Ele puxou uma cadeira, sentou-se nela, pegou seu telefone e preparou-se para falar para o seu pai tudo aquilo que estava pensando.

JOHN HOLT ESTAVA em sua escrivaninha, à luz de uma luminária, organizando as contas. O telefone sem fio tocou perto dele, e o identificador de chamadas deu a dica de qual era o propósito da chamada.

“Oh, filho”, John murmurou. “É aí que fica difícil.”

Ele atendeu o telefone. “Alô, Caleb.”

“Não dá mais, pai! Eu não vou continuar fazendo isso. Eu tentei e nada acontece. Não está *funcionando*. ”

A velocidade das palavras veio sem surpresas. John lembrou – ah, como ele lembrou – das brigas pelas quais ele e Cheryl passaram. “Eu entendo, filho. Mas você já está na metade do caminho. Esta foi a parte mais difícil para nós também.”

“Mas ao menos você tinha alguma esperança. Catherine não me dá nada.”

“Houve um ponto onde não tínhamos esperança também. Nosso casamento devia ter acabado, Caleb. Você não pode ouvir o que sente neste momento. Não há dúvidas de que ela esteja vendo que você está tentando, certo?”

“Não. Ela não se importa. Nada disso é significativo para ela.

Pai, eu tentei.”

John pensou no que fazer. Ele lembrou do seu próprio pai, um artesão, um bom exemplo, e aquele que influenciou John e Cheryl. “Caleb, você está de folga amanhã?”

“Sim. Por quê?”

“Eu vou ver você. Podemos conversar melhor.”

“Pai, você não tem que fazer isso.”

“Eu quero fazer isso, filho. Eu gostaria de ir.”

Caleb parou e depois concordou. “Tudo bem.”

CATHERINE SENTIU-SE TÃO fraca. Ela queria estar forte, para juntar tudo e mostrar sua autoconfiança. Aqui, mesmo cara a cara com o colapso de seu casamento, ela só mostrava força para se enrolar entre as cobertas, ainda com as roupas que viera do trabalho, e chorou.

Ela segurou o travesseiro ante sua face e sentiu as lágrimas quentes molharem o tecido. Ela tentou calar suas próprias lamúrias. Teria ela cometido um erro? Os esforços de Caleb eram verdadeiros?

Não, ele tinha batido a porta dos fundos quando passou por ela em direção ao pátio. Ele estava bravo – e por quê? Porque ela o desafiou a demonstrar que aquilo que ele estava falando era verdade.

Por que, então, pareceu que era ela quem estava errada?

Catherine chorou sozinha para dormir, sentindo-se sem ajuda, desejando ter voltado e dito a verdade para aquela menina cheia de sonhos que ela um dia foi: Romances duradouros eram coisas de livros de história, e só. Não havia *felizes para sempre*.

Ou, em suas palavras ao três anos de idade, *felizes depois de sempre*.

CAPÍTULO 22

Pai, me sinto mal de você ter dirigido por horas só para me ver.”

“Foi bom,” John disse. “Tive tempo para pensar e orar. Então, em que dia você está? Vigésimo?”

“Sim. Sim, alguma coisa assim.”

Com seu pai ao seu lado, Caleb deu a volta em um tronco caído, passou por uma folhagem dura que servia como tapete para os pinheiros, carvalhos e nogueiras. Raios de sol passavam pelas árvores, como gotas brilhantes de água, e filtravam-se nas tranas de musgo. Este caminho atrás da casa de Caleb e Catherine guiava-os para o velho campo onde ficava a cruz de madeira.

“Vigésimo”, John disse. “Sim, eu diria que a metade é a parte mais difícil.”

Caleb parou com a mão no bolso. “Por quê?”

“Bem, é quando você determina se seu coração está nisso ou não. É quando você é levado a checar os seus reais motivos quando as coisas ficam difíceis.”

“A mãe deu uma canseira em você?”

“Ah,” John riu, “Acho que sua mãe teve uma atitude muito boa em relação a isso.”

“Bem, Catherine não gostou de nada.”

“E por que você acha isso?”

“Porque ela não me ama. Ela nem ao menos gosta de mim. Pai, ela ignora tudo o que tenho feito.”

“Está lendo tudo em todas as páginas?”

“De *O Desafio de Amar*? O que, você está falando dos versículos da Bíblia no final das páginas?” Caleb retrucou. “Não, não, não estou, pai. Eu já falei. Não é disso que eu preciso.”

“E do que você precisa?”

“Preciso que Catherine acorde e veja que teremos um divórcio complicado. Eu estou tentando evitar isso mais não posso fazer tudo sozinho.”

“Pode ser verdade, mas você precisa mais do que isso.”

“Pai, se você vai me dizer que eu preciso de Jesus, é melhor não falar nada. Eu não preciso de uma bengala para viver”. Caleb arrastava suas botas de couro pelo chão, chutando os galhos embaixo de seus pés.

“Ah, meu filho, Jesus é mais do que uma bengala. Ele se tornou a parte mais importante da nossa vida.”

“Pai, por que você vive dizendo isso? Que Ele é a parte mais importante? Como é isso?”

John andava pelo caminho, lentamente. “Quando eu percebi quem eu era e quem Ele era, eu entendi que precisava dEle. Eu precisava do perdão e da salvação dEle.”

“Veja, eu não entendo. Por que preciso da salvação dEle? Eu vou ser mandado para o inferno? Por quê? Porque me divorciei?”

Eles chegaram à clareira, onde troncos espalhados ainda esperavam pelos camponeses que foram embora há anos. Havia algo sereno neste lugar, longe da correria da vida.

“Não,” disse John, virando-se em seu suéter cinza e calça escura. “É porque você violou os padrões dEle.”

“Qual? Não matarás? Pai, eu ajudo as pessoas, sou uma pessoa boa.”

“Para você. Mas Deus não julga pelos seus padrões. Ele usa os dEle.”

A cabeça de Caleb estava confusa. Bem, isto é muito para qualquer pessoa enfrentar. É por isso que conversas religiosas afastam as pessoas. Não é de se espantar que fanáticos religiosos de todos os tipos gritem em um mundo perdido. Isso deu a eles todas as justificativas que precisavam para apontar os seus dedos e chover condenações.

“Ok, pai. E quais são os padrões de Deus?”

“Bem... verdade.”

“Ok.”

“Amor.”

“Eu sou honesto.”

“Devoção”

“Eu me importo com as pessoas. Eu sou todas essas coisas.”

“Às vezes. Mas você ama a Deus, Aquele que lhe deu a vida?

Os padrões dEle são tão altos,” John disse, gesticulando, “que Ele considera o ódio como matar alguém. E a luxúria como adultério.”

As palavras perfuraram o coração de Caleb. Ele pensou em todos os momentos em que guardou ódio por outros em seu coração – até mesmo contra sua esposa. E nas horas que ele passou em frente ao computador, cometendo adultério nos lugares secretos de sua mente.

“Ah, pai, e todas as coisas boas que eu faço?”

“Filho, salvar alguém não lhe faz correto diante de Deus. Você violou os mandamentos dEle e um dia terá que se acertar com Ele.

Sua única esperança é que Deus lhe mude, e o seu orgulho o está impedindo de chegar lá.”

Caleb sentou-se em um dos troncos, suas costas voltaram-se contra os raios de sol que irradiavam entre as traves de madeira. Na voz de seu pai, ele não detectou arrogância ou escárnio, somente uma verdade indomada e um amor desesperado. Caleb inclinou-se, colocando as mãos sobre a cabeça. O peso do mundo estava em suas costas - suas falhas enquanto marido, a falta de respeito de sua esposa. E agora ele teria que carregar o peso de ser um tremendo pecador?

Era muito.

Parecia fácil olhar para frente e encarar a verdade.

“Caleb, se eu perguntasse por que você está tão frustrado com Catherine, o que diria?”

Isto trouxe de volta a sua mente. Caleb poderia imaginar a lista saindo de sua boca. “Ela é teimosa. Ela dificulta tudo para mim.

Ela é ingrata. Ela vive sempre reclamando de alguma coisa.”

“Ela agradeceu por algo que fez nos últimos vinte dias?”

“Não. E você pensa que depois de lavar o carro dela, trocar o óleo, lavar a louça, limpar a casa ela mostraria um pouco de gratidão? Pois não demonstrou.”

John franziu os lábios, colocou ambas as mãos no bolso e começou a andar ao redor do campo.

“Na verdade,” Caleb reclamou, “quando eu chego em casa, ela faz com que eu me sinta um inimigo. Eu não sou bem-vindo na minha própria casa,

pai. Isto me tira do sério!”

Os olhos de seu pai ainda estavam voltados para baixo e os sapatos ainda se arrastavam pelas folhas.

Caleb colocou seu peso no tronco, assegurando-se de que cada palavra estava sendo ouvida. Ele podia sentir as veias saltando de seu pescoço e testa enquanto lançava ao vento os sentimentos que guardava dentro dele. “Nas últimas três semanas eu estou tentado fazer o impossível. Tento demonstrar que ainda me importo com nosso casamento. Eu comprei flores para ela – que ela jogou fora!”

Os ombros e olhos abaixados de John não esboçaram nenhuma reação.

“Tenho ouvido os insultos e o sarcasmo dela, mas ontem foi a conta.” Esbravejou Caleb. “Fiz o jantar para ela. Fiz tudo para demonstrar que me importo com ela, para mostrar que ela é importante para mim e ela cuspiu na minha cara. Ela não merece, pai. Eu não vou fazer mais nada! Como posso demonstrar amor por uma pessoa que dia após dia vive me rejeitando?” Seu pai parou em uma solitária cruz. Ele olhou para ela, e depois se apoiou na trave vertical enquanto estudava seu filho pelos seus olhos.

Caleb piscou, incomodado pela luz do sol.

“É uma boa pergunta,” disse John.

Caleb direcionou sua visão para a cruz, este velho símbolo de amor e sacrifício, e depois permitiu que ela contemplasse o seu pai. Com o encontro dos olhos, algo passou pelos pensamentos de Caleb.

“Não.” Ele forçou sua fala. “Não, isto não é o que eu estou fazendo.”

“Não é?”

Ele balançou sua cabeça. “Pai, o problema não é esse.”

“Filho, você me perguntou – como alguém pode demonstrar amor a alguém que constantemente o rejeita? A resposta é: você não pode amá-la porque não pode dar a ela o que você não tem.”

Caleb coçou sua testa, escondendo seu rosto de seu pai.

Se Deus fosse real...

Se fosse verdade que Jesus morreu por mim...

Não, era muita informação e tudo muito rápido.

“Eu só pude amar sua mãe de verdade,” disse John, se aproximando de Caleb a passos curtos, “quando entendi o que o amor realmente era. Eu não terei nenhuma recompensa nisso. Agora tomei a decisão de amar sua mãe, merecendo ela ou não. Filho, Deus o ama mesmo que você não mereça. Mesmo que O tenha rejeitado. Cuspido na cara dEle.”

Caleb fitou seus olhos nas traves de madeira. Era isso o que ele fazia?

Ele se sentiu machucado pelo seu próprio coração endurecido e pela sua arrogância. Quem era ele para reclamar? Se fosse comparar, seu próprio sofrimento para demonstrar amor era mínimo.

A voz de John se mostrou suave. “Deus mandou Jesus para morrer na cruz e ser punido por seus pecados porque Ele ama você, Caleb.”

John se ajoelhou, colocando a mão no ombro de seu filho. “A cruz era revoltante para mim até eu me dar conta. Mas aí, Jesus Cristo mudou a minha vida. Foi aí que eu realmente comecei a amar a sua mãe.” Caleb olhou de lado para seu pai.

“Filho, não posso resolver por você. Isto é entre você e o Senhor. Mas eu lhe amo muito para não lhe dizer a verdade. Não vê que você precisa dEle?”

Caleb apoiou seu queixo em seu punho. O calor da mão de seu pai, a profundidade de sua preocupação, foram como óleo fluindo nos comandos

do coração e da mente de Caleb. O atrito que rompia dentro dele, queimando-o por dentro, começou a cessar, e agora sua posição começava a ficar clara.

Seu pai estava certo. Ele havia quebrado as leis de Deus. Ele se irou, cometeu luxúria, e até mentiu. Ele julgou sua esposa por todas as coisas que ele mesmo fizera. Ele desprezou Deus que havia lhe dado vida, e ele sabia que se fosse julgado pelo Todo Poderoso, seria achado culpado.

Lágrimas escorreram de seus olhos. Ele balançou e abaixou sua cabeça em sinal de negação.

“Caleb, você não vê que precisa do perdão dEle?”

“Sim,” ele sussurrou.

“Vai confiar sua vida a Ele?”

Caleb olhou para seu pai, testemunhando nos velhos olhos de John a aceitação, a graça e o amor. A mudança em John Holt era real.

Eu também quero isto. Não importa a que isso leve. Não posso fazer isso sem você. Salvame, Jesus.

Acenando afirmativamente com a cabeça, Caleb sentiu os braços de seu pai abraçando-o – e ele sentiu o conforto de um grande abraço que nunca o deixaria ir embora.

CAPÍTULO 23

Não havia mágica envolvida. A vida do capitão Caleb Holt não mudaria da noite para o dia rumo a uma felicidade fantástica. Na verdade, no dia seguinte o tom de Catherine estava mais áspero do que nunca.

“Então, sobre o que você e seu pai estavam conversando?”

“Sobre nós dois,” Caleb respondeu.

“Ah, que bom,” ela reclamou. “Agora você está jogando nossos problemas para os outros? Você fez ele vir dirigindo de Savannah só para envenená-lo contra mim? Que histórias você contou para ele desta vez?”

“Catherine, eu...”

“Esqueça! Eu nem quero saber.”

“Na verdade, eu...”

“Você vai se atrasar. Não quero que você tenha nenhum problema no trabalho.” Ela foi da cozinha para o quarto principal – ou para o quarto dela, como Caleb havia começado a pensar.

“Eu ligo para você,” ele disse.

“Meu telefone provavelmente estará desligado. Ou seja, não se preocupe comigo.”

Os pensamentos de Caleb se voltaram para o 1º Dia do livro, aquele que instrui a não dizer nada se não tivesse nada de gentil para falar. Pelo menos desta vez foi fácil, e ele se apegou àquela pequena vitória.

NA SALA DE ENCONTRO no Corpo de Bombeiros de Albany, Estação Um, Capitão Caleb Holt juntou-se ao resto de sua equipe enquanto eles esperavam para o fim do turno para irem para casa.

Cinco homens estavam com suas bolsas em mãos, cansados dos vários alarmes falsos a respeito de um incêndio em um depósito na cidade na noite anterior.

“Acho que alguém estava brincando com a nossa cara,” disse Capitão Harris a Caleb.

“Às duas da manhã? Isto não é nada engraçado. Será que eles nunca vão parar para pensar o que aconteceria se isso fosse realmente uma emergência?”

“Há algumas pessoas lá fora que ficam nos assistindo passar, buscando o nosso rastro.”

“Tudo isso faz parte do trabalho, eu acho.” Capitão Harris passou seu dedo pelo quadro de ocorrências. “Também tivemos duas chamadas ontem, mas não foi nada demais. Nós usamos CO2, então vai ser um pouco mais devagar.”

“Eu tomarei conta disso,” Caleb disse.

“Já está feito. Eu enviei por e-mail um requerimento para ser preenchido. E o caminhão está funcionando bem, então você deveria ir também.” Harris olhou mais uma vez o quadro e apertou a mão de Caleb, passando efetivamente o comando.

“Obrigado, Ken. Tenham um bom dia rapazes. Nós começamos aqui.”

Os dois turnos se reconheceram ao passarem um pelo outro.

Uma vez sozinhos, o turno A reuniu-se envolta do seu capitão.

“Tudo bem,” disse Caleb. “Por que vocês não colocam seu equipamento no caminhão enquanto o Tenente Simmons prepara o café da manhã para nós?”

“O que acham de waffles e bacon?” sugere Wayne.

“Não, cara. Preciso de uma omelete,” disse Terrell.

“Terrell, não tivemos omelete da última vez?”

“Para mim não importa,” disse o recruta. “Não estou reclamando.”

“Esta é a atitude certa. Todos ouviram o que Eric disse?”

Todos em uníssono: “Sim, Capitão.”

À medida que os homens saíam dali, Wayne encurralou Simmons. “Ouça, se você fizer omeletes, você acha que poderia rechear o meu com um waffle?”

“Um o quê? Você está pensando que isso aqui é um restaurante?”

“Só estou dizendo...”

“Dá o fora daqui!”

Um sinal foi ouvido, seguido de uma voz que vinha do autofalante. “Oito horas da manhã, Corpo de Bombeiros de Albany troca de turno.”

Caleb e sua equipe tinham longas vinte e quatro horas pela frente.

TRINTA MINUTOS MAIS TARDE, Caleb encontrou Simmons arrumando a área de estar, ajeitando as poltronas azuis, colocando os rádios para carregar, separando algumas revistas.

Embora Caleb quisesse mais do que nunca ser confiável aqui no trabalho, ele estava explodindo por dentro, querendo compartilhar sua mais nova descoberta de fé com o Tenente.

Caleb estava quase falando quando Wayne e Terrell entraram pela porta vindos de suas tarefas na seção.

“Hora do waffle,” falou Wayne. Ele ajustou suas calças e bateu palmas no percurso até a cozinha.

“Aquele garoto vai se desapontar profundamente,” disse Simmons.

“Farinha de aveia?” Gritou Wayne. “Isto é cruel, Tenente.”

Terrell riu com a troca, separou para si uma grande quantidade e abriu caminho com os cotovelos para a área reservada para o jantar. Wayne o seguiu, resmungando a cada passo.

Caleb olhou a sua volta, para ter certeza, mais uma vez, de que ele e Simmons estavam sozinhos. Ele limpou sua garganta.

“Ei, Michael. Tem algo que eu quero lhe falar.”

“O quê?”

“Bem, uh...”

“Capitão...” Eric apareceu do nada, segurando algo de plástico nas mãos. “Acho que o turno B está tentando pregar uma peça em nós. O saleiro e o pimenteiro estão grudados.”

“Ei!” Simmons gesticulou. “Joga isso para cá.”

Eric obedeceu.

Simmons estudou sua obra de arte super colada, viu que continuava intacta, então colocou-a na mesa.

“Obrigado, recruta,” Caleb disse. “Fique de olho e mantenha os engraçadinhos longe daqui. Ouça, não esqueça de limpar a cozinha após o café.”

“Sim, senhor.”

“E troque a bateria do relógio. Parece que esta já morreu.”

Eric balançou a cabeça e depois saiu em direção a sua comida.

Bem, vamos tentar novamente.

Caleb fechou sua mão, pensando naquilo que seu amigo e colega de trabalho poderia pensar a respeito da revelação que ele estava prestes a fazer. Ao confessar sua recente decisão de forma clara, ele estaria tornando-se responsável por ela.

Simmons disse: “Você queria me falar alguma coisa?”

As mãos foram parar dentro do bolso. Um nó nervoso.

Simmons esperou.

“Bem, é sobre a sua fé,” disse Caleb.

“Minha fé?”

“Sim.”

“O que tem ela?”

Acho que é hora de torná-la pública.

“Bem,” Caleb disse. “Estou dentro.”

“Está dentro?”

“É, estou dentro.”

Os olhos de Simmons pareciam explodir. “Você está dizendo que quer entrar?”

“Estou dizendo que estou dentro.”

“Está dentro mesmo?”

“Estou dentro mesmo.”

“Porque você não pode estar metade dentro. Você tem que estar por inteiro, irmão.”

Caleb sorriu e tirou as mãos do bolso. Ele seguiu para frente em passos fortes. “Estou dizendo que estou todo dentro.”

“Ah, Caleb.” Simmons pegou o capitão em um súbito abraço com tapinhas nas costas. “Eu não acredito, Caleb. Você é meu irmão.” Ele deu um passo para trás.

“Eu sou seu irmão?”

“Você é meu irmão de uma outra mãe, mas agora temos o mesmo Pai.”

“O quê?”

“Eu lhe explico depois. Cara, isso é incrível.”

Atrás do Tenente Simmons, tamanhos de mangueiras de incêndio e regulagens de pressão estavam escritas no quadro, e Caleb achou engraçado o fato daquelas figuras e equações algébricas fazerem muito mais sentido para ele neste exato momento, do que o diálogo que ele e Simmons acabaram de ter.

Mas isto o desencorajou. Definitivamente, algo havia acontecido.

“Catherine já sabe?” Perguntou Simmons.

“Ah, não. Acho que ela não ia ligar muito para isso, para falar a verdade. Ela não tem aceitado essa coisa do desafio. Caleb sentou em uma cadeira e cruzou os braços.

“Mas ainda não acabou, certo?”

“Não. Estou no dia 21 de um total de quarenta. Mas eu vou ser sincero. Até agora, não estive nisso de coração.”

“Hmm. É isso que importa. A mulher sabe quando você está de coração.”

“Tem toda razão. Então, posso lhe fazer uma pergunta: Como começou tão bem com a Tina? Por que é tão fácil para vocês?”

“Nem sempre foi tão fácil assim,” disse Simmons. “Casamento dá trabalho. Tina é uma esposa incrível, mas aprendemos muitas coisas da maneira mais difícil.”

“Pelo menos não tiveram de enfrentar o divórcio.”

Simmons mirou seu olhar para o chão. Ele ficou de pé e deu a volta na cadeira, distanciando-se do capitão como se estivesse distanciando-se de algo que o perturbasse. “Quem me dera isso fosse verdade.”

“Você e Tina já brigaram a tal ponto?”

“Eu e Tina? Brigava com minha primeira esposa.”

“O quê?” Os olhos de Caleb voltaram-se para trás de seus ombros, verificando se eles estavam sozinhos ali, depois colocou suas mãos em sua cintura.

“Você já foi casado antes da Tina?”

“Durante um ano péssimo. Casei-me pelas razões erradas, depois voltei atrás e divorciei-me pelos motivos errados. Cara, achei que estava seguindo o meu coração.”

“Michael, trabalhamos juntos há cinco anos. Nunca me contou isso.”

“Porque eu não me orgulho disso. Isto foi antes de entregar a minha vida ao Senhor e... eu só me preocupava com os meus direitos e minhas necessidades.” Ele apontou para si mesmo na altura do peito. “Eu arruinei a vida dela. Mas, quando entreguei minha vida ao Senhor, eu tentei encontrá-la, mas ela já tinha se casado com outro. Acredite, eu tenho uma grande cicatriz.

Caleb ficou atordoado com isto. Era como se sua perplexidade o golpeasse com a aspereza das palavras de Simmons. Ele pensava que seu amigo tinha um relacionamento perfeito, mas até ele, passara por momentos difíceis.

Acho que não estou sozinho como pensei.

“Ouça, Caleb.” Simmons pegou o saleiro e o pimenteiro que estavam colados. “Deus fez o casamento para ser eterno. Por isso você deve manter seus votos com Catherine. Você tem de implorar a Deus para lhe ensinar a ser um bom marido. E não siga só o seu coração, cara, porque o seu coração pode ser enganoso.”

“Sim, me fale sobre isso.”

“Você tem que *guiar* o seu coração.”

As palavras de Simmons penetraram nas defesas de Caleb. Ele estava sendo moldado desta forma e pelas vacilações dos últimos meses, deixando que o humor de sua esposa ditasse suas reações.

Seu coração esteve vagando por todas as direções possíveis.

Sim, era hora de começar a liderá-lo.

Sua mente se voltou para a imagem daquela cruz na clareira.

Agora que ele encontrara aquele a quem seguir, um exemplo, ele sabia que precisava morrer para seus próprios desejos antes de haver alguma esperança de ressuscitar seu casamento.

Então, *Caleb* – *você se considera um herói?*

É hora de colocar isso à prova.

CAPÍTULO 24

No pátio externo da área de alimentação do hospital, entre arbustos vibrantes e flores coloridas, Catherine sentou-se ao lado do Dr. Gavin Keller em uma mesa preta de ferro trabalhado. Ele vestia uma camisa azul clara com uma gravata listrada em diagonal, confortável em seu traje informal. Ela não podia fazer nada além de admirá-lo. Seu marido raramente vestia uma gravata, e quando vestia, parecia que ele estava prestes a se sufocar.

Eu tento me vestir bem. É errado desejar isto do homem com quem eu sou casada?

Catherine jogou seu cabelo para trás. Ela vestia uma blusa de seda vermelha sob uma jaqueta cinza.

“Você parece um pouco triste hoje,” notou Gavin.

Ele estava certo. Ele parecia tão conectado às emoções dela, e isso só aumentava seu ressentimento em relação a Caleb.

Ela afastou a sua salada e empurrou o pão para o lado do prato.

“Tem sido muito difícil para mim.”

“Por quê?” A empatia preenchia a voz de Gavin.

“Eu vi meus pais ontem novamente. Minha mãe não está nada bem. É incrível como um derrame pode afetar a vida de alguém.

Eu... é como se ela estivesse presa. Meu pai faz o possível para se comunicar com ela, mas é difícil para ele também.”

“Catherine, eu sinto muito. Você parece ser muito ligada a eles.”

“Eu sou.” Ela levantou seu copo de suco e pensou em sua mãe, presa àquela cadeira de rodas, com os ferimentos aumentando em razão da constante necessidade de limpeza. “Eles me tiveram tarde. Foi quase como ser criada pelos meus avós.”

“Entendo”, disse Gavin. “E eles lhe mimaram muito.”

“Ah, espera aí. Eu acho que eles fizeram um bom trabalho.”

“Fizeram sim. Eles devem ter muito orgulho de você.”

“Sabe...” Catherine abaixou seu copo e olhou para ele com ternura. “Você até que é meio gentil quando quer ser.”

“Meio?”

“Com algum treinamento você pode ser um belo cavalheiro.”

“Por quê? Você está se oferecendo para me dar aulas?”

Seus olhares prenderam-se, e então Catherine fez um gracejo.

Ela olhou para baixo, envergonhada com sua resposta infantil.

“Mas então, do que sua mãe precisa?”

Catherine suspirou. “Bom, uma cadeira de rodas e uma cama hospitalar seriam os principais. Falei com o pessoal do hospital para conseguir esses equipamentos, mas é tudo tão caro.”

“Mas não pode por um preço para ajudar sua mãe.”

Tente falar isso para o meu marido.

“É verdade,” disse Catherine. “Então, vale o sacrifício. Na verdade estou esperando comprar o equipamento em breve, mas é difícil com as minhas próprias contas e tudo mais.

“Tenho certeza que sua mãe entende.”

“Mas isso não torna nada mais fácil. Eu tenho uma pequena surpresa para ela. Quero dizer, pode não funcionar. Mas se funcionar, ela ficará muito feliz.”

“Sabe,” disse Gavin, capturando o olhar dela mais uma vez.

“Eles têm sorte em lhe ter como filha.”

Catherine olhou para ele, e desviou o olhar um pouco antes daquele momento quando duas pessoas se olham tanto a ponto de saber que algo vai acontecer. Aqui estava ela, vivendo em meio às cinzas de um casamento fracassado, e Gavin gastou tempo para ouvir suas reclamações pessoais. Embora, nunca tenha visto os pais dela, ele estava lá, sem se queixar, ajudando-a a carregar este fardo.

“RECRUTA, NÃO ME OLHA COM ESSA CARA NÃO. Só estou tentando ajudar.”

Virando a esquina, o som do sermão que Terrell aplicava em Eric colocou um riso no rosto de Caleb enquanto ele entrava no dormitório do quartel. Já era hora de os homens estarem com suas áreas pessoais arrumadas.

“Por que a aparência da minha cama importa?” disse Eric, “Sou eu quem vou dormir nela.”

“E se o Comandante Hatcher entrar aqui?” responde Terrell de volta.

Caleb desceu pelo poste para ver com seus próprios olhos o estado da área do recruta. Certamente, os cobertores estavam enrugados, e sua mesa de cabeceira estava cheia de revistas e papéis de bala. Nem perto da organização militar com a qual se encontrava a cama de Terrell.

E Terrell sabia disso.

“Minha cama diz que eu levo o meu trabalho a sério. A sua cama diz que a sua mãe não passou aqui hoje para lhe ajudar.”

“Você está ensinando um outro recruta a como fazer sua cama?” perguntou Caleb.

Terrell zombou. “Alguém tem que fazer isso.”

Eric agora era a imagem da concentração, passando suas mãos sobre o colchão para deixar suas cobertas bem arrumadas.

“Sabe,” disse Caleb, cutucando Terrell, “ela está tão feia quanto a sua quando eu lhe ensinei. Eu me lembro...”

O alarme o interrompeu no meio de sua fala. Ele esperou juntamente com os outros para ver se o sinal havia de fato tocado, indicando que era para eles.

Brrrrrrrmg!

Eles saíram correndo juntos. Os três homens correram para os postes, e suas mãos faziam barulho à medida que desciam e chegavam ao nível do chão. O Tenente Simmons apressou-se em sair da área da cozinha, e Wayne já estava ao lado de seu caminhão.

Isso era natural, fazia parte do treinamento deles capturar as instruções dos autofalantes enquanto se aprontavam.

Uma voz feminina: “Viatura Dois, Viatura Um, Área Um, Primeiro Batalhão - dirijam-se à Avenida Onze, 209. Incêndio em residência. Hora da ligação, 15:32.”

Eles tinham muito trabalho pela frente.

Terrell colocou um capuz em sua cabeça negra raspada, só por precaução. Caleb calçou suas botas e ajustou os suspensórios em seus ombros. Atrás

dele, Wayne e Eric estavam vestindo pesados casacos com faixas amarelas e tiras prateadas.

Caleb segurou um apoio para se lançar para dentro da cabine da Viação Um. “Michael,” ele gritou, “você ouviu isso?”

“Ouvi.”

“Wayne?”

“Já ouvi.”

“Vamos nessa!”

Buzinas ecoavam e sirenes chamavam atenção. O caminhão com a escada magirus partiu em direção ao trânsito de Albany. As luzes de emergência reluziam em amarelo e vermelho sobre as árvores e prédios ao longo do caminho. No fundo da cabine da viatura, Eric parecia menos nervoso do que da última vez. Ele ainda estava meio desajeitado com o trabalho, mas Caleb entendeu que ele ficaria bem quando adquirisse um pouco mais de experiência.

Caleb respondeu em seu rádio: Viatura Um a caminho da Avenida Onze, 209. Incêndio em residência.”

“Entendido, Viatura Um.”

“Antena Um está a caminho...”

“Entendido, Antena Um.”

“Viatura Dois está a caminho...”

“Entendido, Viatura Dois. Recebemos várias ligações informando este incêndio.”

Caleb voltou-se para Eric, que estava nos fundos. “Tudo bem, isto significa que a situação é complicada, Eric. Verifique se está tudo preso.”

O recruta ajustou seu capuz e ajeitou seu casaco.

Os veículos de emergência passaram pelo Memorial Phoebe Putney, e Caleb teve uma visão repentina de vítimas queimadas em camas de hospital. Quantas vezes ao longo dos anos ele viu pessoas aqui, com queimaduras de terceiro grau, pulmões queimados ou intoxicações sérias devido à inalação de fumaça?

Ele suspirou, retirando aqueles pensamentos de sua cabeça.

Melhor estar focado. No momento.

“Lembre-se do seu treinamento,” falou para Eric. “Fique com seu parceiro.”

“Sim, senhor”.

Uma coluna de fumaça marcava o destino deles minutos antes da chegada. A viatura virou a esquina e juntou grupos de vizinhos na rua e na calçada. A estrutura em questão parecia ser uma pequena casa com grades nas janelas – não era a área mais segura da casa. Saindo pela porta da frente e pelo telhado, ondas de fumaça negra tentaram evitar que as chamas se aproximassem das janelas.

“A Viatura Um acabou de chegar ao local,” Caleb informou.

Inclinou-se para fora da janela a medida que Wayne os conduzia para a beira da calçada. “Temos uma residência térrea, trinta por cento comprometida. Usaremos uma plegada em três quartos para o resgate. Seremos o comando da Avenida Onze. Viatura Dois, traga-me uma mangueira.”

O fogo consumia com ferocidade o interior da estrutura, pelo menos era o que parecia. Vidros se quebravam com o calor.

“Esteja ciente,” disse Caleb, “que há um hidrante próximo a Viatura Um.”

“Entendido.”

Eric já estava fora da cabine, adiantando-se para subir na parte de trás do caminhão e pegar a mangueira. Bom. Ele esteve ouvindo. O garoto virou e esticou a mangueira em direção à casa.

“Vai lá, cara,” disse Terrell a ele. “Vamos.”

Caleb carregou seu tanque de oxigênio composto em suas costas. A luz do dia já havia sido diminuída pela fumaça que flutuava em meio às árvores. Ele aproximou-se de um casal afro-americano que estava no jardim da frente. “Vocês moram aqui? Todo mundo saiu da casa?”

“Sim, olhe, minha filha está na vizinha.”

“Tudo bem.”

“Mas ouça...” O homem agarrou o braço de Caleb e apontou.

“Por favor, esta é a nossa casa. Precisa apagar o fogo.”

“Nós vamos apagar, mas fique longe.”

A esposa colocou suas mãos sobre a cabeça e seu rosto demonstrava medo. Grupos de curiosos estavam por ali, sendo ex-pulsos por aquele inferno que crescia.

“Por favor,” dizia o proprietário.

“Depressa, depressa.” O Tenente Simmons estava acenando para Eric.

Caleb sabia que o dano a esta casa já era algo grande, provavelmente chegando perto da perda total, mas ele e sua equipe fariam o melhor para evitar que o fogo se espalhasse para as outras casas ou subisse para as árvores. Foi aqui que a preparação teve início, e à medida que as chamas fossem apagadas, ficaria mais fácil.

Em um piscar de olhos, tudo mudou.

“Oh, não. Não! *Nããão!*” Uma jovem garota branca lançou-se em direção ao capitão. Ela estava muito nervosa, seu rabo de cavalo dava voltas à medida que ela se dirigia ao fogo.

“Megan? Megan?” dizia o proprietário da casa. “Onde está Lacey?”

“Ela foi para casa.”

Isto chamou a atenção de Caleb. “O quê?”

“O que você está nos dizendo, Megan?” a esposa do proprietário da casa disse. “Ela não está na sua casa?”

“Não! Eu estava falando com ela no telefone agora. Ela disse que estava fazendo torradas e se esqueceu completamente delas.

E ela achou que estava sentindo cheiro de queimado.”

Caleb processou a informação, entendendo que um resgate seria necessário - rápido. Ao lado dele, os proprietários encararam sua casa em chamas. O rosto do pai dizia tudo. Sua filha estava lá dentro, presa por aquelas chamas, talvez desmaiada por conta da fumaça, e com risco de morte se ele não fizesse algo rápido.

Direto e determinado, o pai correu a toda velocidade em direção à escada da porta da frente.

Atrás dele, o choro estridente de sua esposa acabou com qualquer senso de calma e ordem que porventura pudesse existir. Era o choro de uma mãe desesperada.

“*Lacey!*”

CAPÍTULO 25

Caleb sabia que o Tenente Simmons já tinha visto de tudo, e ainda assim estava impressionado com a atitude daquele homem negro e alto. Simmons livrou-se de seu capacete de uma maneira brusca e foi atrás dele em cinco passos largos, interceptando o proprietário, que era muito maior que ele, levando-o ao chão antes que ele pudesse fazer algo que compromettesse mais vidas.

O pai, em total desespero, tentou livrar-se.

“Não!” Simmons segurava-o. “Você não pode entrar lá.”

“Me largue! Minha filha está lá dentro... Lacey!”

Com Simmons cuidando daquela situação, Caleb foi para os fundos do caminhão, colocou lá seu rádio e pegou um machado de cabo vermelho. “Vamos!” disse ele para Eric e Terrel. “Nós temos que entrar. Temos alguém lá dentro. Vamos, vamos!”

“Vamos.” Simmons acenou meio que de joelhos na grama.

“Lacey, minha *filha!*” A mãe estava chorando agora.

Ao seu lado, a jovem Megan balançava a cabeça e cobria a boca com as mãos, desolada com o que estava acontecendo.

Caleb retirou seu capacete, vestiu sua proteção para a cabeça e uma máscara, e depois colocou de volta o seu capacete. Ele ajustou seus aparatos para a respiração, enquanto Eric e Terrell esticavam a mangueira para levar para dentro. Embora o protocolo diga para seguir a mangueira, havia uma menininha naquelas chamas. Todas as apostas estavam encerradas. Wayne estava ao lado da viatura, monitorando os quadrantes, pressurizando tanques, motivando-os a trabalhar mais rápido.

O Capitão Caleb Holt quebrou a porta da frente, com um machado na mão. Ele parou por um momento para certificar-se de que o vidro estava realmente quebrado, permitindo assim que o fogo respirasse. Foi necessário oxigênio. Sem ele, as chamas estariam desejando ar como se fossem um monstruoso par de pulmões, e no momento em que elas achassem uma abertura elas irromperiam com nova vida como uma violenta ventania.

Atrás de Caleb, a mangueira estava carregada, e os rapazes preparavam sua contenção para colocar um firme jato no centro da casa.

Ele puxou com força a porta de tela, depois mirou o anexo do machado na porta de entrada. Ele se moveu com toda sua força, entrando na casa.

O golpe foi intenso.

Alcançado o seu uniforme, a temperatura fez Caleb sentir-se à superfície de um vulcão. Flocos de tinta e cinzas moviam-se em espiral e passavam pela máscara dele.

Ele ajoelhou-se, como aprendera.

“Lacey, Lacey!”

Ele já estava respirando com mais força, e tentou domar o pân-

nico que invadia o seu peito. Ele queria levantar-se e correr em frente. Ou sair dali. Nenhum dos dois faria bem a ele.

Um cômodo por vez. Fiquei debaixo da fumaça.

Por todo lado, o fogo aumentava o tom de voz. Era laranja e intenso, deslizando ao longo dos rodapés e enegrecendo as paredes.

O calor era inacreditável, mesmo aqui ao nível do chão. Caleb sentiu como se estivesse mergulhando no centro do inferno, com todos os demônios a sua volta batendo nele. Em algum lugar, uma pequena garota

estava em perigo, refém desses demônios tagarelas, e o intento deles não era diferente do senhor deles.

“... roubar, matar e destruir.”

Será que Caleb não leu essas palavras no caderno de seu pai?

Ou talvez John tenha citado isso na longa conversa que eles tiveram na clareira.

“Jesus, ajuda-me,” ele murmurou dentro de sua máscara. Novamente, ele gritou: “Lacey?”

Havia muita fumaça no corredor entre os cômodos. Ele entrou pela primeira porta à sua direita, mas não viu nada em meio à escuridão.

“*Lacey?*”

Nenhuma resposta.

Ele travou uma porta para marcar o quarto que ele já conferira, depois foi rastejando para o corredor seguinte. “Lacey! Onde está você?”

Nada ainda. Somente cadeiras em chamas e um sofá.

“Lacey. *Lacey!*”

Ele empurrou a porta seguinte com suas grossas luvas Shelby, correu seu olhar por debaixo da fumaça e viu a garota. Ela estava curvada no chão, de lado. Ele gritou seu nome novamente, mas ela não se moveu, não disse uma palavra sequer.

O TENENTE SIMMONS PERCEBEU que o capitão deles tinha entrado. Ele convenceu o pai, que estava muito nervoso, a recuar, confiar nos bombeiros treinados de Albany. Ele proferiu instruções para Terrell e Eric, e eles arrastaram a mangueira pelos degraus e entraram pela porta. Se eles

espalhassem um cobertor de água, eles poderiam dar a Caleb uma chance de resgatar a garota. Eles também poderiam limpar o seu caminho de retorno. Ele poderia carregar em qualquer lugar da casa um peso de sessenta a cem quilos em meio às chamas, e essa não era uma tarefa fácil.

“Wayne.”

“Tenente?”

“Converse com o proprietário. Descubra se há uma caixa de força que podemos acessar do lado de fora da casa. Desligue tudo.”

“Sim, senhor.”

Onde estava Caleb nesta confusão? Teria ele achado a pequena Lacey?

O murmúrio de um motor vinha do lado direito de Simmons, e ele virou-se para ver a Viatura Dois se aproximando. Isso era bom. Eles precisavam de toda ajuda que podiam conseguir.

“Tenente!” Os olhos de Wayne estavam cheios de medo. “Senhor, temos um problema. O proprietário está dizendo que o forno deles parou de funcionar no ano passado, e eles estavam cozinhando em um forno a gás.”

O que você está me dizendo? Onde?”

“Lá dentro.” O motorista apontou um dedo. “Há um botijão cheio na cozinha.”

“LACEY!”

Caleb ajoelhou-se no chão de madeira. Não havia muita coisa no cômodo, além de um velho fogão e um carrinho dobrável de bebê.

Julgando por aquilo que ele tinha visto, esta família era de baixa renda, com poucas coisas em seu nome. Ele esperava que eles fossem corretos no

pagamento do seu seguro, porque este lugar não seria ser salvo.

Apesar disto, ele teve a chance de dar a eles algo mais valioso: a vida de sua filha.

“Lacey,” disse ele, tocando o braço dela.

Ela não mostrou reação a sua presença. Ela era uma linda menina, vestida com um jeans e uma camisa vermelha com flores molhada de suor. Seu cabelo tinha trancinhas. A fumaça fez com que ela desmaiasse, mas ela ainda estava respirando.

Graças a Deus por isso.

Caleb abaixou-se, deslizou seus braços por baixo da pequena estrutura da garota, depois levantou-a em um único movimento, usando suas pernas para aliviar o esforço.

Ele levantou-se. Ele a tinha. Ele tiraria ela dali com vida.

ERIC ESTAVA MAIS ASSUSTADO do que em qualquer outra situação em sua vida. Isto não se parecia em nada com seu treinamento. Isto era real, sem garantias de segurança.

Ele colocou um calço na porta para impedi-la de fechar e prender a mangueira que estava atrás dele. Ele entrou pela casa, carregando uma polegada em três quartos com a ajuda de Terrell, que estava logo atrás.

Ele ouviu rangidos e estalos das chamas na madeira seca. Ele estava assustado, mas isso era aquilo que ele havia sonhado – a chance de salvar vidas, de se colocar em risco para salvar outros.

“Vamos por ali, cara,” gritou Terrell. “Por ali.”

Eric estava prestes a se levantar para uma posição estável, uma posição na qual ele pudesse controlar a corrente de água através da mangueira. Ele

olhou para o seu parceiro, pensando no conselho do Capitão para que permanecessem juntos. Apesar das constantes brincadeiras e das provocações sobre a sua cama, ele sabia que Terrell estava cuidando dele.

Ele voltou-se novamente para as chamas.

E foi quando seu mundo explodiu.

UMA EXPLOSÃO ESTRIDENTE rompeu a estrutura de tijolos, fazendo a casa tremer. Na entrada, o teto desmoronou e jogou pedaços de madeira no chão em frente a Caleb. A fumaça e o fogo cobriam tudo.

O caminho estava bloqueado.

Caleb tropeçou a caminho da porta com a garota ainda aninhada em seus braços. Ele esperava que a onda de calor não tivesse alcançado a garganta dela e retirado o último fôlego de vida de seu peito.

O monóxido de carbono era o maior perigo aqui. Ele inibe a habilidade do sangue de carregar o oxigênio pelo corpo, e um pequeno concentrado dele pode fazer um grande dano rapidamente.

As porcentagens estavam todas em sua cabeça, resultado dos anos de treinamento:

.04%... Dor de cabeça, após uma ou duas horas de exposição.

. 32%... Vertigem, náuseas depois de cinco a dez minutos; inconsciência após trinta.

.1.23%... Inconsciência instantânea; morte de um a três minutos.

Julgando pela atual condição de Lacey, Caleb sabia que ele estava trabalhando com uma situação de total risco.

NO ÁPICE da explosão, uma bola de fogo subiu aos céus e expeliu um fumaça preta. Simmons assistiu isso tudo do jardim da frente. Pela porta da frente, ele viu pedaços de madeira atingindo o capacete de Eric, viu as chamas envolverem os aparatos de respiração e o tanque do garoto.

“Recuar, recuar!”

Simmons afastou-se da casa, ajudando a retirada da mangueira que estava carregada. Pela primeira vez em todos os anos que trabalhara com Caleb, ele sentiu em seu coração que seu Capitão estava morto. Este pensamento minou seu poder de decisão e deixou seus braços e pernas, por um momento, adormecidos.

Teria Caleb sobrevivido àquela explosão? Estaria ele preso em um tronco?

Simmons não tinha dúvida a respeito do futuro eterno de seu amigo – eles tinham o mesmo Pai agora, não é mesmo? – mas aquilo não dava a ele vontade de ver a vida de Caleb ser interrompida.

Não até que o coração de Catherine estivesse rendido.

E não hoje. Não no turno do tenente.

Simmons disse a si mesmo para continuar se movendo, para ignorar aquele temor em seu peito. Ele tinha que manter sua mente clara e permanecer firme, caso houvesse alguma chance de salvamento naquela situação horrível.

Suas próprias palavras voltaram à sua mente: “Você tem que guiar o seu coração...”

CALEB ARROMBOU A porta com um chute de sua bota, colocou Lacey no chão, depois tomou seu machado. Eles tinham que escapar deste lugar, e isto significava que precisavam passar pela janela que estava isolada.

Mas as grades...

Estas barras de ferro, feitas para impedir que intrusos entrem, agora estavam impedindo-o de sair.

Ele quebrou o vidro com o machado, segurou o metal e chacoalhou com toda sua força – não achando nenhuma brecha. Ele sabia que havia uma pequena chance de lutar contra o tempo, e ainda, o caminho pelo qual entrara estava bloqueado para ele.

“Bombeiro aqui!” ele gritava pela máscara.

Ele chacoalhava as grades. Estendeu uma mão. Acenou para alguém, embora ninguém visse. Ele estava fora da visão de todos, nos fundos da casa. A visibilidade da equipe estava comprometida pela neblina negra e pelas ondas de calor.

“Bombeiro aqui,” ele clamou novamente. “Aqui!”

Ninguém apareceu.

NO MEIO-FIO, a Viatura Dois estava estacionando. Quatro bombeiros pularam do veículo, prontos para esta batalha, e Simmons correu para mobilizar a ajuda de seu competente e sólido líder. O Capitão Loudenbarger veio do Sexto Batalhão para cobrir férias do Segundo Batalhão. Embora fosse novo para sua equipe, ele não era novo neste tipo de trabalho, e Simmons não poderia pensar em querer ninguém melhor neste momento.

“Tem um hidrante bem ali,” disse Loudenbarger a um de seus homens. “Me dê uma mangueira de abastecimento.”

Eles se foram com pressa.

“Senhor,” disse Simmons. “Nós temos pessoas lá dentro. Precisamos de você.”

“Ei, andem logo com essa mangueira de abastecimento, e peguem uma outra. Temos alguém lá dentro!”

“Simmons agradeceu ao seu colega oficial, depois exigiu uma seção da mangueira, enrolando-a em seus braços. “Tudo bem.

Volte para lá, Eric. Vamos.”

“Onde está o Capitão Holt?” Perguntou Loudenbarger a Simmons.

“Ele está preso na casa.”

No momento em que Simmons falou estas palavras, as janelas da frente expeliram mais faíscas enquanto uma outra viga caiu como uma guilhotina. A estrutura de madeira estava desmoronando, e era só uma questão de tempo antes que os tijolos comesçassem a se deslocarem de seus lugares para se tornarem mortais.

“Vamos falar com ele no rádio, Tenente.”

“Sim, senhor.” Simmons levou o rádio na altura da sua boca e tentou achar Caleb. “Capitão, você tem que sair da casa. O teto vai ceder.”

Onde ele estava? Por que ele não está respondendo?

Simmons pôs o rádio de comunicação em sua orelha, esperando mesmo por uma voz fraca, mas não havia nenhum som. Uma ambulância veio de Phoebe Putney, mas ela não serviria de nada se eles não achassem Caleb e Lacey.

Ele colocou suas dúvidas de lado e tentou novamente. “Capitão, você me entende? Você me entende? Você tem que sair!”

Simmons realmente ouviu algo agora. Seria isto...?

Espere. Era sua própria voz, em um atraso de meio segundo.

Ele virou-se, ainda gritando no rádio, e localizou a fonte do eco descoordenado. Lá, em uma caixa na Viatura Um, estava o rádio de Caleb, abandonado no meio da ação.

CALEB RETIROU sua máscara de ar e colocou-a no pequeno rosto da menina. Ele colocou o tanque ao lado de seu corpo inconsciente.

“Respire,” ele pedia. “Respire, Lacey. Respire por mim.”

Ele enrolou-a em seu casaco à prova de fogo. Olhou a sua volta, buscando uma saída. E a fumaça estava provocando uma tosse irritante vinda de seus pulmões.

“Deus, me tira daqui. Nos tire desse lugar!”

Chamas consumiam a porta que encontrava-se fechada, sondando o buraco da fechadura, e deslizando pela distância do chão.

Por uma fração de segundo, os pensamentos dele se voltaram para seu mentor, seu sogro, o Capitão aposentado Campbell. O que ele faria nesta situação? Ele quase podia ouvir a voz do homem dizendo a ele para rejeitar a porta e a janela, para pensar com criatividade. Este cômodo era um cubo. O que você faria se somente alguns dos lados de uma caixa estivessem barrados?

Por cima, o teto também estava comprometido.

Só sobrava o chão.

Sufocado, Caleb procurou seu machado através do tato. Depois o viu. O ar soprava perto da parede. Ele levantou o machado e bateu na superfície que impedia o vento de entrar, e então empurrou-a de uma só vez. Ele esmurrou novamente a fim desalojar a rede de condutos que encontrava-se debaixo do piso.

O pequeno buraco no chão deveria ser maior para que eles pudessem escapar para o estreito espaço abaixo deles, e as chamadas que batiam na porta davam pouco tempo a ele.

Golpeie forte, Caleb!

Ele colocou abaixo os pesados tacos de madeira.

Ele puxou um pedaço irregular do taco, mergulhou seu rosto no buraco, e puxou um ar com um cheiro ruim, mas puro, vindo do espaço abaixo da casa.

Isto poderia funcionar. Isto teria que funcionar.

Ele golpeou novamente. Balançou uma terceira vez com toda sua força.

Ele cerrou os dentes ao levantar o machado sobre sua cabeça na quarta vez, e depois soltou um grito. Ele tinha adquirido um ritmo agora.

Levanta-grita-bate... Levanta-grita-bate...

Estilhaços voaram. O buraco aumentava a cada golpe.

Bate... Bate...

A lâmina fincava. Ele gritava e destruía o chão. Sobre seus ombros, ele viu o fogo alastrando-se em garras assassinas na fenda superior na porta. Dourado e quente, o fogo estava brincando com ele.

Brasas saíam do teto e abriam buracos no chão. Ele agarrou sua máscara de ar e respirou fundo, e colocou de volta na boca de Lacey.

Beep-beep-beep-beep-beep-beep O aviso em seu SCBA dizia a Caleb que todo esse cenário estava para acabar. Suas reservas de oxigênio estavam quase no fim, e se ele não corresse, ele e a jovem Lacey passariam dessa para melhor.

Bate, bate, bate...

A abertura tinha que funcionar.

Com movimentos rápidos, ele jogou algumas estacas de madeira que estavam expostas, e depois removeu a máscara do rosto de Lacey e empurrou o tanque expandido. Ele tomou a garota em seus braços novamente. Passou o corpo dela pelo buraco no chão, colocando-a em um monte de terra suja alguns metros abaixo do nível do chão. Ainda enrolada em sua jaqueta, ela estava segura por enquanto.

Na parte de cima, o telhado deu um rugido alto.

Caleb também teve que ir para o andar debaixo.

Ele ignorou uma grossa farpa que passou por sua camisa branca e arranhou a sua pele, trazendo um jato de sangue. Caleb então passou pelo buraco.

CAPÍTULO 26

A casa estava prestes a cair ao redor dele. Faltava pouco. Caleb segurou seu peso com as palmas das mãos e depois foi se arrastando e segurando Lacey. Ele se arrastava de lado, não dando ideia para dores e sofrimentos, e nem atenção para as aranhas.

Ele envolveu seu braço nas costas da menina, prendendo uma mão embaixo do braço dela, e depois procurou a melhor forma de sair deste desastre.

Um vento fresco, vindo de aproximadamente seis metros de distância...

Uma grade de ventilação.

Ele se arrastava de maneira lenta, com seu cotovelo direito ao chão e suas botas lutando contra a areia compacta. Do cômodo superior, vigas e paredes de gesso se esfarelavam em seções de chamas, e raios de luz vinham atrás dele através do buraco que ele fizera.

“Aaarrrrggh.”

Ele protegeu suas pernas do fogo ardente e continuou prosseguindo, tendo a grade em vista. Aquele era seu objetivo. Nada o pararia.

Seus músculos protestavam a cada avanço que ele dava pela terra. A fumaça era espessa. À sua volta, chamas reluziam à medida que consumiam o subsolo e levavam ao chão os troncos carbonizados. A estrutura estava desmoronando.

O TENENTE SIMMONS TINHA visto poucas casas serem consumidas pelo fogo tão rapidamente. Ele queria entrar naquele inferno, mas o lugar

estava prestes a desabar. Se o capitão estivesse naquele lugar desmaiado ou preso embaixo de uma trave caída, ou...

Em um alto som produzido pelas faíscas e uma fumaça que lacrimejava os olhos, o telhado desmoronou e alimentou a boca do vulcão. A chama rugiu com uma nova intensidade, parecendo cantar vitória.

“Ali.” Simmons passou a mangueira para um companheiro de equipe.

“Consegui, Tenente.”

Simmons começou a procurar pelo proprietário. *Não confie em seus sentimentos ou em seu medo, ele lembrou de si mesmo. Guie o seu coração. Guie!*

“Caleb!” ele gritou. “Caleb, você pode me ouvir?”

CALEB APROXIMOU-SE mais da grade de metal, avistando pequenos feixes da luz do dia e grama, ou vida e esperança.

Cinzas e sujeira penetravam em seus olhos e grudavam em seu suor. Ele estava perdendo o controle sobre Lacey, e deixou o grande casaco de lado.

Há alguns instantes uma enorme colisão acontecera, e ele presumiu que o teto estava desabando. Se ele não a tirasse dali nos próximos segundos, ambos seriam transformados em panqueca, por causa da queda do piso.

Ele chega mais perto. Mais uma camada de pele saiu de seu cotovelo.

Caleb prosseguia.

Em frente.

Por que ele estava tão desejoso de resolver isto tudo por um estranho?

Sim, ele foi treinado para isto. Sim, ele colocou alguma experiência debaixo de seu cinto. Apesar disso, onde foi parar a determinação em relação ao casamento dele? Por que ele parou de lutar pelo coração de sua esposa?

Enquanto ele passava por entre chamas e tábuas negras, ele disse a si mesmo que se saísse dali com vida, começaria a amar Catherine com esta mesma vontade. Se houvesse alguma coisa para ser ganha aqui, seria isto.

Por favor, Deus - tira-nos daqui.

Uma viga em chamas caiu ante a seu cotovelo.

“Agghhh.”

Sua carne chamuscava, e Caleb pesava a carga a seu lado com um grito. Ele se arrastava mais rapidamente, clamando: “Jesus, *ajuda-me*. Jesus, *por favor!*”

À medida que a casa começou a cair à sua volta, ele alcançou a saída de ventilação.

Ele se voltou, colocou suas pernas na direção contrária, e chutou com toda sua força. Suas botas ressoavam o metal, e ele detectou uma pequena folga. Aquilo estava pregado naquele lugar, uma guarda contra roedores e pequenos animais?

Ele levou os seus joelhos à altura do peito. Levou-os ao metal uma vez mais.

E nada.

Caleb gritou com uma raiva desesperadora. Ele dirigia suas botas repetidamente contra a grade, desalojando terra e seixos repetidamente em cada tentativa. Estava começando a se mover.

Mas o piso acima dele também estava se movendo. Fogo e ruínas estavam desabando ao redor dele, e fragmentos de madeira caíam em seus braços e peito. Ele podia sentir as chamas se aproximando dela, e mais partes da casa começaram a cair.

Eu não quero morrer!

O calor estava intenso. A mente dele se tornou uma mancha de medo e energia. Ele chutou mais uma vez a grade.

Desta vez, a força lançou o impedimento para o lado de fora, caindo sobre a grama queimada pelo sol.

O coração dele ficava encurralado em seu peito a cada vez que empurrava a inconsciente menina pela abertura, gastando suas últimas reservas. Ele mal podia respirar, mas ela deveria ser salva.

Ele tinha feito o trabalho dele.

Apesar da forma curvada da menina, ele viu um lindo sol cheio de vida, mas Caleb estava esgotado. Dever cumprido. Seus pulmões sentiam-se como pedaços de ferrugem, e isso era tudo o que ele podia fazer para levar oxigênio através de sua língua sedenta e cheia de carvão, uma última vez, antes de desmaiar na terra embaixo da casa em chamas.

SIMMONS RODEOU a parte de trás da casa, chamando o nome do capitão. Ele viu um movimento.

No nível do chão, uma grade de ventilação saiu voando pelo gramado.

Caleb?

Simmons curvou-se e viu uma forma sem energia emergindo da escuridão ao lado da casa. Era a menina, e isto significava que Caleb deveria estar lá. Vivo.

“Ali, ali!”

Simmons apontou, chamando outros para ajudá-lo. Ele chegou à abertura e usou suas mãos para puxar a pequena Lacey pelas axilas. Ele avistou mais um corpo prostrado no lugar. À direita de Simmons, um bombeiro do Segundo Batalhão correu para prestar ajuda.

“Eu peguei a menina. Eu peguei a menina,” disse Simmons.

“Pegue o capitão ali.”

O Bombeiro Ribolla esperou por uma abertura, depois tomou o Capitão Caleb Holt e levou-o do buraco apertado para uma árvore a alguns metros dali.

“Médico. Médico!”

O Serviço Médico de Emergência e outros profissionais reuniram-se para animar Lacey. Uma funcionária ajoelhou-se ao lado de Caleb com oxigênio portátil. Ele estava ofegante, confuso, seus olhos estavam cobertos de fuligem e brancos de medo.

“Você conseguiu,” disse Simmons para Caleb. “Você está seguro.”

“A garota... A garota está bem? A garota está bem?”

“Nós conseguimos pegá-la, Capitão. Estão cuidando dela.”

“Está certo.” Caleb cerrou os dentes de dor.

“Acalme-se,” disse Simmons. “Acalme-se.”

“Meu braço...” Caleb o levantou. “Meu braço está queimado.”

“Sim, nós estamos vendo, Capitão. Nós estamos vendo.”

Caleb tossiu. Em sua dor, ele murmurou: “Vocês pegaram a garota, vocês a tiraram da casa?”

“Sim, nós a tiramos.”

“Ela está bem? Lacey está bem?”

“Ela está aqui fora, Capitão. O senhor a salvou. Ela está bem.”

“Meu braço.”

Simmons notou a expressão pálida de Caleb, e percebeu que seu oficial estava em choque. A mente de Caleb era uma transmissão fora de ordem e insistia, insistia nas mesmas perguntas.

Ao lado deles, a moça da emergência desenrolou a máscara de oxigênio.

Caleb tentou levantar seu braço mais uma vez. “Eu... preciso de alguma coisa. Meu braço, meu braço está queimado.” Os pés dele tocaram o chão. “Você tem certeza que a menina está bem?”

A máscara chegou, e o capitão ainda queria respostas.

“E... Onde está Catherine? Catherine está bem?”

“Catherine?”

“Diga-me que ela está bem.”

“Capitão, ouça-me. Sim, sua esposa está bem. Você fez tudo certo. Você tirou todo mundo de dentro da casa.”

“A menina? Ela está bem?”

“Ela está bem. Caleb, a menina vai ficar bem.”

“Catherine?”

“Ela está bem, você vai ficar bem. Eu só preciso que você se acalme. Respire comigo. Espere um segundo e respire comigo.”

A expressão de Caleb começou a ficar relaxada à medida que ele inalava oxigênio puro.

“Respire, respire. Eu repito: Todos estão bem, Capitão.”

Caleb fechou seus olhos.

“Estou aqui contigo,” disse Simmons. “Eu estou bem aqui.”

CAPÍTULO 27

Catherine Holt apertou o botão da porta automática e caminhou pelo corredor do hospital. Seu marido, disseram a ela, estava sendo medicado depois de ter passado por uma situação precária em um incêndio em uma residência.

Embora ela sentisse um alívio por ele estar salvo, suas emoções estavam como uma montanha russa. Ela tinha visto uma mudança marcante em Caleb nos últimos dias, mas ela precisava mais daquilo para apagar os efeitos dos últimos anos.

Aquela transformação era real? Ele manteria esta aparência?

Ela tinha sérias dúvidas.

Caminhando com sapatos de salto que faziam barulho, ela passou por uma jovem paciente em uma cadeira de rodas e, mais a frente, encontrou a alcova onde havia um homem coberto de fuligem, suado, sem sapatos sentado em uma maca. Era Caleb, vestindo uma camiseta branca manchada. Ele cheirava como uma fogueira. Ao seu lado, uma enfermeira com um jaleco azul e luvas de latex enrolava gaze nas muitas queimaduras de seu braço.

Catherine colocou um braço à altura de seu estômago e apoiou seu queixo na outra mão. Por que ela estava tão irritada com a presença dele ali? Era injusto com ele, embora fosse inegável o aborrecimento que ela sentia.

“Você está horrível,” ela disse.

O rosto de Caleb virou-se na direção dela. “Eu... eu me sinto horrível.”

Ele tinha olhos maravilhosos. Ela tinha que admitir isso. As manchas em suas bochechas, e sua sobrancelha serviu para intensificar aquelas íris verdes.

“Vai ficar bem?”

A enfermeira virou-se para ela. “Ele teve umas queimaduras de primeiro grau, mas vai ficar bem.”

Catherine percebeu que ele estava sem aliança, e que ela estava posta ao lado dele na mesa. Sua mão estava coberta de pomada para queimadura.

A enfermeira dirigiu-se a um médico sentado no canto da sala.

“Parece que está com uma queimadura de segundo grau no braço esquerdo.”

O médico fez anotações em sua prancheta.

“Então este é o seu marido?” Perguntou a enfermeira.

Catherine cruzou ambos os braços, sabendo o que estava para acontecer e porque isto a irritava tanto. Então ela olhou de lado para o médico.

Os olhos do Dr. Gavin Keller se espantaram como se descobrissem uma aparente traição.

“É...” ela olhou para baixo. “Sim.”

“Bem,” disse a enfermeira, “parece que você tem um herói nas mãos.”

Era isto. Este era o problema. Interpretando o papel do bombeiro corajoso, Caleb estava imunizado contra as ridicularizações e fofocas.

Como Catherine poderia voltar-se contra ele agora? Seria muito mais fácil se ele fosse um verdadeiro lixo.

Gavin girou sua cadeira na direção dela, e depois direcionou sua atenção a Caleb – a competição.

Catherine poderia culpar Gavin por sentir-se traído? Há semanas que ela não usava sua aliança, e o médico considerou justo investir nela. Por outro lado, ela não dava nenhuma indicação.

Na verdade, foi bem o contrário.

Você está envolvida em uma confusão agora, Cat. Parabéns.

Caleb estava sentado na cama, distraído. Ele estava ouvindo as instruções da enfermeira para manter seu braço elevado pelas próximas vinte e quatro horas para ajudar a diminuir o inchaço.

Em quarenta e oito horas, ele deveria retornar para uma revisão.

Gavin e Caleb no mesmo lugar?

Isto era mais do que Catherine desejara, e ela sabia que ia acabar em confusão. Isto martelava em suas têmporas. Ela estava quase tremendo.

“Bem,” disse ela à enfermeira. “Vou deixar você trabalhar.”

“Ah, não está atrapalhando. Você pode ficar.”

“Não,” disse Catherine. “Tudo bem. Eu vou deixar você trabalhar.”

CALEB ASSISTIU A PARTIDA de sua esposa. Embora ele esperasse alguma simpatia - um toque suave, ou até mesmo um suposto sorriso – ele não tinha expectativa de nada deste tipo. Ainda assim, havia alguma coisa na reação dela que não estava certo.

A enfermeira também parecia desconcertada com o desconforto de Catherine. Ela forçou um sorriso. “Senhor, eu vou pegar um pouco mais de gaze para que possa levar para casa.”

“Está certo.”

“E vou prescrever um medicamento para dor, está bem?”

Caleb balançou a cabeça, e a enfermeira se foi. Agora sozinho com o médico, ele usou aquele momento para examinar a vermelhidão da pele de seus ombros. Ele poderia suportar essas queimaduras. Seria uma outra dor profunda.

Ele pensou naqueles momentos intensos debaixo da casa em chamas. Ele tinha decidido lutar por sua vida, não tinha? E colocar toda a sua vida em ordem?

Na mesa, sua aliança de casamento brilhava. Caleb pegou-a, e começou a colocá-la em seu dedo, cuja pele estava sensível. Ele lembrava-se daqueles momentos debaixo da casa, quando sentiu que alguém tentava impedir o seu escape. Teria sido imaginação sua? Os efeitos do monóxido de carbono? Tudo o que ele sabia é que a vida era tênue, e que haveria obstáculos fora dali.

Caleb não importava-se mais com quantos dias faltavam para *O Desafio de Amar*, ou se havia algum problema em colocar anéis em queimaduras sérias. Ele estava colocando esta coisa, sem levar nada em consideração. Não era mais uma opção.

O doutor olhou para aquilo. “Eu não colocaria a aliança de volta no dedo até a mão melhorar.”

Caleb olhou para o homem. Quem esse tolo pensava que era?

Tudo bem, o médico era alto e educado, bonito e austero, vindo das melhores universidades americanas, do tipo chato - mas isto não dava a ele o direito de interferir em uma decisão pessoal do paciente.

“Desculpe.” Caleb terminou de colocar a aliança. “Mas a minha mão vai melhorar com essa aliança no dedo.”

O doutor não se opôs mais.

Naquele momento, uma mulher negra e gorda chegou ao local onde eles estavam.

Ela olhou para Caleb com os olhos cheios de lágrimas. Ele reconheceu o rosto dela da cena do fogo – a mãe de Lacey.

“Capitão Holt?”

“Sim?”

“Sou a Sra. Turner. Você salvou a minha pequena...” Sua voz ficou trêmula.

“Ela está bem?” Caleb olhou em seus olhos. “Lacey está bem?”

A Sra. Turner fechou o vácuo entre eles, seu peito começou a pesar. Ela alcançou o rosto dele, lágrimas escorriam em seu rosto, e colocou as duas mãos na face de Caleb. Ele podia sentir o cheiro da fumaça, sentir suas lágrimas. Ele percebeu que, no canto da sala, o médico observava esta troca.

“Obrigado, Capitão,” ela sussurrou. “Obrigado por...”

Caleb engoliu.

“Por...”

A grande testa da Sra. Turner enrugou-se e seu queixo tremia.

Através daqueles olhos brilhantes e ovais ela queria expressar a gratidão que ele nunca precisaria. Depois, balançando sua cabeça, ela mordeu os lábios e afastou-se.

Caleb piscava à medida que ela desaparecia. Ele olhava para sua aliança.

Ele pôs a sua vida em risco por Lacey, desejando fazer qualquer coisa que pudesse. Catherine também fora uma menina um dia. Ela sonhou com um marido que arriscasse tudo por ela.

Isto era muito para qualquer mulher desejar?

CATHERINE ASSISTIU o noticiário da noite em uma mesa da cafeteria. O drama do dia do seu marido estava passando na tela da TV. Ela teve a oportunidade de vê-lo trabalhar, enquanto ele não fazia ideia do que ela estava fazendo no trabalho.

Uma repórter loira da WALB, Stephanie Ward, disse: “Foi um dia de tristeza e alegria para o Sr. e a Sra. Turner da Avenida Onze, que assistiram sua casa pegar fogo quase que por completo...”

A câmera exibia as ruínas, onde a equipe de emergência continuava a combater as chamas.

“Acredita-se que o fogo,” dizia Ward, “tenha começado com uma torradeira e uma falha no sistema elétrico, e espalhou-se com rapidez pela casa. Os Turners escaparam, sem saber que sua filha de sete anos de idade ainda estava dentro da casa.”

A cena cortou para uma entrevista com a emocionada mãe.

“Lacey estava na casa de uma amiga,” disse a Sra. Turner, “mas voltou para casa mais cedo pela porta de trás, e nós não sabíamos.

Nós...” Ela começou a chorar. “Nós quase a perdemos hoje.”

“O Corpo de Bombeiros de Albany chegou em minutos,” a repórter continuou, mostrando um tanque de oxigênio no chão, um machado despedaçado e brinquedos enegrecidos pelo fogo. “Eles fizeram um ousado resgate da jovem Lacey, que desmaiara por ter inalado uma grande

quantidade de fumaça. O Capitão Caleb Holt usou um machado para cortar o chão, por onde fez uma ousada saída por debaixo da estrutura.”

Uma testemunha ocular, segurando seu cachorrinho, descreveu, muito nervosa, a cena: “Eu o vi entrar na casa, e depois vi o teto cair. Eu tinha certeza que eles estavam mortos.”

“Moramos do outro lado da rua,” disse outra testemunha, identificada como Benny Murphy. “E era possível sentir as chamas.

Aquele calor era real e intenso. Ficamos tão felizes que a menininha tenha saído bem. Quero dizer, aquele fogo era surreal.”

Uma foto de escola de Lacey Turner dominou a televisão, tocando o coração dos telespectadores com sua imagem doce.

“Lacey,” disse a repórter, “agora está descansando na casa de um familiar e se espera que ela tenha uma recuperação completa. A família agradece profundamente ao Corpo de Bombeiros de Albany.”

“Sabe, nós fazemos isto o tempo todo, mas todo fogo é diferente.” O rosto de Lacey deu lugar ao do Comandante Carl Hatcher, cujo nome e ocupação eram mostrados em uma barra horizontal colorida. “Estou feliz que todos tenham saído vivos.”

A reportagem chegou ao fim com a voz da repórter soando de forma simpática e profissional. “O Comandante Hatcher planeja visitar Lacey em breve, e também se reunir com a equipe que fez o resgate. Ele diz que se seus bombeiros tiverem a opção de salvar uma casa ou salvar uma vida... eles escolherão sempre salvar uma vida. Para o WALB News, eu sou Stephanie Ward.”

PARTE 4

FOGO

JUNHO DE 2008

CAPÍTULO 28

Mãe, eu vou ficar bem.”

“Querido, estou preocupada com você. Eu vi as fotos no jornal e -”

“Daqui a duas semanas eu estarei melhor. Pense que isso é uma queimadura de sol mais forte.” Caleb tinha seu telefone celular na orelha e estava sentado no sofá vestindo jeans e camiseta que estava suada. Sua manga esquerda estava levantada para que o ar pudesse tocar a pele de seu antebraço. Ao lado dele, *O Desafio de Amar* permanecia fechado.

“Você está dormindo bem? Você está tomando algum remédio ou...”

“Sim. Estou tomando remédios.”

“Não deixe a queimadura ficar em contato com...”

“Sim, eu sei, eu sei. Ouça, ela está enfaixada.”

Caleb sabia que ele daria um grito se não acabasse com essa conversa logo. Por que ele permitia que ela o tratasse assim? Por que ele sentia-se como um menininho, sendo paparicado, quando tudo o que ele queria era ser tratado como um homem?

“Caleb, eu...”

“Posso falar com o papai, por favor?”

“Não fique triste, querido. Eu só...”

“Tudo bem, mãe. Já entendi. Agora, por favor, você pode passar o telefone para o papai?”

“Ele está aqui.”

“Obrigado.” Ele demonstrava frustração.

John entrou na linha. “Alô, filho.”

“Pai, pede para a mamãe parar de me amolar um pouco? Eu sou bombeiro, vivo no meio de incêndios.”

“Você sabe, ela sempre será sua mãe. Você não pode mudar isso e nem mesmo ela pode.”

“Eu sei.”

“É só a maneira dela de demonstrar amor.”

“Eu sei, pai. Só não gosto de ser torturado toda vez que ela atende o telefone.”

“Eu entendo. Então, você está usando seus dias de folga para se recuperar?”

“Eu tenho dois dias de folga, depois eu voltarei.”

“Bem,” disse John. “Tenho certeza que você vai usar este tempo de maneira sábia. Eu acho que você vai poder dar mais atenção ao *Desafio de Amar*.”

“Uh, sim.”

“Em que dia você está?”

“Hoje?” Caleb tinha que pensar. “Uh, dia vinte e três. Mas esta manhã foi difícil. Eles me ligaram duas vezes do jornal pedindo uma entrevista. Parece que eu sou um herói para todo mundo menos para minha esposa.”

“Você não está desistindo, está?”

“Não, não. Não vou desistir.”

“Bom. Estamos orando por você.”

“Obrigado, pai.”

“Na verdade, eu e sua mãe estávamos indo para nosso estudo bíblico semanal. É melhor não deixá-la esperando.”

“Está bem. Depois a gente se fala.”

“Pode me ligar a qualquer hora, filho. Tchau.”

“Tchau.”

Caleb desligou o telefone, passou a mão em seus cabelos, e sentiu seus olhos atraídos para a mesa do computador. Ele sabia que a tentação estava presente, e decidiu fazer palavras cruzadas.

Aquilo ocupou-o até que ele chegou à dica para 5 Down.

Ele sabia a resposta sem ao menos pensar - o nome de uma celebridade cheia de curvas - e isto desencadeou pensamentos que só trariam problemas.

Não, Caleb. Hoje não.

Ser um homem de honra era o seu objetivo - honrando a Deus e a sua esposa.

Ele bateu na capa do livro *O Desafio de Amar*, sabendo que tinha trabalho pela frente, mas antes ele tinha que pegar uma bebida na cozinha. Ele voltaria nisto em pouco tempo.

Alguns minutos depois, com um copo de água gelada ao seu lado, ele cuidava de uma pilha de contas enquanto se apoiava na beira do sofá. Havia a luz, a água, TV a cabo e Internet, carros, o seguro e a hipoteca. Embora ele e Catherine tivessem recebido um cheque de grande valor da Receita

Federal há algumas semanas, aquele dinheiro foi todo para os gastos com a terapia de sua sogra.

Faltava muito para comprar um barco em qualquer data breve.

Todo centavo ia para outras coisas, era o que parecia.

A despeito das tentativas de economia de Caleb nos últimos quatro ou cinco anos, ele percebeu que levaria mais uns dois ou três anos até comprar o barco desejado.

Ele colocou o último cheque e a fatura dentro do envelope, selou-o, e pôs-se de pé.

E agora?

Hora de sonhar um pouco. Nada de errado com isto.

No computador, ele se conectou à Internet e visitou alguns dos sites que ele havia checado. Ele queria um de vinte e quatro pés, com 375 cavalos. À parte das necessidades básicas, havia tantas opções – som ambiente a bordo, chuveiros na parte de trás do barco, sonda e sistema GPS; escadas e resvaladouro; e torres para *wakeboard*.

Cada site incluía fotos dos produtos deslizando pelas águas do Golfo, ou pescadores pegando merlins no Atlântico. Cada um representava aquilo que ele não tinha.

Eles pareciam tão bons. Tão próximos que ele podia tocá-los.

Ele vislumbrava corpos de navios e corrimãos polidos. O passeio em barcos e o desfrutar do vento.

Ah, viver esta fantasia.

Claro que a realidade dos mares incluía ventanias repentinas, a possibilidade de cair água salgada em seus olhos e bancos de areia a serem evitados. Uma vez no barco de um amigo em Tampa, ele quase adoeceu por

inalar diesel enquanto eles se moviam ao som de ruídos para o porto. E isto não se comparava à alegria de ter esvaziado um tanque inteiro.

Não havia dúvida quanto a isto: a experiência parecia muito mais glamurosa em fotos, casual e despretensiosa.

Falando nisto...

Uma *pop-up* apareceu na tela, com uma mulher sorrindo de forma sensual e duas pequenas palavras cheias de possibilidades ilimitadas: “*Quer ver?*”

Sua pulsação acelerou.

Sim, claro que ele queria ver. Que homem não ia querer? Deus não criou a espécie masculina para ser orientada visualmente?

Por alguma razão, entretanto, esta desculpa não funcionou, até mesmo em sua mente distraída. Tal justificativa seria como Catherine dizendo que ela simplesmente tinha que comer chocolate toda vez que visse um, porque ajuda os hormônios femininos.

Não era verdade que todas as pessoas deveriam demonstrar algum autocontrole? Esta era a chave para a sobrevivência da sociedade.

O que dava a ele o direito de apontar o dedo para os gulosos, quando ele mesmo não conseguia controlar seus próprios desejos?

Este lado masculino do cérebro entendia esta lógica, mas nada nele – nem um pouquinho – mudou o que estava sentindo naquele momento.

“*Quer ver?*”

Ele se segurou em sua cadeira. Sua mão descansou no *mouse*, passando o cursor ao redor do botão onde se lia “Clique Aqui”.

Não.

Um homem honrado.

Ele ficou imóvel, depois largou o *mouse*. Seus olhos permaneceram colados na caixinha. Ele disse a si mesmo que só estava procurando por barcos atrás daquela janela, mas aqueles também representavam uma realidade distante.

O rosto da mulher ainda estava fixo nele.

As mãos dele voltaram-se para o mouse e seu dedo ficou levantado no botão, pronto para dar um clique, para obedecer o comando tentador. Ninguém estava vendo.

Clique aqui, clique aqui, clique aqui...

Tão fácil.

Rugindo de frustração, ele levou sua mão à cabeça e levantou seu olhar. Na parede, estava pendurado um painel de madeira escura que lembrava do cuidado e devoção de seu avô. Neste exato momento, seu pai e sua mãe estavam carregando o seu fardo em um estudo bíblico.

“Caleb, o que você está fazendo?” Ele sussurrou.

Ele permaneceu firme e recostou-se na cadeira. Em toda a sala, ele parecia ver aqueles lábios sedutores ainda provocando, provocando.

“Quer ver?”

Ele suspirou, apoiou seus braços na abóbada sobre a lareira e lutou contra o desejo. Este desejo, esta natureza pecaminosa – foi crucificada; foi levada nas costas esfoladas de Jesus.

Estou morto para o pecado, ele lembrava a si mesmo. E vivo em Cristo.

Ele voltou seus olhos e fitou a imagem que ainda o provocava.

Ele abaixou sua cabeça, deu um grito alto e depois olhou para a Bíblia da família, que acumulava poeira sobre a lareira desde que chegou àquela casa, como um presente de casamento.

Seu pai tinha avisado que ele deveria morrer para os seus desejos carnavais a cada dia, mas isso parecia irreal – até que ele tivesse que encarar a realidade.

Clique aqui, clique aqui...

“Deus,” Caleb murmurou, “por que é tão difícil?”

O som do soco que ele deu na abóboda ecoou pela sala vazia.

Caleb olhou profundamente para o computador e sentou-se no sofá, com os braços cruzados. Ele estirou suas pernas, tentando relaxar. Ele decidiu que esta era uma boa hora para colocar este dia de volta nos trilhos.

Ele pegou o livro da mesa de centro e começou a ler.

23º Dia

Tome cuidado com os parasitas. Um parasita é tudo aquilo que se junta a você ou a seu cônjuge e suga a vida do seu casamento. Eles, na maioria das vezes, tomam a forma de vício, como drogas, apostas e pornografia.

Eles prometem prazer, mas crescem como uma doença e consomem mais e mais dos seus pensamentos, tempo e dinheiro. Eles roubam sua felicidade e seu coração daquele que você ama.

Raramente o casamento sobrevive quando esses parasitas estão presentes. Se você ama o seu cônjuge, deve destruir qualquer tipo de vício do seu coração. Se isso não acontecer, eles lhe destruirão.

“Se o filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João 8:36)

Caleb mirou o computador do outro lado da sala.

Fazia vinte e três dias que ele tinha decidido amar Catherine – ou pelo menos tentar. Ele quis amá-la de forma livre, sem barreiras. Mas estas imagens, estes vícios...

Eram parasitas que queriam destruí-lo.

A determinação estava queimando em seus olhos. Seu pulso estava dilatado, mas com uma nova convicção. Ele levantou, com os ombros para trás, e com passos determinados pela sala em direção ao computador que estava sendo um portal sem guardas para sua casa, seu coração e sua alma.

“Não mais!”

Ele puxou os cabos do monitor e tirou os cabos de força da parede. Isto era loucura, mas ele não se importava, não se importava nem um pouco. Ele estava cansado disso. Se isto significava proteger o seu casamento e sua alma, ela não deixaria que um objeto inanimado ficasse em seu caminho. Ele lutaria por isto.

Primeiro o monitor e o teclado.

Ele passou com estes itens pela porta lateral, em direção à garagem. Colocou-os à luz do sol em uma mesa no pátio e pegou seu bastão de alumínio.

Ah, *sim*.

Ah, é melhor você *acreditar* que ele faria mesmo isto.

Com a determinação alimentando a adrenalina em seus músculos, ele levantou seu bastão e franziu sua testa. “Ok, Senhor. E o bastão erguido em suas mãos. “Sem mais vícios.”

Ele tomou impulso.

O monitor estilhaçou-se em uma agradável explosão de plástico e vidro. Ele voou da mesa e caiu de cabeça para baixo fazendo um barulho

estridente. Demolido e sem condições de uso, o monitor não alimentaria mais Caleb com aquelas imagens de mau gosto.

O próximo era a torre do computador.

Esqueça o dinheiro. Porque um processo de divórcio custaria a ele muito mais que isso. Seu casamento valia muito mais.

Ele tensionou seu maxilar e preparou-se para a tacada número dois.

Depois ele os viu...

Os Rudolphs, o casal, estavam parados como estátuas no seu jardim dos fundos. Vestido com shorts de cores pálidas, botas de cowboy sem meias, óculos escuros e um chapéu de palha, Sr. Rudolph tinha uma mangueira de água em sua mão. A Sra. Rudolph estava com um regador e uma colher específica para jardim.

Ambos estavam olhando na direção dele.

Ele abaixou o taco. “Sr. Rudolph.”

“Caleb.”

“O senhor está bem?”

O velho vizinho não demonstrou emoção. “Não,” ele disse.

“Não estou não.” Ele jogou a mangueira e afastou-se do prejuízo na propriedade perturbada, a poucos metros dali.

Caleb recuou. Poderia ele culpar o homem?

Bem, não precisa explicar. Algumas coisas apenas precisavam ser feitas, não importando quem estava assistindo e o que eles poderiam pensar.

Caleb se posicionou novamente, fazendo a torre do computador voar da mesa.

E bateu de novo.

Viu que ele tinha se aberto. Viu a bandeja de CD/DVD ser estilhaçada.

Outra batida. E mais outra. E uma última.

Está certo. Você consegue enxergar? Este amor é algo pelo qual vale a pena lutar.

Ele pressionou seus lábios um contra o outro, levantou o bastão e o jogou, em um gesto desdenhoso de vitória, sobre as ruínas.

Com um sentimento de dever cumprido, ele foi em direção à sua caminhonete. Ele teve uma ideia, algo para Catherine. Exceto desta vez, ele não economizaria.

Enquanto distanciava-se, ele ouvia a voz grave do Sr. Rudolph.

“Irma, eu não quero que você fale com esse sujeito. Ele é estranho.”

A senhora respondeu: “Só um estranho reconhece o outro.”

CAPÍTULO 29

Catherine parou na garagem e saiu do carro que estava com o ar condicionado ligado. Mais cedo, no trabalho, ela recebera inúmeros elogios por seu terno cinza, mas este traje estava sufocando-a por causa do clima. Dougherty County era verdadeiramente calmo, coberto de campos e pomares, e a umidade do verão pairava, como se estivesse com preguiça de sair do sofá e ir para a cama.

O que estava próximo daquela lata de lixo?

Mesmo com aquele calor, ela tinha que ver com seus próprios olhos. Ela foi para a entrada da garagem e viu as peças quebradas do computador transbordando da lata de lixo.

Ok, Caleb. O que é isto agora?

Ela lembrou da briga deles há uns dias, das acusações dela a respeito das distrações virtuais. Talvez esta tenha sido a maneira dele de atingi-la, como uma criança que quebra um brinquedo que disseram para ela colocar de lado.

Bem, isto não a surpreenderia. Homens podem ser tão infantis.

De fato, os homens, em geral, não tinham um conceito muito bom com ela agora.

Ela tentou juntar-se a Gavin no almoço hoje, esperando explicar por que ela não estava usando a aliança, mas ele a dispensara com alguma desculpa esfarrapada de estar atrasado para suas rondas. Eles não tinham se falado muito desde a cena com Caleb no hospital, e o doutor provavelmente pensou que ela estava brincando com seu coração.

Talvez Gavin nunca tivesse tido aqueles sentimentos por ela.

Talvez fosse somente uma fantasia que ela estava alimentando em sua cabeça.

Amanhã, ela conversaria com ele e determinaria seu posicionamento.

Dando as costas para as partes destruídas do computador, Catherine entrou em casa e colocou suas chaves na mesa.

Nenhum sinal de seu marido.

A não ser por seu copo de água cheio até a metade na mesa de centro.

Ela começou desta forma, a limpar – novamente – a sujeira deste homem com quem ela vivia, mas logo a mesa onde ficava o computador capturou sua atenção. O que a impressionou não foi a falta da máquina, mas sim um bilhete escrito a mão ao lado de um vaso com uma dúzia de rosas vermelhas.

Suas favoritas.

Eram para ela? Tinham que ser. Ela pegou o bilhete.

Na caligrafia de Caleb, lia-se no recado, “Eu te amo ainda mais.”

Ela foi acometida por uma sensação de calor que vinha dos dedos até seu peito. Ela segurou sua respiração. Caleb fizera uma escolha hoje e isto foi o que ficou: flores perfumadas no lugar do computador.

CALEB, SUANDO PARA perder as calorias extras, estava terminando sua caminhada de final de tarde. Ele corria em uma outra velocidade à medida que se aproximava da casa, estimulado pela visão do Camry branco na garagem.

Ela estava em casa.

Ela já deveria ter achado o buquê.

A primeira vez que ele deu uma dúzia de rosas a Catherine foi no terceiro encontro deles, no Dia dos Namorados em 2000. Foi aí que ele soube que estava apaixonado por ela.

Claro, tudo começou naquele primeiro dia no pátio. A química foi instantânea, mas ele esperou por um ano inteiro antes de dar vazão àquela atração. Ele a via ocasionalmente na estação, foi convidado para churrascos na casa dos Campbell e foi cortejando-a sem pressa. Eles eram combatentes ferozes nas quadras de vôlei no parque, e ela compartilhava do mesmo amor pelas bandas de rock da Geórgia.

O primeiro encontro deles foi para uma caminhada às margens do rio Flint, tomando sorvete de casquinha. O segundo foi um show do *Third Day* em Atlanta. Depois veio o dia dos namorados, com rosas, um jantar e o primeiro beijo.

Doze meses depois, eles deram o nó _ *“para o melhor ou para o pior.”*

Então, como eles agora poderiam estar tão instáveis, à beira do divórcio?

Ele entrou pela porta da frente em direção à cozinha para pegar um copo de água gelada. Nenhum sinal de Catherine. Ele entrou na sala de estar e viu as rosas no mesmo lugar, ainda na mesa.

Seu bilhete não estava na posição original, indicando que ela vira.

Ele foi para o quarto principal e quase bateu na porta, que estava fechada. Mas não, aquilo pareceria muito invasivo. Muito controlador. Ele dera seu passo, e seria melhor esperar pela reação dela.

Até agora, esta parecia ser mais uma noite sozinho no quarto de hóspedes.

Ao lado de sua cama, ele orou, “Senhor, custe o que custar. Eu quero a chance de amar a minha esposa novamente – de corpo, alma e mente. Por favor, preciso que Tu me mostres como.”

A LUZ DO DIA FEZ seu papel através da janela e o acordou.

Caleb levantou sua cabeça e viu que o rádio relógio marcava 6:47 da manhã. Ele levantou, vestindo uma camiseta e calça de pijamas, procurando ouvir os sons de sua esposa – tomando banho, cozinhando, sussurando.

Não havia nada.

Ele usou o banheiro, escovou seus dentes, colocou uma nova gaze em seu braço. Em seu caminho até o corredor, ele notou a porta principal aberta.

“Catherine?”

Ele tentou mais duas vezes, mas ela partira. Talvez ela tenha tido uma reunião de trabalho pela manhã. Isto acontecia de vez em quando.

As flores e o bilhete ainda estavam na mesa, e ele sorriu ao pensar na descoberta de sua esposa ontem. Surpresas sempre foram especiais para ela, e ele estava tentando demonstrar amor de maneiras significativas.

Na mesa, ao lado de uma fruteira, havia um envelope com seu nome.

Um pequeno sorriso brotou em seus lábios. Então, ela estivera pensando nele.

Ele pegou o envelope e retirou o que estava dentro dele. Ele imaginou, de forma breve, que ela tinha escrito para ele uma confissão a respeito dos seus sentimentos. Será que ela mencionaria que foi a recente dedicação e consideração dele que ganharam seu coração de volta?

Ao invés disso, ele achou um documento de muitas páginas intitulado *Petição para Dissolução de Casamento*.

“O quê?”

Ele virou para a segunda página e depois para a terceira.

Estava tudo ali. Um pedido de divórcio, aprovado e selado com selo oficial. Ele arfou, balançando sua cabeça. Ele não podia respirar. Ele ficou abismado, lutando contra emoções de negação e um luto que fazia os joelhos se dobrarem.

Por que ela estava fazendo isso? Por que agora?

“Não, Senhor. Não...”

Ele distanciou-se da mesa, as lágrimas fluíam à medida que ele deslizava parede abaixo. Os papéis caíam das mãos dele e ficavam pelo chão.

JOHN HOLT PRESSIONOU o botão Desligar do telefone sem fio e apoiou-se na beira da poltrona. Embora o sol já estivesse bem quente aqui em Savannah, espalhando um brilho amarelado através das cortinas na janela, ele não sentia nada além de um peso.

Cheryl estava sentada à frente dele. Ela acarinhou seu braço.

“Ela deu entrada nos papéis,” disse John.

“Como Caleb reagiu?”

“Ele mal podia falar.”

“Ah, querido.”

John cobriu seu queixo com a mão, as orações em sua cabeça encontravam dificuldade para achar o caminho até sua boca.

UMA PLACA NA RUA fazia a propaganda do asilo RMS, assim como da Loja de Pirulitos do Bobby Lee Duke e da Biscuit Barn.

Embora estes letreiros parecessem estranhos, Catherine muitas vezes se via parando para comprar um pirulito de melancia depois das tristes situações financeiras que ela passava na RMS. Ela não podia negar que um pouco de açúcar a ajudava.

A loja de pirulitos tinha emoldurados novos artigos sobre o futebol local, o que ela achava que dava ao lugar um ar caseiro, um sabor mais pessoal – esqueça o trocadilho.

E o dono? Ele era um homem troncudo com o cabelo cortado em estilo militar, um treinador de escola que sempre ostentava um pirulito.

Quanto à Biscuit Barn, eles serviam um dos melhores cafés da manhã das redondezas, mesmo fazendo os funcionários vestirem uns chapéus bobos em formato de biscoito. Há alguns anos, ela comprou um cupê barato da Hyundai do gerente assistente, mas ele não estava mais no ramo de carros usados.

Catherine fitou os olhos na entrada da RMS através de seu para-brisa. Ela sabia que não teriam doces ou biscoitos para ela hoje. Ela deixara os papéis para Caleb, e saiu de casa mais cedo pois teria, no caminho para o trabalho, tempo de fazer mais um pagamento dos utensílios necessários para o tratamento em casa e para a fisioterapia.

Ela entrou no prédio, passando por cadeiras de rodas e utensílios de apoio. Ao final do corredor, ela pôs sua bolsa no balcão.

Ali era onde ela fazia os pagamentos mensais pessoalmente, e onde os funcionários a conheciam pelo nome.

“Bom dia, Sra. Holt.”

“Olá, Sra. Evans. Tudo bem?” Depois dos cumprimentos, Catherine disse: “Na verdade eu queria falar sobre uns equipamentos que estamos procurando.”

“Ah,” respondeu a Sra. Evans. “Estou muito feliz que tenha levado uns equipamentos.”

“Bem, vai demorar um pouco para...”

“Não vai demorar não, Sra. Holt.”

“Do que a senhora está falando?”

“Aposto que seus pais estão felizes. Quando um paciente ganha a cadeira de rodas certa, isto faz muita diferença.”

“Espera aí. Como é?”

“Eu estou falando sobre a cama e a cadeira de rodas que entregamos a seus pais esta manhã.”

Catherine estava confusa. “Aos meus pais?”

“É! Já devem ter sido entregues.”

“Mas eu não paguei nada!”

“Na verdade já foi tudo pago”, disse a Sra. Evans com um prazer verdadeiro. “Um senhor ligou e disse que queria pagar por tudo o que você havia escolhido. Ele pagou tudo, mais uns acessórios.”

Catherine estava estupefata. Como isto aconteceu? Isto significava que sua mãe tinha mesmo uma cama confortável e uma cadeira de rodas totalmente funcional - finalmente?

Isto era... isto era demais. E tudo por causa da generosidade de um homem.

“Este, uh... este homem disse seu nome?” ela quis saber.

“Na verdade,” disse a sra. Evans, checando um papel no arquivo, “ele disse que queria ficar anônimo. Mas eu acho que você...”

Catherine já dera as costas, andando com pressa pelo corredor.

Ela mal podia acreditar nisso. Ele havia pago pelos equipamentos de sua mãe. Como ela pôde duvidar dele?

“Uh, Sra. Holt?”

Catherine ignorou a voz da recepcionista e passou pela porta.

Ela tinha desculpas a pedir, assim como um grande “obrigada”

CAPÍTULO 30

Cara, você estava martelando aqueles pesos esta manhã. O que está acontecendo, Caleb?”

“Nada.”

“Nada?”

“Nada que eu queira falar.”

“Certo,” disse Simmons. “Eu entendo. Só lembre-se daquilo que eu lhe falei, embora...”

“O que é?”

“Somos irmãos. Você tem algo que precisa tirar de seu peito.

Você pode falar comigo. Não vai sair daqui.”

“Obrigado, Michael.”

Caleb ligou a seta, dirigindo a grande caminhonete vermelha pela East Lullwater Road para levar o tenente em casa.

Eles fizeram muitos exercícios no batalhão, e agora Caleb tinha um dia longo e solitário pela frente - hora após hora para pensar sobre como impedir o divórcio. Claro que Simmons era um bom amigo e ouvinte, mas isto era muito íntimo. Como homem, Caleb não estava certo de que poderia arriscar abrir este tipo de ferida.

Do ponto de vista médico, ele sabia que as coisas tinham que acontecer ao contrário. Uma ferida deveria ser aberta e limpa.

Ignorar tais coisas só a faria apodrecer mais.

Aqui vai, Senhor. Dê-me força...

“Sabe, Michael,” ele disse, “você pode apenas orar por nós.”

“Você e Catherine?”

Caleb balançou a cabeça positivamente, olhando rapidamente para o espelho e depois de volta para estrada.

Simmons disse, “Eu posso orar por vocês, cara.”

Deu uma olhada na retaguarda, checkou os lados... tudo tranquilo. Caleb entrou num beco sem saída, avançando lentamente para a garagem de seu amigo.

“Ah,” Simmons disse enquanto pegava sua bolsa e descia do carro. “Não se esqueça que tem outro inimigo lá fora que está muito determinado a lhe destruir, de qualquer maneira.”

“O que você quer dizer com isso?”

“O inimigo da nossa alma.”

Caleb olhou para frente, seus braços cruzados sobre o volante do seu carro.

“Você ouviu o que eu disse, Caleb?”

“Eu cresci no Sul. Acredite em mim, eu já ouvi falar do fogo do inferno e do enxofre.”

“Verdade.” Simmons deu um sorriso irônico. “Bem, eu não estou dizendo que você precisa viver no medo, mas deve ficar em alerta. Deve estar pronto para quando o fogo vier.”

“E como eu faço isto, Michael?”

“Você lembra da história no livro de Daniel, sobre os três rapazes na fornalha? Eles andaram pelo fogo sem ao menos se queimarem. No meio daquilo tudo, Deus permaneceu com eles.”

“E por que Ele não parou com aquilo tudo?” Caleb balançou seu braço que estava com a atadura.

“Você está vivo, não está? Eu diria que Ele estava com você naquela casa.”

“Sim, você está certo.”

“Então pare de se lamentar sobre um pequeno ferimento na carne.”

“Ferimento na carne? Oh, obrigado, cara. Obrigado pela simpatia?”

Eles riram juntos.

“É melhor eu entrar para falar oi para a Tina,” disse Simmons.

“Agradeço a carona, Caleb. Eu sei que tem muita coisa passando pela sua cabeça, mas não se esqueça – eu estou aqui. É para isto que existem os irmãos.”

DOIS FUNCIONÁRIOS DO ASILO RMS, vestindo jalecos brancos, estavam na sala da casa dos pais de Catherine. Ela passou pela porta aberta, desviando-se do suporte da cama que fora carregada para dentro.

Seus olhos fixaram-se nestes equipamentos de última geração que simplificariam e estabilizariam a rotina de seu pai e de sua mãe.

A Sra. Campbell já estava instalada em sua nova cadeira, enquanto os técnicos ocupavam-se em encaixar um cabo entre o motor e os encostos para os braços.

Catherine sentiu lágrimas em seus olhos. Isto era demais para ela.

Sua mãe estava ocupando-se com o painel de controles, familiarizando-se. Seu pai estava assistindo a cada movimento do outro técnico que encaixava um corrimão à cama ajustável.

“Oi, papai.”

O capitão aposentado Campbell olhou para ela e deu um abraço forte em sua filha. “Oi querida. Como você está?” Embora não estivesse em forma como um dia esteve, ele ainda era forte e amoroso, o que fazia Catherine sentir-se segura em seus braços.

“Estou ótima.”

“Não é maravilhoso?”

“É incrível.” Catherine ajoelhou ao lado da nova cadeira e acariciou a mão de sua mãe. “Olá, mamãe. Você está feliz?”

Joy Campbell deu um sorriso gentil.

“Você parece bem. Pode acreditar nisto? Nós vamos lhe arrumar e vamos levar você para sair. Eu aposto que você vai gostar, uh?”

Os olhos de sua mãe brilharam.

“E mais, eu tenho uma surpresa minha para você, e nós precisaremos que você esteja muito bem, para que possa causar uma boa impressão.”

As sobrancelhas dela levantaram-se em curiosidade.

“Não se preocupe, mamãe. Eu garanto que você vai amar.”

Sua mãe escreveu em seu pequeno quadro-negro: UM GATO?

Catherine balançou sua cabeça.

UM NOVO ROUPÃO DE BANHO?

“Não é bem isso. Bem, vou lhe dar uma dica.” Ela virou o quadro ao contrário e o segurou, escondendo-o enquanto criava uma mensagem em forma de força. “Aqui. Resolva a força, e eu lhe darei uma ideia.”

“O que você tem escondido?” Disse o Sr. Campbell.

“Vou precisar da sua ajuda, papai. Mas a parte mais difícil ficará para a mamãe.”

Sua mãe já estava colocando o quadro em seu colo. Lia-se

PR_ NTA PARA D_ R UMA VO A?

DR. GAVIN KELLER estava no balcão, marcando sua folha de ponto após ter feito sua ronda.

“Tasha, você poderia arquivar isto para mim?”

“Claro, doutor. Deixe na mesa.”

“Se puder esperar alguns segundos, eu já estou terminando.”

“Desculpe, eu preciso ir. Já estou atrasada para a reunião das enfermeiras.” Tasha era pequena, e com permanente no cabelo.

Parecia uma leoa partindo em seu jaleco azul.

Gavin manteve seus olhos abaixados.

Ele flertara com a jovem enfermeira negra uma vez – e aquela foi a última. Seus olhos mostravam força e uma negação às atitudes sem noção que certamente explodiam no rosto dele.

Quanto a Catherine? Ela era mais vulnerável.

Ela o confundiu, agora que ele tinha conhecido o marido dela, o herói da cidade. O que havia de errado com eles – duas pessoas atraentes e de

sucesso? Ele tinha que escolher com cuidado. Se as coisas continuassem a desabar, entretanto, ele estaria mais do que desejando juntar os pedaços.

Ainda no balcão da recepção, ele sentiu o perfume dela.

Sentiu um formigamento em seus braços e em suas pernas, mas ele não olhou a sua volta. Ele deixaria ela iniciar o contato.

Bem segura, Catherine aproximou-se e posicionou um cotovelo ao lado dele.

Ela disse, “Já disseram que você é maravilhoso?”

“Talvez.” Ele deu um sorriso tímido. “Mas hoje não.”

“Gavin, não precisava fazer aquilo.”

“Fazer o quê?”

“Dar dinheiro para ajudar meus pais.” Ela ficou mexendo em um dos botões de sua blusa e fitou seus olhos castanhos nele. “Foi muita consideração. Obrigada.”

Ele sentiu um calor de satisfação. Ele não imaginava que este seria um grande gesto, mas depois da consideração de Catherine sobre as necessidades médicas e financeiras de seus pais, ele sentiu-se forçado a agir. Ela mencionara o Asilo RMS, e ele aprofundou-se e descobriu o nome da mãe de Catherine. Ele tirou de suas próprias economias para conseguir que as coisas acontecessem na direção certa.

“Disponha,” ele disse. “Catherine, você tinha uma necessidade que eu podia ajudar. Era o mínimo que eu podia fazer.”

“Você nem me disse nada.”

“Eu queria ter feito mais, mas é um começo.”

“Um começo? É mais que um começo, Gavin.” Ela alcançou a mão dele e a apertou. “Tem planos para o almoço?”

“Agora eu tenho.”

A sua resposta em forma de sorriso lembrou a luz do sol aquecendo-o da cabeça aos pés.

CALEB DEU uma volta solitária pelas madeiras atrás da casa dele. Ele sentiu-se levado à simplicidade daquela cruz na clareira, à graça e esperança que ela representava.

Ele precisava de três daquelas agora. Ele sentia-se tão fraco.

Está certo, ele criticava os outros no passado por precisarem estar presos à uma religião, ainda que agora visse isto de forma diferente. Ele não estava se voltando para um jogo de regras e códigos morais. Era mais do que isto, muito mais. Seu pai o ajudou a entender as possibilidades mais profundas de uma relação restaurada com Deus.

Uma muleta? Alguns pensam que sim.

Mas Caleb agora entendia que ele estava escolhendo descansar no Senhor.

“Jesus, eu preciso de Ti,” ele sussurrava. “Tu não desististe de mim, então não desistirei de Catherine. Tu salvarias a minha esposa, Senhor? Se precisares tirar-me do caminho para isto, faça-o.

Eu sei que não posso fazer isto sozinho. Estou Lhe entregando tudo.”

Não havia uma resposta audível, nenhum rugido vindo do céu da Geórgia. Caleb, entretanto, sentiu um lento sentimento de calma em seu peito e uma claridade em seus pensamentos.

Na manhã seguinte, tudo mudou.

Ele estava esvaziando as latas de lixo da casa, como parte de seu comprometimento com Catherine, quando deparou-se com um bilhete de amor endereçado a sua esposa, com a caligrafia de outro homem.

CAPÍTULO 31

Ele estivera evitando o seu quarto, então sentiu-se um pouco estranho quando finalmente entrou nele. Ao lado de um par de sapatos de Catherine perto da porta do closet, o espaço estava limpo e arrumado. A cama estava feita, a manta dobrada sobre os travesseiros, encostada na cabeceira da cama de cor mogno.

Era um lembrete da rejeição dela por ele, dos bons tempos, que um dia foram compartilhados, mas que ficaram para trás, para se decompor no passado.

“Petição de Dissolução de Casamento...”

Estas palavras eram como facas apunhalando cada esperança de reconciliação. No entanto, Caleb já decidira ver onde isso daria. Ele deu um passo para dentro do quarto. Ele teria de sair rapidamente, para o seu plantão, e ele só estava lá dentro com o propósito de pegar o lixo e colocar numa sacola plástica, para o serviço de coleta de lixo amanhã.

Ele viu uma garrafa de água em cima da cômoda. Ele sacudiu o recipiente. Estava na temperatura do quarto e cheia pela metade.

Foi tudo para dentro da sacola plástica.

Foi quando um envelope chamou sua atenção.

Ele pegou o envelope do lugar onde este estava, encostado em um vaso, e viu o nome de Catherine escrito nele. Bem, este era o seu quarto também, não era? Ele parou por um segundo antes de ver o que tinha dentro. O cartão era colorido e bonito. Ele abriu e leu as palavras em voz alta, sentindo-as queimar em sua mente e soar um alarme que estivera silenciado por muito tempo.

Querida Catherine, Não posso explicar como gostei de conhecer você. Penso cada vez mais em você, e fico ansioso por lhe ver todos os dias. Vamos almoçar qualquer dia desses essa semana?

Com Amor, Gavin.

“Gavin?”

Caleb não podia fingir que isso era algo usual. Era o seu casamento que estava em questão, e não havia nada da casual em outro homem tornar-se tão próximo de sua esposa.

Ele largou o saco de lixo e atravessou a sala de jantar com o telefone no ouvido. “Hmm, sim,” ele disse. “Eu preciso saber se há algum Gavin trabalhando no hospital. Uh, não, só tenho o primeiro nome.”

Vinte e cinco minutos mais tarde, vestido com seu uniforme de capitão, ele entrou rapidamente pelas portas do Phoebe Putney Memorial. Pegou o elevador, pediu informações a um enfermeiro cirúrgico no corredor, e então seguiu em frente.

Sim, de fato...

Ele estava indisposto, e buscava alguém para curá-lo.

GAVIN ESTAVA SENTADO ATRÁS da sua mesa em sua sala, vestido com camisa e gravata e um jaleco branco por cima. Era um lugar pequeno, e durante o seu curto exercício do cargo, aqui em Albany, ele não fizera nada mais que pendurar os seus diplomas e alguns quadros de animais nas paredes. Ele chegara repentinamente, e ainda era desconhecido por metade da equipe – embora gostasse de achar que já deixara uma boa impressão nas mulheres do prédio.

A sua porta estava aberta esta manhã. No entanto, ele surpreendeu-se ao ouvir um visitante entrar em sua sala.

“Dr. Keller?”

A sua voz era firme, mas com um tom de raiva.

Gavin levantou o olhar dos seus papéis, irritado pela intrusão.

Ele não levantou-se e tampouco apertou a mão do visitante. Ele reconheceu o intruso como sendo o bombeiro a quem ele cuidara das queimaduras de primeiro grau.

O marido de Catherine.

Gavin virou-se um pouco para o lado e disse, num tom que indicou que ele estava ocupado e desejava ficar sozinho, “Sim?”

“Caleb Holt. Preciso falar com você, por favor.”

“Olha, agora não é uma boa hora. Já está quase na hora de fazer minha ronda e –”

“Eu acho que você precisa arrumar tempo. Trata-se de Catherine.”

Caleb se inclinou por sobre a mesa e enfatizou as palavras.

“Minha esposa.”

“Está bem. O que posso fazer por você?”

Caleb levantou o dedo, sua voz baixa e fria. “Sei o que você está fazendo. E eu não vou me afastar enquanto tenta roubar o coração da minha mulher. Eu cometi alguns erros, mas eu ainda a amo. Portanto, fique sabendo que também a quero.” Ele levantou uma das sobrancelhas. “E como sou casado com ela, acho que tenho vantagem.”

Gavin contorceu-se debaixo do olhar frio de Caleb.

“Aliás...” Caleb levantou sua mão esquerda.

O médico inclinou-se para trás, perguntado-se o que viria em seguida.

“Obrigado por me ajudar com a minha mão. O meu dedo anelar está muito melhor.” Caleb fechou sua mão fazendo com que se transformasse em um sólido punho, mostrando a sua aliança.

Ele olhou fixamente e por muito tempo para o Dr. Keller, então virou-se e saiu pelo mesmo lugar por onde entrara.

O coração de Gavin estava na garganta. Ele permaneceu congelado por um instante, e notou que Deidra, do lado de fora da sala, estava boquiaberta.

Maravilhoso. Agora toda a equipe saberia o que aconteceu.

Enquanto a enfermeira andava rapidamente pronta para contar a todos o que vira, Gavin abriu a gaveta de cima de sua mesa. Ele procurou entre pastas e prendedores de papel.

Ali estava a sua própria aliança.

Certo, então ele não tinha deixado exatamente claro até aquele momento o seu estado civil. Ele gostava de manter suas opções abertas, e sua esposa era vendedora e passava muito tempo na estrada. Certamente, ela tinha os seus pequenos casos, e ele tinha os seus. Ninguém saía machucado.

É verdade, doutor? Você tem certeza disso?

Ele imaginou qual seria a reação de Catherine caso ela o visse usando a sua aliança. Ela não só irromperia em choro e começaria a gritar, mas ela também desfaria toda e qualquer ligação que eles construíram até este momento. Ele estaria enganando-se caso pensasse de forma diferente.

Assim, ele decidiu que era melhor manter as suas opções abertas.

Ele balançou a cabeça negativamente e colocou a sua aliança de volta na gaveta, sob alguns documentos.

“GENTE, EU VI Caleb e o Dr. Keller discutindo.” Deidra, encontrou com as outras enfermeiras – Tasha, Ashley e Robin na recepção, e começou a cochichar o que acabara de presenciar.

“Caleb mostrou os punhos para o Dr. Keller.”

“Aham.”

“Está falando sério?”

“Sim, eu não estou mentindo. Ele disse que se ele—”

“Shhh, shhh, shhh,” disse Robin. “Aí vem ela.”

Os sapatos de Catherine anunciavam a sua aproximação. Ela escorregou uma das mãos sobre o balcão, juntando-se às outras.

“Do que vocês estão falando?”

Ashley retirou-se silenciosamente.

“Oi Cat.” Disse Deidra. “Como vai, querida?”

“Estou bem. Vocês ficaram caladas bem rápido.”

“Ah, é porque resolvemos parar de falar.”

Tasha e Robin trocaram um rápido olhar. A fim de evitar os olhares examinadores de Catherine, elas deixaram Deidra cuidar da confusão. O que não era problema para Deidra. Ela era muito boa nesse tipo de coisa.

“O que houve?” Disse ela num tom monótono.

Catherine olhou para o seu relógio de pulso, e disse: “Bem, estou esperando uma entrevista em 10 minutos. Mas queria saber se alguém viu o Dr. Keller esta manhã.”

“Hummm. Ele estava fazendo a ronda, deve estar no oitavo andar.”

“Está bem.” Catherine deu uma batidinha no balcão. “Vejo vocês depois.”

Puxando o estetoscópio envolta de seu pescoço, Deidra assistiu Catherine afastar-se rapidamente com aquelas longas pernas até estar fora do alcance da sua voz. Num instante, Ashley reapareceu, e as outras aproximaram-se para continuarem a ouvir as novidades.

“Por que você não contou a ela?” Robin perguntou a Deidra.

“Porque não é da nossa conta.”

“Mas você contou para todas nós.”

“Mas,” disse Deidra, balançando sua mão, “eu não quero que ela saiba que a vida dela é da nossa conta, quando não é.”

“Ohhh,” elas disseram em uníssono, e voltaram para as suas tarefas individuais.

CAPÍTULO 32

Catherine estava nas alturas de tanta felicidade pelas recentes bênçãos que seus pais receberam, e com a inesperada generosidade de um certo médico solteiro. Ela o encontrou no corredor, vindo na direção dela vestido com o seu jaleco branco e roupas finas, e ela admirou mais uma vez a sua aparência distinta. Ela conhecia bem os homens a ponto de saber que trarão problemas.

Nunca mais, obrigado.

Radiante, ela disse, “Oi, como está?”

Gavin olhou para os dois lados do corredor, seu comportamento distraído e objetivo. “Oi, Catherine.”

“Como está o bom doutor hoje?” Ela colocou um dedo sobre a prancheta dele.

“Ahh, muito ocupado.”

“Ainda vamos almoçar?”

“Bem...”

“Você fez o convite pelo cartão, lembra?”

“Sabe, eu tenho algumas coisas para checar. Tenho deixado trabalho acumular.”

“Certo.” Ela tentou não demonstrar frustração com a sua resposta.

“Bem, talvez possamos conversar depois.”

“Seria ótimo.”

“Está bem. Até mais.”

“Até mais.”

Ela o viu baixar a cabeça e seguir pelo corredor. Parecia que eram dois estranhos interagindo numa fila, com diferentes grupos de colegas de trabalho. De alguma forma, parecia que ela não estava sabendo de alguma coisa. Confusa, no entanto, tentando não deixar com que isso a fizesse ficar mal, ela seguiu sozinha em direção à cafeteria.

CATHERINE ESPETOU A alface que estava em seu prato e tentou pegar o tomate cereja que estava perto da borda do prato.

Havia um cravo fresco sobre a mesa, a mesma mesa que ela havia sentado-se com Gavin, e esta percepção só serviu para intensificar a sua isolamento no meio de todas as outras mesas onde as pessoas estavam conversando enquanto comiam.

“Olá, Catherine.”

Ela olhou para cima para ver a enfermeira de cabelos grisalhos que vestia uma blusa colorida. A sua bandeja estava cheia, e ela parecia procurar por um lugar para sentar. Embora Catherine não estivesse com um humor muito sociável, ela sabia que podia confiar naquela senhora. Anna sempre evitara as fofocas do hospital, focando-se sempre nos detalhes de seu trabalho.

“Oi, Anna. Como está?”

“Estou ótima. E você?”

Catherine colocou um sorriso tentando esconder suas reais emoções.
“Estou bem, eu acho. Quer se sentar?”

“Adoraria, se não incomodar.”

“De jeito nenhum.”

Anna sentou-se do outro lado da mesa. “Então, o que tem acontecido na sua vida ultimamente? Já faz algum tempo desde a última vez em que conversamos.”

“Bem, é que este tem sido um ano daqueles.”

“Ah! Bom ou ruim?”

“Sabe, eu detesto dizer isso, mas na maior parte, ruim.”

Os olhos de Anna encheram-se de preocupação.

Catherine voltou a mexer em seu prato. “Sabe quando se chega a uma encruzilhada e percebemos que qualquer direção que tomarmos irá mudar a nossa vida?”

“A vida nos traz isso. Com licença só um minuto.”

Anna abaixou sua cabeça e começou a orar. Não muito tempo depois ela olhou de volta para Catherine. “Então, decidi qual rumo tomar?”

“Hum, acho que sim. É difícil não ter dúvidas.”

“Desculpe, não quero me meter, mas tudo isso tem a ver com relacionamentos?”

Catherine sorriu, quase satisfeita por chegar a um ponto que ela gostava. “Sim.”

“Bem, com toda experiência de vida que eu tenho, eu diria que relacionamentos determinam bastante a nossa qualidade de vida.

Você sabia que estudos recentes mostram que pessoas casadas são mais bem-sucedidas em suas carreiras? Elas também vivem mais e buscam levar vidas felizes.”

“Então, terminar um relacionamento que tem sido um fardo seria uma boa coisa, certo?”

“Eu acho que isso depende da natureza do relacionamento.

Alguns, vale a pena lutar por eles, mesmo que pareçam difíceis.

Outros podem parecer num primeiro momento interessantes mas não são saudáveis. Sabe, 40% dos casamentos de hoje acabam em divórcio, mas 60% das pessoas que se casam de novo acabam tendo o mesmo destino.

“60%?”

“E é ainda pior para aquelas pessoas que se casam uma terceira vez.”

Catherine não tinha certeza se lhe agradava o rumo que esta conversa estava tomando. Ela e Gavin estavam flertando um com o outro, uma mistura de química com intriga e ela não estava disposta a deixar que uma mulher de meia-idade – mesmo sendo tão doce como a Anna – tirasse a esperança de um novo futuro dela.

“Bem,” ela disse, “meu marido e eu não estamos mais nos dando muito bem.”

“Sério?”

“Estamos casados há sete anos, e eu diria que os últimos quatro ou cinco têm sido bem desgastantes e desanimadores. Eu nem sei o porquê de nós ainda mantermos um ao outro preso nesse fracasso. Acho que seríamos mais felizes com uma outra pessoa.”

“Você sente-se assim frequentemente, não é? Catherine, você é muito jovem. Eu sugiro que você tome suas decisões cuidadosamente.”

“Eu estou tentando.” Ela fechou os seus olhos, inclinou-se para mais próximo da mesa e fez uma confissão honesta. “Mas também estou cansada

de me sentir vazia. Anna, é tão bom ter alguém que nos trata como se gostasse de nós.”

“Desculpe, mas você está falando de um certo médico, não está?”

“Imagino que não seja segredo o tanto que nós conversamos.”

“Não pude deixar de reparar como vocês se comportam juntos, mas também penso em como seu marido se sentiria.”

Catherine endureceu-se e ajeitou-se em seu assento. “Meu marido teve a sua chance. Dr. Keller é um bom homem. Ele me trata melhor do que meu marido tem me tratado em anos. Ele me ouve e me faz sentir importante. Não me sentia assim há muito tempo.”

“É sempre bom ter isso, mas querida, se este médico está tentando conquistá-la quando ainda está casada, por que acha que ele não faria o mesmo com outra pessoa?”

Ela limpou a sua garganta. “Não sei se quero falar sobre isso, Anna. Acho que isso é muito pessoal.”

“Oh, Catherine, sinto muito. Não queria passar dos limites.”

“Preciso ir. Foi bom vê-la, Anna.”

Ela pegou as suas coisas e seguiu em direção à lixeira onde deixou a sua bandeja com o resto de seu almoço. Anna disse as coisas certas, mas não era ela que estava em um casamento em ruínas.

Catherine tremeu com uma súbita indignação.

Esta era a sua vida, e ninguém tinha o direito de lhe dizer como vivê-la.

O BUQUÊ DE ROSAS vermelhas estava murchando no vaso em cima da mesa, onde outrora ficava o velho computador. Caleb não conseguia jogá-

las no lixo, mesmo após ter passado oito dias.

Jogá-las fora o faria sentir-se um derrotado, seria o mesmo que jogar fora os últimos vestígios de esperança que ele tinha por seu casamento.

Outro final de semana veio e se foi, no qual ele e Catherine passavam um pelo outro, assim como a água passa pela pedra em um rio.

Ela recusou-se a remover as flores dali ... e então ele dirigiu para mais um plantão de 24 horas, com apenas um olhar da sua esposa para verificar a sua partida.

Todas as manhãs ele a esperava ... e ela passava direto para ir para o hospital e para aquele convencido do Dr. Keller.

A rotina de suas vidas transformou-se na válvula de escape nesses últimos dias entre o Sr. e a Sra. Caleb Holt. Ele sabia que logo ela voltaria a ser Catherine Campbell, voltando a usar o sobrenome de seu pai. Para Caleb, isso seria como tirar uma parte dele – como um braço ou uma costela.

Durante a próxima semana ele passou algumas tardes sozinho sentado à mesa de jantar e pegou-se pensando em como seria se ela estivesse naquela mesma mesa, com o prato dela, fazendo uma de suas listas de coisas a serem realizadas.

Sempre com alguma coisa para fazer. Sempre mudando alguma coisa.

De fato, ele admirava isso nela – o jeito como ela passou pela faculdade e recusou-se a ser colocada de lado. Quando ela colocava uma coisa na cabeça era muito difícil convencê-la do contrário.

Só por sorte.

E então, a fraqueza continuou a penetrar pela sua pele, indo direto para o seu coração e alma, mas Caleb sabia – ele sabia com cada molécula do seu corpo – que nada podia amenizar a dor que estava por vir.

Uma tarde ele subiu no caminhão magirus dos bombeiros, longe dos outros. Ele pôde compreender o porquê de alguns animais, às vezes, se afastarem para morrerem sozinhos. Ele não queria ser visto nestas condições. Ele girou a aliança em seu dedo e por um instante começou a pensar sobre o começo de sua vida ao lado de Catherine. Ele fizera de tudo para ganhar o seu coração, e então voltou atrás uma vez que Catherine entregara seu coração a ele.

Nos antigos livros de histórias, não era assim que acontecia? O cavaleiro lutava pela bela donzela. Ele ganhava seu favor. E os créditos subiam conforme as luzes eram acesas.

A vida real era muito mais complicada.

Com os seus pés pendurados na extremidade do caminhão, ele inclinou sua cabeça para trás e orou pedindo por força para continuar lutando: *Senhor, estou tentando ser paciente. Estou esperando em Ti. Parece que nada que eu faço funciona.*

Ele fizera tudo que estava escrito no caderno – as palavras carinhosas, as flores, jogar o lixo fora, varrer o chão e cortar a grama. Mas foi além de tudo isso. Ele queria fazer coisas por conta própria, algumas coisas que não estavam no livro. Catherine não se encaixava em nenhum molde particular. Ele queria amá-la, de formas que ela entenderia.

Então, ele oraria para que o coração dela derretesse outra vez.

Ou, ele ficaria cheio de rugas e grisalho neste processo.

Qualquer uma das opções, se ele teria de morrer, por que não morrer pela mulher que ele amava?

CAPÍTULO 33

Eric, fale no mínimo três tipos de combustível classe B”

“Gasolina. Petróleo. E, hum ... *White spirit*^[Nota 2].”

“Bom,” disse Caleb. “E qual é a forma correta de supressão?”

“Humm ...”

Terrell zombou. “Vamos lá, seu trapaceiro. Você deveria saber isso de cor.”

“A boca de Eric enrugou-se enquanto ele procurava por uma resposta em seu cérebro, então seus olhos brilharam. “Falta de oxigênio,” ele disse.

“Bingo.”

“Dê uma estrela dourada ao garoto,” Terrell disse.

“Sua vez, Terrell.”

“Estou pronto, Capitão. Estudei toda a minha parte.”

“Você falou como o Wayne agora.”

“Eu ouvi isso, hein.” O motorista entrou vangloriando-se no refeitório do Posto do Corpo de Bombeiros, levantando as sacolas com sanduíches que um amigo derrubara. Ele deu o troco e o recibo ao Tenente Simmons, depois dividiu as bolsas ao redor da mesa, verificando o nome em cada um. “Falando de mim pelas minhas costas de novo, não é?”

“Nada que não diríamos na sua cara.”

Terrell cutucou o braço de Caleb em concordância. “Está certo. Cara, alguém precisa cortar o ego dele. Sabe do que você precisa, Wayne?”

“Um aumento?”

“Nem começa!” disse Caleb.

“Você precisa de uma esposa.”

“O quê?” Wayne deu um pulo em sua cadeira. “Para ser infeliz como você?”

Terrell deu um empurrão nele. “Cara, isso não foi legal. Pergunte ao capitão e ao Tenente aqui. Eles podem dizer a você, não é nada fácil.”

“É um trabalho duro,” disse Simmons. “Mas acho que há dois caminhos.”

Caleb não tinha nada para acrescentar que não o fizesse sentir como se uma lixa fosse esfregada em sua queimadura. Ele baixou sua cabeça em silêncio, orou agradecendo pelo alimento, e então pegou o seu sanduíche e deu uma mordida.

À medida que os outros começavam a comer, Wayne aproveitou a oportunidade para fazer mais piadas. “Eu não quero ofender nenhum de vocês, mas acreditem em mim – eu que vou dar as ordens na minha casa. Ah se vou. Quando chegar a hora, tudo que farei é estalar os dedos” – ele demonstrou duas vezes rapidamente – “e ela virá correndo.”

“Hmm.” Terrell levou a mão a sua orelha em forma de concha, como se quisesse ouvir melhor. “Ouço passos, tudo bem ... mas ouço os passos se distanciarem como se estivessem indo embora.”

Caleb começou a achar que isso estava indo longe demais.

Eles teriam um teste obrigatório em poucos dias, e ele deveria dar exemplo.

Sem mencionar que se ele quisesse ser um chefe de batalhão no futuro, usando três trumpets em seu colarinho, ele precisaria estar à frente na tecnologia e técnicas.

“Tudo bem. Enquanto nós comemos, vamos estudar um pouco mais e-”

De repente uma chama de calor incendiou a língua de Caleb.

Os botões de gosto de sua língua mandaram sinais urgentes para o seu cérebro, enquanto sua visão tremia e sua garganta se fechava com as palavras que ele tentara dizer.

“Você está bem?”

Caleb piscou e olhou para cima. Do outro lado da mesa, os olhos de Wayne estavam arregalados e inocentes. Todos os outros pareciam estar focados em suas próprias comidas.

“Tenho certeza de que trouxe o que o senhor pediu, Capitão.”

“A minha está ótima,” Eric disse.

Gotas de suor brotavam na testa de Caleb. Ele passou a sua mão na cabeça e segurou seu copo de água. Não, aquilo seria como jogar água em um incêndio elétrico, isso só alimentaria as chamas. Era um molho feito com pimenta habanero, e o estrago já fora feito. Ele conhecia o gosto – Ah sim, ele experimentara pela primeira vez anos antes e jurara que nunca mais tentaria uma outra vez.

“Alguém quer água gelada?”

“Não, obrigado,” disse Caleb entre dentes cerrados. “Estou bem, Wayne.”

“Sério? Você me parece um pouco... atordoado.”

“Acho que eu só engoli comida demais de uma vez só.”

“Tem certeza?”

“Sim.” Ele limpou a sua garganta. “É, é, eu estou bem. Acho que é só o molho. Ele está meio suave, realmente.”

“Suave?” Wayne olhou confuso.

“Sim. Quer dizer, ele tem gosto de suco de tomate.”

“Suco de toma—”

“Wayne,” Terrell gritou. “Aí, será que a gente pode comer em paz?”

De cabeça baixa, Caleb deu outra mordida. Ele imaginou o inimigo de sua alma, aquele que Simmons o advertira a respeito, tentando humilhá-lo. Ele recusava-se a mostrar qualquer sinal de entrega ou derrota, e ele certamente não queria que Wayne ficasse satisfeito com isso. Ignorando a queimadura em sua boca, ele continuou comendo.

Ele estava na metade de seu almoço quando, dando graças a Deus, o alarme de incêndio soou.

O ALARME OS conduziu para um prédio industrial nos arredores da fábrica de pneus Cooper. Após uma completa inspeção, não achando nada de anormal, voltaram para a base. Caleb e Terrell tiraram os seus equipamentos, e dirigiram-se para dentro a fim de estudarem mais para o exame, quando o alarme soou mais uma vez.

Caleb hesitou num primeiro momento. Seria—?

Sim, este chamado também era para eles.

Ele recolocou o suspensório nos ombros e mais uma vez pegou seu casaco.

Na chegada ao local determinado, eles foram cumprimentados pelo chefe do batalhão e verificadores de campo, homens de aparência severa, todos com pranchetas e cronômetros nas mãos.

O capitão Holt e seus homens tiveram o tempo cronometrado na primeira vez que o alarme soara cedo naquele dia, e agora, como mostraram-se rápidos e em forma, eles enfrentariam nove componentes da prova de habilidades físicas.

Caleb aceitou o desafio. Ele gostava de mostrar aos homens de sua equipe que ser veterano não era desculpa para complacência.

Ele nunca pediria a eles que fizessem alguma coisa que ele mesmo não fizesse ou que fosse incapaz de fazer.

Hidrante aberto com dezessete voltas? Verificado.

Resgate de vítima, com uma bolsa-imitação de 75kg? Verificado.

Subir a escada do caminhão Magirus ao ar livre vestindo todo o equipamento? Verificado.

Para Eric, o recruta mais novo, todo o teste era bem decisivo.

Ele ainda estava no período probatório, seu futuro dependia de sua habilidade para completar os nove componentes com sucesso.

Apenas um erro poderia comprometer a sua carreira.

Eric passou pelos testes com os equipamentos com uma certa facilidade, esticando mangueiras, carregando escadas e fazendo um grande esforço em cada volta dada com a enorme chave inglesa a fim de abrir a tampa do hidrante. Wayne e Simmons ficaram rindo do esforço que ele fazia, mas o parabenizaram quando ele conseguiu atingir os padrões.

Mais tarde, ele demonstrou suas habilidades com o poste de incêndio. Muitas vezes a pressão de um incêndio pode ser aliviada por usar esta ferramenta ou um machado para fazer um buraco no teto, expelindo, dessa forma, o calor.

No geral, Caleb achava que o novato estava indo bem.

“Você acha que eu vou conseguir, Capitão?” Eric perguntou no caminho de volta à base do corpo de bombeiros. “Aqueles examinadores não estavam com uma cara muito boa.”

“Eles estiveram muito próximo de muitos incêndios.” Wayne disse do banco do motorista. “Com todo aquele calor a boca deles ficou enrugada. Para não falar—”

“Está certo, Wayne. Nós já entendemos. Ouça, Eric, você se saiu bem hoje, mas você tem um outro dia pela frente. Descanse.

Tente relaxar. E faça como você aprendeu, e você continuará sendo um bombeiro.”

“Sim, senhor.”

“E não se preocupe com a escalada da escada ao ar livre,” disse Wayne. “Acredite, esta é a parte fácil.”

“Sério?”

“Pode acreditar.”

“Existe algum segredo para isso?”

“Segredo? Não. É como escalar uma série de degraus. Só olhe um degrau por vez, porque, assim, você não escorrega, senão você vai ficar indo para cima e para baixo como um ioiô.”

Caleb deu uma risadinha. Ah, as alegrias de ser um calouro.

Mais cedo ou mais tarde, o medo de altura de Eric seria posto à prova.

CATHERINE TENTAVA MANTER-SE emocionalmente equilibrada sentada ali naquele banco de pedra, enquanto seu olhar fitava o dançar das águas no chafariz. Ela encontrara Gavin, ali mesmo, nos jardins do hospital,

não fazia muito tempo, e desabrochava sob o seu olhar. No que ela estivera pensando? Logo ela que era uma mulher educada e confiante de si, deixara um doutorzinho com pose de príncipe encantado deixá-la de joelhos com um olhar.

Há alguns anos ela teria rido dessa situação só em pensar.

O comportamento do doutor havia mudado recentemente.

Gavin ainda era super gentil, como ele era com qualquer outro membro da equipe, mas o entusiasmo em sua voz e o brilho em seus olhos não existiam mais.

Catherine tomou um gole de seu café expresso com baunilha.

O gosto do café não era o mesmo do que o que Gavin trouxera para ela no outro dia.

Era como se tudo estivesse sem sabor, não só o café.

Os seus dias pareciam estar fundidos um no outro, e esquecera completamente de algumas reuniões no trabalho. Ela ouvira como o estresse emocional poderia causar uma espécie de descarga de destruição no processamento mental, mas esta era a primeira vez que ela experimentava isso. Algumas vezes, ela sentia-se como se estivesse perdido o chão.

Ela mantinha o sorriso no rosto, apesar de tudo – ela era, ainda, a gerente de relações públicas – e mantinha-se atualizada na moda. E se isso significasse um aumento no valor da fatura dos cartões de crédito? Talvez ela pudesse fazer uma espécie de acordo de parcelamento.

Mas isso seria justo com Caleb?

Seu marido estava tão confuso. Apesar de nestes últimos dias ele ter mostrado um lado seu completamente diferente, ela não estava convencida de que esse comportamento duraria por muito tempo. Também, ele vinha dividindo as tarefas diárias da casa.

Sim, tentara mostrar-se um pouco mais romântico – do jeito que costumava ser com eles no começo.

Mas seria válido dar mais esta chance?

Não, ela não arriscaria fazer isso outra vez. Ela não conseguia.

Naquele momento, isso era tudo que ela podia fazer para sobreviver sob esta camada superficial de normalidade.

Vidas mudaram, e casamentos nem sempre dão certo.

As pessoas se apaixonam e deixam de se apaixonar.

Seguir em frente era o novo normal.

Ela tomou mais um gole de seu café, e depois jogou o restante num arbusto atrás dela. Apesar de todas as conversas de encorajamento, ela sentiu-se mais solta e fora do lugar que nunca.

CALEB CORRIA PELAS trilhas na parte de trás de sua propriedade, ignorando os avisos de dor que os seus músculos mandavam em sinal de protesto e o fato de estar ofegante. Suas pernas começaram a ficar dormentes. Ele correu com paciência, deixando a dor de lado em um canto de sua mente enquanto concentrava-se na sua mais recente leitura de *O Desafio de Amar*.

As palavras eram de 1 Coríntios 13.

O amor ... sempre protege, sempre confia, sempre espera, sempre persevera. O amor nunca falha ... Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor.

Quando ele pensou em proteção, ele considerou a si mesmo muito acima da média. Todo o seu trabalho tinha a ver com proteção. Ele não era tão

bom assim quando se tratava de confiança – principalmente após encontrar aquele cartão do médico para a sua esposa sobre a penteadeira.

Secando o suor de seus olhos, ele continuou a correr.

Quando ele entrou pela porta lateral quarenta minutos depois, o carro de Catherine já estava na garagem. E ele teve uma espécie de flashback de seu primeiro ano de casamento. Uma vez que ele chegou em casa de um treinamento e a encontrou esperando por ele com sanduíches de queijo e chá gelado.

Só por um instante ele se permitiu ter esperança.

O amor ... sempre espera ...

E então aquele pensamento bobo se foi quando ele percebeu que ela já estava trancada na suíte principal. Ele foi bater na porta.

Talvez ela quisesse jantar com ele, mesmo que o jantar fosse só alguma coisa rápida que pudesse ser feita no micro-ondas.

Ele levantou sua mão para bater. Mas hesitou.

Por que arriscar isso?

Ele virou-se e apagou as luzes do corredor. Ela estava escondendo-se por uma razão, e se ele interrompesse esse seu momento, no qual ela queria ficar sozinha, isso poderia fazer com que ela ficasse com raiva dele. Era mais fácil não bater do que cultivar algum tipo de rejeição.

Em seu quarto, ele ajoelhou-se para orar. Não porque tudo estava resolvido – era justamente o contrário. Ele sentia-se como se estivesse tudo desmoronando, como se todas as suas tentativas e seu esforço tivessem sido em vão. Sozinho, ele estava perdido.

De joelhos, ele sabia que estava no caminho certo.

Notas do Capítulo 33

Nota 2 - Solvente orgânico, de cor clara e transparente, derivado da parafina, e usado para pintar e decorar. [\[Voltar\]](#)

CAPÍTULO 34

No dia seguinte houve uma pequena mudança na rotina.

Caleb entregou a Catherine o seu café enquanto ela saía pela porta, e desta vez, ela aceitou com um obrigado entre dentes.

Ele manteve-se ligado a este momento por horas. Fazia uma tarde bonita com um nevoeiro dourado, e ele pensava no que tinha acontecido, sentado em um galho de árvore coberto de musgo:

Ela me deixou servi-la.

Quando o sol já estava se pondo, ele andou até o círculo do acampamento e se deparou com o símbolo familiar de amor e sacrifício. Ele orou silenciosamente: *Deus, me ajuda a saber como obedecer e ser paciente. Eu sou só um homem. Por favor, me ajuda.*

OS AVALIADORES DE CAMPO estavam em exercício outra vez, prontos para medir as capacidades dos bombeiros em jardas, centímetros e segundos. Caleb entendeu o propósito desses exercícios físicos, no entanto, nada funcionava mais do que estar diante do perigo real.

Com um sinal de mão do chefe do batalhão, a escada do caminhão hidráulico se estendeu para o lado, e então abaixou até que o veículo estivesse firmemente preso do lado do passageiro.

“Recruta Eric Harmon,” disse o examinador de cabelo grisalho e curto.

“Senhor?”

“O senhor vai subir.”

Caleb e os outros olharam para a escada de mais de trinta metros de comprimento que se erguia para o alto como se fosse chegar às nuvens. A escada não estava apoiada em nada, era ao ar livre. Era como se os degraus fossem desaparecer no ar, subindo ao ponto de ultrapassar os pinheiros da Geórgia, que guardavam a sorte. Lembranças desse teste causavam calafrios no estômago de Caleb.

“Vamos lá, recruta.” Disse ele. “O senhor pode fazer isso.”

Eric, muito tenso, mordeu sua boca e balançou a cabeça positivamente.

“O senhor terá todo o tempo que precisar,” disse o examinador, “mas se falhar em alcançar o topo da escada, o senhor será imediatamente desqualificado. Fui claro?”

“Sim, senhor!”

Wayne deu um tapinha nas suas costas. “Não é tão assustador como parece. Espera chegar na metade do caminho, e deixa a brisa bater em seu rosto um pouco, e você vai ver que não tem mistério. Quando eu fiz esta prova no meu tempo de recruta, eu nem fiquei com as mãos suadas.”

“Cara,” disse Terrell, “você congela no topo, assim como um pinguim congela em uma tempestade de neve.”

“Pinguins não congelam, Terrell.”

“Você não sabe disso.”

Os olhos de Wayne estreitaram. “Eu sei das coisas, ok? Eu assisto o *Animal Planet*. ”

Caleb não conseguiu resistir em implicar com seu colega de trabalho. “Então por que os pinguins ficam todos juntos agarrados daquele jeito? Eu achava que era melhor ficar se movimentando quando se está com frio.”

“Ah, isso é fácil de explicar,” Terrell interrompeu. “Isso acontece porque, assim como o Wayne aqui, eles não conseguem dançar.”

Caleb riu para o Tenente Simmons, e Eric deu um risinho forçado.

Os examinadores não pareciam estar se divertindo.

“O senhor pode começar quando quiser.” Disse o examinador de cabelo curto.

Eric começou a subir. Suas botas faziam barulho conforme ele subia cada degrau. Movia-se cada vez mais lentamente conforme ia ficando mais alto. Ele olhou por sobre o seu ombro, viu Simmons o encorajando a continuar a escalada dos primeiros cinco metros ou mais, e então ele continuou a subir mais e mais, sozinho com as suas dúvidas e medos, que Caleb sabia, por experiência própria, iriam sussurrar em seus ouvidos.

Dois-terços do percurso percorrido, o recruta parou. Segurando-se à escada, ele ousou dar uma olhadinha para baixo através dos degraus.

Má ideia. Revirou o estômago com força.

“Olhe para cima!” gritou Caleb. “Você precisa confiar que a escada pode segurar, pode lhe aguentar.”

As pernas do recruta estavam tremendo visivelmente.

Era bem difícil que os gritos de Caleb pudessem ser ouvidos, já que o vento estava soprando bem forte naquela altura, mas ele continuava a gritar assim mesmo. “Não desista, Eric! Não desista!”

Um passo firme.

“Você consegue!” Simmons se juntou a Caleb para tentar encorajar o recruta.

Os outros formaram um coro, a irmandade juntando-se por um dos seus. “Você vai conseguir! Continue subindo. Você vai conseguir!”

Eric subiu mais um degrau. E mais um. Finalmente, ele atingiu o último degrau, aproximadamente dez andares de um prédio e estava pendurado sobre nada a não ser o chão duro lá embaixo.

Ele ergueu a sua mão livre alguns centímetros por uma vitória bem nervosa, e o grupo reunido no solo bateu palmas em comemoração.

Mais um havia sido adicionado à equipe.

E isso significava que havia um gesto final a ser feito, deixá-lo saber que ele estava dentro.

E aconteceu duas horas mais tarde, de volta ao corpo de bombeiros. O recruta estava polindo os postes de incêndio, conforme fora instruído, quando Terrell e Simmons foram até a beira da abertura superior com chaleiras de água gelada. Afinal, se ele estava transformando-se em um bombeiro, provavelmente, ele queria manter-se imune ao calor e às chamas, certo?

Eric não percebeu a chegada do dilúvio. Ele congelou no lugar onde estava conforme a água ensopava cada pedaço de seu uniforme.

Caleb passou no momento certo, e entregou a ele um esfregão sem dizer uma palavra sequer.

OS EXAMES FINALMENTE chegaram ao fim, mas somente para serem substituídos pela realidade. Um depósito a leste da cidade estava pegando fogo por causa de uma explosão química, e as labaredas já estavam quase alcançando o topo das árvores e os prédios vizinhos. A noite foi longa, com muitos postos de bombeiros envolvidos, locomotivas e escadas posicionadas, pois desta forma, as equipes que estavam no chão podiam atacar pela superfície, enquanto os homens, que estavam nas escadas, podiam jogar água na parte superior.

Eric estava lá em cima, firme como uma rocha.

Outros entraram no prédio em chamas para procurar por vítimas – utilizando-se de machados, respirando através de máscaras especiais.

Pela manhã, eles já haviam conseguido vencer o incêndio e reduzi-lo à cinzas e sujeira.

Mas haveria outros, no entanto. Capitão Caleb sabia que isso era um fato. Em outras localizações, com outras vidas e outros prédios em perigo, teriam outros incêndios, como que por vingança, e usaria as suas garras laranja-avermelhadas para acabar com florestas, metal e tijolos. A prevenção e educação contra incêndios eram valores muito preciosos que precisavam ser adquiridos pela população a nível de conscientização para evitar esse tipo de tragédia, mas era inegável dizer que é preciso ter um método eficiente de supressão de incêndio.

E isso era feito por aqueles que ficavam diante das chamas.

Ele chegou em casa na manhã seguinte. Tomou um banho. Lavou os pratos que Catherine usara na noite anterior. Caminhou um pouco pelo bosque para espairecer e tirar um pouco o cheiro da fumaça da sua pele e cabelo.

CAPÍTULO 35

Quando Caleb acordou, a casa estava em silêncio. Ele esfregou seus olhos, colocou de lado as cobertas, e viu que ainda estava vestido com uma calça esporte e camiseta. O relógio marcava onze e meia da manhã. Sem dúvidas que ainda sentia-se um pouco tonto.

Ele andou até a sala de estar e ficou perplexo quando viu a bolsa de Catherine e as suas chaves sobre o sofá. Ela era uma funcionária exemplar que nunca se atrasava. E, também, ela nunca chegou em casa tão cedo.

Havia alguma coisa errada?

Ele caminhou na ponta dos pés, bateu gentilmente na porta.

Como não houve respostas, ele abriu a porta e viu a sua esposa deitada no lado dela da cama king-size do casal.

“Catherine? Você está bem?”

Ela continuou de costas para ele. Ela fungou e respondeu. “Estou ótima.”

Ele notou a caixa de lenço na escrivaninha. “Não vai trabalhar?”

“Não.”

Caleb deu alguns passos hesitantes para dentro do quarto.

“Está doente?”

“Vou ficar bem.”

Ele sabia que podia se virar e sair antes de fazer cair sobre si a sua raiva, mas ele estava preso no lugar pela sua preocupação com a saúde de

Catherine. Isso não era comum de acontecer com ela. Embora ele tivesse que lidar com as consequências depois, ele tinha que saber o que a estava chateando.

“São suas alergias?” perguntou ele com uma voz gentil.

Ela se virou. Seus olhos estavam inchados e seu rosto pálido.

“Já disse que ficarei bem. Não se preocupe comigo.” Disse ela parecendo mais cansada do que chateada.

Caleb percebeu que ele podia ir um pouco mais longe. Conforme ela se virava de volta para sua posição inicial, ele disse, “Porque se você precisar de alguma coisa, eu posso ir comprar.”

“Não, estou bem.” Um tom fraco. Uma fungada. “Pode ir.”

Ele colocou suas opções numa balança e concluiu que ele já fora o mais longe que podia. Uma parte dele queria deitar ao seu lado e protegê-la, tê-la em seus braços e aquecê-la.

Isso estava fora de cogitação, é claro. Ela não queria isso de jeito nenhum.

“Está bem,” disse ele.

Ele saiu do quarto, andando quietamente pelo corredor.

CATHERINE ESPEROU ATÉ que ele tivesse saído, então ela virou-se para a porta e a viu vazia. Ela sabia que a sua partida não deveria ser nenhuma surpresa. Apesar de seus esforços em manter a casa limpa, ele ainda era o mesmo velho Caleb – aquele que passava a maior parte dos anos de seu casamento focado em seu próprio senso de valor, em seus sonhos de comprar um barco, na sua camaradagem com seus colegas de trabalho que de vez em quando a fazia sentir-se de fora. Não era difícil de entender os quase setenta por cento de bombeiros divorciados.

Ela esfregou os olhos e colocou a mão na testa. Ela estava com febre. Ela ouviu o carro dele sendo ligado e descer a rua.

Ele foi embora, mais uma vez.

“Vai em frente,” ela resmungou. “Vai dar uma de herói para algum estranho lá fora.”

Seria muito bancar o herói para sua própria esposa.

Mesmo com essas reflexões, ela estava muito cansada para ter algum sentimento hostil por ele. Assim como acontecia durante os seus momentos de pirraça quando criança, ela estava transbordando de raiva, deixando uma dor que palpitava em seu peito. Ela fechou seus olhos e caiu num sono sem descanso.

Quando ela acordou, não tinha muita certeza de quanto tempo passara dormindo. Ela ouviu um barulho de porta abrindo. Com um braço abraçando o travesseiro, ela abriu seus olhos.

“Oi,” Caleb sussurrou.

O que ele queria dessa vez?

Ela se virou e viu seu marido se aproximar da cama com uma sacola com comida em uma mão, e um copo de suco na outra. Ele abriu a sacola e colocou o conteúdo sobre a penteadeira.

“Uh, você pode sentar?”

“Sim.”

Ela observou seus movimentos com olhos sonolentos, tentando mostrar aborrecimento, mas não se esforçando muito para passar essa ideia. Ela captou preocupação em sua voz, e a verdade era, a sua atenção a fazia sentir-se bem. Alimentou algo nela que estava morrendo.

Então, ele estava fazendo a sua parte – “*na saúde ou na doença.*”

Ainda assim, fazia com que ela se sentisse bem.

Catherine olhou para cima, esperando ver o tedioso senso de obrigação nos olhos verdes de Caleb. Conforme ela olhou, ele se inclinou sobre ela e tocou a sua testa com as costas de sua mão.

Seus olhos se encontraram – verdadeiramente se encontraram – pela primeira vez em semanas. Ele não estava olhando através dela, ou simplesmente para ela ...

Ele estava olhando para dentro dela, com adoração, que ela esquecera-se que existia.

“Você está com febre,” ele disse.

Ele estava certo. A testa dela estava pegando fogo, tonta e corada. Ele saiu do quarto, e ela ouviu o som da água saindo da torneira no banheiro. Enquanto ela esperava, notou a sopa grossa e cremosa de frango que ele comprara para ela junto com o copo de suco, uns guardanapos e uma caixa de remédio.

Ela ajeitou-se seu lugar, limpou o nariz com o lenço de papel.

Caleb retornou com uma toalha molhada. Ele sentou-se na beira da cama e se inclinou. Ela levantou as mãos para pegar a toalha para ela mesma passar em sua testa, mas ele já estava fazendo isso.

A umidade da toalha a acalmou. Ela relaxou, mas só um pouco.

“Tome.” Caleb abriu a caixa de remédio. “Acha que consegue engolir isso?” Ele colocou dois comprimidos na palma da mão de Catherine, e depois passou para ela o suco.

Ela engoliu o remédio com a limonada pelo canudo, enquanto ele retirava a tampa plástica da sopa. O aroma do caldo de galinha e o leve tempero estava no ar, prometendo alívio para o seu estômago e garganta.

“Por que está fazendo isso?” ela disse.

“Aprendi que ...” Ele esticou o pescoço e então olhou para ela.

“Nunca se deve abandonar seu parceiro. Especialmente em um incêndio.”

Os olhos dela se estreitaram. “Caleb, o que houve com você?”

Ele passou a língua sobre seus lábios e parou, pensando na melhor maneira de dizer o que ele tinha a dizer. Ela não lhe deu muita saída. Ela queria que ele dissesse a ela, com as suas pró-

prias palavras, o que mudara – se alguma coisa mudou.

“Meu pai perguntou,” ele disse, “se havia alguma parte em mim que queria salvar o nosso casamento. E depois, ele me deu algo... Eu posso deixar você ler se você quiser.”

Catherine estendeu a mão por debaixo das cobertas e levantou, até que ele pudesse ver, um caderno com uma capa de couro que ela encontrara no quarto de Caleb um dia antes. Ela não estava tentando ser intrometida, mas chamou a sua atenção porque estava enfiado entre a sua cama e a escrivaninha, quase como se ele não quisesse que ninguém encontrasse. “Era esse aqui?”

Ele piscou surpreso. “Há quanto tempo você sabia?”

“Eu o encontrei ontem. Então, em que dia você está?”

“Uhh...”

“Que dia, Caleb?” Ela deveria saber. Sua hesitação confirmou o que ela estivera suspeitando. Mais provável, que isso não fosse nada mais que algum tipo de exercício bobo para ele.

“Quarenta e três,” ele disse.

“Quarenta e três?”

Ele balançou a cabeça positivamente, seus olhos presos nos dela.

“Mas só há 40.”

“Bem.” Ele deu de ombros. “Quem disse que tenho que parar?”

Aquelas palavras penetraram nela como água na terra seca.

Ela passou uma mão trêmula sobre a sobrancelha, cobrindo os olhos que estavam ficando cheios de água contra a sua vontade.

Por que ela tinha que ser a vulnerável da história? Ele era o homem. Deixe que ele dê este primeiro passo.

E, uma coisa era fato, ela queria que ele desse este primeiro passo.

Apesar de sua hesitação e de uma aparência fria, apesar de tudo que eles disseram e fizeram para deixar o coração um do outro em pedaços, ela percebeu que queria esse primeiro passo mais do que tudo – vê-lo abaixar a guarda na frente dela e provar o tipo de homem que ele podia ser.

“Então, você de fato fez todas essas coisas?”

“Eu tentei,” ele disse.

Ela passou os dedos pelo *O Desafio de Amar*, e então fixou seu olhar duro como pedra nele outra vez. “Hmm. Eu acho que lembrei de tudo agora, olhando para trás. Mas ... Caleb, não sei como processar tudo isso. Isso não é normal para você.”

“Bem-vinda ao meu novo normal.”

O novo normal?

Que irônico. Há apenas alguns dias, ela estivera pensando em divórcio e na aceitabilidade deste, na normalidade com que o divórcio é visto na cultura de hoje em dia. E agora, ali estava o seu marido, descrevendo exatamente o oposto.

CALEB TIVERA ESPERANÇA que as suas palavras trouxessem alguma mudança. Ele disse tudo o que disse de coração, e, no entanto, Catherine estava sentada a menos de um metro de distância dele com o caderno colado a sua barriga e seus olhos ainda escuros pela suspeita.

Ela disse, “No começo, você não queria fazer isso, não é mesmo?”

“Não,” ele admitiu.

“Eu acho que não.”

“Mas no meio do caminho, percebi que não entendia o que era o amor. E quando aprendi, passei a *querer* fazer.”

“Caleb, eu quero acreditar que isso é real. Mas não estou pronta para dizer que confio em você novamente.”

“Eu... eu entendo isso. Mas quer você chegue a esse ponto ou não, preciso que entenda uma coisa.”

A boca de Catherine estava imóvel, e seus olhos curiosos.

Caleb levantou da cama e ajoelhou-se. Ele não sabia o que dizer.

Ele era um homem apesar de tudo. Ele não tinha nada ensaiado.

Este era um território desconhecido e a ideia de pisar além da sua camada de proteção o assustava de tal maneira que ele não podia descrever. Ele preferia tirar cada peça de proteção e aparatos e entrar em um prédio em chamas a expor as coisas que ele sentia dentro de si.

Ele preferia morrer.

Às vezes, no entanto, não era isso que acontecia? Era hora de colocar tudo sobre a mesa. Quais foram as palavras que ele acabara de dizer a ela?

“Nunca deixe seu parceiro para trás...”

“Catherine, eu *sinto muito*. ” Ele respirou profundamente para disfarçar um pouco o tremor em sua voz. Ele olhou de volta em seus olhos. “Eu tenho sido muito egoísta. Nos últimos sete anos, eu pisei em você com as minhas palavras e minhas atitudes.” Ele mal conseguia manter seus olhos nos dela, devastado pelo profundo dano que ele causara.

As mãos de sua esposa estavam coladas em seu colo. Silenciosamente, ela começou a chorar.

Ele sentiu lágrimas escorrerem pelo seu rosto. “Eu ...” Ele tinha que terminar aquilo, tinha que dizer aquilo tudo agora ou nunca. Ele falou cada palavra com uma determinação enérgica.

“Eu amei outras coisas, quando deveria ter amado você. Nessas últimas semanas Deus me deu um amor por você que nunca senti antes. E pedi a Ele que me perdoasse. E estou torcendo, estou *orando* que de alguma forma, você também possa me perdoar.”

Ver aquelas marcas de expressão no rosto de sua esposa, acabou com ele. Cada uma representava uma dor que ele infligira à mulher que ele prometera amar.

Deus, me mostre misericórdia.

“Catherine,” ele sussurrou, mal conseguia pronunciar as palavras, “não quero viver o resto da minha vida sem você.”

COM O CORAÇÃO QUASE explodindo, Catherine absorveu a confissão de seu marido. Não havia dúvidas de sua sinceridade, e embora ela não tivera dado muita atenção às coisas espirituais desde o último ano do ensino médio, e nunca dera muita atenção de fato, ela vira a mão de Deus mover-se na vida de outras pessoas.

Talvez agora, até mesmo na vida de seu próprio marido.

No entanto, tudo o que ele disse não apagou o histórico de palavras duras e falta de confiança. Algumas coisas simplesmente não são esquecidas com um balde de lágrimas.

“Caleb.” Ela colocou o cabelo para trás da orelha. “Preciso entregar os papéis do divórcio para meu advogado na próxima semana. Eu só...” Ela se virou, mas depois decidiu que era melhor olhar nos olhos dele, uma vez que ele quisera dar a ela esta cortesia. “Eu preciso de tempo para... para pensar.”

Por trás de um sorriso corajoso, ele balançou a cabeça positivamente. “Você tem todo o tempo que precisar.”

Catherine assistiu Caleb sair pelo corredor até que ficasse fora do alcance de sua visão. Ela estava sozinha, com o sol do meio-dia entrando pelas cortinas e aquecendo seu braço, com o aroma da sopa prometendo fazê-la sentir-se melhor num piscar de olhos.

Ela queria acreditar. Ela realmente queria.

Contudo, semanas antes, ela tomou a decisão de seguir em frente, e ela recusava-se a seguir tropeçando de volta para o passado sem uma boa razão para isso. Além do mais, se a sinceridade de Caleb provasse ter uma vida curta, ela só poderia culpar a si mesma. Ela precisava saber – saber *realmente* – se ele estava disposto a amá-la por toda vida.

Ela enxugou as lágrimas de seu rosto e encostou na capa de couro do caderno. Ele fizera tudo que estava escrito ali, e ainda assim, ela não estava convencida.

PARTE 5

CHAMAS

JULHO - AGOSTO DE 2008

CAPÍTULO 36

Caleb estava sentado na sua cama no dormitório da Central Um, a luminária do lado de sua cama estava acesa, e a sua Bíblia estava aberta no seu colo. Embora ele não gostasse muito de mostrar o seu novo hábito de leitura bíblica, ele não fazia nenhum esforço para esconder também.

Terrell entrou no dormitório e disse, “Capitão?”

“Oi, Terrell.”

“Posso falar com você um instante?”

“Claro!”

Terrell sentou-se na cama ao lado, um pouco encabulado. “Tenho tentado falar com o Michael sobre um problema pessoal. E ele disse que eu deveria conversar com você.”

“Tudo bem.”

“Eu nunca quis falar sobre isso com vocês, mas...” Terrell franziu os lábios e olhou para o relógio de parede. “Cara, tem sido difícil. Lauren, minha esposa, foi embora, e eu não sei o que fazer.”

Caleb concordou em pensamento.

“Mas isso não vai afetar o meu trabalho, Capitão. Prometo.”

“Eu sei disso, Terrell. Eu sempre pude contar com você.”

Aquele homem negro troncudo balançou a mão um pouco sem graça. “Sabe, eu nem deveria ter tocado neste assunto. Esquece isso.”

“Não. Não, esquecer esta história não vai ajudar em nada, vai?”

Eu posso dizer que estou na mesma situação. E eu tenho aprendido muito ao longo deste processo.”

“Michael me contou.”

“O quê?” Caleb reagiu um pouco chateado. “Vocês estão falando de mim pelas costas de novo?”

“Bem, eu estaria mentindo se dissesse que não observei que tem algo diferente em você.”

“Acho que estou contente por *alguém* ter notado.”

“Sim, cara.” Terrell cruzou os braços. “Eu ouço o que você tem a dizer. Mas no que se trata de Lauren, eu tentei, mas ela não está interessada em fazer o nosso casamento funcionar. Ela me disse que está farta.”

Caleb abaixou as mãos. “Ouça, parece que você e Lauren têm passado pelos mesmos problemas que Catherine e eu estamos passando.”

“Você e Catherine?”

Caleb deu de ombros. “Eu cometi alguns erros.”

“Mas... vocês dois?”

“Bem, sim!”

“Acho que ninguém está livre.”

“Terrell, quanto você está disposto a se dedicar ao seu casamento?”

“O quanto for necessário.”

“Certo.” O capitão colocou a sua Bíblia em cima da cama e se inclinou para alcançar a gaveta da sua escrivaninha. Sua mão pegou o diário com a

capa de couro.

“Tenho algo que pode ajudá-lo. Não é nada mágico. Nenhuma cura rápida ou algo parecido. Quer dizer, Catherine nem tem certeza ainda se ela quer permanecer ao meu lado.”

“Lamento que tudo isso esteja acontecendo com você. Sinto muito.”

“O fato é, tem que partir de você. Eu tenho mudado porque tenho feito isso – para melhor, espero. Você e o Michael parecem achar o mesmo também.”

“Então o que é isso?”

“Eu vou lhe dizer,” Caleb disse, “mas você não vai gostar da ideia a princípio.”

“Por que diz isso?”

“Bem, porque envolve Deus.”

“O quê? Cara, mas toda a minha vida eu fui ateu.”

“Eu seria um ateu também, se não fosse por Deus.” Deu um sorrisinho irônico. “Mas, se você não está aberto à possibilidade, Terrell, então o que tenho não irá ajudá-lo.”

Terrell colocou aquilo numa balança. “Bem, estou aberto à possibilidades.”

“Eu não estou garantindo que isso irá salvar o seu casamento.

A vida não é simples assim. Mas a pergunta que não quer calar é, o quão longe você está disposto a ir para que o seu casamento funcione?”

“Até Deus?”

Caleb deu de ombros. “Deus é a chave para isso tudo.”

“É cara, claro. Eu farei o que for possível.” Os olhos de Terrell moveram-se para um lado e para o outro. “Só não conta para o Michael.”

“Tudo bem.”

“Ou para o Wayne.”

“Se você quer assim, Terrell. Eu não estou tentando lhe pregar uma peça ou algo parecido.”

“Tudo bem, tudo bem. Só me diz, então, qual é o negócio.”

“Bem, não é bem um negócio,” disse Caleb. Ele tirou o diário da gaveta e entregou a ele. “É mais parecido com um desafio.”

CATHERINE SÓ CONSEGUIA imaginar o rosto de felicidade de sua mãe. Ela estivera planejando esta surpresa há meses, e agora, finalmente, ela seria capaz de divulgar o segredo. Joy Campbell iria rir de alegria através de seus lábios silenciosos.

Seus olhos dançariam de prazer.

De qualquer forma, primeiro, Catherine tinha que ter certeza de que sua mãe estava equipada com todas as coisas que ela necessitava para a viagem.

Ela aproximou-se do balcão de recepção do RMS Homecare. Seus passos eram longos, e seu cabelo castanho com mechas douradas na altura dos ombros. Ela determinara colocar de lado a confusão temporária causada pela transformação de Caleb e seguir em frente. Ela se pegou pensando nele, mas o medo estava mantendo o seu coração distante. Ela estava focada em sua carreira – era mais simples desse jeito, determinada.

“Olá, Sra. Holt,” a recepcionista disse. “Como está hoje?”

“Bem, obrigada.”

“Espero que seus pais estejam bem.”

“Eu vou lhe dizer uma coisa, a nova cadeira de rodas e a cama estão ajudando muito.”

“Fico feliz. O que posso fazer por você hoje?”

“Bem, eu vou fazer uma curta viagem com a minha mãe – e espero que uma mais longa depois.”

“Sério?” A Sra. Evans disse. “Parece que vai ser divertido.”

“Esta é a intenção. Você é fã do programa Roda da Fortuna?”

“O programa de jogos? Eu amo esse programa. Mas quando eu chego em casa, já acabou, e além do mais, eu não sou boa com quebra-cabeças. Minha mente não funciona muito bem com essas coisas.”

“Esta é a questão. Minha mãe é genial neste jogo.”

“A Sra. Campbell é esperta, não é mesmo? Muitas pessoas dizem que se uma pessoa não pode falar, ela não consegue ser muito brilhante. Sabe, minha avó costumava dizer que era exatamente o contrário. Ela dizia que estava escrito na Bíblia em algum lugar – Provérbios, eu acho – que uma pessoa que fala pouco é sábia.

“Bem, isso é verdade no caso da minha mãe.” Catherine apoiou a sua bolsa na bancada. “Eu mal posso esperar para contar a ela sobre a surpresa. Eu a inscrevi pelo Wheelmobile, que viaja por todo o país. Vai ser em Atlanta, e eles usam isso para a audição dos concorrentes para o show.”

“Mas eu ouvi que eles têm linhas por fora. Você tem certeza que você—”

“Ela vai ter uma chance. É garantido.”

“Mas você não está querendo aumentar as esperanças dela, Catherine?”

“É garantido,” Catherine repitiu. Como gerente de RP no Phoebe Putney, eu estive conversando com um dos produtores associados do programa. Eu levantei a ideia de um segmento para apresentar pacientes com limitações físicas de todo o país, e eles adoraram a ideia.

“Eles vão fazer isso?”

Catherine sorriu. “Vai acontecer em dois meses.”

“Oh meu Deus.”

“O melhor de tudo é que eles vão premiar os concorrentes com doações para a instituição de caridade escolhida por eles.”

“Isso é maravilhoso.”

“Minha mãe terá de participar das preliminares, como qualquer outro concorrente, o formulário de inscrição dela já está na lista menor para Atlanta. Ela terá a sua grande chance, soletrando seus palpites no quadro negro.”

“Que boa notícia.” A Sra. Evans deu um tapinha na mão de Catherine. “Vamos supri-la para a viagem, certo? Mas, é claro que é por isso que você está aqui.”

“Sabe, eu queria comprar lençóis para a cama hospitalar da minha mãe.

“Claro, nós temos alguns no estoque.”

“Ótimo. Foi a única coisa que o doutor não pagou quando comprou a cama e a cadeira de rodas.”

“O Doutor?”

“Sim, Dr. Keller, nosso filantropo secreto.”

“Acho que não foi o Dr. Keller que pagou por isso.”

“Não, tenho certeza. Falei com ele sobre isso.”

A Sra. Evans procurou em seus arquivos, tirou o recibo e o analisou. “Sra. Holt, se lembro corretamente, vinte e quatro mil e trezentos dólares foram pagos pela cama e cadeira, mas o Dr.

Keller não foi o principal doador.”

“O quê? O que você quer dizer com isso?”

“Ah sim, a doação inicial foi dada por ele para abrir o fundo em nome da sua mãe, mas da quantia total, o Dr. Keller deu só trezentos dólares.”

Catherine deu um passo para trás. Ela estava balançando a sua cabeça, fazendo uma lista mental das poucas outras pessoas que sabiam das necessidades especiais de sua mãe. Não podia estar certo. Ela agradecera ao doutor. E ele aceitara o agradecimento.

“Então quem deu o restante?”

Pela expressão da Sra. Evans, estava bem claro que ela achava que Catherine já deveria saber. “Seu marido,” ela disse. “Caleb.”

Catherine expirou. Seus dedos ficaram dormentes quando ela pegou o recibo para verificar a informação ela mesma.

Caleb?

“Ele veio aqui há duas semanas e pagou por tudo,” a recepcionista afirmou a ela. “Imaginei que você soubesse.”

“Há duas semanas?”

“Sim. E pediu que não contasse a ninguém, mas não imaginei que incluía você. Foi na terça, há duas semanas. Ele ligou e perguntou o preço de uma cama e cadeira de rodas. Então eu olhei e...”

Catherine virara-se e começara a andar. Ela estava impressionada.

“Sra. Holt?”

Catherine não conseguia falar. Ela colocou uma mão sobre o seu peito.

“Você está bem?”

Catherine continuou andando, seu queixo tremendo, quando ela colocou as duas mãos sobre a boca e sua visão embaçou atrás de um véu de lágrimas.

ELA ESTAVA SURPRESA demais para ir para casa sem uma colisão. Ela não conseguia parar de chorar, e suas bochechas queimavam com as manchas que agora também marcavam sua blusa.

Com medo de passar por cima da bicicleta ou dirigir direto e bater na parede da garagem, ela freou bruscamente na garagem.

O carro de Caleb não estava mais. Caleb estava de plantão agora.

“Bom,” ela disse entre lágrimas. “Eu não posso deixá-lo me ver, não desse jeito.”

Catherine jogou sua bolsa na bancada da cozinha e percebeu que seu olhar fora atraído pelas fotos de seu casamento no corredor. Sete anos antes, Caleb Holt declarara seu amor por ela, mas com o passar dos anos, os sentimentos foram se apagando – assim como essas fotos um dia se apagarão; assim como ela e seu marido ficarão enrugados com a idade.

Alguma coisa acontecera, no entanto. Caleb mudara.

O velho Caleb teria feito alguma piada enfatizando como a febre dela iria embora se ela levantasse da cama.

O velho Caleb teria saído rapidamente do quarto após ela dizer que precisava de tempo.

O velho Caleb jamais esgotaria suas economias para comprar equipamentos médicos para sua sogra.

Ela se pegou refletindo sobre os últimos quarenta e cinco dias.

O sarcasmo desaparecera, e gentileza e ajuda tomaram o seu lugar. O computador que ela passou a odiar tanto, fora destruído.

Ele até mesmo colocou a sua aliança de volta no dedo enquanto a sua mão cicatrizava da queimadura. Mas isso ... isso estava claro.

Ele sacrificara seu dinheiro. Seu barco. Seu sonho.

Por ela.

Catherine se perguntou se ela também poderia mudar. Ela queria.

Desesperadamente.

Transformando a choradeira em simples lamúria, ela tropeçou no tapete no caminho do quarto dela – quarto deles. Ela abriu a primeira gaveta de cima e remexeu nas suas roupas. Em sua cabeça, ela podia ouvir a voz de seu marido no dia do casamento deles, os seus votos a enchendo com promessas que pareciam vir do coração. Ela pensou que encontrara o seu príncipe encantado, mas com o tempo ela descobriu que ele era um homem comum.

E não era isso que ela realmente queria?

Alguém para ter e abraçar. Um homem, um amor e um amigo.

Alguém que a conhecesse por dentro e por fora, pontos fortes e fraquezas – e que a amasse de qualquer jeito.

Caleb era aquele homem. Ele ajoelhara-se na beira da cama deles há alguns dias e mostrou uma fidelidade renovada a ela. Em sua paciência e quebrantamento, ele demonstrara masculinidade além do que qualquer terno e gravata o faria parecer.

Ela bateu a gaveta ao fechar.

“Onde está?”

Ela abriu, então, a gaveta da esquerda. Tinha de estar em algum lugar ali. Seus dedos escorregavam pelo fundo da gaveta, varrendo para os lados as roupas e— Ali...

Ali estava a sua aliança de casamento.

Ela a colocou em sua mão e a deslizou novamente em seu dedo. Ela estava tremendo. Cada lágrima causava novas faíscas que irradiavam do brilhante que tinha em cima de seu anel. Ele coube, como sempre, e ela cruzou seus braços sobre o seu peito, estupefata com ondas de repentina alegria e arrependimento.

Oh, Caleb – Você ainda vai me querer?

Ela colocou seu cabelo para trás das orelhas e olhou pelo espelho o seu rosto manchado pelas lágrimas. Ela estava horrível. Ela sorriu porque o anel cintilava em seu dedo, e ela queria gritar o amor que ela sentia pelo seu marido a ponto de o som ultrapassar os telhados, mas como ela podia fazer isso com essa aparência?

É claro, que mais esta percepção a fez chorar tudo de novo. O que havia de errado com ela?

Sorrindo? Chorando? Feliz? E triste?

Uma confusão total.

“Pare de chorar” ela gritou para si mesma. Ela começou a escovar seus cabelos. Tentou colocar uma nova maquiagem no rosto, pois a que ela usava estava uma catástrofe. “Pare com isso,”

ela disse a si mesma outra vez. “Pare! Você não pode ... continuar ... chorando ... dessa forma.”

CAPÍTULO 37

Uma panela de água fervia no fogão, enquanto uma jarra de molho de macarrão esperava em cima da bancada. O almoço estava quase pronto. Enquanto isso, Caleb insistiu para que passassem mais alguns minutos ao redor da mesa, fazendo uma revisão com o material para as provas escritas que estavam se aproximando. É claro que o teste físico já havia passado, mas os desafios mentais podiam ser igualmente exigentes e desgastantes.

“Nós vamos fixar o conteúdo,” ele disse aos outros. “Tudo bem, Eric, está pronto?”

“Pronto.”

“Explique o RECEO.”

“Uh-oh,” Wayne disse.

Terrell cobriu o livro de estudos com as duas mãos. “Ele não entendeu.”

“RECEO: Resgate, Exposição, Contenção, Extinção e—”

“Capitão.”

Caleb virou-se para saber a razão do som estridente da voz do Tenente Simmons. Entre as provas e a contínua ordem de possíveis emergências na cidade, ele sentiu sua pulsação acelerar.

“Sim?”

“Pode vir aqui um minuto?”

“Agora, Michael?”

“Sim, senhor.”

Caleb levantou-se rapidamente da cadeira, deixando os livros para os rapazes. Ele aproximou-se do Tenente e tentou acalmar a preocupação em sua voz. “Há algo errado?”

Simmons alinhou seus ombros. Ele disse, “Catherine está no pátio.”

“*Minha* Catherine?”

“Sim, senhor.”

Caleb franziu a testa enquanto estudava o rosto de Simmons por uma pista ou uma explicação. O Tenente continuava impassível, quase imóvel. Caleb teria de investigar isso por conta própria.

Ele passou pelo tenente e saiu pela porta lateral. Ele atravessou o corredor em direção à entrada do pátio, sua mente viajando.

Seria uma coisa ruim? Catherine parara de ir até seu trabalho para vê-lo já havia alguns anos.

Mas talvez...

Caleb abriu a porta do pátio e saiu. Ele estava em pé na ponta daquele vasto espaço, seus olhos escureceram momentaneamente pelos raios de sol. À medida que suas pupilas se ajustavam a interação da sombra e da luz, ele viu uma silueta.

Um momento de *déjà vu*.

Há uns dez metros de distância, estava sua esposa que vestia um vestido vermelho e um colar.

O vestido.

Apertado na cintura, o mini-suéter era o mesmo que ela usara dez anos antes, no dia em que eles encontraram-se pela primeira vez ali naquele

mesmo lugar.

Seu coração batia rapidamente.

“Catherine?”

Ela estava parada espremendo suas mãos, balançando seus pés levemente, calçando um par de sapatos simples. A moda comum desaparecera. Esta era a mulher por quem ele se apaixonara – não que ele se importasse com a atmosfera profissional dela, mas ela sempre se utilizara disso como um escudo entre eles.

Agora o escudo não existia mais.

Com os olhos molhados, ela disse, “Caleb, se eu não lhe disse que você é um bom homem ... você é.”

O quê? Ela disse o que eu acho que ela disse?

Delicadamente e com uma expressão humilde, ela continuou.

“E se eu não lhe disse que o perdoei ... eu perdoei.”

Caleb sentiu seu coração tremer dentro de seu peito. Isso realmente podia estar acontecendo?

Ela deu alguns passos cuidadosos em direção a ele, e ele seguiu o seu gesto satisfeito. Mas ela não havia terminado.

“E,” ela disse, “se eu não disse que eu amo você ... eu amo.”

As palavras foram fundo dentro dele, e ele sentiu como se houvesse um nó em sua garganta.

“Algo mudou em você, Caleb.” Ela continuou, sua voz frágil e suave. “E eu quero que o que aconteceu com você aconteça comigo.”

Ele se aproximava dela inconscientemente. Estavam só a três metros um do outro.

“E pode acontecer.” Ele respondeu carinhosamente.

“É tarde demais ...?” Catherine ergueu sua mão esquerda, revelando sua aliança, “para pedir que você envelheça comigo?”

Ele encheu seus pulmões de ar, a ponto de explodir. Seu coração parecia gritar: *Abraça ela, Caleb!* Ele não podia esperar mais, e ele correu para abraçá-la no meio do pátio, colocou suas mãos em sua pequena cintura e a levantou. Ela envolveu seus braços no pescoço dele, e ela estava quente e tão cheirosa que ele se perguntou, como ele pôde se imaginar longe dela.

Com os raios de sol sobre eles, Caleb olhou para baixo dentro dos olhos castanhos intensos de Catherine, e sentiu apaixonar-se tudo de novo, com um amor maior que o de antes, com um amor construído em algo mais forte do que eles dois.

E ele a beijou.

Catherine deu um gemidinho, que só ele conhecia, e o beijou com lábios ainda mais macios do que ele conseguia se lembrar.

O TENENTE SIMMONS JÁ presenciara muitas coisas extraordinárias em sua vida. Ele assistira um milagroso resgate no campo de batalha no Iraque. Ele vira o sol se pôr em três oceanos diferentes, sem mencionar as várias altas montanhas que ele escalara.

Ele viu beleza quando presenciou aquilo, e ele deu o seu melhor para dar glória a Deus.

Assim como o que estava acontecendo no pátio ...

Aquilo era bonito.

Simmons estava em pé olhando pelo vidro da porta, e sentiu um sorriso se formar em seu rosto. Ele jogou as duas mãos para o alto de felicidade. “Isso! Isso!”

“Ei, cara,” Eric disse, indo em direção a porta.

“Tenente,” Wayne se juntou a Eric. “O que você está olhando?”

Simmons virou e bloqueou a visão da vidraça com o seu corpo. “Afastem-se. Afastem-se. Não há nada para ver aqui.”

Terrell voltou com um sorrisinho forçado. Os dois rapazes brancos? Eles pareciam completamente mistificados. Wayne queria muito dar uma olhada, mas não lhe deixaram. Eric continuou perguntando o que estava acontecendo lá fora.

Simmons permaneceu decidido a não deixá-los ver, não deixando-os chegar até a porta.

“Voltem ao trabalho. Caleb acendeu o fogo.”

“O quê?” Wayne perguntou. “Por que ele vai acender o fogo?”

“Não é esse tipo de fogo. Voltem para o trabalho. Andem.”

Ele ameaçou Terrell. “Não pense que vou aliviar, cara. Vou colocá-lo na faxina.”

CAPÍTULO 38

Era pura tortura. Um bombeiro de plantão não pode deixar o trabalho, exceto para fins profissionais, e agora, depois de experimentar o mais poderoso momento em seu casamento, Caleb teve de assistir a sua preciosa mulher ir para casa enquanto ele terminava o seu plantão.

Ele fitava o relógio de parede no refeitório, esperando desesperadamente que as horas passassem rápido. Ele queria vê-la.

Conversar com ela. Estar com ela.

“Capitão?”

Caleb virou-se na direção do Tenente Simmons, que exibia um sorriso simpático.

“As horas não vão passar mais rápido se você ficar olhando desse jeito para o relógio.”

Estava tão óbvio assim? Eles tinham terminado suas obrigações do dia, e agora a hora parecia demorar o dobro para passar.

“Eu mal consigo esperar,” Caleb admitiu. “Está me matando.

Eu nunca, em toda a minha vida, quis tanto sair daqui como hoje.”

Simmons olhou em volta da estação para ter certeza de que não podiam ser ouvidos, então se virou na direção do capitão com uma expressão séria. “Senhor, é por isso que vim falar com você.

Com todo respeito, você tem que cuidar dessa indisposição e ir passar a noite em casa. Eu assumo a responsabilidade pelos outros no turno.”

Caleb olhou para ele. “Do que você está falando?”

“Estou falando de Provérbios 13:12, ‘A esperança que se retarda deixa o coração doente, mas o anseio satisfeito é árvore de vida.’ Eu diria que você tem que ir para casa para se recuperar de sua indisposição, porque os sintomas estão todos no seu rosto.”

Caleb não tinha muita certeza de como processar isso. Parte dele queria achar uma desculpa, qualquer desculpa, para ir ao encontro de seu amor. Será que Simmons estava brincando com ele?

“Michael,” ele disse, tentando manter o seu tom de voz equilibrado. “Você sabe que eu não posso fazer isso. Seria muito bom, mas ir embora por uma razão dessas poderia ser descoberto pelo chefe. Eu não saberia como explicar isso a ele.”

Havia um grande sorriso no rosto de Michael. “É por isso que eu liguei para ele.”

“Você fez o quê?”

Eu disse a ele que você estava apresentando sinais de sofrimento emocional e que eu acreditava que um dia a mais de folga faria você se sentir melhor. Ele concordou.”

Em circunstâncias normais Caleb teria pedido mais detalhes, mas naquele momento nada era mais importante do que ir para casa.

“Mais uma coisa,” disse Simmons. “Eu liguei para Catherine também, e disse a ela que cobriria o seu turno.”

Enquanto Caleb levantava da cadeira, ele fez um contato visual com seu Tenente. “Você é um amigo de verdade.”

Simmons deu de ombros. “Pare de falar e dê logo o fora daqui.

Eu cuido de tudo por aqui.”

Aquilo era tudo que Caleb precisava.

O CARRO DE CATHERINE estava na garagem quando Caleb estacionou. Ele pegou sua mochila e correu em direção a porta.

Fique calmo, ele falou para si mesmo. Relaxa.

Ele respirou fundo e parou diante da porta da garagem, com os acontecimentos do dia ainda pairando em seu pensamento.

Catherine voltara para ele. Não só isso, ela vira uma mudança verdadeira – uma mudança que ele nunca poderia ter tido sozinho.

Agora ela o queria também.

Obrigado, Jesus. Obrigado, Senhor.

Ele girou a maçaneta e entrou em casa. A primeira coisa que ele percebeu foi o aroma do perfume de Catherine. Ele estivera atento a isso quando a abraçou no pátio, mas agora ela obviamente borrifara perfume pela casa deles.

Em seguida, ele percebeu a música.

Agradável, romântica e relaxante.

Com seu interesse aguçado, ele entrou na sala de estar onde algumas velas proviam a única iluminação da casa, e pétalas de rosa espalhadas pelo chão formavam uma trilha até a suíte principal.

Há anos Caleb não experimentava calafrios, mas agora ele os sentia em seus braços, subindo pelas suas costas e em seu pescoço.

Seu coração estava batendo muito rápido.

Sobre a mesa de refeições, um bilhete simples repousava perto do extintor de incêndio da pequena cozinha deles.

Para meu maravilhoso marido, Use-o se as coisas saírem do controle.

Com amor, Catherine Sua bolsa caiu de sua mão no chão. Por um momento, as suas pernas ficaram fracas. Ele não só tentara ganhar o amor de sua esposa de volta, como agora ela também estava tomando conta do seu.

E aparentemente, ela estava gostando disso.

Ele seguiu pelo caminho de pétalas até o quarto. O quarto deles.

Foi quando ele a viu.

Muitas imagens de sua vida estavam gravadas em sua mente – algumas boas, outras nem tanto. Mas, agora, havia uma nova imagem que ocupava o topo dessa lista.

Catherine estava linda. Ela estava em pé com um suave, no entanto esperançoso sorriso, vestindo a mesma camisola que ela vestira na primeira noite da lua de mel. Aquela era a favorita dele.

Na escrivaninha e na penteadeira havia sete velas que suavizavam a pele dela. O seu cabelo estava do jeito que ele mais gostava, solto, repousando levemente sobre seus ombros macios. Sua maquiagem estava perfeita.

Os lençóis de sua cama foram cuidadosamente forrados e as últimas pétalas de rosa adornavam os travesseiros.

“Bem-vindo à sua casa, meu marido,” ela disse com um sorriso amável.

Ele tentou recuperar o fôlego.

Catherine caminhou até ele e colocou seus braços ao redor de seu pescoço, beijando-o gentilmente os lábios, e depois em cada bochecha.

Enquanto ela olhava em seus olhos, alguma coisa aconteceu que Caleb não esperava.

Ele começou a chorar.

Não era só porque ele estava ali com a sua esposa, ou porque ele agora tinha um relacionamento com Deus. Ou porque ele experimentara um entendimento mais profundo do que o amor realmente é. Era tudo isso junto – cada lição, cada verdade, cada experiência.

Ele abraçou essas coisas com a mesma paixão que ele agora usava para abraçar sua preciosa esposa.

“Caleb, você está bem?” ela disse.

Ele sorriu para ela entre lágrimas, querendo que ela soubesse de cada pensamento, que ela soubesse o quão atônito ele se sentia naquele momento.

“Eu nunca me senti melhor em minha vida,” ele disse. Depois, se abaixou e a pegou no colo. “Foi uma boa ideia ficar com aquele extintor de incêndio preparado. Acho que a gente vai precisar.”

“Concordo,” ela falou com ternura, com faíscas em seus olhos.

Ele levou sua esposa até a cama que era deles novamente. Ele a deitou gentilmente e começou a beijá-la com carinho e paixão.

ELES TOMARAM CAFÉ DA MANHÃ juntos pela primeira vez em meses. Ele aprendera com Simmons, na estação, a fazer torradas francesas, e Catherine parecia impressionada.

Depois de comerem, Catherine ficou sentada olhando para ele como se fosse o primeiro encontro deles.

“Conte-me o que aconteceu com você, Caleb. Eu quero saber tudo.”

A porta estava escancarada. Ele orara pela oportunidade de dividir a sua fé com ela, a mesma fé que mudara a vida de seu pai e de sua mãe, e de seu amigo, Tenente Michael Simmons.

“Venha comigo.” Ele levantou e deu a mão a ela. “Eu quero lhe mostrar uma coisa.”

Eles caminharam para dentro do bosque, Caleb dividindo o que acontecera com ele nos últimos meses. Raios dourados da manhã brilhavam enquanto Caleb e Catherine se aproximavam da cruz juntos.

De mãos dadas. Passo a passo. Marido e mulher.

DE VOLTA EM CASA, SALVOS dos mosquitos e da noite que se aproximava, Caleb sentou-se no sofá, com um pé sobre a mesinha de centro. Ele mal conseguia se conter. Muita coisa acontecera nos últimos meses, e ele sabia que precisava de tempo para permitir que os acontecimentos do dia fossem digeridos.

Primeiro, ele sabia que ele tinha que ligar para duas pessoas.

“Capitão Campbell?”

“Caleb, é você?”

“Sim, senhor.”

“Como vai o meu genro favorito?”

O pé de Caleb estava balançando na extremidade da mesa. Ele tinha muito respeito por este homem não só porque ele fora capitão antes dele no Corpo de Bombeiros de Albany, mas também porque ele era o pai de uma jovem mulher inteligente e cheia de força de vontade.

“Bem,” ele disse. “Estou passando muito bem, de fato. Mas, uh, eu preciso lhe perguntar uma coisa, Capitão.”

“Sou todo ouvidos.”

“Bem, digamos que durante um tempo eu fui um pouco negligente com o meu papel de marido.”

“Todos nós cometemos erros,” Sr. Campbell disse. “Você deve se lembrar do meu equívoco durante um incêndio, seguindo um cano em direção ao coração do perigo.”

“Eu nunca me esquecerei disso.”

“Mas o que você quer?”

“Senhor, eu quero lhe pedir perdão.”

“Perdão?”

“Sim, senhor. Eu prometi amar e fazer feliz a sua filha, mas nos últimos anos eu não tive muito sucesso nisso. Mas isso está mudando, e eu quero que o senhor saiba que ela tem se tornado ainda mais preciosa para mim.”

“Caleb Holt, eu confio em você desde aquele dia que você me salvou. Recentemente você desempenhou um grande papel ajudando a minha esposa com os equipamentos médicos, e eu lhe agradeço por isso. No que depender de mim, você está perdoado.

Agora, tome conta da minha filha com a mesma intensidade.”

“Obrigado, senhor.”

O Capitão aposentado deu uma risadinha. “Só não esqueça o que eu lhe ensinei enquanto você estava se formando.”

“Claro que não. Você me ensinou tudo que você sabe.”

“Espere um minuto, Caleb. Não é bem assim.”

“O quê? Mas você prometeu—”

“Oh, eu realmente lhe ensinei tudo o que você sabe. Só não lhe ensinei tudo o que eu sei.”

JOHN HOLT ESTAVA sentado à mesa fazendo um estudo, o calor do sol poente penetrando pelas grossas cortinas. Ele respirou fundo ao atender o telefone. Ele queria acreditar no melhor, mas ele sabia que uma longa jornada ainda estava por vir.

“Alô, filho.”

“Pai, aconteceu.”

“O que aconteceu?”

“Nós estamos juntos outra vez. E o melhor é que Catherine entregou seu coração a Cristo.”

As novidades foram como um choque de adrenalina no corpo de John, e ele se levantou da cadeira. “Quando?”

“Esta manhã. Nós caminhamos até a clareira e oramos juntos.

Foi incrível.”

John se virou e fez um sinal para que a sua esposa se aproximasse. “Cheryl, Catherine entregou seu coração para o Senhor esta manhã.”

Cheryl levou as duas mãos a sua boca em sinal de felicidade e espanto, e abraçou seu marido em seguida, enquanto dividiam o telefone.

“Ela e eu estamos fazendo isso juntos,” Caleb continuou. “Pai, eu sei que ainda temos muito a aprender, mas finalmente nós estamos trilhando o mesmo caminho.”

“Certo.”

“Quando acabamos de orar, eu me ajoelhei e perguntei se ela queria se casar comigo outra vez. Nós vamos renovar os nossos votos, diante de Deus e dos homens, lá naquele mesmo lugar, onde nós conversamos.”

“Espero que sua mãe e eu estejamos convidados.”

“Mas é claro que estão.” Caleb disse. “Pai, eu quero que você me ajude a escrever novos votos.”

John se sentiu ao mesmo tempo agradecido e orgulhoso. Ele puxou Cheryl para mais perto. “Eu lhe ajudarei sim, filho.

OS VIZINHOS ESTAVAM saindo de sua casa. Sim, aí vinham eles, pela garagem. Eles sempre vinham dessa forma, e o Sr. Rudolph teve de se perguntar o que tinha acontecido para que usassem a maldita porta da frente. Simplesmente não parecia nada prático construir coisas que não se tinha intenção de usar.

Da sua cadeira de balanço, eles assistiram todo o percurso dos Holts.

Caleb abriu a porta para sua bela esposa, e ela sentou-se no lugar do carona. Caleb olhou por cima do carro e viu que o Sr.

Rudolph estava olhando.

O Sr. Rudolph nem mesmo hesitou. Não, senhor. Ele morava ali há mais tempo do que qualquer um desses jovens arrogantes, e ele não estava disposto a deixar que o afugassem. Com o seu jornal de domingo em seu colo, e sua esposa ao seu lado usando bobs no cabelo, ele tinha todo direito de sentar-se e observar os acontecimentos da rua.

E Caleb Holt era muito estranho realmente – despedaçava computadores, bastões de *baseball*, amassava latas de lixo. E agora, atrás de um grande sorriso, aquele jovem homem carregava uma Bíblia.

Bom dia, Sr. e Sra. Rudolph.”

“Caleb,” Mr. Rudolph respondeu.

Ele e Irma levantaram a mão direita deles num cumprimento sincronizado. Nenhum sorriso. Nenhuma emoção. Nenhuma razão para parecer amigável com seus vizinhos.

Caleb entrou no carro e saiu pela rua. Os Holts estavam indo para igreja, julgando pelas roupas que estavam vestindo, suas Bíblias e pelo fato de estarem acordados a esta hora no domingo.

Bem, esta era a nova etapa da trama do casal.

“Irma, eu não entendo esse garoto.” O Sr. Rudolph disse.

Ela se virou na direção dele no balanço. “Após quarenta e oito anos, eu ainda não entendo *você*. ”

“Hummmph.”

Ele se esforçou bastante a fim de manter o seu comportamento estóico, e a observação de sua esposa o fez querer rir para demonstrar vitória. Mas, não senhor. Ele mantinha essa imagem para se proteger, e ele tratou logo de voltar a fazer aquela cara de carranca.

CAPÍTULO 39

Ainda tinham duas surpresas para acontecer. Refletindo sobre o passado, Caleb sabia que deveria ter previsto a vinda dessas coisas, mas ele deixara suas próprias concepções cegá-lo sobre a verdade.

Não era assim que funcionava?

Aproximadamente seis semanas passaram e a cerimônia de reafirmação de Caleb era no dia seguinte.

John e Cheryl Holt chegaram para uma visita prolongada, com planos de ficarem na casa enquanto os Holts mais jovens passavam uma segunda lua de mel em Saint Simons Island, na região costeira da Geórgia. Eles trouxeram no carro deles arranjos de flores e uma passagem arcada de ferro que seria colocada na clareira.

Outras pessoas arrumariam as cadeiras. A esposa do Tenente, Tina Simmons, estava fazendo o bolo. Todas as partes envolvidas concordaram em manter o foco no comprometimento do casal ao invés de aumentar anos de contas e estresse para comprar “todos os adornos e enfeites” que alguns achavam que deveriam ter em uma cerimônia de casamento.

“Por que tantos casamentos começam desse jeito?” Caleb indagou enquanto eles ajudavam os seus pais a tirar as coisas do carro.

“Tudo parte do conto de fadas,” Catherine disse. “É constantemente cobrado, de nós garotas - o estilo do nosso vestido, a roupa das madrinhas, o fotógrafo e videografista. E a lista continua.”

“E tudo isso custa uma fortuna. É como começar uma maratona com um par de botas de chumbo.”

Ela lançou um olhar para ele. “Legal, Caleb. Soa muito romântico.”

“O quê? Você ficaria linda em botas de chumbo.”

Outro olhar.

“Ajudaria se elas fossem rosa?” ele disse.

“Filho, você deveria ser agradecido que ela tenha pulso firme,”

John disse. “Do contrário, eu acho que você estaria com problemas.”

Catherine cutucou Caleb, com os olhos brilhando, ela sussurrou: “Rosa com o solado preto. De outra forma, nada feito.”

COM CATHERINE E Cheryl dentro de casa preparando o almoço e conversando sobre os últimos acontecimentos, pai e filho andavam pela já familiar trilha arborizada. Caleb achou que eles podiam passar alguns minutos ajeitando os votos que seu pai escrevera.

Ele descobriu, no entanto, que John Holt tinha algo especial em mente.

“Estou começando a conhecer esta trilha muito bem,” John disse.

“Pode vir aqui quando quiser, pai.”

“Talvez faça isso. Gosto de Savannah, mas é muito bom ver vocês também. E nós ainda estamos orando por netos.”

“Tudo bem, tudo bem. Entendi a mensagem.”

“Você não vai ficar mais novo.”

“Ei, pega leve comigo. Além do mais, Deus sabia que tínhamos que resolver algumas coisas antes de seguirmos por este caminho.”

“Você deve ter razão.” Dando de ombros, John colocou suas mãos no bolso. “Mas sua mãe me fez prometer que eu tentaria.”

Caleb virou os olhos. “Figuras.”

Ele se perguntava se a perseguição dela nunca teria fim. Ele podia se lembrar de quando era só um garotinho, tentando cortar lenha sozinho – para parecer um homem de verdade, cortar lenha assim como seu pai fazia. Sua mãe deu um pulo e arrancou o machado de sua mão louca de preocupação. Desde então, toda palavra de alerta e preocupação causara nele aquela mesma irritação.

Durante o ensino médio, em particular, ele interrompera todas as vezes que ela tentava se meter. Será que ela não podia deixá-lo ser ele mesmo?

Seu pai, por outro lado, sempre soubera quando ajudar e quando manter-se na sua.

“Quero lhe agradecer, pai. *O Desafio de Amar* transformou a minha vida.”

“Deus transformou a sua vida. *O Desafio de Amar* foi apenas o instrumento que Ele usou.”

“Sabe,” Caleb disse, “Eu já dei a um dos meus bombeiros.”

“Ótimo. É para ser passado adiante.”

Caleb só conseguia imaginar o fardo que o desafio de quarenta dias devia ter sido para seus pais. Apesar dele e Catherine terem apenas sete anos de maus hábitos para consertar, John e Cheryl tinham décadas. O grito. O tratamento silencioso. Deve ter sido uma tortura diária seguir em frente com toda aquela bagagem.

“Não posso lhe dizer como sou grato que não tenha desistido de mim, pai. Ou da mamãe, aliás.”

John parou de andar e olhou para baixo. Quando ele levantou seu olhar outra vez por cima de seus óculos, havia algo resoluto ali. “Caleb, quero ser

um homem de Deus, e tenho aprendido muita coisa. Mas há algo que não lhe contei.”

Caleb inclinou sua cabeça. Aonde esta conversa estava indo?

“Escrevi aquele caderno com a minha caligrafia,” seu pai disse, “porque sabia que você o aceitaria vindo de mim. Mas não fiz *O Desafio de Amar* com a sua mãe. Ela o fez comigo.”

“Como?”

“Filho, fui eu quem quis ir embora.”

Caleb recuou. Não era possível. Seu pai foi o responsável por manter a sua família unida e foi o ‘bom rapaz’ durante todo esse tempo.

John disse, “Mas Deus se aproximou de sua mãe, e ela orou e me amou incondicionalmente. Foi através do exemplo dela que cheguei a Cristo.”

Caleb respirou fundo e olhou para o lado. Isso mudava tudo.

Isso quebrava as suposições que o colocara contra a sua própria mãe. “*Mamãe* fez isso?” Ele mal conseguia pensar enquanto sua mente viajava.

“Ela fez. Ela é uma bênção para mim. E ela cresceu muito. Eu a amo com todo o meu coração.”

Lágrimas brotavam nos cantos dos olhos de Caleb. “Pai, eu ...

eu a tenho tratado tão *mal*. ”

“Caleb, ela merece seu respeito.”

Ele sabia que seu pai estava certo. Ele já ouvira estas palavras antes, no entanto, desta vez ele as percebeu por um ângulo diferente. Como ele pôde agir com ela da maneira que agira? Ele direcionou o seu olhar para a trilha atrás dele, em direção à sua casa. Como ele poderia encará-la, sabendo o quão longe ele se desviara do que era justo e certo?

Como ele *pôde*?

John fez um sinal positivo com a cabeça, como se estivesse lendo seus pensamentos.

Sem uma palavra, Caleb correu de volta pelo caminho por onde viera, passando por cima das folhas de árvores que cobriam o solo. Ele saiu em disparada.

CHERYL HOLT ESTAVA vestindo calças pretas, um suéter verde menta e um colar ônix. Ela dobrou um guardanapo e o colocou ao lado do prato de seu filho. Do outro lado da mesa, Catherine estava colocando bebidas e um prato com ovos.

Cheryl ouviu passos no corredor, mas ela estava focada na sua tarefa e mudou para o próximo assento.

Os passos se aproximavam.

Alguém estava correndo. Dentro de casa?

De repente, ela reconheceu aquele ritmo: aquele era o ritmo dos pés de Caleb, que aquecera o seu coração todos os dias quando ele voltava para casa de mais um dia de aula, e ficava apavorada quando ele entrava pela porta dos fundos – ele se machucara, se cortara ou quebrara um braço?

Cheryl parou o que estava fazendo naquele momento. Todos aqueles medos maternos mantendo a sua cabeça ocupada, mas – como sempre, como toda mãe faria – ela se virou.

Seu filho estava chorando.

Oh, Senhor, O que deu errado?

Não havia nenhum sinal de dor física pelos olhos molhados de Caleb, no entanto – somente carinho como ela não via há anos. E

então ele correu para ela, envolvendo-a em seu braços.

“Mãe... mãe, eu sinto muito.”

Ela aproveitou aquele momento, sem saber ao certo o porquê daquele abraço, mas ela não se afastou. Não depois de todos esses anos. “Está tudo bem, filho.”

“Eu não sabia,” disse no pé de seu ouvido. “Eu não sabia.”

Mas ela sabia. Agora ele entendeu. Ela acariciou as suas costas e sentiu os seus próprios olhos se encherem de lágrimas por trás de seus óculos. “Está tudo bem.”

“Mãe.” Ele andou um pouco para trás, segurando o rosto de sua mãe com as mãos. “Por favor, perdoe-me.”

“Eu perdoo, Caleb. Você está perdoado. Eu amo você.”

Ele a puxou para mais perto de si outra vez. “Também amo você, mãe. Eu te amo muito.”

CATHERINE ASSISTIU A reconciliação entre seu marido e sua sogra, percebendo aquele ato como um passo vital para o andamento de seu próprio casamento. À medida que a tarde ia passando, ela não pressionou Caleb a dar nenhuma explicação. Ela estava aprendendo que um homem precisa de tempo para processar as coisas. E, enquanto mulheres querem uma comunicação face-a-face, os homens preferem lado-a-lado.

“Bem, eu sugiro que os dois pombinhos passem algum tempo a sós,” John propôs. “Cheryl, que tal darmos uma voltinha?”

Ela balançou a cabeça positivamente. “Vamos aproveitar o restinho da luz do dia.”

“Só certifiquem-se de estarem de volta às sete!” Catherine disse.

“O que vai ter às sete?”

“Vocês verão. Mas nenhum de vocês vai querer perder.”

“Neste caso, estaremos aqui então.” Cheryl se virou e saiu.

“E nem um minuto antes,” John completou com uma piscadela.

Caleb escorregou suas mãos envolta da cintura de Catherine, e ela se encostou nele. Ele disse a ela que tinha uma hora só para eles. Ela encolheu os ombros e fingiu que não tinha nada para fazer.

O fingimento não durou muito tempo.

COM A TELEVISÃO ligada no WSWG do canal 44, Caleb e seus pais esperavam sentados no sofá. O guia da programação que aparecia na tela da TV o informava que eles começariam a assistir um game show, mas ele não fazia a menor ideia do porquê.

“Vai começar,” Catherine disse. “Aumenta um pouco.”

Caleb começou a aumentar a tempo de ouvir o auditório gritar: “*Roda ... da ... Fortuna!*”

“Essa semana teremos maravilhas em cadeiras de rodas,” O apresentador anunciou, “apresentando homens e mulheres que não deixaram o destino os impedir de participar da nossa Roda.”

A câmera fechou o ângulo em três concorrentes, sentados nos palanques sobre plataformas construídas especialmente para aqueles concorrentes, que estavam com um largo sorriso e prontos para jogar. O apresentador continuou, “Senhoras e senhores: Pat Sajak e Vanna White.”

“Ei, espere um momento, eu acho que acabei de ver a sua mãe.

Caleb disse para Catherine. “Ela passou nas audições?”

“Passou e com louvor.”

“Eu não acredito. Você agiu como se ela não tivesse conseguido.”

John e Cheryl estavam ouvindo, exaltados com esta revelação.

“Ela está lá agora?” Caleb perguntou.

“Foi filmado semanas atrás. Papai foi com ela para Los Angeles para a gravação.”

“E então, ela ganhou tudo?”

“Shhh,” Catherine disse. “Estou tentando assistir o programa.

Olha, lá está ela.”

Sra. Campbell aparentava estar confortável e confiante, vestindo uma blusa em um tom púrpura azulado, escrito Joy no seu crachá. Seu cabelo estava com um bonito penteado e pintado, seus olhos lívidos de esperança. Quando deu o primeiro comercial, ela já ganhara dois mil dólares numa jogada de cara ou coroa. Quando deu o segundo, ela acertara duas charadas e acumulara um total de oito mil e seiscentos dólares.

“Ela não é encantadora?” Cheryl disse quando o último comercial começou. “Estou muito feliz por ela. Esse parece o momento da vida dela.”

“Oh,” Catherine disse. “Definitivamente.”

“Olhe o sorriso dela,” Caleb disse. “E o seu pai parece muito orgulhoso.”

“Faz parte do jogo, ele pode rodar a roda para ela.”

“Ela já foi muito bem até agora.”

“Não acabou ainda.” Ela apertou a mão dele. “Continue assistindo.”

Quando deu o terceiro comercial, a Sra. Campbell já estava bem a frente na competição e ganhara um total de catorze mil e novecentos dólares. Ela entrou na final, quando o concorrente, que tinha uma rodada extra, arriscou o maior prêmio – ainda desconhecido.

A charada era uma coisa. Era composta de duas palavras.

Joy escolheu as três consoantes livres e uma vogal – F, K, M

e A – para serem adicionadas as que foram fornecidas – R, S, T, L e E. E sobrou”

KSTRE _AFE

Usando o quadro eletrônico providenciado pelo programa, ela fez duas tentativas sem sucesso, mas depois, faltando apenas alguns segundos, ela fez a tentativa final: BOOKSTORE CAFE.

“Está correto!” Pat Sajak disse.

O auditório foi a loucura e a Sra. Campbell ficou muito empolgada.

Pat esperou até que os ânimos se acalmassem. “Vamos ver o que você ganhou.” Ele abriu o envelope para revelar o prêmio.

“Um barco novinho!” Ele exclamou.

A tela da TV se encheu com a imagem de um impressionante cabin cruiser de nove metros. Era maravilhoso. Os olhos de Caleb estavam arregalados apreciando um barco tão fino. Então, a medida que a câmera voltava a focar na ganhadora e na sua reação, Mrs.

Campbell surpreendeu a todos ao escrever em seu quadro eletrônico uma mensagem final. Em seguida, ela o levantou e disse:

PRA VC CALEB

CAPÍTULO 40

Eles estavam todos na clareira do acampamento. Catherine estava de pé sobre a grama com sapatos muito confortáveis, brilhando num cintilante vestido dourado, com um xale combinando com o vestido que cobria os seus braços esbeltos. Ela passou os olhos pelo pequeno e formalmente vestido grupo de amigos e família, que vieram testemunhar esse dia tão especial dela e de Caleb.

Aquilo estava realmente acontecendo. Um novo começo.

Lá estavam seus pais, e o Sr. e a Sra. Holt. Alguns de seus colegas de trabalho estavam presentes – Tasha e Robin, Anna e Ashley. Lá atrás, encontrava-se também a enfermeira que cuidara das queimaduras de Caleb.

Perto da primeira fileira, o grupo de Caleb estava sentado muito orgulhoso – Terrell, Eric e Wayne, assim como Michael e Tina Simmons. Mais cedo, Catherine fora apresentada a um homem alto, um fuzileiro naval, que arriscara a sua vida na linha do trem, pela vida de desconhecidos, meses atrás. Ele estava no grupo agora. E ele era o Chefe Hatcher?

Nada conseguia ofuscar o sorriso de orelha a orelha de seu rosto quando ela viu aquele homem vestido de terno diante dela.

Caleb estava mais velho agora, com até mesmo alguns poucos fios grisalhos em sua têmpora, mas ele parecia mais bonito que nunca. Acima de sua gravata dourada, seus olhos verdes estavam cheios de paz, repletos com um amor mais profundo que aquele momento volúvel de paixão cega no pátio do corpo de bombeiros dez anos atrás.

Faíscas são maravilhosas. Não há dúvidas quanto a isso.

Mas essas chamas entre eles agora queimavam por muito mais tempo, queimavam à uma temperatura mais alta e era muito mais rica.

“Estamos reunidos aqui hoje,” o ministro dizia, “para celebrar a reafirmação dos votos de Caleb e Catherine. E apesar de ser a segunda vez que eles assumem o compromisso do casamento, é a primeira vez que fazem isso baseados na fé em Jesus Cristo...”

Atrás do ministro, a cruz coberta de musgo estava erguida na direção do sol.

“É o desejo de Catherine e Caleb que seus votos, deste ponto em diante, sejam uma aliança e não um contrato. Pois o casamento é uma instituição sagrada criada por Deus, e que deve durar a vida toda.”

Uma brisa fresca vinha do lago, varrendo as folhas das majestosas árvores. Catherine não poderia ter imaginado um dia mais bonito.

Ela percebeu o sinal sutil do ministro.

Chegara o momento. Tempo de selar isso diante de todos os presentes.

Ela e Caleb deram um passo simultâneo em direção um do outro. Ela se perguntou, por um momento, se o seu cabelo ainda estava no lugar e se ela estava usando o batom adequado para esta ocasião – e depois, tudo isso desapareceu de sua mente no momento em que seus olhos cruzaram com os de seu marido.

“Caleb,” o ministro disse, “na presença de Deus e dessas testemunhas, você vem aqui hoje livremente e incondicionalmente para aceitar esta aliança de casamento com Catherine?”

“Sim.”

“E Catherine, você vem aqui hoje livremente e incondicionalmente para aceitar esta aliança de casamento com Caleb?”

“Sim.” Ela sorriu timidamente. “Com todo o meu coração.”

“Gênesis 2:24 diz: ‘Por essa razão, um homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne.’”

O CAPITÃO CALEB HOLT gostou da ideia de se tornar uma só carne. Ele mal podia esperar pela estadia de quadro dias e três noites em Saint Simons. Contra toda a sua compulsão, ele ainda nem se perguntara como o seu novo barco chegaria para ele.

Quando se trata de amor, tem algumas coisas que você não arrisca.

O ministro continuou com os votos, e os convidados permaneceram calados até as palavras que Caleb mais esperara foram ditas: “Pode beijar a noiva.”

Catherine levantou seu rosto. Esperando e ansiando.

Seu coração nunca saltou tão forte quanto naquele momento.

Eles passavam pelo corredor gramado entre as cadeiras, rindo no meio do júbilo da multidão. Eles passaram debaixo da passagem arcada de ferro, ornamentada com flores, e por pequenos pilares também cobertos de flores, para as mesas no fundo da clareira.

Uma grande bacia de ponche esperava por eles.

Bom. Caleb já estava com sede a esta altura, no calor de agosto.

Na outra mesa, ao lado do livro de convidados, uma foto dele e de sua esposa mostrava-os apertando um grande dálmata de brinquedo entre eles. Elevando-se naquele espetáculo, um bolo resplandecente com glacê esperava pela retirada do primeiro pedaço da noiva e do noivo. Tina Simmons fizera um ótimo trabalho. Até mesmo Caleb, um novato no ramo dos bolos, ficou maravilhado com as pétalas de rosas esculpidas na crosta de açúcar cristalizado, espalhadas com botões de rosa vermelhos.

E parecia que o Tenente Simmons tinha adicionado um toque bem pessoal.

Caleb riu alto.

Os frascos de cristal de sal e pimenta, colados um ao outro, estavam em cima da obra de arte confeitada, um vestindo um chapéu preto, e o outro um véu branco.

DEUS DEMONSTRA SEU AMOR POR NÓS:
CRISTO MORREU EM NOSSO FAVOR
QUANDO AINDA ÉRAMOS PECADORES.

- ROMANOS 5:8

AGRADECIMENTOS

De Eric Wilson

Alex e Stephen Kendrick (diretores, produtores e amigos) – Que Deus continue enchendo o coração e a mente de vocês com a Sua arte, paixão e alegria.

Carole Hall Collins e Ron Collins (a tia e o tio dos Kedricks) – que a hospitalidade que vocês tiveram comigo continue a se espalhar através de outros por todos os continentes.

Amanda Bostic (editora e amiga) – que você possa experimentar a mesma graça que teve comigo quando eu cometi um erro bobo quase no fim do meu prazo. Você me perdoa?

Allen Arnold, Jennifer Deshler, Deborah Wiseman e a equipe do Thomas Nelson (divulgador, publicista e editores) – que vocês possam ter muita criatividade, discernimento e graça debaixo do fogo. Vocês são os meus heróis!

David Robie e BigScore Productions (agente literário) – que a sua perseverança possa vingar, e que nós possamos ter muitos outros projetos juntos.

Cassie e Jackie Wilson (minhas filhas incríveis) – que vocês possam encontrar maridos que as amem assim como Cristo ama a Sua noiva, a igreja. Sou um pai de muita sorte!

Mark Wilson (pai) – que toda a sua paciência com a minha ignorância com computadores possa ser paga com uma viagem juntos, só você e eu, por alguns bosques remotos do Oregon.

Linda Wilson (mãe) – que o seu amor sem-fim e apoio possam voltar para você através de outras pessoas, e que nós possamos compartilhar de mais aventuras em outros países.

The council of Fou e meu Nashville Nucleus (escritores e amigos) – que vocês possam crescer em sabedoria, dom e habilidade para aproveitar a vida ao máximo. O que seria de mim sem vocês.

Capitão Kenny Loudenbarger (Departamento de Bombeiros de Albany) – que você esteja sempre seguro em seu trabalho e que possa reservar umas poucas horas para ler um livro. Este aqui, que tal?

Scott Bach, Jake Chism, Laurel Cockrell, Todd Michael Greene, Lauren Howell, Wolfe Moffatt, James Nichols, Pat Porter, e Melissa Willis (blogueiros, revisores e fãs) – que vocês possam ser encorajados à medida que espalham as novidades e que possam lutar com as palavras escritas. Vocês me abençoaram imensamente!

Warren Barfield, Casting Crowns, Greg Holiday, Leeland, Third Day, John Waller, Webster County e Mark Willard (musicistas e artistas) – que essas músicas que vocês adicionaram a esta história possam tocar as outras pessoas como me tocaram enquanto trabalhava nos manuscritos. Continuem o ótimo trabalho!

Queridos leitores – Obrigado por se juntarem a mim nesta jornada de perigo e bravura, de fé, esperança e amor.

Sinta-se livre para visitar o nosso site: www.WilsonWriter.com Ou mandar um e-mail: WilsonWriter@hotmail.com

AGRADECIMENTOS

De Alex e Stephen Kendrick

Eric Wilson (escritor) – mais uma vez você capturou a história e a apresentou de um jeito que chamou até mesmo a nossa atenção e imaginação. Você é um presente para nós! Parabéns.

Larry e Rhonwyn Kendrick (pai e mãe) – que o testemunho de fé e amor de vocês continue a ministrar sobre a vida de muitos. Vocês são a nossa herança de Deus. Nós amamos vocês!

Christina e Jill (esposas) – vocês aceitaram o desafio de nos amar e de trilhar este caminho conosco. O encorajamento e apoio de vocês foram o combustível para o nosso desejo de contar essas histórias. Somos mais que abençoados! Nós amamos vocês e agradecemos a Deus por vocês.

Joshua, Anna, Catherine, Joy, Caleb, Grant, Cohen e Karis (filhos) – que a fé de vocês possa lhes aproximar de Jesus. O Seu amor por vocês é à prova de fogo!

Allen Arnold e Amanda Bostic (produtor e editor) - Obrigado pelo seu trabalho, encorajamento e flexibilidade. Nós adoramos esta jornada. Que Deus abençoe vocês!

Michael Catt e Jim McBride (pastores) – nos sentimos muito honrados de fazer parte do time de vocês, na vida, no ministério, na amizade. Continuamos impressionados! Continuem o trabalho!

Departamento de Bombeiros de Albany (amigos e consultores) – que Deus possa guiar e proteger vocês como vocês nos protegem. Somos gratos e orgulhosos de vocês!

Igreja Batista de Sherwood – obrigado pelas consistentes orações, apoio e incrível coração pelo Senhor. Ele brilha através de vocês!

UMA MENSAGEM PESSOAL DOS IRMÃOS KENDRICK

Obrigado por ler *Prova de Fogo*! Nós esperamos que você tenha aproveitado a jornada de Caleb e Catherine a fundo.

Agora que você já leu a novela, nós queremos lhe desafiar ousadamente em sua própria jornada espiritual. Como a história do *Prova de Fogo* irá lhe influenciar? Você permitirá que a mensagem de fé e amor penetre além das páginas deste livro?

Se você não tem um relacionamento com Jesus Cristo, nós queremos que você saiba que Ele é o Herói. Nós não estamos falando de religião ... mas de um *relacionamento* com Jesus. Ele sozinho provou ser o elo que faltava para Deus, que as pessoas tanto procuram ... e desesperadamente precisam. Que você precisa.

Sua vida inteira demonstra Sua singularidade como Deus feito humano. Seu nascimento de uma virgem, Sua vida sem pecado, Seus ensinamentos poderosos, Seus milagres maravilhosos, Seu amor incondicional, Sua morte de sacrifício, Sua ressurreição miraculosa e Seu impacto no mundo são tudo coisas exclusivas de Jesus Cristo. Tente ler Mateus, Marcos, Lucas e João na Bíblia e veja você mesmo o que aqueles que estavam com Ele testemunharam de primeira mão. Ele não só é capacitado para perdoar os seus pecados, mas Ele pode mudar o seu coração e torná-lo agradável a um Deus Santo. É tolo confiar em nossa própria bondade para entrar no céu. Somente Deus pode nos fazer limpos através de Jesus Cristo.

As Escrituras dizem que todos nós estamos longe da justiça de Deus (Romanos 3). Todos nós quebramos Seus mandamentos. Cada um de nós mentiu, cobiçou e odiou. É por isso que nunca poderíamos estar diante dEle. Somos culpados de muitos pecados. Ele exige retidão para entrar no céu.

É por isso que Ele amavelmente enviou Jesus. Sua morte na cruz foi necessária para fazer as coisas ficarem corretas entre nós e um Deus que é santo. Ele não precisava fazer isso. Isso é amor em ação... personificado.

Não importa onde você esteja, deixe-nos encorajar e desafiar você, em benefício de Cristo, a fazer o que Caleb e Catherine Holt fizeram, e entregar seu coração novamente a Deus.

Romanos 10:9 diz que se confessarmos com nossa boca que Jesus é nosso Senhor (Mestre ou Chefe), e acreditarmos de coração que Deus o ressuscitou dos mortos, então seremos salvos.

Se você já é um obediente seguidor de Cristo, então nós queremos lhe encorajar a ir mais longe em sua jornada espiritual.

Nós desafiamos você a deixar que a fé e a integridade de Cristo influenciem os seus relacionamentos, filhos, hábitos diários e ambiente de trabalho.

Você segue como modelo de honestidade e exemplo em como tratar os outros? Você tem dedicado sua ética pessoal e local de trabalho para Deus? Existem pessoas que você tenha lesado no passado que você precise pedir desculpas? Não espere mais. Faça isso!

Nós encorajamos você a mudar o foco das suas paixões para o propósito de glorificar a Deus e não viver para seu próprio prazer nesta vida. Comece os seus dias na Palavra de Deus e em oração. Ore para que as pessoas sejam impactadas pelas mudanças que Cristo tem feito em você. E deixe o seu comprometimento ser independente dos outros. Pessoas vão falhar com você, rejeitar você e lhe deixar para baixo. Mas não fique desencorajado. Não permita que nada nem ninguém o impeça de amá-lo. Encontre um grupo de cristãos numa igreja local que compartilhe dessa paixão e que receberá você para essa grande aventura! Então vamos regozijar juntos à medida que assistimos Deus glorificar a Si mesmo através da nossa vida e fazer mais do que nós pedimos ou imaginamos! Que sua vida em Cristo seja à prova de fogo!

Deus abençoe!

Alex e Stephen Kendrick

PROVA DE FOGO

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Quais são os múltiplos significados da frase *Prova de Fogo* na história?
2. Como Caleb e Catherine falharam um com outro, no aspecto conjugal?
3. Você acha que se parece com Caleb ou Catherine? Em quais aspectos?
4. De quais maneiras a visão de casamento de Caleb mudou depois que aceitou a Cristo?
5. O que estava impedindo Caleb de acreditar em Deus na primeira metade da história?
6. O que os frascos de sal e pimenta representam?
7. Qual foi o momento de ‘abertura dos olhos’ de Caleb quando ele percebeu sua hipocrisia?
8. Como John funcionou como um mentor efetivo para Caleb?
9. Como Caleb resolveu amar sua esposa na segunda metade de *Prova de Fogo*?
10. Por que Catherine hesitou tanto para aceitar as demonstrações de amor de Caleb?
11. Por que Michael disse que não é sábio sempre seguir o nosso coração?
12. Como Michael e Anna foram influência na vida de Caleb e Catherine?
13. De quais formas Deus preparou o coração de Catherine para ser aberto para Caleb?

14. Quais tropeços Caleb teve após aceitar a Cristo?
15. O que John quis dizer com a frase: “Você não pode dar a ela o que você não tem”?
16. Houve algum momento em que você chegou ao ponto de total entrega a Deus? Se não, o que está lhe impedindo?
17. Por que a cruz é uma foto do amor sacrificial?
18. Qual lição mais o impactou na história?
19. O que você aprendeu sobre amor e casamento neste livro?
20. Quais comprometimentos você pessoalmente precisa trazer à luz do que você leu?

MAKING OF DO PROVA DE FOGO

POR STEPHEN KENDRICK

DEZEMBRO DE 2005

Meu irmão, Alex, acabara de correr e me chamou para fora da minha casa para compartilhar as novidades. “Eu acho que eu tenho a história para o próximo filme,” ele disse entusiasmadamente. Naquele tempo, *Desafiando os Gigantes* estava editado e indo para um lançamento no cinema em Setembro. Nós não sabíamos o que esperar disso, mas já começara o tempo de oração pedindo a Deus por direção para saber o que deveríamos fazer em seguida.

Senhor, como o Senhor quer que o próximo filme seja? Nós temos muitas ideias, mas as suas são sempre melhores. Precisamos da Sua sabedoria.

Nós começamos a pedir especificamente por uma história que impactasse a cultura. Nós esperamos e oramos por muitos meses.

Agora, na minha garagem, Alex olhou para mim e declarou, “eu acabei de ter uma ideia de um filme sobre casamento.”

Casamento?

Quando se pensa sobre filmes que os cristãos gostariam de assistir, você imagina um filme sobre como o tempo passa rápido ou um filme aterrorizante sobre o fim dos tempos, como *A Marca da Besta*, carregado de cenas de perseguição e explosões. Mas quando foi a última vez que você viu um filme que honrava e tentava resgatar casamentos? *Operação Cupido*?

Naquele dia, Alex começou a desenhar a ideia inicial do que ele chamava de *O Desafio de Amar*. Após ouvi-lo, eu disse, “eu acredito que isso seja de

Deus. Casamentos precisam desesperadamente disso agora. O corpo de Cristo precisa disso!” Nós começamos a orar para que o Senhor pudesse desenvolver este plano não muito razoável em um roteiro que O agradasse. Então mais um momento de oração direcionada começou... para que casamentos fossem impactados através do próximo filme.

OUTONO DE 2006

Enquanto estávamos desenvolvendo a história, Deus nos surpreendeu com a resposta de *Desafiando os Gigantes*. Aquela trama sobre futebol de cem mil dólares produzida por voluntários destreinados de nossa igreja do sul da Geórgia ganhou dez milhões de dólares nos cinemas e se transformaria no campeão de vendas de DVDs cristãos nas livrarias em 2007. Milhares de pessoas estavam publicamente vindo a Cristo através do filme, e igrejas estavam criando maneiras efetivas de utilizar o filme para o ministério. Nossa família, igreja de Sherwood, estava muito feliz!

PRIMAVERA 2007

Ao longo dos próximos meses, o Senhor nos permitiu graciosamente que o filme *Desafiando os Gigantes* fosse distribuído em treze línguas em DVD para cinquenta e seis países, resultando em um ministério internacional. E-mails começaram a chegar com histórias inacreditáveis de como este filme produzido por uma pequena igreja (isso abertamente traz honra a Jesus e a Palavra Deus) estava se espalhando por lugares inimagináveis.

Varejistas internacionais estavam exibindo nosso clipe nas suas classes de treinamento. Um navio de cruzeiros constantemente o exibia nas cabines. Uma companhia aérea Turca o apresentou com uma classificação como sendo filme de luta. Adolescentes na China estavam no YouTube, colocando suas próprias versões do ‘rastejo da morte’ e os jogadores do NFL estavam distribuindo o clipe para os seus times. As maravilhosas histórias da bondade de Deus eram impressionantes. Ele estava fazendo mais do que nós podíamos pedir ou imaginar.

Enquanto os críticos de cinema arranhavam suas cabeças e escreviam sobre ele, nós dividimos uma sensação de êxtase no Senhor quando Ele

continuou a glorificar o Seu nome através da nossa fraqueza. Ninguém podia levar os créditos além dEle!

Inúmeros roteiros e livros começaram a aterrissar em nossos escritórios na Igreja Batista de Sherwood com notas que diziam, “Deus me disse que a minha história precisa ser o próximo filme de vocês.” Dramas esportivos, Terror pesado e histórias que eram empilhadas junto com a minha favorita – o pastor lutador de kung fu que derrotava vampiros em nome de Jesus.

Mas nosso foco mudou para o desenvolvimento de *O Desafio de Amar*, o Filme. Nós acreditamos que Deus estava inspirando a ideia. Tínhamos o apoio das nossas esposas e pastores, que nos incentivaram a seguir em frente. Nós estudamos as escrituras para descobrir que o casamento é uma enorme prioridade de Deus. Hebreus 13:4 diz que o casamento deve ser honrado por todos. Foi a primeira instituição humana estabelecida por Deus, e famílias, filhos, igrejas e governos estão construídos sobre ela. Se o casamento desmorona, então tudo o que está construído sobre ele desmorona também.

Olhando ao nosso redor, nós vimos que a necessidade era massiva. Nossa cultura se afastou consideravelmente do projeto de Deus para o casamento. O casamento foi feito para ser o mais forte e seguro relacionamento humano. Um porto de amor incondicional. E o mais importante de tudo, a imagem de Cristo e Sua noiva (Efésios 5). Nós descobrimos que noventa por cento dos americanos se casam em algum ponto de suas vidas, mas eu argumentaria que a maioria desses casamentos não se parecem com Cristo.

Estatisticamente, pouquíssimas pessoas dão valor ao casamento. Frequentemente ouvimos estrelas do pop dizerem frases como, “Eu não preciso de um pedaço de papel para solidificar o meu relacionamento,” revelando que eles perderam totalmente o significado. Para acrescentar, jovens casais estão insensatamente se casando sem nenhuma preparação ou aconselhamento. Maridos e esposas não estão buscando ou obedecendo à palavra de Deus no que diz respeito aos seus papéis e responsabilidades.

Nós vemos pornografia e divórcio destruindo famílias. Por outro lado, nós também estamos assistindo a Palavra de Deus trazer liberdade, saúde e cura para casamentos que obedecem e buscam a Ele.

Nós começamos a orar para que esse filme jogasse uma corda de salvamento para casais que estivessem cogitando a possibilidade de divórcio, e para que inspirasse também casamentos fortes em direção a um amor e uma intimidade ainda maiores. No final das contas, nós esperávamos afetar diretamente a taxa de divórcios na nossa cultura.

VERÃO DE 2007

Depois que Alex e eu desenvolvemos o plano, minha sogra sugeriu que nós contássemos a história através do pano de fundo de um bombeiro. Quando pensamos nisso, os paralelos entre os dois funcionou. Bombeiros constantemente respondem aos incêndios que surgem ao seu redor – e o mesmo devem fazer maridos e esposas. Bombeiros devem se comunicar bem, aprender a proteger uns aos outros, e estar dispostos a entregarem suas vidas uns pelos outros – e o mesmo, devem fazer os maridos por suas esposas. Bombeiros nunca deixam seu parceiro – e nem deveriam os casais.

Alex sugeriu que o título fosse *Prova de Fogo* já que carregava múltiplos significados, ambos espirituais e literais.

Eu procurei pelo significado da palavra no dicionário a fim de encontrar uma única definição. Quando alguma coisa é à prova de fogo, não quer dizer que previna o incêndio, mas que é capaz de enfrentá-lo quando este vem. Como todos os casamentos encontram “incêndios” de alguma maneira, pareceu se encaixar bem.

OUTONO DE 2007

Após nossos pastores terem concordado que *Prova de Fogo* deveria ser a próxima produção da *Sherwood Pictures*, o ministério de oração de nossa igreja começou a orar pelo recursos necessários. Deus confirmou a direção por livramentos de diversas formas! Mais de cento e vinte pessoas de nossa comunidade serviram de voluntários em alguma função. O Corpo de

Bombeiros de Albany ofereceu suas estações, equipamentos, e novos caminhões para que pudéssemos usar. Muitas casas e estabelecimentos foram abertos para nós, e um hospital local ofereceu uma ala inteira para as filmagens. Antes que soubéssemos, tínhamos as dezesseis locações necessárias disponíveis sem nenhum custo.

Oramos para que as pessoas certas fossem levantadas para fazerem os papéis de Caleb e Catherine Holt, e começamos os testes para elenco na igreja. Depois de muitas audições, uma jovem moça chamada Erin Bethea foi escalada para interpretar Catherine depois de ter captado o coração da personagem e nos feito chorar com sua performance. Para Caleb, nosso pastor Michael Catt sugeriu que chamássemos Kirk Cameron, por sua experiência e paixão pelo evangelho. Kirk, que é um grande fã de *Desafiando os Gigantes*, rapidamente abraçou a visão por trás de *Prova de Fogo* e se voluntariou em investir neste ministério. E nossos amigos da *Provident Films* aceitaram distribuir este filme antes da primeira cena ser rodada.

Kirk foi abençoado por estar em um *set* onde a oração diária e o encorajamento eram a norma, sem mencionar os grãos de aveia com queijo do Sul e os amendoins fervidos que ele aprendeu a amar. Nós fomos abençoados por seu profissionalismo e por tê-lo ajudando a Alex e a mim a desenhar a cena em que o evangelho é apresentado.

À medida que a produção andava, ficávamos impressionados em como a família da igreja permanecia junta em serviço e oração. Os líderes de ministérios ao redor do país vieram para ver parte da produção e assistir os membros de nossa igreja cozinhando, costurando, construindo, atuando e orando juntos. O Senhor mostrava a cada dia Sua capacitação e provisão.

Enquanto filmávamos a cena do resgate, precisamos colocar um carro destruído em trilhos de trem, mas descobrimos que era muito pesado para movimentá-lo. Enquanto nossa equipe ficou olhando para aquela situação, um homem que morava perto dali, foi até seu jardim e disse: “Vocês precisam de um guindaste? Eu tenho um, vocês podem usar.” Depois ele nos levou para o fundo de sua casa, pegou o carro e o posicionou. Nosso

diretor de fotografia olhou para mim e disse: “É inacreditável! Quais são as chances de alguém em um raio de um quilômetro ter um guindaste pronto para ser usado?” Deus é bom.

Embora estivéssemos verdadeiramente impressionados com a oração respondida, a produção não foi só um mar de rosas. Centenas de pessoas trabalhando exiladas dezesseis horas por dia pode ser um desafio. Falhas em equipamentos, danos pessoais e necessidades familiares fazem parte desta equação. Em um domingo, durante o culto, nós recebemos a notícia de que um de nossos câmeras, Robert “Chip” Monk, havia batido com seu carro voltando para Albany e morrido tragicamente. A equipe ficou chocada e parou a produção por uma semana em luto e para ministrar sua esposa, que estava grávida. Isto só nos aproximou e fez crescer em nós uma paixão por investir em coisas eternas.

A outra dinâmica é a batalha espiritual. Nós achamos que o inimigo sabe onde atacar baseado em onde Deus está trabalhando e onde os cristãos estão orando. Satanás está sempre tentando desencorajar, dividir e distrair o corpo de Cristo. Nós buscamos nos guardar diariamente contra isto fazendo devocionais pela manhã e momentos de oração no *set*. Igrejas de todo o país também começaram a nos enviar e-mails a respeito da oração integrada que eles estavam fazendo pelo projeto.

Nós louvamos a Deus pela forma que o Corpo de Cristo está trabalhando junto para tentar salvar casamentos. Quando o livro ficou completo, nós ficamos muito felizes em ter mais de cinquenta ministérios de casais estendendo sua ajuda para o ministério do filme.

Quanto mais olhamos para a dinâmica do casamento, mais nós vimos como o fogo poderia naturalmente queimar. Quando um homem e uma mulher fazem uma aliança, eles juntam suas feridas, medos, bagagens e imperfeições.

Eles descobrem de maneira desagradável como são egoístas e quão pecador é seu cônjuge. Ao mesmo tempo, as barreiras de comunicação, as pressões do trabalho, problemas de saúde e necessidades financeiras

geralmente nos alcançam em algum ponto e colocam fogo em nosso relacionamento.

A Palavra de Deus declara que Deus é soberano em meio a tudo isso. Ele criou o casamento como uma coisa boa. Ele o usa como uma ferramenta para eliminar a solidão, estabilizar famílias, educar crianças e nos abençoar com relações íntimas.

O casamento também nos força a crescer e lidar com nossos próprios problemas com a ajuda de um parceiro permanente. Isto nos causa a morte para as nossas vontades no intuito de amarmos outra pessoa incondicionalmente. O casamento pode realmente nos testar e purificar através do fogo! Esta é uma figura do que Jesus faz por nós.

Através da história de *Prova de Fogo*, queremos que os fãs do cinema e os leitores vejam que o casamento passa pelo fogo e depois vejam o que acontece quando a verdade e o amor de Deus estão envolvidos. Nossa esperança é usar a arte de fazer filmes e escrever livros para mostrar com realidade algumas das lutas e batalhas que os casais passam diariamente e depois, como eles usam a Palavra de Deus para lidar com essas batalhas.

Nossa oração em Sherwood é que o Senhor possa nos ajudar a levar o evangelho até os confins da Terra e a preparar a Noiva de Cristo para a volta de Seu filho! Que Deus receba a glória!

IMAGENS PROVA DE FOGO

1. *A jovem Catherine recebe um beijo de seu pai*

2. *Caleb luta contra a tentação*

3. *Caleb navega na Internet*





1. Catherine compartilha as frustrações de seu casamento com suas amigas.



2. Caleb reclama com seu amigo Michael.

3. Caleb recebe a lição do saleiro e do pimenteiro.



1. O trem se aproxima de um carro preso nos trilhos.



*2. O Capitão Caleb tenta parar o trem.
3. Os bombeiros tentam mover o carro.*



*1. As amigas
de Catherine
fofocam.*



*2. Tenente
Michael
Simmons.*



3. Wayne "O Cara" Floyd



2. Caleb tenta salvar Lacey.

3. Caleb tenta fazer o resgate.

1. O pai de Caleb, John, discursa sobre o que significa o amor.

4. Catherine recebe as desculpas de Caleb.



IMAGENS DA PRODUÇÃO DE PROVA DE FOGO



1

1. A claquete da produção de Prova de Fogo

2. O produtor Stephen Kendrick lidera a oração de abertura



2



3

3. Gravando a cena das desculpas com Erin Bethea

4. O diretor Alex Kendrick discute uma cena com Kirk Cameron



4



1. Curry Bushnell retoca a maquiagem de Erin.

2. Alex Kendrick planeja uma cena com Bob Scott



4. Os membros da Igreja Sherwood oram pelo elenco

3. O assistente de direção David Nixon chama a ação



1. O engenheiro de som, Rob Whitehurst, pronto para pilotar



2. Alex dirige os bombeiros no set do incêndio na casa

3. Um guindaste aparece como resposta de oração

4. Filmando a sequência do trem



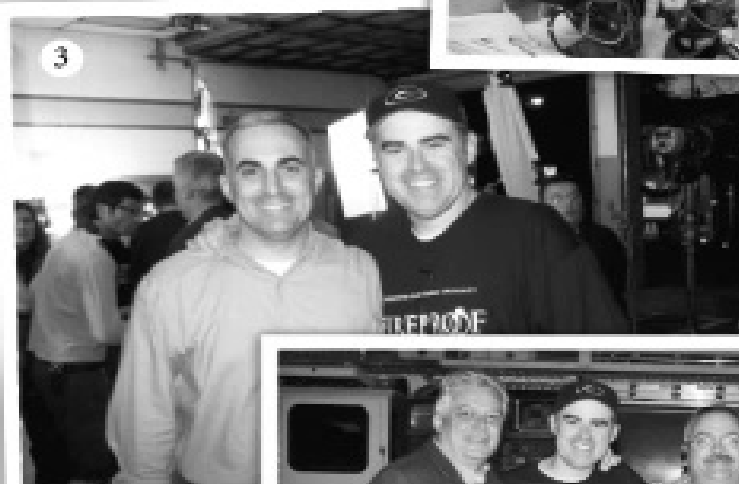
1. O diretor de fotografia Bob Scott, prepara uma cena



2. Filmando a cena do pátio com Catherine e Gavin



3. Os autores Stephen Kendrick e Alex Kendrick



4. A equipe de produtores de Sherwood Pictures: Michael Catt, Alex Kendrick, Jim McBride e Stephen Kendrick

